

HISTÓRIAS DE ITAJAÍ

magru floriano

brisa utópica



magru floriano

HISTÓRIAS DE ITAJAÍ

brisa utópica



FLORIANO, Magru. **Histórias de Itajaí**. Itajaí: Brisa Utópica, 2020. Versão eletrônica. PDF.

Foto e arte de capa: Magru Floriano.

Fotos ilustrativas:

Acervo da Fundação Genésio Miranda Lins

Facebook – Grupo Itajaí de Antigamente

Acervo particular Magru Floriano

APRESENTAÇÃO

Quando era jovem conversava muito com meu avô Doca [Cândido Antônio Garcia]. Ele era dono de *carro-de-mola* na praça de Itajaí e me contava muitas histórias/estórias sobre os tempos de antanho. Tinha uma memória privilegiada e mesmo quando estava próximo de completar cem anos de existência mantinha uma lucidez invejável. Muitas dessas crônicas da nossa pequena comunidade ele ouviu de testemunhas oculares, porque “vivia pra cima e pra baixo” levando autoridades no seu *carro de praça*. Não foram poucas as oportunidades em que levou funcionário público a Florianópolis pelo antigo caminho de terra batida, passando pelos quase insuperáveis Morro do Boi e Morro do Encano. Uma viagem podia demorar até três dias, dependendo das condições climáticas e da estrada.

Muitas das tramas que Vô Doca me contava - enquanto carpia o terreno do seu filho Odílio Garcia no Fiúza Lima em extrema com a casa do prefeito Lito Seára - eu as qualificava como estórias e não histórias. Naquele tempo aprendíamos na escola que o termo História se referia a relatos comprovadamente verdadeiros, enquanto Estória era um termo que se utilizava para qualificar os relatos sem muito compromisso com a realidade. Em outras palavras: acreditava que muitas coisas que Vô Doca relatava era fruto da sua imaginação fértil.

Vô Doca morreu na vizinhança dos seus 99 anos de idade no ano de 1995 e me deixou como legado suas narrativas sobre a Itajaí de antigamente. Histórias que guardei na memória, mas que nunca dei a devida credibilidade até começar a escrever o livro “Calendário Histórico de Itajaí – datas para compreender nossa história”. Para realizar o projeto de um grande banco de dados sobre todas as datas importantes de Itajaí acabei pesquisando muitos jornais que compõem a hemeroteca do Arquivo Histórico de Itajaí. Para minha surpresa, dia a dia foram aparecendo nas páginas dos jornais as tramas contadas por Vô Doca. Uma a uma, elas iam surgindo como retiradas de um baú esquecido no tempo.

São essas tramas que tomei a liberdade de relatar nas páginas do jornal Diário do Litoral – Diarinho – a partir de 03 de novembro de 2017 com o título genérico de ‘Histórias de Itajaí’. Acontece que por questões internas do próprio jornal alguns textos não foram publicados, o que acabou acontecendo mais tarde por minha iniciativa nas páginas eletrônicas [Internet] ‘historiaitajaí.com.br’, ‘universo do magru.com.br’, ‘itajaí digital’ e ‘magru.com.br’.

Boa leitura!

ÍNDICE

Loucura de amor	08
As grandes enchentes	10
Os grandes incêndios	12
As grandes revoluções	14
Naufrágios e encalhes	16
Roubaram o porco do delegado	18
A última viagem do navio Maria Ramos	20
Guerra contra a Alemanha por causa de Itajaí	22
Vulcão, maremoto, meteoro e a cruz do fim do mundo	24
O doutor facultativo e o cinesiphoro	26
O petróleo no centro de Itajaí	28
O tesouro enterrado na Penha	30
Contrabando de uísque, não	32
Acidentes na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes	34
A queda do sino da igreja e o padre surdo	36
Coisas de campanha política	38
O valor de um sapato	40
Tiro ao urubu	42
A importância da educação no início da República	44
A tragédia do rio Itajaí	46
A batalha do Quilombo	48
O voto direto e secreto	50
A mulher na política	52
Repressão política em Itajaí	54
Davi e Golias no Mato de Camboriú	56
Voluntários da Pátria	58
Itajaí na Segunda Grande Guerra - Parte I	60
Itajaí na Segunda Grande Guerra - Parte II	62
O Brandino pegou fogo	64
A persistência e o cajueiro da Treze de Maio	66
A ditadura e o dentista comunista	68
A ditadura e o estudante revoltado	70
Seu Marcelino e a memória do coração	72
Festa da Tainha: nossa verdadeira festa cultural	74
Um pouco da história do Mercado Público	76
O dia em que o prefeito invadiu a rádio	78
Um pouco da história da igreja velha	80
Brincando de fazer brinquedo	82
Contraponto: a fundação de Itajaí	84
Tomando banho pelado no rio Itajaí	86
A luta do consumidor Itajaiense	88
Dusky Lanches: um trailer ao entardecer	90
Universidade e boemia	92
Universidade em guerra	94
Universidade em guerra: a kombi do Medeiros	96
Superstição e poder	98
Lendas urbanas: a mulher de branco	100
Lendas urbanas: o Capa Preta	102
Lendas urbanas: milagre no cemitério	104
Lendas urbanas: potes de ouro em Cabeçadas	106
Lendas urbanas: o monte que muda de lugar	108

A Santa Ceia e o Mula Sem Cabeça	110
Lendas urbanas: a Baixada do Jacaré	112
Lendas urbanas: o ouro da polaca	114
Vai que é um pente Pipi	116
A rua dos velhados	118
República gosta de imposto.....	120
Lendas urbanas: praga de padre pega?	122
Lendas urbanas: ver submarino em Cabeçudas	124
Goleiro, nunca mais!	126
E nós, seu Lito? E nós, seu Lito?	128
Uma obra-prima rejeitada	130
Em nome do progresso	132
Itajaí perde um grande intelectual	134
Um príncipe em Itajaí	136
Foi para debaixo da escada	138
As gambiarras do Arnaldo	140
Uma foto na parede	142
Dinheiro escondido em casa	144
Teste de honestidade	146
Não, é não!	148
Só o Flamengo salva o Marçílio Dias	150
Uma cidade sem identidade	152
Uma cidade sem bancas de revistas	154
Uma cidade sem livrarias? Parte I	156
Uma cidade sem livrarias? Parte II	158
O símbolo do poder	160
A ronda da madrugada	162
A greve do cadeado e outras greves	164
Itajaí: 200 anos de história - Parte I	166
Itajaí: 200 anos de história - Parte II	168
Cristo ou Tiradentes?	170
Pescando no centro de Itajaí	172
A luz da nossa Igreja Matriz	174
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte I	176
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte II	178
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte III	180
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte IV	182
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte V	184
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte VI	186
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte VII	188
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte VIII	190
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte IX	192
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte X	194
Aprendendo a viver com mais tecnologia: Parte XI	196
Corre que a Nega Tidinha tá vindo te pegar	198
Lá vem o trem! Lá vem o trem!	200
Nem precisava de aeroporto	202
Andando por duas cidades	204
As travessuras de sempre	206
O mundo politicamente correto	208

Menos politicagem e mais arte	210
O incêndio do Petrobrás Norte	212
Ciganas, madames e videntes	214
Ensaio que viram realidade	216
Um espelho que é o espelho de nossa sociedade	218
Uma família na história de Santa Catarina - Parte I	220
Uma família na história de Santa Catarina - Parte II	222
Uma mensagem de Deus ou fake news?	224
Nomes de ruas antigas de Itajaí: Parte I	226
Nomes de ruas antigas de Itajaí: Parte II	228
Nomes de ruas antigas de Itajaí: Parte III	230
As rodoviárias de Itajaí	232
A arte fotográfica em Itajaí: Parte I	234
A arte fotográfica em Itajaí: Parte II	236
A arte fotográfica em Itajaí – Parte III	238
Simpatias e credences populares	240
As benzedoiras de Itajaí: Parte I	242
As benzedoiras de Itajaí: Parte II	244
O comedor de mato	246
Os hotéis de Itajaí	248
Muitas histórias de tesouros perdidos	250
Roteiro cultural não oficial	252
Os direitos de todos os seres vivos	254
Nossos pontos de encontro	256
Andarilhos e excursionistas	258

LOUCURA DE AMOR



Uma das histórias mais emblemáticas de Itajaí é aquela protagonizada pela jovem Judith Tavares dos Santos. Uma jovem que nasceu em berço de ouro, enamorou-se de um oficial da marinha mercante, com quem se casou e ficou viúva logo em seguida. Nunca aceitou a perda e frequentava diariamente os trapiches das grandes companhias marítimas, ao longo da Rua São Francisco, hoje Avenida Prefeito Paulo Bauer, a espera do seu amado. A população de Itajaí lhe devotava respeito e era reconhecida por todos como ‘Judith – a louca de amor’.

Judith nasceu a 21 de fevereiro de 1878 em uma família abastada. Seu pai era escrevente oficial da Guarda Nacional na Comarca de Itajahy e, sua mãe, integrante da poderosa família Pinto da Luz. Enamorou-se de um marítimo cujo navio fazia a rota entre os portos de Itajahy e Rio de Janeiro. Casou-se com este jovem aproveitando a estada do navio em nosso porto. Ele partiu logo em seguida, não retornando mais a Itajahy porque a morte o surpreendeu nesse ínterim. Judith não assimilou a perda e todos os dias vestia-se o melhor que podia para - bela e jovial - percorrer os trapiches da Rua São Francisco esperando ansiosa o retorno do amado. Na medida que o tempo ia passando seu estado de espírito dava sinais de aprofundamento da demência, com Judith se isolando dentro de

suas próprias elucubrações amorosas. Contraiu tuberculose e morreu, ainda esperando seu grande amor, no dia 16 de março de 1934.

O jornal O Pharol estampou em sua capa a notícia: *“Em sua residencia à rua Fluvial falleceu hontem à tarde, na idade de 56 annos, a sra. Judith Tavares dos Santos.”* O grande poeta catarinense Trajano Margarida, dedicou-lhe um extenso poema: *Na manhã que eu a vi, ella já era louca./ E assim, na semelhança exacta de uma louca./ Trazia na cabeça uma porção de flores / farrapos da illusão dos seus curtos amores.”* Juventino Linhares, o maior cronista de todos os tempos, sentenciou: *“Dentre esses vultos populares, um, porém, se destacou sobre todos e tornou-se figura tradicional na cidade, penalizando quantos a conheceram, nos seus tetricos dias de inconsciente, sabedores que eram do drama que a inutilizara para a sociedade e para a família, perambulando todas as tardes pelas ruas e praças, comparecendo ao porto à chegada dos navios, indagando aos marinheiros e passageiros notícias do marido que partira para nunca mais voltar.”*

Judith – a louca de amor – ficou para a história de Itajaí como uma figura popular, a exemplo de Nêgo Dico, Buti, Tolinho do Arame e tantos outros personagens que fugiram ao determinismo do *script* oficial. Judith inspirou muitos poetas, porque, na visão deles ela teve uma morte linda, já que acreditava que o dia de amanhã seria um dia maravilhoso: o dia em que voltaria a encontrar o amor de sua vida. Morreu com o coração cheio de esperança.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 09 de novembro de 2017, pag 08, Variedades.

2 - Escrevi um texto mais completo com o título 'Loucura de amor: romantismo tardio em Itajaí' como trabalho acadêmico enquanto aluno de graduação do Curso de História da Univali.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

4 – Foto retratando os antigos portos privados estabelecidos na rua São Francisco hoje Avenida Prefeito Paulo Bauer.

AS GRANDES ENCHENTES



Nasci no Bairro São João no ano de 1956 e aprendi a conviver com o temor da ocorrência de pelo menos uma grande enchente anual. Um medo sempre renovado a cada tromba d'água que caía sobre a cidade. Também pudera, somente no ano de 1957 ocorreram quatro grandes enchentes, com a década de 1950 contabilizando dez grandes enchentes. Entre 1851 e 2017 temos o registro de quase uma centena delas. A maior enchente no Vale do Itajaí ocorreu em setembro de **1880**. O Rio Itajaí chegou à marca impressionante de 17,10 metros. Um recorde nunca superado. A segunda maior enchente ocorreu em **1911** com a marca de 16,91 metros. Depois, temos as enchentes de **1868** – registrando 16,80 metros; **1852** – com 16,30 metros; **1851** – com 16 metros; **1984** – com 15,46 metros; **1983** – registrando 15,34 metros.

As grandes enchentes deixaram suas marcas na geografia da foz do Rio Itajaí. O jornal Novidades de 15 de outubro de 1911 edita uma retrospectiva da grande enchente de 1880 afirmando textualmente: **‘Em frente a cidade de Itajahy o embate das ondas durante o temporal rompeu, e fez desaparecer um pontal de areia, que alargando-**

se para o Sul, defendia a cidade da invasão do mar (...). Na mesma edição o jornal relata que a enchente de 1911 novamente mexe no banco de areia que voltou a se formar na foz: **“Batendo com extraordinária violencia contra a lingua de terra que se estendia sobre a barra, as aguas corroeram-na em mais de 600 metros (...) Com o desaparecimento de parte do Pontal, tambem o canal antigo teve notavel desvio, sendo hoje, não mais junto às pedras do morro da Atalaya, como antigamente, mas sim mais para o norte, no lugar onde antigamente se achava a extremidade do pontal.”**

Nos jornais antigos encontramos diversos relatos indicando que o Rio Itajaí-açu construiu um grande canal extravasor entre Ilhota e Penha. Aqui em Itajaí mesmo temos o caso do Ribeirão da Caetana, que nada mais seria que um canal extravasor criado pela força das águas do Rio Itajaí-Mirim. As memórias de Antônio da Costa Flores, publicadas no jornal Novidades, dão uma ideia mais exata dessas modificações ocorridas pela força da natureza. Sobre o alargamento do Rio Itajaí diz: **“Parece incrível, mas a verdade é que grande parte desse trecho de caminho [refere-se à atual Rua Blumenau, antiga Rua Fluvial] passava por onde está hoje o meio do rio.”** Sobre a foz do Rio Itajaí relata: **“Mas pela acção das marés, de certos ventos e das enchentes, principalmente a de 1880, deu-se o seguinte: a curva concava se foi transformando nesse fundo sacco, que parece ameaçar a existência da cidade, e o rio tanto ganhou nessa margem quanto perdeu na opposta (...) Nos terrenos que foram escavados para se formar o aludido sacco existiam algumas casas (...)**”.

Chega a ser difícil imaginarmos como era a geografia da foz do Rio Itajaí antes das enchentes de 1880 e 1911: em alguns trechos da Rua Blumenau ele teria quase a metade da largura atual, o pontal de areia na barra era gigantesco encobrendo a visão de quem navegava ao largo, o Saco da Fazenda simplesmente não existia, o rio fez e refez suas curvas. Considero plausível supor, por exemplo, que a Praia da Atalaia tenha surgido quando do rompimento do Pontal Sul na enchente de 1880.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 16 de novembro de 2017, pag t16, giro de serviços.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando a rua Hercilio Luz.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

OS GRANDES INCÊNDIOS



O Município de Itajaí assistiu ao longo da sua breve história alguns incêndios que se tornaram emblemáticos. O mais extraordinário deles foi, sem dúvida alguma, o incêndio do navio Petrobrás Norte, ocorrido a 2 de fevereiro de 1965. Este episódio foi tão traumático que ofuscou outros acontecimentos que também motivaram grande apreensão por parte da população, como os incêndios no vapor ‘Estrella’ e na Madeireira Castelli Passini. O Morro do Rodi, após 1920 conhecido como Morro da Cruz, teve tantas ocorrências de incêndio que ninguém bota mais reparo nas frequentes queimadas em suas encostas. No combate à malária a própria municipalidade colocou fogo na mata virgem da morraria entre Cabeçadas, Fazenda e Centro.

O primeiro incêndio que mereceu grande destaque na imprensa local foi o sinistro ocorrido no porto de Itajaí com o vapor ‘Estrella’ em setembro de 1908. O paquete estava carregado com 700 caixas de querosene e só **‘Não explodiu a caldeira por ter o machinista aberto a válvula de segurança’**. Interessante perceber que o sinistro do Estrella tem muitas semelhanças com o ocorrido em 1965 com o Petrobrás Norte: incêndio na hora da descarga, transporte de material combustível, um tripulante abre a

válvula de segurança evitando a explosão da embarcação. A única diferença é que o herói de 1965 nós conhecemos muito bem, trata-se de Odílio Garcia, enquanto que o herói de 1908 continua anônimo.

Um incêndio que deixou a população itajaiense apreensiva por décadas foi aquele ocorrido no final do ano de 1953 no depósito da Madeireira Castelli Passini & Cia Ltda, localizado à Rua Blumenau. Foram queimadas quatro mil dúzias de pranchas de madeira que estavam destinadas à exportação para a Argentina. O incêndio ameaçou centenas de residências no Bairro São João e outros depósitos de madeira da região, sendo necessário o auxílio de bombeiros vindos de Florianópolis, Blumenau, Brusque e Joinville. Mesmo passando mais de uma década desse sinistro, quando pegou fogo no Petrobras Norte, novamente Itajaí estava despreparada e teve de recorrer a bombeiros de outras cidades. Por conta desses dois episódios a população começou a olhar desconfiada para essas duas atividades portuárias: terminal de derivados de petróleo e depósitos das empresas exportadoras de madeira.

Muitos outros sinistros marcaram a história da cidade consumindo os patrimônios de empresas de porte, como: Fábrica de Taboinhas da Barra do Rio (1917), Casa Asseburg & Cia (1920/1931), Fábrica de Vidro Erickson Probst & Cia (1935), Mercado Público (1936), Tecita e, mais recentemente, Malharia Argentina.

Obs:

- 1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 23 de novembro de 2017, pag 09 – variedades.
- 2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando incêndio da Madeireira Castelli
- 3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

GUERRAS E REVOLUÇÕES



No momento que volta a tremular o pavilhão separatista ‘O Sul é o meu país’ nada mais oportuno que fazer emergir do baú da história as guerras e revoluções que solaparam energia e vidas do povo itajaiense. Itajaí sofreu diretamente com todos os acontecimentos bélicos que atingiram o Atlântico Sul - da disputa entre Portugal e Espanha pelo território ao sul de Cananéia à Segunda Guerra Mundial; da Revolução Federalista à Revolta Constitucionalista Paulista. Contudo, nosso povo tem o hábito de olhar para longe quando o assunto é guerra e revolução, como se aqui não tivesse ocorrido nada ou nossa gente não tivesse pago tributo ao espírito guerreiro de outros.

Entre todos os eventos bélicos que tiveram desdobramentos diretos em Itajaí o mais expressivo foi a Revolução Federalista de 1893, de matiz separatista. O porto de Itajaí foi considerado estratégico pelas duas forças em conflito que por ele lutaram sob chuva de bala de canhão. Os combates iniciaram no dia oito de dezembro às margens do Rio Pequeno (Itajaí-Mirim). O campo de operações bélicas compreendia as atuais

localidades de Canhanduba, Arraial dos Cunha, Quilômetro Doze, Itaipava, Carvalho, Ressacada, Vila Operária, Rio Pequeno, Matadouro, Barra do Rio, Centro, São João, Fazenda. A contabilidade final da “Batalha de Itajahy” nunca saberemos ao certo já que alguns falam em até oitocentos mortos, enquanto outros falam em menos de uma dezena de mortos. Comprovadas, apenas as degolas de Rodolfo Herbst e Procópio José de Bayer.

A Revolução Constitucionalista de 1932 também obrigou o povo itajaiense a pegar em armas, desta feita para defender o governo de Getúlio Vargas. O comando do 8º Batalhão de Reserva da Força Pública do Estado de Santa Catarina ficou ao encargo do tenente-coronel José Eugênio Müller. Os quase quinhentos soldados catarinenses ficaram no teatro de batalha no período de 29 de setembro a 09 de outubro, retornando à Itajaí sem apresentar baixas. Entre seus voluntários destacamos nomes como: Juventino Linhares, Ivo Stein Ferreira, Ernani Palumbo, Antônio Quintas Maia, Aquilino Werner.

O mesmo não aconteceu na Segunda Guerra Mundial com Itajaí pagando com o sangue de seus filhos tributo ao belicismo nazista. Nossa terra sempre emprestou à marinha mercante nacional inúmeros de seus filhos e foram estes, trabalhadores do mar, as vítimas inocentes da sanha nazista. Itajaienses perderam a vida quando do bombardeamento dos navios mercantes brasileiros pelos oceanos do mundo e até no próprio litoral brasileiro. No torpedeamento do navio Cayru, por exemplo, morreram Benjamim Franklin Pereira e Pedro José João. Não obstante todos os torpedeamentos de navios brasileiros muita gente encarava como brincadeira a permanência de submarinos nazistas na costa catarinense. Só muito recentemente a questão foi resolvida, com a Família Schurmann anunciando a localização no fundo do mar, próximo ao litoral de Bombinhas/Porto Belo, do submarino nazista U-513.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 30 de novembro de 2017, pag 08 - variedades.

2 – Foto retirada de sites especializados na Internet

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

NAUFRÁGIOS E ENCALHES



Recentemente Itajaí foi sacudida pela notícia de ter sido encontrado próximo ao molhe norte da Barra do Rio Itajaí os destroços do navio ‘Pallas’ que por ali naufragou durante a Revolução Federalista de 1893. Com a descoberta destes destroços vieram à tona também as lembranças de outras tragédias ocorridas no nosso litoral. Afinal, Itajaí é uma cidade construída de frente para o rio servindo como porto e porta do Vale do Itajaí. A economia da cidade se confunde com a atividade portuária. Desde o seu início a cidade conviveu com inúmeras tragédias marítimas, que ceifaram vidas de itajaienses e dilapidaram o patrimônio de empresas locais. No período compreendido entre os anos de 1840 e 2011 foram registrados cinquenta acidentes no litoral compreendido entre Bombinhas e Piçarras, sem falar dos inúmeros acidentes ocorridos com embarcações itajaienses em diversos pontos do litoral brasileiro.

A Barra do Rio Itajaí tem um histórico de tragédias. De grandes navios a pequenas baleeiras, volta e meia, espocam notícias nas capas dos jornais anunciando um naufrágio ou encalhe. Assim ocorreu com o ‘Pallas’ que, a 25 de outubro de 1893, em plena

Revolução Federalista, tentou adentrar furtivamente à noite no porto para aquinhoar-se de carga de carvão para alimentar suas caldeiras; e, assim também ocorreu com o lugre ‘Fidelidade’, que surpreendido por uma forte lestadada acabou encalhado na Praia de Itajaí, hoje Navegantes, a 05 de abril de 1907.

O acidente mais comentado na cidade é sem dúvida o naufrágio do navio inglês ‘Revesbydyke’, ocorrido no dia dois de setembro de 1965, na saída da barra. O navio estava com carga de 3.200 metros cúbicos de pranchões de pinho, que foi mal acondicionada, fazendo o navio adernar e depois afundar. Ao rebocador ‘Tridente’ restou a tarefa de retirá-lo do canal de acesso ao porto, para afundar vagarosamente mais ao sul, em frente à Praia do Geremias.

Contudo, o acidente mais trágico para as famílias itajaienses ocorreu no litoral de Laguna. Trata-se do naufrágio do navio ‘Maria Ramos’ de propriedade da Narsa – Navegação Antônio Ramos. O ‘Maria Ramos’ estava transportando carga de sal do Rio Grande do Norte para o Rio Grande do Sul, no dia 21 de julho de 1984, quando próximo ao farol de Santa Marta enfrentou ondas de seis metros de altura e naufragou, enlutando onze famílias itajaienses. O navio e os corpos de alguns tripulantes nunca foram localizados, passando a alimentar o imaginário coletivo local com muitas histórias.

Houve momento em que o porto de Itajaí correu risco de ser eliminado do mapa por causa dos acidentes ocorridos em sua barra. O ano de 1915, por exemplo, foi emblemático para a cidade de Itajaí e sua economia portuária. No dia 19 de setembro o navio ‘Brusque’ naufragou na barra, e no dia 21 de setembro o paquete ‘Anna’, da poderosa Companhia Hoepcke de Navegação, encalhou. Nesse momento o Porto de Itajaí ficou em situação delicada, com dois navios importantes apresentando problemas na barra, mas a forte economia do Vale do Itajaí sustentou o porto e, com o tempo, tudo voltou ao seu normal.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 08 de dezembro de 2017, pag 09 - variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando navio encalhado na Praia de Itajaí hoje Navegantes

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

ROUBARAM O PORCO DO DELEGADO



As pessoas não possuem o hábito de ler jornais antigos e por isso ficam sempre com a sensação de que a violência urbana, roubos e furtos, assim como o desrespeito às autoridades constituídas são fenômenos atuais. Mas, lendo os jornais antigos ou ouvindo as histórias contadas pelos nossos memorialistas, podemos perceber rapidamente que tudo isso sempre ocorreu corriqueiramente em nossa cidade. Os jornais de antanho apresentam diversos textos onde os delegados de polícia foram alvo da pilhéria de grupelhos. Isso ocorria num tempo que o cargo era ocupado por gente de poder e status social como Irineu Bornhausen, Samuel Heusi, Franklin Máximo Pereira, Carlos Seára e Antonio Quintas Maia. A família Heusi, por exemplo teve quatro membros entre os felizardos que ocuparam o cargo de delegado de polícia local: Samuel, Marcos Gustavo, João Jacob Heusi Júnior e João Sobrinho. O cargo de delegado apresentava expressão de muito poder porque era um cargo de indicação política.

Uma das histórias mais hilárias envolve o então delegado de polícia Irineu Bornhausen. Dizem os jornais que Irineu resolveu separar um leitão e entregar ao comerciante José Brandão – proprietário do Bar Ideal – para que providenciasse uma succulenta ceia aos amigos no dia seguinte. Acontece que na madrugada os adversários políticos dos Konder/Bornhausen visitaram a residência de José Brandão e surrupiaram o porco do delegado. A matéria de jornal finaliza a história por aí, mas meu Vô Doca, que durante décadas ouviu todas as histórias de Itajaí comandando a boleia do seu carro-de-mola na Praça da Matriz, garante que os amigos das coisas do alheio tiveram o requinte de engordar o porco por alguns meses para depois, no final do ano de 1924, oferecer ao próprio delegado uma ceia onde o animal era o prato principal. Mais do que isso, com requinte de perversidade diziam: ‘Serve-se à vontade senhor delegado, faça de conta que o porco é seu!’. E a cada garfada de Irineu Bornhausen a turma sorria satisfeita.

Nos tempos de antigamente era comum encontrar delegados valentões, dados a fazer justiça de forma violenta. Um desses delegados, lá pelo ano de 1909 não gostou dos termos utilizados por uma trupe teatral e em nome da família itajaiense e dos bons costumes levantou-se da cadeira rapidamente para censurar aos berros os artistas vindos de Tijucas. Na apresentação seguinte, quando o delegado chegou ao teatro e buscou sentar-se na cadeira reservada na primeira fila à autoridade policial, encontrou no local um bocado de capim. Isso mesmo, um anônimo teve a ousadia de oferecer capim ao delegado. Contou-me Vô Doca que naquela noite saiu até tiro dentro do teatro em Itajaí.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 14 de dezembro de 2017, pag 07 - variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A ÚLTIMA VIAGEM DO NAVIO MARIA RAMOS



Uma das maiores tragédias da navegação envolvendo empresas e filhos de Itajaí foi sem dúvida alguma o naufrágio do navio mercante Maria Ramos, no dia 21 de julho de 1984, quando perderam a vida onze pessoas. O navio era de propriedade da NARSA – Navegação Antônio Ramos S.A – fazia a rota de cabotagem entre os portos do Rio Grande do Norte [Areia Branca] e Rio Grande do Sul [Rio Grande] carregado com 4.800 toneladas de sal bruto e não teve estrutura para enfrentar o mar revolto no Sul do Estado, próximo ao litoral de Laguna. No momento do naufrágio o mar apresentava ondas superiores a seis metros de altura. O navio e os corpos de alguns tripulantes não foram mais localizados, tornando esse naufrágio campo fértil para muitas especulações na comunidade catarinense.

O Maria Ramos era um navio de médio porte, utilizado apenas para navegação de cabotagem, viagens entre portos brasileiros. Tinha 80 metros de comprimento e 15,6 metros de largura. Seu porte bruto era de 5.200 toneladas sendo carregado com 4.800 toneladas de sal. “Sob condições de mar e vento adversas, com ondas de

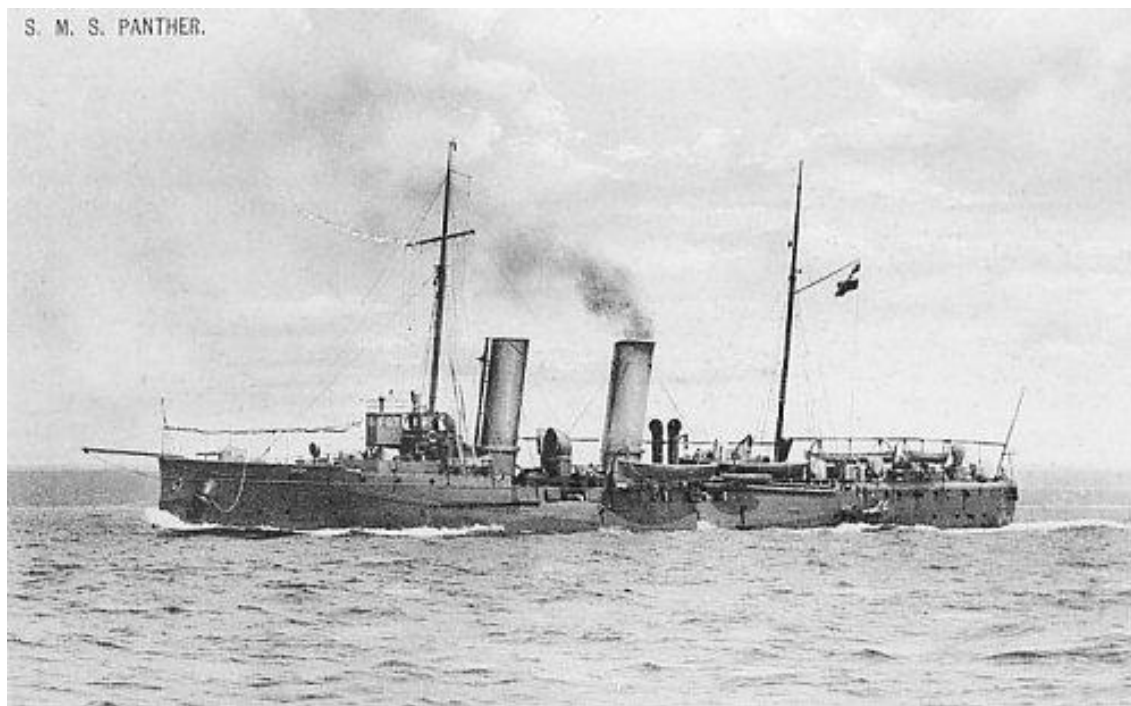
aproximadamente seis metros e ventos de sudoeste” inicialmente sofreu avarias na proa e no compartimento da moto-bomba, comprometendo em seguida o funcionamento do motor principal, ficando a deriva. Constatando que a estabilidade do navio estava completamente prejudicada o comandante pediu ajuda via rádio [sendo prontamente atendido pelo navio mercante Mansur Simão] autorizando, em seguida, a tripulação a abandonar a embarcação.

Três tripulantes não conseguiram alcançar as pequenas embarcações salva-vidas e faleceram no local, já que o navio afundou em menos de quinze minutos. Em uma baleeira ficaram quatro tripulantes que a transformaram em uma pequena embarcação à vela, permanecendo no mar aberto, à deriva, por cerca de dezoito horas. Na balsa inflável ficaram recolhidos 16 tripulantes, mas 6 deles ao tentarem subir a bordo do navio Mansur Simão, por terem suas pernas congeladas, acabaram caindo ao mar, sumindo das vistas dos companheiros. Também desapareceu no mar uma mulher que estava viajando clandestinamente no navio a partir do porto de Cabedelo – Paraíba – a convite do chefe de máquinas. Ao todo foram dados como mortos 10 tripulantes e a passageira clandestina, sendo que cinco corpos nunca foram encontrados.

Obs:

- 1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 22 de dezembro de 2017, pag t15 – giro de serviços.
- 2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o Porto de Itajaí
- 3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

GUERRA COM A ALEMANHA POR CAUSA DE ITAJAÍ



Esta é uma daquelas histórias que merecem um filme de Hollywood. Afinal, a partir de graves afrontas à soberania brasileira promovida por uma canhoneira da Marinha de Guerra da Alemanha no Porto de Itajaí o Brasil quase cortou relações diplomáticas com a poderosa nação europeia e lhe declarou guerra. O episódio ficou internacionalmente conhecido como ‘O caso Panther’ merecendo a edição de diversos livros, muitas reportagens de jornais e um intenso trabalho das diplomacias do Brasil, Alemanha e seus respectivos aliados.

A canhoneira da Marinha de Guerra da Alemanha chegou ao litoral de Itajaí no dia 17 de novembro de 1905, ficando fundeado na enseada de Cabeçudas. Durante nove dias a população do Vale do Itajaí, principalmente pessoas de origem germânica, procuraram de todas as maneiras conhecer o navio e saudar os soldados do Kaiser Guilherme II. Escolas promoveram excursões para levar as crianças a bordo do Panther e jantares comemorativos foram oferecidos em diversas cidades.

Apesar de toda essa recepção festiva por parte da população local, no dia 27 de novembro de 1905, soldados tripulantes do Panther invadiram a cidade de Itajaí com armas em mãos, revistando casas e estabelecimentos comerciais, em flagrante atentado

contra a soberania brasileira, na tentativa de encontrar um soldado desertor de sobrenome Hassmann. Como não encontraram o soldado acabaram levando preso ao navio um suposto colaborador, de nacionalidade alemã, de nome Fritz Steinhoff, hóspede do Hotel Comercio de Gabriel Heil.

Imediatamente o governador Vidal Ramos mandou instaurar inquérito policial para apurar as violências praticadas pelos soldados alemães. O caso ganhou as páginas dos principais jornais nacionais que consideraram o episódio grave atentado contra a soberania brasileira exigindo a intervenção direta do chanceler Barão do Rio Branco. Ele chegou a redigir e enviar a Washington, a 08 de dezembro de 1905, uma declaração formal de guerra à Alemanha. A declaração só não chegou ao seu termo porque o embaixador do Brasil nos EUA – Joaquim Nabuco – colocou panos sobre o documento ganhando tempo para operar a diplomacia de diversos países amigos, incluindo os próprios Estados Unidos.

Sob pressão internacional o Estado-Maior da Marinha da Alemanha aceitou relatório do comandante Saurma reconhecendo que seus oficiais e tripulação se excederam no cumprimento das ordens, prometendo submetê-los a inquérito da justiça militar alemã. Com um quase pedido de desculpas por parte dos invasores a paz voltou a reinar entre Brasil e Alemanha. O que foi muito interessante para o Brasil, já que o país não tinha a mínima condição de sustentar uma guerra contra o império do Kaiser Guilherme II.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 29 de dezembro de 2017, pag 08 – variedades.

2 – Foto coletada na Internet retratando o navio Panther.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

VULCÃO, MAREMOTO, METEORO E A CRUZ DO FIM DO MUNDO



Em todos os tempos encontramos pessoas crentes de que o fim do mundo está próximo. ‘De vez em quando’ aparece um profeta propondo que a humanidade se prepare para a catástrofe libertadora. Meu Vô Doca contava-me diversas dessas esstórias e os jornais antigos de Itajaí estão repletos delas. Bastava um meteoro riscar o céu para as profecias surgirem em profusão, permanecendo na crônica popular por décadas. Recentemente tivemos a história da cruz do milênio que até hoje está em lugar de destaque no Morro da Cruz. No ano de 2012 o mundo inteiro deu destaque para a profecia supostamente encontrada no ‘Calendário Maia’ que previa o fim do

mundo para o dia 21 de dezembro de 2012. A comunidade de Itajaí também foi berço do conhecido ‘Tonho da Cruz’ que por décadas ficou pregando pelo Brasil teorias apocalípticas.

Quando ocorreu a grande enchente de 1880 não faltaram vozes anunciando que a tragédia foi potencializada por abalos sísmicos ocorridos próximo ao litoral itajaiense e, logo em seguida, no ano de 1884, chegaram a localizar um vulcão na localidade de Warnow, lá para os lados de Blumenau. Mesmo depois que ficou comprovado tratar-se de combustão espontânea da mata seca a crença na existência do vulcão permaneceu por décadas nas comunidades do baixo Vale do Itajaí, com alguns transpondo o vulcão para o Morro do Baú. Quando meu Vô Doca passava por uma rua mais esburacada, com o carro-de-mola ‘chaqualhando’ muito, dizia brincando: “O vulcão dos alemom está ativo hoje...é o fim do mundo’.

No ano de 1875 caiu um grande meteoro entre Gaspar, Ilhota e Blumenau, iluminando o céu de toda a região. Foi o suficiente para a população disseminar diversas teorias acerca do fim do mundo. Nessas ocasiões sempre surgem os profetas e antigas profecias também são recuperadas rapidamente do fundo do baú da credence popular. Depois que o meteoro caiu teve gente que ficou décadas olhando em direção ao Morro do Baú, visto facilmente de todos os pontos de Itajaí, como se ali fosse uma filial do Monte Olimpo, a morada escolhida pelos deuses para passarem uma temporada no Vale do Itajaí.

Mais recentemente as profecias prevendo o fim do mundo ganharam azo em Itajaí quando um importante comerciante resolveu investir uma boa quantia para dotar o nosso tradicional Morro da Cruz com uma ‘Cruz do Milênio’. Segundo o profeta idealizador do monumento todo município brasileiro que instalasse a cruz em um ponto de destaque na sua geografia estaria livre dos males do fim do milênio [1999], com sua população completamente protegida da ira dos deuses.

O vulcão de Warnow era palha seca; o meteoro de Ilhota nunca foi encontrado; o mundo não acabou em 2000 e muito menos em 2012; o persistente Tonho largou a sua cruz de madeira em um canto qualquer faz décadas... também nunca mais vi o INRI CRISTO em sua kombi pregando pela região. Seria o fim das profecias sobre o fim do mundo?

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 05 de janeiro de 2018, pag 08 – variedades.

2 – Foto do acervo do jornal Diário da Cidade / Magru Floriano.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

O DOUTOR FACULTATIVO E O CINESIPHORO



As coisas nem sempre tiveram os nomes que damos a elas agora. Quem lê os jornais antigos de Itajaí percebe rapidamente que algumas palavras são utilizadas atualmente com o sentido bastante modificado em relação à sua origem ou início do seu uso no português vulgar. Alguns termos utilizados para designar uma invenção, por exemplo, tiveram de passar pelo teste de rua antes de serem definitivamente incorporados ao nosso português coloquial. Uns passaram no teste caindo no gosto popular, outros foram esquecidos por completo no decorrer dos anos.

Nas primeiras décadas do século passado, quando nossa imprensa estava começando a engatinhar, era comum usar a palavra **facultativo** para designar aquelas pessoas que fizeram um curso de graduação em faculdade. Heitor Liberato era um farmacêutico facultativo, assim como Pedro Ferreira e Silva era um renomado médico

facultativo. Nesse tempo a maioria absoluta dos serviços era efetuada por ‘práticos’ que possuíam muita experiência em certa atividade, mas sem o diploma do ensino superior. Em Itajaí, por exemplo, farmácia e odontologia eram atividades exercidas por práticos. Muito recentemente é que esses setores foram assumidos em definitivo pelos ‘facultativos’ vindos das escolas de ensino superior. Até a década de 1960 contava-se nos dedos os médicos, dentistas, farmacêuticos, enfermeiros facultativos.

Outro nome que tentou se impor em uma categoria profissional foi o **cinesiphoro** para designar o nosso popular **motorista**. Um intelectual do Rio de Janeiro, Castro Barbosa, promoveu campanha nacional visando estabelecer o termo ‘cinesiphoro’ para a atividade de motorista de carro no lugar do chique ‘chauffeur’ vindo de empréstimo da língua francesa e, depois, aportuguesada para chofer. Alegava, com razão, que ‘chauffeur’ significava ‘operador de máquina a vapor’ ou ‘foguista’ e que ‘cinesiphoro’ era uma palavra composta grega com o significado mais apropriado, isto é, aquele que dirige o movimento. Interessante perceber que nos dias de hoje praticamente mais ninguém usa o termo chofer ou ‘chauffeur’, sendo quase unânime o uso do termo ‘motorista’, com alguns utilizando o termo ‘condutor’ quando deseja ser um pouco mais pomposo.

O Galdino Vieira, por exemplo, foi um dos fundadores, na década de 1910, da União Beneficente dos Chauffers de Itajahy. Os veículos motorizados estavam chegando à Itajaí e era necessário separar CARRO de AUTOMÓVEL. Naquele tempo meu Vô Doca era condutor de carro porque tinha ‘carro de praça’ - os tradicionais carros-de-mola – o táxi da época. Quando a turma do Galdino Vieira começou a colocar os automóveis na praça, para diferenciar, colocaram o nome de AUTOS. Depois, com o fim dos carros-de-mola e o domínio completo dos automóveis a população foi utilizando gradualmente o termo ‘carro’ como sinônimo de auto e automóvel.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 12 de janeiro de 2018, pag 14 – colunistas.

2 – No início do século XX o futebol era chamado de ‘pébola’ e os termos utilizados eram todos em inglês sendo aportuguesados ao longo dos anos. É o caso de Foot-Ball que passou a ser denominado de futebol.

3 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

4 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

PETRÓLEO NO CENTRO DE ITAJAÍ



A História de Itajaí se confunde com a busca por tesouros escondidos em seu subsolo. O primeiro homem branco que residiu oficialmente nas terras da foz do Rio Itajaí, João Dias de Arzão, em 1658, era um faiscador vicentino que perambulava pelo Vale em busca de ouro. Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond, sempre lembrado como um dos possíveis fundadores de nossa comunidade, escreveu em suas memórias que recebeu a missão, em 1820, de localizar o afamado Monte Tayó onde supostamente Arzão teria encontrado grande quantidade de ouro. Esse tema é tão recorrente que entre as 35 possibilidades de interpretar o termo nativo ‘Itajaí’ temos três se referindo diretamente à questão do ouro: pedra brilhante, rio do Monte Tayó, rio do

ouro. Após a década de trinta, outra riqueza do nosso subsolo chamou a atenção da crônica popular: o petróleo. Há quem afirme até hoje que Itajaí está assentada sobre um poço de petróleo.

A história do petróleo em Itajaí começou com o engenheiro austríaco Guido Grubitsch, sócio de Olímpio Miranda Júnior e Emílio Hoffmann na conceituada Fábrica de Máquinas e Fundação Guido. Por volta de 1929, Samuel Heusi Júnior contratou a empresa para abrir um poço artesiano de 42 metros de profundidade visando abastecer com água potável sua nova fábrica de gelo localizada quase na confluência das ruas Hercílio Luz e Felipe Schmidt. Para surpresa de todos, junto com a água, aflorou grande quantidade de gás em pleno centro da cidade. No ano de 1932 a Usina Adelaide, então instalada em terras onde hoje encontramos a Praça do Gonzaga, na Rua Blumenau, contratou a mesma empresa para abrir um poço artesiano de 46 metros de profundidade e, novamente, foi encontrado gás. A quantidade de gás seria tão grande que a água, sob pressão, subia naturalmente a seis metros de altura.

Acontece que Guido Grubitsch já estava pesquisando há muito tempo um filete de óleo que corria naquela localidade em direção ao Rio Itajaí. Eram tantas as evidências da existência de petróleo no subsolo da zona urbana de Itajaí que Guido Grubitsch gastou um bom tempo de sua vida promovendo detalhado relatório técnico para órgãos do Governo Federal. Mas o engenheiro acabou falecendo em seguida, com a população itajaiense ficando completamente sem notícias dos trâmites que o famoso ‘Relatório Guido’ seguiu na burocracia estatal brasileira.

Como o povo aumenta mas não inventa, por muito tempo circulou uma versão popular da teoria da conspiração unindo o ouro do Arzão com o petróleo do Guido. A junção das duas histórias foi possível porque, por coincidência, os dois [Arzão e Guido] morreram quando estavam imbuídos da espinhosa missão de convencer autoridades sobre a existência de riquezas no nosso subsolo.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 19 de janeiro de 2018.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

O TESOIRO ENTERRADO NA PENHA



A história da região de Itajaí é repleta de causos envolvendo grandes tesouros que ainda hoje estão misteriosamente intocáveis em algum ponto do nosso litoral. Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond, por exemplo, teria vindo em 1820 para a foz do Rio Itajaí para tentar localizar o afamado Monte Tayó onde, supostamente, João Dias de Arzão teria descoberto grande quantidade de ouro por volta de 1658. A zona rural de Itajaí tem uma localidade conhecida como ‘Brilhante’ também devido às muitas histórias sobre riquezas minerais encontradas no local, incluindo nos boatos ouro e diamante.

Um morro na localidade de Penha foi completamente esburacado nos anos próximos a 1910 por conta da história de que dois padres jesuítas teriam enterrado uma grande quantidade de ouro no local. Segundo conta a lenda, os jesuítas frei Bernardo de Armentos e frei Alonso Lebron, teriam enterrado o tesouro em um morro que fica de

frente para a Ilha Feia por volta de 1540, antes de partirem com Dom Álvaro Nunes Cabeça de Vacca na expedição que desbravou o Paraguai utilizando o afamado caminho do Peaberu que inicia justamente no Rio Itapocu.

Fizeram tantos buracos nas encostas do morro de Penha que o jornal ‘O Pharol’ de 15 de setembro de 1911 chegou a dedicar quase duas páginas ao tema, alertando seus leitores de que havia uma grande probabilidade do tesouro nunca ter existido, ou, se existiu, foi levado pelos dois religiosos para o Paraguai. Com a água fria jogada na cabeça dos mais afoitos o número de caçadores do ouro dos jesuítas diminuiu por um tempo, poupando o morro de novos buracos. Contudo, isso não impediu que ciclicamente o boato do ouro enterrado pelos jesuítas voltasse às crônicas populares, incentivando novos caçadores de tesouros perdidos a cavarem diversos morros das localidades de Penha.

Segundo o Vô Doca, ele próprio chegou a levar diversos desses exploradores de Itajaí a Penha no seu carro-de-mola que servia de ‘carro de praça’. Ele me relatou que no meio do caminho os exploradores ficavam fazendo planos mirabolantes sobre como iriam gastar a fortuna. Um longo tributo à imaginação fértil. Com o passar do tempo até a localização do morro foi modificada, com alguns exploradores garantindo que ninguém encontrou até agora o tesouro dos jesuítas justamente porque estavam procurando no lugar errado e não porque o tesouro não existia. Por isso, muitos saíam de Itajaí, com uma pá em mãos, convictos de que voltariam ricos.

Meu Vô Doca foi um dos poucos beneficiados com toda a história porque impreterivelmente sempre voltava de Penha com o dinheiro da ‘corrida’ no bolso.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 26 de janeiro de 2018, pag 08 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando o Morro da Vigia em Penha a partir de Cabeçadas.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

CONTRABANDO DE UÍSQUE, NÃO !

Contrabando Será Reprimido no Brasil

AINDA O CONTRABANDO



O Clichê acima nos mostra um grande número de caixas de Whisky apreendidas pela Alfândega de nosso porto, em recente batida que culminou com a apreensão do maior contrabando já verificado em nossa faixa litorânea.

O famoso contrabando teve ampla repercussão em todo o estado, tendo sido instaurado o competente inquérito que apontará à opinião pública, os implicados no rumoroso caso.

(Foto cedida por A Nação)

Boatos sem Fundamento

No dia de ontem circularam rumores pela cidade, segundo os quais uma das vítimas do lamentável acidente automobilístico ocorrido na madrugada de quinta-feira e do qual tratamos em outro local desta edição.

Nossa reportagem apressou-se para apurar a veracidade da informação.

No entanto, segundo fomos informados, tôdas as vítimas apresentam um estado satisfatório, sem risco de vida.

Ficam assim desfeitos os boatos circulantes de que uma das vítimas teria falecido.

Chegou o «Elefante Branco»

Acaba de chegar ao Rio, o objeto da mais séria crise já ocorrida entre Marinha e Aeronáutica: o porta-aviões Minas Gerais.

Tendo provocado na opinião pública, grande controvérsia por ocasião de sua compra, o Minas Gerais chega agora ao Rio, alvo da curiosidade geral.

O «Elefante Branco» é no entender de todos, um outro «abacaxi» deixado pelo governo anterior para o Sr. Jânio Quadros descascar.

O «tristemente famoso» porta-aviões estará exposto à visita pública de hoje a segunda-feira, no pier da praça Mauá, no Rio de Janeiro.

Nota de Redação

AVISAMOS aos Srs. Acionistas da S. A. Agência Marítima e Comercial «SAMARCO» que, a Assembleia Geral será realizada no dia 10/3 e não a 9/3 como consta na convocação estampada nesta edição.

Contrabando Será Reprimido no Brasil

Presidente determinou formação de comissão para estudo do assunto

O presidente da República determinou que medidas especiais sejam adotadas para combater drasticamente o contrabando.

O chefe da nação recomendou ao chefe de seu gabinete militar a formação de um grupo de trabalho, com representantes dos ministérios: da Fazenda, Viação, Marinha, Guerra, Relações Exteriores, IBC e outros órgãos e deverá sugerir as medidas para livrar a nação

Engenho Sovético

Relações diplomáticas com a Rússia poderão ser reatadas

Negociações já teriam sido iniciadas.

Segundo se informa de uma embaixada de país europeu provavelmente na Tchecoslováquia, já estão sendo mantidos os primeiros contatos para o reatamento

ITAJAÍ

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E NOTICIOSO

Ano VII | Itajaí, 25 de Fevereiro de 1961 | N. 336
 500 Exemplares - 10 páginas - Preço Cr\$ 5,00

Houve um tempo que o nosso litoral era campeão brasileiro de contrabando. Por aqui passava de tudo, inclusive whisky, muito whisky. A preferência era tão grande por contrabando de bebidas que a fiscalização praticamente se concentrava na repressão à popular farra das garrafas. Obviamente que tanto empenho por parte das autoridades para coibir tal ilícito também concedeu à população local muitas estórias a serem contadas às futuras gerações. Eu mesmo, quando trabalhei no escritório da Receita Federal no Porto de Itajaí, nas décadas de 1970 e 80, tive a oportunidade de ouvir histórias que já havia escutado anteriormente de meu Vô Doca, comprovando que as mesmas foram incorporadas ao acervo do nosso folclore.

Entre as muitas histórias que ouvi do Vô Doca e, depois, no costado do Porto de Itajaí, a que achei mais hilária diz respeito ao contrabando de uma lancha ocorrido no final da década de 1950. Diz a lenda que um grande empresário da região resolveu

contrabandear uma lindíssima lancha de passeio utilizando como meio de transporte uma ‘chata argentina’ que sempre chegava ao Porto de Itajaí com seus porões vazios. Aproveitando o breu da madrugada, os contrabandistas utilizaram o ‘pau de carga’ da própria embarcação mercante para retirar a lancha do porão e colocá-la nas águas do Rio Itajaí, a bombordo, de sorte a não ser vista por aqueles que estavam passando pelo cais.

A madrugada ia longe, com os contrabandistas iniciando os procedimentos para ligar o motor da lancha quando surge da escuridão o fiscal responsável pela repressão ao contrabando. Ele estava dentro do navio, com uma lanterna em mãos, direcionando seu fecho de luz justamente para a lancha. Os contraventores olharam para cima assustados, já prontos para se jogarem na água gelada do Rio Itajaí quando ouviram o fiscal berrar:

- “Atenção, tripulantes da lancha, desatraquem imediatamente do navio que neste local eu não vou permitir contrabando de whisky.”

Os contrabandistas, satisfeitos da vida, levaram tranquilamente a lancha para um lugar bem longe das vistas do vigilante. Dias depois entregaram a mercadoria para o empresário que promoveu uma pequena festa de batismo da lancha regada a whisky. Vô Doca, contudo, não soube me detalhar se o whisky era contrabandeado ou não.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 02 de fevereiro de 2018, pag 09 - variedades.

2 – Foto de Magru Floriano da capa do jornal Itajaí - acervo Fundação Genésio Miranda Lins.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

ACIDENTES NA PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES



A festa promovida em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes sempre teve a fama de oportunizar acidentes. O jornal O Pharol, de 09 de fevereiro de 1917, afirma textualmente: *“Todo o anno, durante o festejo de N. S. dos Navegantes, temos a registrar um qualquer desastresinho de maior ou menor susto”*. O jornal referia-se ao incidente ocorrido no trapiche da lancha da saúde do Porto de Itajaí que não suportou o peso de número excessivo de pessoas e desabou, levando crianças e senhoras às águas do Rio Itajaí. Por pouco o breve incidente não se transformou em grande tragédia. Nesse momento sempre surgem os destemidos candidatos a heróis. Em 1917 não foi diferente, com os jornais destacando o esforço e coragem de Juvêncio Tavares d’Amaral e Cyro Mascarenhas Passos.

Ao longo dos anos os jornais relatam acidentes variados, como embarcações que viraram durante a procissão e incautos que morreram afogados quando tomavam banho de rio e foram surpreendidos por marola de maior porte produzida pelas embarcações.

Até a pequena lancha utilizada para levar fiéis do Centro de Itajaí para o ‘Outro Lado’ também sofreu sinistro no dia em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes.

Mas a fama de data predestinada à ocorrência de acidentes se consolida em definitivo no ano de 1965 quando, justamente ao passar da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, o navio gaseiro Petrobras Norte pega fogo, levando pânico a toda população de Itajaí e vitimando quatro marítimos, incluindo Odílio Garcia, até hoje lembrado como o grande herói da cidade. Naquele final de tarde não teve em Itajaí quem não temeu pelo pior. A maioria absoluta da população correu para bem longe do rio e das madeiras – que à época infestavam Itajaí de norte a sul – prevendo o incêndio total da cidade. Mas, obviamente, teve uma minoria de destemidos que fez o percurso contrário, dirigindo-se até a Ponte de Cordeiros para ver mais de perto o grandioso sinistro.

Por conta dos antecedentes ocorridos justamente na data da festa de Nossa Senhora dos Navegantes a população sempre deu preferência à versão de que o navio Petrobras Norte pegou fogo por ter sido atingido por um tição lançado por foguete [fogo de artifício] de dentro de uma embarcação de pesca que participava da procissão fluvial. Mas outras hipóteses foram levantadas por peritos, sempre menosprezadas pela voz do povo. Para nossa gente a data tinha tendência à ocorrência de acidentes, como se a santa cobrasse da comunidade itajaiense um sacrifício anual. Nada, obviamente, que abalasse a fé da multidão, já que a festa sempre teve a capacidade de reunir no ‘Outro Lado’ peregrinos de toda a região.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 09 de fevereiro de 2018, pag 08 - variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando a Procissão de N. S. dos Navegantes no ano de 1958.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A QUEDA DO SINO DA IGREJINHA E O PADRE SURDO



Dia desses o nosso prestigiado Diarinho nos deu a notícia de que as obras de restauro da antiga igreja matriz de Itajaí – a igreja da Immaculada Conceição – devem estar concluídas brevemente. Nas redes sociais estão sendo disponibilizadas fotos dessas obras, inclusive com destaque ao conserto do relógio. A verdade é que a população nativa de Itajaí está eufórica com a reinauguração da igreja. Muitos sentem falta do som do sino, o mesmo sino que uma vez já foi prova da fé de muitos, conforme relato do meu Vô Doca e depoimento do Peixoto que tem a prática de contar essa história como tradição de família. O ano exato em que ocorreu o incidente Vô Doca não soube precisar, mas garante que a história do sino da igreja da Immaculada Conceição é verdadeira, já que ouviu diversos relatos quando na boleia de seu carro-de-praça..

O fato é que a igreja estava lotada de fiéis que participavam da missa de domingo quando um grande barulho, vindo da parte da frente do prédio, desviou a atenção de todos. Assustada com o estrondo produzido por causa ignorada a maioria tomou a decisão de atender seu instinto de sobrevivência e deixar o mais rápido possível o local do culto, ocupando as duas praças existentes no entorno da igreja. Saíram todos pelas portas laterais, menos o padre.

Depois de um bom tempo, com os mais destemidos indo ao local conferir o que poderia ter causado o temerário barulho, ficou esclarecido que o mesmo foi produzido pela queda do sino. Provavelmente, o sacristão ficou empolgado e colocou força demais ao dar as tradicionais badaladas para chamar os fiéis para a missa dominical e o instrumento saiu de seu suporte de madeira. Constatado que não havia qualquer perigo à segurança dos fiéis a missa voltou ao seu normal com o padre iniciando seus trabalhos religiosos com a frase ‘Cristãos de pouca fé’.

Acontece que ao ouvir a demonstração de descontentamento do padre - o único que não se assustou com o barulho e não correu para fora da igreja - um cristão menos fervoroso respondeu em tom discreto, mas suficiente para uma boa parcela dos presentes ouvir: ‘Até posso ter pouca fé, mas a fé dele está baseada na surdez’. Teve, obviamente, quem não conseguiu segurar o riso e novamente o clima da missa ficou diferenciado.

Obs:

- 1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 16 de fevereiro de 2018, pag 08 – variedades.
- 2 – Foto de cartão postal da série de Immanuel Currin retratando a Igreja Imaculada Conceição.
- 3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

COISAS DE CAMPANHA POLÍTICA



Uma fonte inesgotável de histórias populares é a política. Em ano eleitoral as histórias hilárias envolvendo políticos, cabos eleitorais e eleitores espocam como fogos de artifícios em primeiro de ano. Vô Doca tinha um repertório completo de histórias envolvendo a política local. A preferida dele era aquela em que atribuía a Marcos Konder a prática eleitoral de fornecer um par de sapatos para seus eleitores, sendo que o pé direito dava antes da eleição e o pé esquerdo entregava após comprovar que realmente o voto foi depositado na urna de acordo com o combinado. Nos dias de hoje as histórias continuam merecendo ocupar bom espaço no imaginário popular.

Vou resgatar duas historinhas bem rápidas que eu próprio testemunhei como repórter: A primeira ocorreu na eleição de 1992. Diz a lenda que dois vereadores de Itajaí, dirigentes partidários, perceberam que no dia da eleição o pessoal de apoio às candidaturas adversárias estava sem comida e água. Como dinheiro não faltava para os candidatos que eles apoiavam, resolveram ir até o comitê de campanha pegar grande

quantidade de água mineral, refrigerante e sanduíche, saindo pela cidade fornecendo os produtos aos cabos eleitorais em troca de faixas, cartazes e bandeirinhas dos candidatos adversários. Em pouco tempo não tinha mais uma bandeirinha dos oponentes nas ruas da cidade.

A segunda história é ainda mais hilária: Diz a lenda que na eleição de 2004 os assessores políticos de um candidato a prefeito estavam extremamente insatisfeito com seus discursos porque ele não conseguia parar de falar. Era o tempo dos famosos ‘showmícios’ onde a população comparecia mais para ouvir um cantor famoso que propriamente para ouvir o candidato patrocinador do evento. Então a orientação era falar pouco. Era para falar o suficiente e sair na foto deixando o resto da noite para os artistas contratados.

Acontece que um candidato, em showmício no Promorar, teve seu dedo da mão direita amarrado a um barbante que tinha a outra extremidade amarrada à mão de um assessor que estava nos bastidores. Quando desse o tempo estipulado o barbante seria puxado e o político se comprometia a parar de falar. Porém o político ficou empolgado e não queria mais parar de falar tendo o barbante puxado a cada minuto. Ele foi ficando empolgado com o próprio discurso e irritado com as puxadas no barbante até o ponto em que puxou o barbante com força e sentenciou aos berros: ‘Dexa eu falá pô!!!’.

Até hoje o assessor que estava segurando a outra ponta do barbante garante que sente dor no dedo que ficou estrangulado com o puxão inesperado do candidato falador. Por outro lado, a história parece comprovar que o assessor não tinha razão de limitar o discurso do candidato já que foi eleito com sobras e ainda hoje ocupa relevante posto na política local.

Obs:

1 – Texto não foi publicado no Diarinho por erro da editoria em seguir a ordem dos textos enviados à redação.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando comício político na Praça Vidal Ramos.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

O VALOR DE UM SAPATO



O mundo moderno nos propicia acesso tão rápido e ilimitado a bens de consumo que esquecemos rapidamente dos tempos em que tudo, absolutamente tudo, demandava um grande esforço para ser obtido. Quando vejo um tênis quase novo ou alimentos levemente machucados jogados no lixo lembro de como, em um passado recente, valorizávamos muito mais as coisas que tínhamos. Eu nasci no Bairro São João, no ano de 1956, no tempo em que era comum andar descalço. O sapato era utilizado apenas aos domingos para ir à missa ou em algum evento importante. Vô Doca nasceu em 1896, vindo a falecer em 1995, e sempre demonstrava muita admiração pela maneira como as pessoas descartavam facilmente coisas de valor, como um sapato. Acontece que ele era de uma geração que tinha pouco produto industrializado a sua disposição e por isso dava muito valor ao pouco que tinha. Muitas vezes essa atitude extrema de valorização de um objeto passava às novas gerações a ideia de que era sovina. Meu pai nos passava também essa ideia quando se recusava a jogar qualquer parte de alimento fora, como um pedaço de banana ‘preteada’. É que ele chegou a passar fome quando criança nos Machados e

aprendeu a valorizar o alimento pela sua falta. Sempre que jogávamos alimento fora dizia: “Vocês não sabem o que é passar fome”.

Hoje todo mundo usa calçados e o tênis parece fazer parte do corpo do jovem contemporâneo. Mas nem sempre foi assim. O calçado era tão raro que a exigência do seu uso quase inviabilizou o grande projeto educacional do governo Vidal Ramos que aqui em Itajaí, em 1912, montou uma escola modelo denominada de Grupo Escolar Victor Meirelles. Acontece que no início de suas atividades foi imposta a regra de que os educandos deveriam comparecer às aulas calçados. Rapidamente os educadores perceberam que essa exigência estava impossibilitando a frequência de muitas crianças à escola e, a 15 de abril de 1914, o diretor Henrique Midom publicou nota nos principais jornais garantindo que os alunos ‘...*podem comparecer às aulas descalços*...’. Com os pés descalços as crianças puderam voltar às salas de aula do revolucionário educandário Victor Meirelles.

O sapato era um utensílio tão valioso que os comerciantes locais chegaram a constituir, por volta de 1908, clubes de assinantes no formato de consórcio. Até pessoas de posses da cidade participavam desses clubes de sorteios para adquirir novos pares de sapato nas lojas de Guilherme Schnaider, Agesislau Seára, Sinval Seára e João Acary. Por volta de 1917 o próprio João Acary liderou um grupo [formado por Emmanoel Currin, Manoel Vieira Garção e João Kracik] avisando a seus clientes que não estaria mais emprestando os sapatos para serem provados a domicílio. Quem quisesse, a partir de 26 de janeiro de 1917, tinha de provar os preciosos sapatos nas dependências da própria loja.

Quando vejo um sapato jogado no lixo penso imediatamente: e dizer que possuir um calçado já foi sinal de distinção social! Como o mundo mudou!

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 02 de março de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando professores do Grupo Escolar Victor Meirelles.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

TIRO AO URUBU



A comunidade itajaiense, seguindo tendência da sociedade brasileira, mudou rapidamente seus costumes nos últimos anos. Muitas coisas que fazíamos há décadas passadas, hoje, são simplesmente impensáveis, quanto mais praticáveis. Só não demonstro um saudosismo exagerado por reconhecer que muitas coisas mudaram para melhor, muito melhor. Assim ocorreu, por exemplo, na nossa relação com os animais. No tempo antigo o animal não tinha qualquer direito. Podíamos fazer tudo o que bem entendêssemos com eles, inclusive torturá-los para nos divertir – como amarrar rojão no rabo do gato ou jogá-lo da janela para ver se ele caía certinho de quatro.

Quando criança, lá no Bairro São João, cheguei a matar andorinha para treinar pontaria visando à caça das deliciosas sabiás. Ter uma funda era algo tão corriqueiro que nós mesmos fazíamos fundas e pelotas de barro assadas no fogão à lenha. Caçar era uma atividade semanal, intensificada nas férias escolares. Em tempo mais remoto membros das tradicionais famílias de Itajaí, com posse suficiente para comprar espingardas de caça, usavam o Morro da Araponga, na localidade de Carvalho, como principal local de caça. Nossa família perdeu um membro, lá para os lados de Machados, por conta de um tiro

que saiu pela culatra durante a caçada. Alvim Sandri relata em seu livro de memórias que quase matou seu irmão com tiro acidental durante uma caçada.

Mas a diversão de usar os pássaros como alvo, mesmo quando não se tinha a intenção de matar para comer, sempre foi permitida. O jornal O Pharol, de 02 de julho de 1921, traz um bom exemplo dessa prática tão condenada nos dias de hoje. A reportagem atendia reclamação de moradores das ruas XV de Novembro, Pedro Ferreira e Guarany [atual José Bonifácio Malburg] que alegavam risco de vida por conta da prática de alguns caçadores de utilizarem os urubus para o treino do tiro ao alvo em pleno centro da cidade: *‘É raro o telhado das casas das citadas ruas que não estejam dois ou tres urubús mortos, já em adiantado estado de decomposição.’*

Como podemos perceber, em muitos aspectos, nossa comunidade mudou drasticamente e para melhor, muito melhor.

Obs:

1 – texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 09 de março de 2018, pag 06 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o Centro Urbano de Itajaí.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NO INÍCIO DA REPÚBLICA



Em tempo de Google, Youtube e Wikipédia fica cada vez mais difícil - pelo menos a nós educadores - estabelecer claramente os objetivos a serem perseguidos pela educação formal. Mas há um século educar era algo revolucionário em todos os sentidos, implicando mudanças até mesmo no cotidiano da comunidade e nos hábitos mais corriqueiros das crianças e suas famílias. A missão principal era levar para dentro dos lares o máximo possível do conhecimento científico, notadamente nos campos da saúde pública e higiene pessoal. Era um tempo onde ainda se tinha criação de porcos em pleno centro da cidade e as crianças andavam descalças. A escola havia declarado guerra ao bicho-do-pé, piolho e lombrigas que levavam as crianças a contrair doenças fatais.

Quando o governo Vidal Ramos implantou novas bases educacionais no Estado de Santa Catarina com os modernos grupos escolares – Itajaí recebeu o Grupo Escolar Victor Meirelles em 1913 - a orientação passada aos seus professores era de que os alunos

deveriam frequentar as aulas devidamente calçados e com roupas e corpos limpos. Ora, isso demandava uma mudança absoluta de comportamento e valores. Até ali as crianças do povo tomavam banho uma vez por semana, geralmente aos sábados, de resto lavava-se os pés, as mãos e o rosto em uma gamela de madeira com água usada coletivamente por todos os irmãos e... ‘boa noite!’

A escola e sua irmã gêmea – a imprensa – ganharam na República essa missão civilizadora de levar às famílias o conhecimento científico. Não é por acaso que um número expressivo de profissionais que atuou na imprensa itajaiense também exerceu atividades educacionais. Assim aconteceu com os pioneiros da imprensa João Maria Duarte e Manoel Ferreira de Miranda, no começo do século XX, passando por Henrique Midon, Francisco Rangel, Henrique da Silva Fontes ... chegando a Renato Mannes de Freitas na década de 1980.

Acontece que, nos dias de hoje, essa tarefa da escola e imprensa de levar ao homem comum do povo o conhecimento científico não tem mais seu propósito, já que tudo, absolutamente tudo está à disposição dos jovens em um celular que cabe em suas pequeninas mãos. A Internet disponibiliza um banco de dados que armazena saberes de todas as bibliotecas do mundo e que dispensa professores e jornalistas, escola e jornais impressos, exigindo que essas instituições se reinventem de forma radical para salvar nossas crianças da peste negra digital intitulada ‘fake news’.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 16 de março de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto de postal da série Immanuel Currilin retratando o Grupo Escolar Victor Meirelles.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A TRAGÉDIA DO RIO ITAJAÍ



A principal tragédia ocorrida nas águas do Rio Itajaí teve como cenário a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no dia dois de fevereiro do ano de 1953, quando o rebocador ‘João Felipe’ passou por cima de uma pequena embarcação que promovia a travessia de fiéis para o ‘Outro Lado’, vitimando nove romeiros oriundos da pequena localidade de Moura – interior do Município de Tijucas. Segundo Julita Garcia dos Santos (86 anos) “A festa em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes era a maior do litoral catarinense e atraía uma multidão de romeiros. Mas, a partir desse acidente, foi perdendo força popular junto aos peregrinos, enquanto que a população local foi substituindo a procissão fluvial por festas com procissões terrestres, como é o caso de Corpus Christis. Também cresceram muito as festas juninas.”

Os romeiros saíram do Moura ainda de madrugada visando chegar a tempo de assistir missa matutina em homenagem à santa padroeira. Utilizavam um caminhão da família Reis, tendo sua carroceria adaptada com bancos para trinta pessoas e uma boa cobertura de lona. Chegando a Itajaí os romeiros utilizaram pequenas embarcações para promover a travessia do Rio Itajaí. Uma dessas embarcações, de propriedade dos irmãos

Manoel e Júlio Bernardes, foi utilizada pela maioria dos romeiros do Moura. Mas quando ela estava próxima à outra margem do rio foi abalroada pelo rebocar ‘João Felipe’, de propriedade da Cobrasil, empresa responsável pelas obras do porto e molhes da barra. A pequena embarcação foi para debaixo do rebocador e todos os seus ocupantes lançados às águas do Itajaí. Faleceram no acidente: Rosa Marcelina Laus, Cassia Laus, Andriana Fagundes, Pedro Reis, Maria Castro Reis, Edésio Reis, Ari Amorim, Lúcia Amorim e Moisés Amorim. Salvaram-se da tragédia os barqueiros Manoel e Júlio Bernardes e as romeiras Maria Laus, Olga Reis e Leonilda dos Santos.

Olga Reis (92 anos) ainda tem viva na memória as lembranças da tragédia: “Eu só consegui sobreviver porque cravei minhas unhas e dentes em um ponto da proa do rebocador. Fui arrastada por um bom tempo e depois içada para bordo através de cordas.” Com Aleatar Reis (83 anos) a história foi um pouco diferente. Ele já estava com um pé dentro da embarcação dos irmãos Bernardes quando lhe pediram para ocupar outra condução porque aquela já estava lotada. “Fui salvo pelo acaso e vi tudo acontecendo na minha frente”. Mas essa história tem um final surpreendente. Acontece que tempo depois os sobreviventes Olga Reis e Aleatar Reis (cunhados) resolvem se casar. Depois, transferiram residência para Itajaí, onde constituíram família e residem até os dias de hoje no Bairro Barra do Rio.

A história também marcou a vida do escritor Arnaldo Brandão, residente no Rio de Janeiro, a ponto de citá-la no romance ‘Bartolomeu’ publicado no ano de 1960. Diz Arnaldo *‘Em seu tempo de moço, Vento Sul andou pelo mundo inteiro (...) Casara-se com uma estrangeira que lhe dera quatro filhos. Os dois mais velhos morreram em um desastre de caminhão. A mulher e a filha pereceram, certo dia, quando atravessavam de bote o rio, para irem à festa dos Navegantes. A embarcação vinha lotada e o remeiro, um tanto alegre, não percebeu o rebocador que navegava em sentido contrário. O bote partiu-se ao meio e sossobrou em menos de um minuto, não dando tempo para que ninguém se pudesse salvar. Foi horrível, quando recolheram os corpos!’ (pags124-5).*

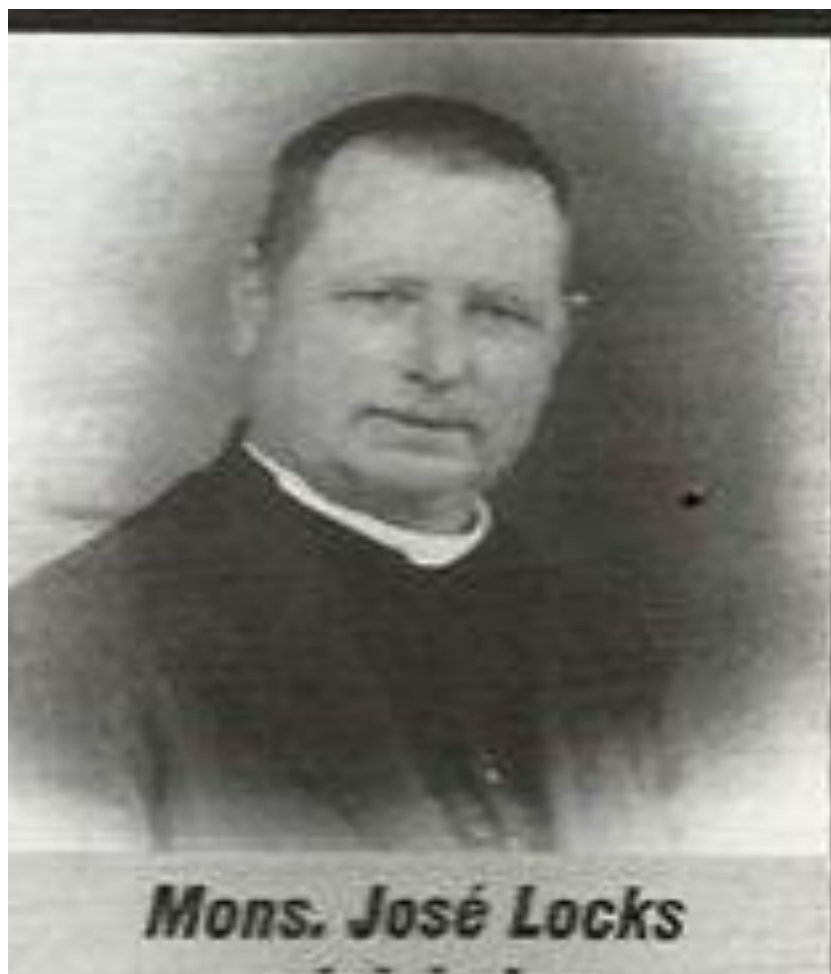
Obs:

1 – texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 23 de março de 2018, pag t16 – variedades.

2 – Foto de postal retratado a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A BATALHA DO QUILOMBO



Em diversas oportunidades Itajaí contou com vigários de atitudes extremadas que legaram à cultura popular muitas estórias. Quando o assunto é polêmica a personagem eclesiástica mais lembrada é o monsenhor Vendelino Hobold por sua fúria contra os modismos atentatórios à moral da família. Já no campo político temos o intrépido padre João Rodrigues de Almeida que por pouco não foi fuzilado na Revolução Federalista de 1892. Contudo, foi o vigário José Locks o protagonista principal de uma verdadeira guerra religiosa que ficou consignada na memória da comunidade da Barra do Rio como a ‘Batalha do Quilombo’.

Lá para os lados da Barra do Rio, numa pequena comunidade às margens do Rio Itajaí conhecida pelo sugestivo nome de Quilombo, surgiu, por volta de junho de 1931,

um templo adventista sob a liderança do pastor André Bento. Bom pregador, figura carismática, em dois meses sua igreja já promovia cultos contando com número significativo de fiéis. O sucesso do pastor evangélico começou a incomodar as carolas católicas que cobravam uma providência por parte do vigário José Locks para acabar com as pregações que varavam noite a dentro e perturbavam o sossego da comunidade, acostumada naquele tempo a dormir cedo e acordar com o canto do galo.

O vigário chegou a consultar seus superiores em Florianópolis e, numa correspondência, datada de 16 de junho de 1931, assinada por um superior que se identificou apenas com as iniciais L.J.C., parece ter recebido a senha para ‘combater o bom combate’ partindo para o confronto direto com os protestantes do Quilombo. Sugere o autor da carta: “Relativamente aos lamentáveis abusos dos novos anabatistas, este que uns poucos de catholicos decididos se resolverão a dar cabo delles, e conseguiram aqui no Estreito, ha coisa mais de um anno...”

Inspirado pelo exemplo de enfrentamento direto ocorrido no Estreito, no dia 27 de agosto de 1931, Padre Zezinho organizou uma novena na casa em frente ao templo evangélico no mesmo horário da reunião semanal desses. Os dois cultos iniciaram no mesmo horário, dezenove horas, estando os fiéis separados por alguns metros de uma estreita viela. O pastor André Bento pregava alto de um lado e o padre Locks respondia mais alto do outro. Os protestantes professavam de um lado e os católicos, a todo pulmão, respondiam de outro. Quando o combate das vozes alcançou o seu limite os exércitos de fiéis partiram para o confronto físico, restando feridas muitas mulheres e crianças, sendo que uma mulher chegou a receber facada na perna.

Como sempre ocorre em Itajaí a polícia chegou depois de tudo acabado, com o delegado limitando-se a abrir inquérito. Na memória da comunidade da Barra do Rio o episódio ficou conhecido como a ‘Batalha do Quilombo’ e o resto é estória mantida viva pelas crônicas comunitárias.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 30 de março de 2018, pag 07 – giro de serviços.

2 – Foto do padre José Locks reproduzida de jornal do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

O VOTO DIRETO E SECRETO



A oligarquia Konder firmou-se no cenário político itajaiense no confronto direto com a oligarquia Müller. Foi uma ‘guerra de posições’ travada palmo-a-palmo, trincheira-a-trincheira, iniciada ainda no interior do PRC - Partido Republicano Catharinense. Na medida que os ‘Irmãos Konder’ iam consolidando posições, fincavam aqui e ali esteios de uma política conservadora que se estenderam até a UDN – União Democrática Nacional. Na trincheira oposta os representantes da Oligarquia Müller abriam o cenário itajaiense para novas práticas políticas, o voto direto e secreto, criação de partidos oposicionistas e o voto feminino.

A primeira eleição direta e secreta nas terras itajaienses ocorreu em novembro de 1925 quando os sócios da Sociedade Limoeirense elegeram Damásio Umbelino de Brito seu presidente. O exemplo começou a dar frutos, com diversas outras instituições classistas e recreativas adotando o sistema eleitoral liberal. À frente da campanha pública pelo voto direto e secreto estavam o jornal O Pharol e os militantes políticos vinculados

à liderança de José Eugênio Müller. No outro lado, tentando manter o voto aberto e indireto, o grupo liderado pelos Irmãos Konder.

A primeira instituição de grande porte a adotar o voto democrático foi a Associação Commercial e Industrial de Itajahy que, em maio de 1929, elegeu Bonifácio Schmitt presidente. Uma conquista expressiva, já que a luta ideológica nos bastidores foi acirrada e prolongada. Os partidários dos Konder não queriam eleição direta, nem secreta e, muito menos, que os empresários do setor agrícola se filiassem à instituição. Isso porque, era ali, no setor agrícola, onde mais se destacavam as lideranças oposicionistas.

Em fevereiro de 1931 os liberais itajaienses deram mais uma demonstração pública em defesa de suas ideias elegendo democraticamente os representantes para a convenção estadual do partido: José Eugênio Muller, Arão Rebello, Alberto Pedro Werner. A ideia acabou prevalecendo em todo o território nacional, mas não sem antes tropeçar na prática do famoso jeitinho brasileiro. A eleição de maio de 1933, por exemplo, ocorreu pelo sistema do voto direto e secreto, mas os liberais itajaienses denunciaram que o envelope onde o eleitor colocava o voto para ir à urna era totalmente transparente. Esse pequeno detalhe possibilitava que os fiscais dos conservadores, na prática, conseguissem controlar o voto dos seus eleitores.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 06 de abril de 2018, pag t15 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando reunião cívica.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A MULHER NA POLÍTICA



Um dos assuntos mais polêmicos na vida política brasileira é o voto feminino. Por século o debate envolveu liberais e conservadores. Aqui em Itajaí não foi diferente do restante do Brasil. Liberais e conservadores travaram luta renhida até 1933, quando restou vencedora a tese democrática de que a mulher também tinha o direito de votar. O processo de empoderamento da mulher ainda segue lento. As poucas mulheres que ocupam cargos de destaque nos setores público e privados aparecem mais como exceção do que regra num mundo ainda completamente dominado pelo homem.

Quando tratamos do empoderamento da mulher replica em nossa mente as palavras do conservador Juventino Linhares publicadas no jornal O Pharol de 1928: “*Não pode existir cousa mais pittoresca do que mulher votar. É o mesmo que homem pregar botão na camisola de creança, passar a ferro as toalhas da mesa ou ir para a cosinha botar pão de lot em panella de barro [...] Só podem ser favoráveis a essa história de voto feminino, os homens Maricas que vestem calças por engano e as mulheres de bigode que usam vestidos por distracção.*”

A primeira iniciativa em favor do voto feminino em Itajaí ocorre por iniciativa do Partido Liberal Catharinense, que montou o comitê feminino para propaganda dos ideais liberais democráticos em agosto de 1929. Logo depois, às portas da Revolução de Trinta, a secretária Ignez Oliveira requer seu alistamento eleitoral e declara voto ao opositor José Eugênio Müller. O juiz nega o pedido de Ignez, mas seu ato pioneiro corre como rastilho de pólvora pelo território catarinense. Com a vitória dos revoltosos de 1930 a mulher ganha a condição de eleitora. Em Itajaí, o primeiro voto feminino oficial foi de Anna Zibardi Rodi, na eleição de maio de 1933.

A história do Poder Legislativo itajaiense evidencia essa dificuldade da mulher conquistar seu lugar na cadeia de comando social. Neoflides Vieira Wendhausen foi eleita vereadora em 1950 e somente em 2001 Jussara Panplona foi eleita a primeira mulher presidente da Câmara de Vereadores de Itajaí. No Poder Executivo os obstáculos enfrentados pelas mulheres são os mesmos. O eleitor itajaiense elegeu Eliane Rebello e Dalva Rhenius vice-prefeitas, mas ainda não chegou a oportunidade de uma mulher ser eleita prefeita da cidade. No Poder Judiciário o destaque fica por conta da juíza Sônia Moroso Terres por anos consecutivos diretora do Fórum da Comarca de Itajaí.

Quando falamos em empoderamento da mulher o primeiro nome que surge em destaque é o nome de Onadir da Silva Tedéo. Ela foi uma mulher que efetivamente exerceu o poder na estrutura burocrática da Prefeitura de Itajaí por décadas. No setor institucional destacamos Isabel Sandri que ocupou o vistoso cargo de presidente da Associação Comercial e Industrial e, Anita Pires, líder carismática da oposição itajaiense, na década de 1980.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 13 de abril de 2018, pag 08 – variedades.

2 – Foto de Ronaldo da Silva Júnior retratando reunião do MDB com a presença de Edson Andrino, Anita Pires, Gerd Klotz e Salésio Rocha Machado.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

REPRESSÃO POLÍTICA EM ITAJAÍ



Os Irmãos Konder comandaram a política itajaiense durante décadas a partir do falecimento prematuro de Pedro Ferreira e Silva, vinculado politicamente à oligarquia Müller. Esse grupo político teve como sucessores Eugênio Luis Müller e José Eugênio Müller, que não conseguiram obter os mesmos resultados eleitorais de Pedro Ferreira, abrindo espaço eleitoral para os irmãos Victor, Arno, Marcos e Adolpho Konder. Ao longo desse período não faltaram depoimentos sobre o uso da violência como recurso eleitoral. A morte do jornalista Crispim Mira ainda hoje se impõe como uma sombra na trajetória política de Adolpho Konder, assim como a repressão policial voltada contra a oposição em tempos de campanha.

O primeiro episódio em que vemos o nome de Adolpho Konder envolvido diretamente na repressão à oposição é o trágico ‘Carnaval Sangrento’ ocorrido no ano de 1912. Quarenta foliões, reunidos no bloco carnavalesco Cara-Dura, resolveram montar

um carro alegórico fazendo críticas à recente fusão política entre os Müller e os Konder, bem como referências cômicas às práticas pouco democráticas de nossos políticos locais. Antes do desfile a polícia, por motivos não muito bem explicados, acabou abrindo fogo contra o carro, ferindo o prático Joaquim Fernandes, o operário Paulo da Cruz Pereira e o jornalista Manoel Ferreira de Miranda – que teve uma perna amputada.

Essa tendência à repressão foi se consolidando de forma desproporcional na medida que os irmãos conquistavam maiores fatias do poder político. Segundo a professora Dolores Maria Pereira “Os adversários políticos dos Konder garantem que o responsável direto pela repressão era Adolpho, muito ligado às forças de segurança e dado a andar a cavalo atirando a esmo para afirmar uma virilidade que o povo sempre questionava, já que não era casado...”. Ela escreveu em diversos cadernos as ‘Quadras de um Aliancista’ onde destacou práticas eleitorais dos Konder à base de ‘borracha’, ‘geladeira’ e ‘porrete’. Dolores garante que ouviu muito testemunho sobre o sistema de tortura policial conhecido como geladeira. Era um caixão de madeira contendo gelo onde colocavam os opositores políticos para ‘passarem uma lição’.

Por diversas oportunidades os jornais de Itajaí deram destaque a episódios políticos onde ocorreu repressão aos opositoristas. Em janeiro de 1930, por exemplo, os correligionários do opositorista José Eugênio Müller marcaram reunião política da Aliança Liberal para as dependências do Cinema Oriente quando, em plena Rua Hercílio Luz, foram dispersados por oitenta praças da Força Pública do Estado de Santa Catarina armados de metralhadora. A força fora enviada à Itajaí pelo governador Adolpho Konder.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 20 de abril de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

DAVI E GOLIAS NO MATO DE CAMBORIÚ



Lá pelos idos de 1900 a fama do Gigante Duarte se espalhava entre o Mato de Camboriú e Itajaí de forma a não deixar dúvida de que o homem era mesmo forte e valentão... raivoso mesmo. Bastava uma pequena contrariedade para o grandão puxar a faca da cintura e colocar sua ponta bem na frente do nariz do infeliz que o havia ‘intisicado’. Ele não levava desaforo pra casa e sempre resolvia a coisa da forma mais violenta possível.

Acontece que ‘manemene’ por volta de 1911, para surpresa geral, o Gigante apareceu cambaleante pela estrada geral do Mato de Camboriú, parecendo gravemente ferido na barriga. Não se via muita coisa porque ele tampava o local do ferimento com os dois braços. Mas ao desmaiar, talvez pela grande quantidade de sangue perdido, foi levado ao rancho onde morava e colocado no seu leito com muita calma e atenção de modo a não lhe causar maiores danos. Quando um curioso teve a iniciativa de tirar seus braços de cima da barriga as pessoas constataram que ele apresentava um grande e profundo corte que transpassava toda a barriga a ponto de deixar os buchos de fora.

Quando o Gigante acordou viu-se o que ninguém na Vila dos Garcia pensava um dia ver: o Gigante sangrando no leito de morte, chorando e demonstrando medo de

morrer. Pediu até para chamar um padre. Enquanto se providenciava o atendimento ao pedido do moribundo todo mundo no Mato de Camboriú fazia apenas uma pergunta: quem foi o valentão que conseguiu a façanha de meter uma faca no bucho do Gigante e sair vivo dessa aventura para contar a história?

Enquanto o Gigante recebia a ‘estremunção’ do padre da paróquia cada vez mais gente se atulhava para ver o ‘disgramado’ morrer. Foi aí que circulou uma notícia mais incrível ainda: fora um ‘picurrucho’ de menos de quinze anos de idade que meteu a faca no bucho do valentão. Isso mesmo, um *calça-curta* foi o macho que fez o serviço que muito *homem-barbado* não deu conta de fazer.

Após o enterro do Gigante Duarte a Vila voltou a viver assossegada por uma longa data enquanto o *calça-curta* passou a ser respeitado como *homem-feito*. Nos jornais de Itajaí chegaram a publicar manifestos da população em regozijo pelo passamento do valentão que afrontava a coragem de todos os *homens-feitos* da região. Os mais religiosos começaram a espalhar o fato como sendo uma reedição da história bíblica do pequeno Davi contra o gigante Golias. Deixando a religião de lado, a cultura popular eternizou o dito “O valentão sempre acaba morrendo na mão do *amarelo*.”

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 30 de abril de 2018, pag 09 – variedades.

2 – Foto publicada na Internet por Isaque de Borba Corrêa retratando o centro antigo da Vila de Camboriú.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA



Entre os anos de 1864 e 1870 o Brasil, Argentina e Uruguai formaram a Tríplice Aliança na guerra contra o Paraguai. Por todos os cantos de Santa Catarina surgiram os destemidos Voluntários da Pátria, na sua maioria imigrantes europeus já acostumados com as agruras da guerra. Os itajaienses possuem inúmeras referências no cotidiano da cidade que marcam esse episódio histórico, notadamente a Batalha Naval do Riachuelo. Os dois principais clubes esportivos da cidade homenageiam seus heróis: Marcílio Dias e Almirante Barroso. Ruas também fazem referência à batalha: Marcílio Dias, Almirante Barroso, Almirante Tamandaré e 11 de junho.

Santa Catarina vinha recebendo desde 1850 um número cada vez maior de imigrantes europeus. Foi aceitando a boa vontade dos próprios imigrantes que o governo da Província de Santa Catarina os integrou ao batalhão dos Voluntários da Pátria, em uma companhia composta exclusivamente por voluntários alemães oriundos das diversas colônias que estavam se estruturando no Estado. Da Colônia Dona Francisca saíram 23 voluntários; de Blumenau saíram cerca de 56 voluntários de origem alemã.

Os voluntários da Colônia Dona Francisca partiram em direção a Desterro (hoje Florianópolis) na noite de 29 de outubro de 1865, sob o comando do alferes W. Hoffmann, após

festiva despedida da população local. Os voluntários da Colônia Blumenau deixaram a cidade na manhã do dia 05 de outubro de 1864 em embarcações que os levaram até a Villa de Itajahy, dali marchando até Desterro sob o comando do ex-oficial prussiano, engenheiro Odebrecht. O jornal Kolonie-Zeitung relatou a chegada dos alemães à Itajaí: “... o entusiasmo, a alegria e o delírio com que foram recebidos os nossos voluntários por brasileiros e alemães, na Vila de Itajaí. Pelas notícias aqui chegadas, as autoridades os saudaram, o Cap. Flores os ornou com laços nas cores do Brasil, os navios ancorados no porto içaram as bandeiras, mais de cem Milréis de foguetes foram para os ares. E a comida, e a bebida! Em tais circunstâncias, os três dias prefixados para a marcha, não serão suficientes!”.

Entre os Voluntários da Pátria encontramos Karl Hugo Praun (Carlos Hugo Praun) e o médico Hermann Willerding. Karl participou diretamente das lutas em terras paraguaias, entre as quais a batalha de Curupaity e a batalha de Humaitá. Ele foi ferido em três oportunidades, sendo que em uma delas seus companheiros consideraram que estava morto. Acontece que o médico voluntário Hermann Willerding percebeu que Karl estava vivo, apesar de gravemente ferido, tratando-o com especial zelo. Do episódio Karl Hugo Praun ficou apenas com sequelas na perna, permanecendo manco pelo resto de sua vida. Uma versão mais radical dos fatos garante que Karl chegou a ser jogado na pilha de soldados mortos para no final do dia ser incinerado visando combater doenças, mas Willerding o retirou de lá ao perceber que ainda respirava.

Na volta da Guerra do Paraguai, em 1870, os dois amigos resolveram não retornar mais à Colônia Dona Francisca, permanecendo no Porto de Itajaí para buscar a oportunidade de uma nova vida. Logo em seguida, julho de 1870, junto com Samuel Heusi, os amigos Praun e Willerding formaram a comissão fundadora da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana. Eles também tiveram participação direta na fundação da Sociedade dos Atiradores no ano de 1895.

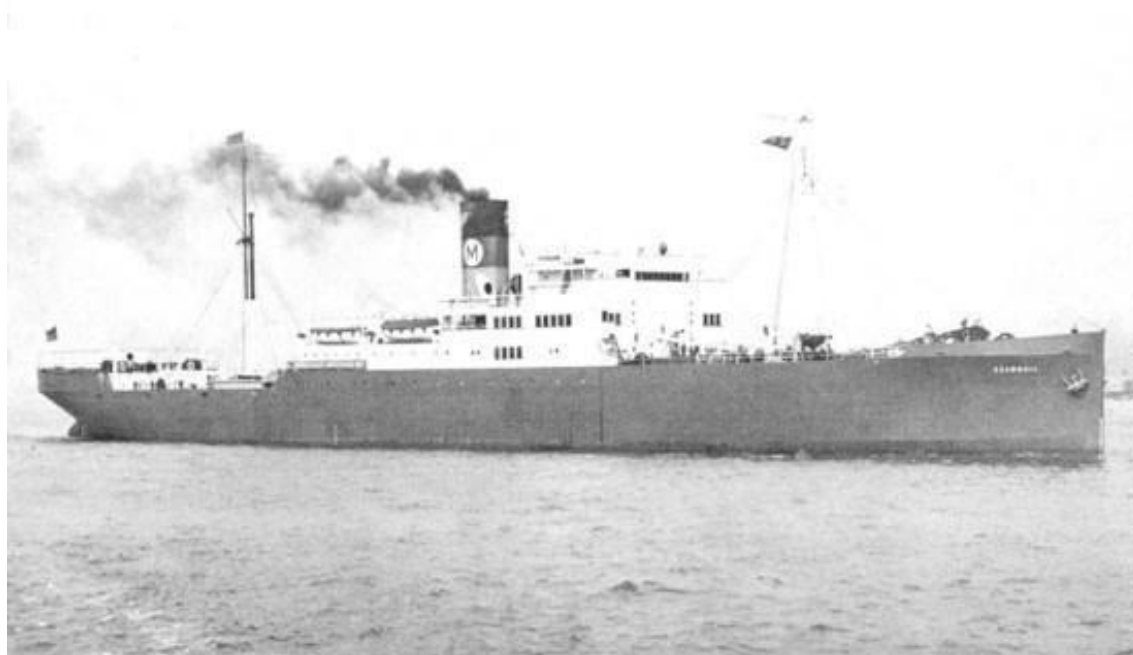
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 04 de maio de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto publicada no grupo Itajaí de Antigamente - facebook. Retratando a Família Praun.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

ITAJAÍ NA SEGUNDA GRANDE GUERRA [PARTE I]



Quem já não escutou uma história sobre o que acontecia em Itajaí no período da Segunda Guerra Mundial? Apesar de Itajaí estar bem longe do cenário principal da guerra muita coisa foi feita por aqui por conta desse grande conflito mundial. Muitas histórias foram ganhando tom de deboche ao longo dos anos, enquanto outras, merecendo estudos mais aprofundados de pesquisadores. Ficou como deboche, por exemplo, a ideia de sair à noite para “ver submarinos alemães” no litoral de Itajaí. Mereceu estudos sérios, por exemplo, a perseguição aos descendentes de alemães proprietários de rádios.

Itajaí foi acordada em definitivo para a Grande Guerra no final do ano de 1941 quando os submarinos alemães começaram a torpedear e colocar a pique a frota de navios mercantes brasileiros que habitava os oceanos do mundo, tendo na sua tripulação marinheiros itajaienses. O primeiro grande desastre envolvendo marinheiros locais ocorreu no dia 08 de março de 1942, com o afundamento do navio **Cairu** que contava na sua tripulação com os serviços de Benjamin Franklin Pereira (imediato) e Pedro José João.

O Cairu era um navio da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro e estava fazendo a escala Rio de Janeiro – Belém do Pará – Nova York. Carregava carga geral e

89 pessoas entre tripulantes e passageiros. Por volta das 20 horas e 30 minutos (horário de Brasília), quando navegava a cerca de 130 milhas a sudeste de Nova York, escutou-se um forte barulho. Era o primeiro míssil lançado pelo submarino alemão U-94. O míssil não explodiu e todos os tripulantes e passageiros puderam ocupar as baleeiras que serviam de salva-vidas, desocupando totalmente o Cairu.

O comandante do navio chegou a ser interrogado sobre a carga do Cairu pelo comandante do submarino alemão, que em seguida deu ordem para o disparo de um segundo míssil. Esse acertou o Cairu no meio. O navio não suportou a forte explosão e afundou. Das 89 pessoas a bordo apenas 36 foram resgatas com vida. O restante morreu de frio durante os três dias que ficou à deriva no mar até a chegada do socorro.

Em primeiro de maio de 1942, as forças bélicas alemãs afundaram o cargueiro **Parnaíba**, também da Companhia Lloyd Brasileiro, com destino a Nova York. O Parnaíba foi bombardeado no Mar das Antilhas tendo a bordo os itajaienses Francisco Diegoli (comandante) e Oscar Soares (segundo piloto). Só que dessa vez a sorte sorriu para todos os 66 ocupantes do Parnaíba que foram resgatados pelo navio espanhol Cabo Horn. Em 27 de setembro de 1942 os alemães afundaram o navio **Osório** no litoral do estado do Pará. Na oportunidade faleceu o radiotelegrafista – Francisco Moacir Paiva – casado com a itajaiense Luci Leal Paiva, filha de Antonio Joaquim Leal e sobrinha de Dionísio Veiga.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 11 de maio de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto publicada na Internet..

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

ITAJAÍ NA SEGUNDA GRANDE GUERRA [PARTE II]



Desde o torpedeamento do navio **Cairu** e a perda das vidas de dois itajaienses que a cidade vinha cada vez mais se preocupando com notícias sobre a guerra. Uma comissão formada por Oswaldo Maurício Dutra, Aníbal César e César Aníbal Pereira, promoveu a ‘Campanha do Canhão’, visando doar à Marinha de Guerra do Brasil um canhão moderno. Até o dia 06 de setembro de 1942 foi arrecadado, e entregue às autoridades militares, o montante de 1:281\$00. Naquele tempo era difícil existir uma família de Itajaí que não tivesse pelo menos um filho marítimo. Portanto, a notícia de sucessivos torpedeamentos dos navios brasileiros, inclusive na própria costa brasileira, deixava todos inseguros. A guerra era uma realidade dentro dos lares de Itajaí.

No dia 04 de setembro o prefeito Francisco de Almeida, na condição de Chefe da Defesa Passiva Antiaérea de Itajaí, assinou o Decreto-Lei nº 52 que, entre outras providências, dividiu a cidade de Itajaí em sete setores de defesa. Cada setor tinha um

chefe: de Cabeçudas até a ponte do Ribeirão da Fazenda – José Siqueira; da ponte até a Avenida Joca Brandão – Antonio Ayres de Moura; da Avenida Joca Brandão até a Rua Hercílio Luz – Oswaldo Maurício Dutra; da Rua Hercílio Luz até a Rua Silva – Paulo Bauer; da Rua Silva até a Rua José Cândido – Luiz Lopes Gonzaga; da Rua José Cândido até a Barra do Rio – João Eliezer dos Santos; Navegantes – Atanásio Rodrigues.

O extenso Decreto-Lei assinado por Francisco de Almeida dava poder aos chefes de setores de arremeter pessoal para fazer as devidas rondas noturnas, assim como inibia o uso de sirenes e outros instrumentos sonoros – que passavam a ser de uso exclusivo para alertar a população de um iminente ataque aéreo. Também passou a ser controlada a iluminação noturna, até mesmo para os poucos veículos auto-motores que circulavam pelas ruas da cidade, visando não sinalizar qualquer posição estratégica para aviões e submarinos alemães.

Foi por conta dessas intensas e prolongadas rondas noturnas, sem nunca encontrar submarino no litoral catarinense, que surgiu a brincadeira maliciosa de ‘procurar submarino em Cabeçudas’ ou ‘ver submarino em Cabeçudas’ como sinônimo irônico de desculpa esfarrapada para namorar às escondidas dos pais no horário noturno.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 21 de maio de 2018, pag 11 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

O BRANDINO PEGOU FOGO



Quando as rádios divulgaram a notícia de que o navio-motor BRANDINO ardeu em chamas ao se preparar para deixar o Porto do Rio de Janeiro a população de Itajaí entrou em choque. Primeiro, por estar preocupada com os 13 tripulantes, a maioria composta por filhos de Itajaí; segundo, porque o Brandino era tido como um verdadeiro talismã da construção naval local. Era o orgulho do armador Antonio Ramos e o navio mais vistoso lançado nas águas do Rio Itajaí pelo construtor Hildebrando Silva, conhecido na cidade pelo apelido de Brandino.

O navio-motor foi construído em madeira e lançado nas águas do Rio Itajaí no dia 31 de dezembro de 1941. Durante toda sua construção ele era chamado pelo nome de **Itajaí**, mas uma lei federal que concedia à Companhia de Navegação Costeira o monopólio dos nomes de embarcações brasileiras com as iniciais ITA impediu o registro junto à Capitania dos Portos. A segunda opção seria nomear o vistoso navio com o nome do armador Antonio Ramos, mas ele declinou da homenagem e preferiu nomear o navio com o nome de seu construtor – o Brandino. Ele tinha 31 metros de comprimento por dez

metros de largura e capacidade de carga de 400 toneladas. Sua primeira viagem entre Itajaí-Florianópolis-Rio de Janeiro foi promovida no dia 12 de março de 1942. O agente local das cargas transportadas pelo Brandino era Guido Miranda.

O acidente com o navio itajaiense ocorreu no dia 27 de dezembro do ano de 1942, portanto, com o navio tendo menos de um ano de uso. O Brandino estava se preparando para deixar o terminal portuário do Rio de Janeiro carregando 227 tambores de material combustível (fala-se em querosene e/ou gasolina) e cargas gerais. Ao ligar o motor imediatamente ouviu-se o barulho de uma grande explosão vindo da casa de máquinas. A tripulação teve tempo de evacuar a embarcação, com quatro trabalhadores ficando feridos, nenhum gravemente. Foram eles: Benedito da Silva (primeiro maquinista), Arnoldo Gall (terceiro maquinista), Joca Geraldino (cozinheiro), José de Oliveira (marinheiro). O comando do navio estava sob responsabilidade de Gercino Vieira (comandante) e Laércio Vieira (imediato).

Como as fortes explosões a bordo do Brandino tiveram uma sequência longa os técnicos da guarnição do Corpo de Bombeiros e da Capitania dos Portos do Rio de Janeiro resolveram rebocar o navio para as proximidades da Ilha da Feiticeira. Ali o navio praticamente ardeu na solidão da noite, com o armador Antonio Ramos declarando perda total do equipamento e carga.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 28 de maio de 2018, pag 08 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando a procissão de N. S. dos Navegantes.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A PERSISTÊNCIA E O CAJUEIRO DA 13 DE MAIO



Muitas vezes passamos por um lugar e não damos conta do quanto de história temos diante dos nossos olhos. Na escola aprendemos a valorizar grandes obras, grandes vultos, deixando de lado muitos personagens que passam por nós cotidianamente e que guardam para si valorosas histórias de vida. O mesmo acontece com alguns espaços urbanos, como o coelho da Rua Brusque, as figueiras da Praça do Cachorro, o coreto da Praça Vidal Ramos, o relógio do sol da Praça dos Expedicionários ...

Esse também parece ser o caso de quem passa por uma casa antiga, feita de alvenaria, incrustada na confluência das ruas João Bauer e Treze de Maio, no Centro, quase defronte à antiga Caixa d'Água. Quem passa no local mal consegue perceber a existência de um majestoso cajueiro, por seu tronco estar camuflado atrás de folhagens e um muro alto. Acontece que aquela árvore frutífera exótica foi plantada no ano de 1946 e tem uma história bastante interessante.

Em uma tarde chuvosa o menino Félix Eugênio Reichert chegou em casa trazendo nas pequenas mãos o que considerava uma preciosidade. Abriu a porta da cozinha, entrada pela Rua Treze de Maio, com um entusiasmo fora do comum e foi logo mostrando para

sua mãe (Inês Deschamps Reichert – conhecida como Dona Amândia) o exemplar de um belíssimo caju que recebera de presente do seu Abércio Werner, vindo lá das terras dos Werner.

Estávamos no ano de 1946 e o caju não era uma fruta muito conhecida da população sulina, principalmente dos descendentes europeus, como era o caso da Dona Amândia. O desconhecido, principalmente nessa época, dava margens a muitas crendices. Talvez por isso, Dona Amândia rapidamente retirou a fruta da mão do menino Félix e jogou fora por acreditar que a fruta era venenosa. O menino desconsolado diante da desqualificação da sua “joia”, tão peculiar e exótica, resolveu enterrá-la no quintal de casa, no mesmo lugar onde a semente fora jogado momento antes por sua supersticiosa progenitora.

Dona Amândia estranhou por um tempo o hábito diário do filho em jogar um pouquinho de água naquele pedaço de terra vazia, mas não desconfiou do que estava acontecendo até que a semente começou a germinar. Quando a árvore já estava tomando porte Félix contou à mãe que havia preservado a semente da fruta que ela própria havia jogado fora. Dona Amândia, achou interessante a história do filho e resolveu manter a árvore viva, no meio do quintal, como exemplo de persistência da vida.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 04 de junho de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando o cajueiro da rua Treze de Maio.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A DITADURA E O DENTISTA COMUNISTA

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL APRESENTA O PROGRAMA DE SALVAÇÃO NACIONAL

VOZ OPERÁRIA

N. 242 ☆ Rio de Janeiro, 2-1-1954

DECLARAÇÃO SOBRE O PROJETO DE PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL



O COMITÊ Central do Partido Comunista do Brasil elaborou o projeto de Programa do Partido que entrega nesta data ao conhecimento do Partido, da classe operária e de todo o povo brasileiro para estudo e discussão.

É este um Programa de salvação nacional. Em torno dele deverá formar-se a ampla frente única de todas as forças progressistas, democráticas, populares e libertadoras do país, a frente democrática de libertação nacional. Esta ampla frente democrática de libertação nacional será a força capaz de conduzir nossa Pátria e nosso povo a um futuro livre, feliz e radioso.

Dirigimo-nos a todas as organizações democráticas, aos diversos partidos políticos, assim como aos patriotas e democratas de todas as opiniões e tendências e a todos convidamos para o debate livre e honesto das importantes questões que levantamos no projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil.

Semelhante debate democrático só pode ser proveitoso aos interesses da luta de nosso povo contra o jugo do imperialismo norte-americano, contra a tirania do governo de Vargas e por um governo democrático de libertação nacional.

a) LUIZ CARLOS PRESTES

Projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil

I

O BRASIL SOB O JUGO CRESCENTE DOS IMPERIALISTAS AMERICANOS

1. O Brasil é um país livre e dotado de grandes riquezas naturais. Em seu subsolo existem riquíssimos jazidas de ferro, petróleo, carvão, manganês, urânio e outros minerais; floresta de terras fértilíssimas e de clima favorável ao cultivo dos mais variados produtos agrícolas, vastas reservas minerais e gasosas possibilitam a criação de toda espécie de gás. Temos, pois, todos os recursos e grandes reservas estratégicas que poderiam ser utilizadas para a libertação do país, para a construção de uma nova estrutura econômica e para a distribuição da riqueza nacional.

Apesar destas riquezas inigualáveis, a situação do povo brasileiro é cada dia mais penosa e desesperada. Um-terço do território do Brasil nas estradas do Nordeste e até mesmo nos grandes centros industriais do país, a fome, a miséria e a morte dizem palavras de incalculável sofrimento. Uma grande massa de brasileiros vive em condições de absoluta miséria e morte no desemprego. Vivemos, assim, num país tão rico, e com tantas riquezas em seu subsolo, em consequência da política de exploração imperialista e da dominação dos imperialistas e grupos oligárquicos brasileiros.

Essa política dos imperialistas americanos de não se reconhecerem limites e fronteiras. A United Fruit Company e a Standard Oil, monopolizaram a produção de bananas,

Standard Oil, monopolizaram a produção de petróleo. Imprensa americana controlou a produção de jornais de todo o Brasil e a produção siderúrgica de Volta Redonda. Nas mãos da Light e da Shell está quase todo o setor de toda a produção de energia elétrica do país. Sob o controle do capital norte-americano já se encontra grande parte da indústria do Brasil.

O comércio exterior do Brasil sofre sob o controle dos imperialistas americanos, que fazem preço de venda para seus produtos, assim como a política de importações no Brasil de acordo com os interesses dos Estados Unidos. Assim, a indústria brasileira não consegue competir com a indústria americana e a indústria brasileira não consegue competir com a indústria americana.

O comércio norte-americano produzida nos transportes aéreos, controla as ferrovias e a maioria das indústrias e a maioria das indústrias nacionais. Os Estados Unidos controlam a maioria das indústrias nacionais e os Estados Unidos controlam a maioria das indústrias nacionais.

Os monopólios americanos monopolizam também a produção de petróleo para a produção de energia elétrica, para a produção de gás e para a produção de gás. Simultaneamente, o capital estrangeiro no Brasil produz monopólios monopolizantes através de concessões com os recursos brasileiros, o que retarda a produção sempre através de juros para o exterior. As indústrias de capital estrangeiro no Brasil continuam produzindo bens de consumo que abastecem grande parte da população e também monopolizam o valor certo das exportações nacionais.

Toda a economia brasileira vai sendo, assim, controlada pelos interesses americanos da economia do Brasil. Os Estados Unidos.

Os imperialistas norte-americanos interferem diretamente em toda a vida administrativa do país, pela sua influência e influência do Estado brasileiro para capturar e controlar democraticamente o nome para, segundo as regras da cultura do país e através de grupos brasileiros.

Tudo isto ocorre tipicamente nos característicos de nossa sociedade e é isso que nos impede de desenvolvermos a economia. Os representantes do Brasil no estrangeiro passam a intervenção, através do Departamento de Estado norte-americano. Temos, assim, armadas não apenas no Brasil.

(Continua na página seguinte)

Nelli Cauduro Piccoli exercia sua profissão de dentista em uma pequena sala, localizada no primeiro andar, nos fundos da galeria do Edifício Rio do Ouro. Na minha adolescência frequentava seu consultório pelo menos duas vezes por ano. Na sala de espera do seu consultório estavam afixadas diversas placas com mensagens bem humoradas. Uma delas nunca saiu da minha memória: “Deus foi injusto com o ser humano: limitou a inteligência, mas não limitou a burrice”.

Assim que eu me acomodava na poltrona estofada do dentista Piccoli ele iniciava seu proselitismo político. Pregava à exaustão sobre o benefício do mundo comunista e o heroísmo dos comunistas no Brasil. Eu não podia falar porque estava com a boca cheia de algodão ou com a língua travada de tanta anestesia. Foi assim que ele me convenceu a distribuir jornais dos comunistas pela cidade de Itajaí, a defender seu ideário e retirar na biblioteca do Colégio Salesiano alguns livros sobre utopias.

Duas estórias que presenciei pontuam sua vida de militante comunista. Um dia estava em seu gabinete odontológico quando chegou o jornal da semana anunciando que nos próximos dias estaria em Itajaí um ministro de Estado. Ao ler a manchete Piccoli foi logo anunciando: *“Olha, semana que vem não vou poder te atender, porque estarei preso”*. Depois ele explicou: *‘Toda vez que chega à Região da Grande Itajaí uma autoridade representante do “Regime Militar” algumas figuras são presas preventivamente’*. Entre estas pessoas selecionadas estava o Piccoli, que tinha orgulho de dizer que já fora preso cerca de trinta e duas vezes.

Em uma dessas oportunidades, talvez por descuido dos dedos-duros do regime, Piccoli não foi preso. Enquanto seus companheiros já estavam todos encarcerados “preventivamente” Piccoli estava livre como passarinho. Inconformado e se dizendo “envergonhado” por estar solto enquanto os demais estavam amargando mais um tempo na cadeia, Piccoli arrumou um jeito de também ser preso pelas forças de repressão. Compareceu ao velório de uma figura de destaque na cidade e fez discurso incendiário contra o regime ditatorial vigente. Um informante do SNI – Serviço Nacional de Informação, presente ao evento fúnebre, inconformado, pediu imediatamente sua prisão.

Talvez esta seja a única vez na história de Itajaí que um comunista e seu algoz tenham ficado satisfeitos pelo mesmo motivo.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 18 de junho de 2018, pag 06 – variedades.

2 – Foto publicada na internet do jornal Voz Operária.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A DITADURA E O ESTUDANTE REVOLTADO



Transcorria dentro da normalidade o ano de 1976 quando entrei pela primeira vez na Fepevi para frequentar o Curso de História. Na primeira semana de aula fui me enturmando com aqueles estudantes envolvidos com a política estudantil. Eu vinha do Colégio Salesiano Itajaí, onde exerci o cargo de vice-presidente e presidente [com a demissão do presidente José Darci da Silva Júnior] do GESI – Grêmio Estudantil Salesiano Itajaí e, encontrei no grupo de calouros o também líder estudantil, vindo do Colégio Fayal, Leonel Arcângelo Pavan. A ideia era continuar na Fepevi essa trajetória política contra a ditadura. Contudo, a dupla encontrou pela frente um professor ‘linha dura’ defensor intransigente do regime ditatorial e o semestre não terminou para ela.

O professor *** era titular de uma disciplina montada pelo regime ditatorial para manter em rédeas curtas os estudantes com militância política contrária ao governo. Era a disciplina de EPB – Estudos de Problemas Brasileiros. O professor, no primeiro dia de aula fazia questão de reforçar seu apoio ao regime ditatorial e destacar com ênfase os feitos dos governos militares. Costumava usar como estratégia para fazer emergir as lideranças de oposição frases apologéticas sobre o regime ditatorial no bom estilo ‘Brasil. Ame-o ou deixe-o’.

No início de uma dessas aulas ele sentenciou enfaticamente: “*O Brasil foi salvo pelos militares. Não fosse a Revolução Vitoriosa de 64 e o Brasil estaria no fundo do*

poço.” Imediatamente eu e o Leonel Pavan, sentados na última carteira, lá no fundinho da sala, levantamos o braço esperando ser atendido pelo professor. Ele continuou professando loas ao governo por um bom tempo e depois nos deu a palavra. Eu falei primeiro: “Eu não concordo com o senhor”, sendo seguido imediatamente por Pavan: “Eu também não concordo”.

Para espanto de todos os estudantes presentes, no lugar do professor argumentar com a dupla rebelde, virou-se cerimoniosamente e caminhou parcimoniosa e solenemente até o tablado elevado defronte ao quadro negro. Ali, virou-se para a turma, abriu com cerimônia o paletó do alinhado terno e sentenciou: “*Olhem!, eu estou sempre armado e vocês?*” Naquele momento parece que o tempo parou. Ninguém se mexia. Ninguém ousava respirar. Um minuto parecia uma eternidade e a aula voltou à sua normalidade após sairmos da sala de aula sob custódia do mestre da ‘pedagogia do revólver’.

Na aula seguinte, para espanto de todos os estudantes de História da Fepevi, inclusive eu, Leonel Pavan chegou mais cedo, sentou na cadeira de costume, atrás à direita, colocou um revólver sobre a carteira e ficou encostado na parede do fundo. Eu estava ainda arrumando meu material de estudo quando percebi o revólver e levei um grande susto. Ato contínuo, perguntei ao Pavan sobre o revólver, no que me respondeu rapidamente: “*Ele não está armado? Pois então, eu agora também estou!*”. Retirei todo o meu material que estava sobre a carteira e fui para o outro lado da sala. Pensei comigo mesmo: “*Vai que o velhinho trema ao atirar no Pavan e o tiro vai sobrar pra mim que estou ao lado ...*”.

No final de tudo a dupla não terminou o semestre e o professor da ‘pedagogia do revólver’ continuou por anos lecionando na Fepevi/Univali até que bem, essa é outra história que conto pra vocês depois.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 02 de julho de 2018, pag 08 – variedades.

2 – Foto do acervo do jornal Diário da Cidade / Magru Floriano retratando a frente do campus universitário da Univali

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

SEU MARCELINO E A MEMÓRIA DO CORAÇÃO



Tem pessoa que habita nossa memória como se tivesse direito a lugar cativo. Sempre que você olha para trás, revira o tempo... lá está a imagem dessa pessoa. Não teve destaque social; não ocupou importantes cargos públicos; não foi herói ou protagonista de grandes feitos históricos, mas, é uma imagem recorrente em nossas lembranças de infância. Um ícone. Um totem. Uma imagem que sobrevive alimentada por filigranas de requintados sentimentos que mal se pode explicar a outras pessoas.

No exercício do jornalismo me acostumei a estar ao lado de nomes de destaque. Tenho fotos com Tancredo Neves, Cristovam Buarque e Milton Santos. São centenas de fotos ao lado de centenas de pessoas que, em algum momento, mereceram destaque no noticiário regional. Gente que aprendi a admirar ao longo dos anos e, por isso, guardo as

fotos com carinho. Mas, contraditoriamente, dessas pessoas importantes só lembro quando olho para as fotos. Elas não habitam minha memória de forma ativa e impactante. São imagens que dormem em um cantinho bem escuro de minha memória e por isso, vez e outra, podem ser acordadas de solavanco diante de uma foto ou de uma conversa com teor saudosista mantida com os amigos na mesa do café.

Por outro lado, na contramão dessas imagens sonolentas, tenho a memória viva do Seu Marcelino. Sequer tenho uma foto dele no meu álbum de família ou no arquivo de fotos dos quarenta anos de jornalismo. Ele não é uma foto no álbum ou uma figura que mereceu destaque da imprensa. Mesmo assim é uma presença constante na minha memória de infância. Infância que passei na Rua Max, Bairro São João, em plena década de 1960. Seu Marcelino era o dono da venda que ficava no final da rua, onde comprava linguiça, farinha, capilé, balas e papel de seda para fazer pandorga. Depois ele inventou também de montar uma sorveteria...

Acontece que por esses dias quentes de março recebi um telefonema do amigo Walmir Binotti dizendo que Seu Marcelino havia falecido e seu corpo estava sendo velado na Capela Nossa Senhora do Rosário, na pequena comunidade do Quilômetro Doze. Foi ali, ao ler o livro de presenças, que fiquei sabendo que Seu Marcelino se chamava Marcelino Sabino da Silveira e que havia nascido a 08 de dezembro do ano de 1936 em um pequeno município no Sul do Estado de Santa Catarina.

Então é isso: guardo fotos com Tancredo Neves e o cientista social Milton Santos, mas a imagem que reverencio é a imagem do Seu Marcelino. Quem arquiva as nossas memórias é o coração! Mas quem pode explicar os critérios do nosso coração?

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 09 de julho de 2018, pag 08 – variedades.

2 – Foto de Marcelino Silveira cedida por seu filho Sílvio Rogério da Silveira. .

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

FESTA DA TAINHA: NOSSA VERDADEIRA FESTA CULTURAL



O povo de Itajaí já participou de inúmeras manifestações culturais coletivas que genericamente intitulamos de ‘festa’. Por séculos as principais festas estavam sob tutela da Igreja Católica e do governo. Nosso Senhor dos Passos, Corpus Christis, São Sebastião, São João, São Pedro, Nossa Senhora da Conceição e dos Navegantes, são alguns dos exemplos de festas que sempre conseguiram reunir grande número de pessoas no entorno das igrejas de Itajaí. Sete de Setembro, Quinze de Novembro, Onze de Junho, Quinze de Junho e Primeiro de Maio, são alguns exemplos de festas cívicas de grande porte patrocinadas pelo Estado.

A primeira grande festa fora do circuito cívico-religioso foi o Festival de Inverno de Itajaí, inspirado pelo polêmico Antônio Augusto Nobrega Fontes. Por uma década [1973/1982] o Festival de Inverno movimentou a cidade envolvendo boa parcela da população com manifestações artístico-culturais de qualidade. Depois da enchente de 1983 apareceram festas temáticas grandiosas em todo o Vale do Itajaí puxadas pela locomotiva da Oktoberfest, cujo carvão era fornecido pelo trade turístico que sempre confundiu cultura com dinheiro/renda. O vagão de Itajaí recebeu o título de Marejada e nunca conquistou o coração do itajaiense por estar fundamentado em uma falsa descendência açoriana, constituindo-se em uma flagrante - e deprimente - mentira cultural.

Somente em 2003 o povo dessa terra pode assistir ao nascimento de uma festa de grande porte tendo como base a cultura popular. Trata-se da festa da Tainha. Ela começou espontaneamente, quando o comerciante Augustinho Machado teve a ideia de vender tainha no Centro de Abastecimento [Mercado de Peixe] com o seguinte mote: ‘Compre aqui o seu peixe e ASSE AQUI O SEU PEIXE’. Ele oferecia uma estrutura mínima [churrasqueira, carvão...], disponibilizada no passeio entre o Centro de Abastecimento e o Mercado Público. Em 2004 Augustinho transferiu a sua pequena festa para o terreno baldio onde antes estava abrigada a indústria de pesca Commard. Nesse ano, Augustinho já pode contar com a ajuda de amigos vinculados ao Sindicato dos Pescadores.

A versão da festa de 2005 recebeu o carimbo oficial sendo intitulada de Primeira Festa da Tainha. Junto com Augustinho Machado estavam organizando a festa Manoel Xavier de Maria, João Claudino e Luiz da Silva. Ela ganhou a chancela da Prefeitura de Itajaí, Sindicato dos Pescadores e Sindipi, oportunizando grande adesão da população local. A 03 de junho de 2005 estava consolidada a festa mais identificada com a cultura popular do Município de Itajaí. Depois a festa mudou seu nome para Festa do Pescado sendo transferida, por conta da construção da Capitania dos Portos no terreno baldio da antiga Commard, para a Praça Genésio Miranda Lins e o estacionamento do Centro de Eventos. Não foi realizada entre 2013-2016, retornando com força total no ano de 2017 na Praça Felix Busso Asseburg.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 16 de julho de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando a Festa da Tainha realizada no estacionamento do Centro de Eventos.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

UM POUCO DA HISTÓRIA DO MERCADO PÚBLICO



As grandes obras públicas de Itajaí foram erguidas sobre o terreno movediço da discórdia política. Isso vale, por exemplo, para o Palácio Marcos Konder e o Mercado Público. O embate político era tão acirrado que chegava a invadir o campo religioso. Por conta disso a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento ficou décadas oscilando entre projeto e obra. O Mercado Público começou a ser formatado sob inspiração do vereador Antônio Francisco de Souza Medeiros na sessão do parlamento municipal do dia 23 de fevereiro de 1871. O Mercado acabou sendo inaugurado no longínquo ano de 1917 pelo superintendente Marcos Konder, após quase cinquenta anos de marchas e contramarchas alimentadas por muita intriga política.

A proposta de dotar a Vila de Itajaí de um vistoso Mercado Público recebeu apoio imediato do governador da Província que, ato contínuo, enviou à Itajaí o engenheiro Pedro Luiz Taulois com a missão de fazer os primeiros levantamentos visando elaborar o necessário projeto. A empolgação de todos era tão grande que o presidente da Câmara, o

latifundiário José Henrique Flores, se prontificou a doar o terreno. O mesmo ocorreu com o governo da Província, que se propôs, em 1898, a conceder terreno próximo à Praça da República ou à Praça da Matriz para abrigar o Mercado. Mesmo assim a ideia não saiu do papel por conta das intrigas políticas.

Em 1905 o tema volta a ser notícia nos jornais que promovem uma grande campanha em prol da construção do Mercado Público tendo como referência o Mercado Público construído na cidade portuária de Laguna. Mas a discussão sobre o local ideal a ser construído o Mercado devorou o ano inteiro de 1905, avançando alguns anos seguintes sem que as lideranças chegassem a um consenso. No segundo semestre de 1913, a municipalidade lança edital de concorrência pública para construção do Mercado, mesmo assim a obra não saiu do papel. Este edital foi anulado, em 1915, pelo superintendente Marcos Konder, que lança novo edital visando, possivelmente, beneficiar empreiteiros de suas relações.

O resultado dessa nova licitação foi anunciado em janeiro de 1916, possibilitando o início imediato das obras em terreno contíguo à Praça Santa Catarina. O Mercado Público de Itajaí foi inaugurado no dia primeiro de Janeiro de 1917 pelo superintendente Marcos Konder, neto do latifundiário José Henrique Flores, um dos entusiastas da ideia de oferecer ao povo itajaiense infraestrutura adequada para a comercialização dos produtos oriundos do interior.

Obs:

- 1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 24 de julho de 2018, pag 07 – variedades.
- 2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o Mercado Público antes do incêndio
- 3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

O DIA EM QUE O PREFEITO INVADIU A RÁDIO



Se Abdon Fóes fosse jogador de futebol provavelmente seria um daqueles milagreiros que bate o escanteio e corre para a área com o firme propósito de cabecear a bola que ele próprio lançou tentando fazer o gol da vitória do seu time. Imaginem vocês que ele era prefeito e ao mesmo tempo editor do jornal do Povo. Mesmo estando nessa condição dúbia mantinha no frontispício do seu jornal a vistosa frase: ‘Orgão

independente e noticioso'. Abdon Fóes era figurinha carimbada em todas as instituições e suas respectivas diretorias. Quando não era presidente ou secretário acabava por receber o pomposo cargo honorífico de 'presidente de honra'. Está certo que muitos desses cargos lhe caíam às mãos por conta da grande influência que o Jornal do Povo tinha junto à população local. A verdade é que todos queriam agradecer ao poderoso editor do JP.

Acontece que na edição 513, de 21 de julho de 1946, o 'independente' Jornal do Povo republica notícia do jornal 'O Estado' de Florianópolis, onde está relatado um episódio que tem como protagonista principal justamente Abdon Fóes. O título da matéria jornalística é 'Uma atitude louvável do prefeito de Itajaí', onde 'O Estado' tece loas a Abdon Fóes por ter invadido o estúdio da Rádio Difusora, que mantinha linha editorial favorável à UDN, rival política do PTB do prefeito.

O locutor da Rádio Difusora, Hermógenes Ramos, veiculou notícia de que *'... enquanto o povo estava sem pão, existiam grandes estoques de farinha de trigo para ser vendido pelo cambio negro'* também incitando o povo à revolta contra as autoridades constituídas e propondo que fossem invadidos tais depósitos clandestinos de alimentos. Ao ouvir a informação Abdon Fóes não vacilou e, compareceu ao estúdio da emissora udenista exigindo que fossem revelados os nomes dos comerciantes e os locais onde estavam sendo estocadas as sacas de trigo. A oposição garante que o prefeito invadiu o estúdio, enquanto os jornais 'O Estado' e 'Jornal do Povo' falam que ele foi recebido 'gentilmente' por Hermógenes que, ato contínuo, o convidou para falar ao microfone.

No texto publicado nos dois jornais governistas está evidenciada a censura à oposição udenista ao getulismo: *'A Rádio Difusora de Itajaí está servindo de instrumento aos que querem – aproveitando-se da situação que o país atravessa – subverter a ordem, para melhor servir aos seus fins inconfessáveis. É lamentável que um veículo de publicidade como a Rádio de Itajaí, a cuja organização estão ligados elementos que deviam ter melhor compreensão de sua responsabilidade, queira, neste momento implantar a confusão e infundir no espírito do povo idéias subversivas, infringindo, por todos os lados, as leis de segurança nacional.'*

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 31 de julho de 2018, pag 06 – variedades.

2 – Foto de Abdon Fóes reproduzida de publicação do Jornal do Povo.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

UM POUCO DA HISTÓRIA DA IGREJINHA VELHA



Um dos principais cartões postais de Itajaí é a antiga Igreja Matriz que carinhosamente o povo denomina de ‘igrejinha velha’. Ela foi erigida entre os anos de 1837 e 1899 em terreno doado pelo casal Coelho da Rocha. Inicialmente o local abrigou uma pequena capela de pau-a-pique em louvor ao Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Remédios. Posteriormente, sob as lideranças de Agostinho Alves Ramos e o padre Pedro Antônio de Agote, começou a construção da igreja de alvenaria em louvor ao Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição. O louvor ao Santíssimo Sacramento devemos à influência do casal José e Maria Coelho da Rocha. O louvor à Nossa Senhora da Conceição devemos ao casal Agostinho Alves Ramos e Ana Maria Rita.

Uma das primeiras notícias que temos acerca da construção de uma capela no Distrito de Itajaí nos é fornecida pelo próprio cura Pedro Antônio de Agote em carta

endereçada ao Bispo do Rio de Janeiro, a 21 de dezembro de 1823. Diz o religioso: *‘Este povo desfruta agora da melhor satisfação, e está animosamente resoluto a concluir o corpo da Capela com a maior brevidade’*. Mas pelo que tudo indica a construção dessa primeira capela demorou mais do que o previsto porque em requerimento assinado por 21 moradores endereçado ao Bispo do Rio de Janeiro, a 05 de janeiro de 1824, está dito que *‘Dizem os moradores de todo o Povo e Distrito de Itajaí, (...) convencionaram e concluíram um ajuste com o muito digno Revdo. Sr. Frei Pedro Antônio de Agote (...) para seu Capelão e Cura na Capela que com todo o esforço se está edificando com a invocação do SSmo. Sacramento e Nossa Senhora dos Remédios de Itajaí.’* Ainda na mesma correspondência os moradores garantem que as obras estarão concluídas no dia 02 de fevereiro de 1824, data em que prometem promover a primeira missa na capela.

Pelo que tudo indica essa primeira capela feita de pau-a-pique não conseguiu se sustentar por muito tempo, vindo a ter parte de sua estrutura derrubada pela intempérie. Logo a comunidade começou a se movimentar para construir uma capela de alvenaria. A primeira fase da construção da nova igreja percorreu o período entre os anos de 1837 e 1840. A segunda fase se estendeu até o ano de 1899. No ano de 1888 foi inaugurado o altar-mor, produzido por um artista de Blumenau. No ano de 1898 foram concluídas as obras de ampliação: torre, parte do coro, átrio e batistério. A última mudança significativa na igreja deu-se com a colocação do relógio doado por notáveis da comunidade no ano de 1899, entre os quais encontravam-se Guilherme Asseburg, Thiago da Fonseca, Antonio Pereira Liberato, Olympio Aniceto da Cunha, Nicolao Malburg, Samuel Heusi, Mario Pereira Liberato, Eugenio Luiz Muller, Arno Konder.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 06 de agosto de 2018, pag 06 – variedades.

2 – Foto de cartão postal retratando a Igreja Imaculada Conceição antes das reformas.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

BRINCANDO DE FAZER BRINQUEDO



Dia desse recebi telefonema de um médico que acabara de adquirir uma casa antiga de madeira, no Bairro Fazenda, e a estava demolindo. Ofereceu-me vinte caixas com pequenos objetos - incluindo livros, fotos e documentos - que os herdeiros não tiveram interesse em preservar. Entre todos os objetos que chegaram às minhas mãos destaco dois livros que abordam a temática dos brinquedos e brincadeiras - justamente o tema do meu trabalho de conclusão do Curso de História na Univali. O primeiro livro é datado de 1947, intitulado 'Jogos, passatempos e habilidades' de Nina Caro; o segundo livro é datado de 1955, intitulado 'Jogos, diversões e passatempos' de Adolf Weisigk. Eu nasci em 1956 e esses livros, portanto, destacam muitos brinquedos/brincadeiras que fizeram parte da minha infância.

O livro de Weisigk faz referências à centenas de brinquedos que as próprias crianças construía com rolha, tampinha, palito de fósforo, sementes, galhos, restos de

madeira, latas, cascas de frutas ... Era um mundo sem objetos de plástico, onde tudo, absolutamente tudo, era reciclado. Assim também era na minha casa da Rua Max, Bairro São João. Nada ia para o lixo antes de passar por minhas mãos e, geralmente, tudo era reaproveitado. Palitos de fósforo serviam para fazer joguinhos de desafios que copiávamos das almanaques de farmácia; caixinhas serviam para construir móveis e carrinhos; cascas de amendoim e ovo davam bons barquinhos; champinhas de garrafas viravam chocalhos e pandeiros e, até rodas de carrinhos. Era um mundo do brinquedo construído pela própria criança com material reciclado a custo zero. Um mundo verdadeiramente criativo e espontâneo.

Quem tinha dinheiro comprava na venda da esquina bolinhas de vidro e quem não tinha raspava coquinho até eles ficarem bem redondinhos ou fazia tilica de pelota de barro endurecido no braseiro do fogão a lenha. O bonequinho de chumbo era substituído pelo bonequinho de rolhas; o instrumento musical de metal substituído pela flauta de bambu, tambor de lata velha, chocalho de champinhas e assobios de grama; o bilôquê [bilboquê] de madeira era substituído pelo feito de bambu-açu ou lata de Leite Moça. Do nada se fazia tudo. Acabava se divertindo do mesmo jeito porque o mundo da criança era um mundo de faz-de-conta, mais lúdico, mais criativo, mais espontâneo e livre.

Muito antes dos brinquedos de plástico e dos videogames nós tínhamos uma brincadeira especial que era brincar de confeccionar nossos próprios brinquedos. De um galho de goiabeira fazíamos funda; de um galho de salgueiro-chorão saía o arco; do bambu saía a lança, flecha, arapuca e pandorgas; dos restos de madeira saía o taco, carrinho, perna-de-pau, carrinho de rolimã, matraca, revólver e espingarda; um pedaço de carvão virava lápis; e, a janela da sala virava palco de teatro enquanto o terreno baldio virava um gigantesco campinho de cepilho.

Hoje, fico estarecido em perceber que toda essa alegria de brincar de fazer brinquedos foi aprisionada dentro de um pequeno computador de mão. Quando vejo uma criança cabisbaixa, concentrando seu olhar em uma pequena tela, fico pensando se ela não está desejando encontrar uma fórmula de libertar sua infância que está aprisionada no mundo digital.

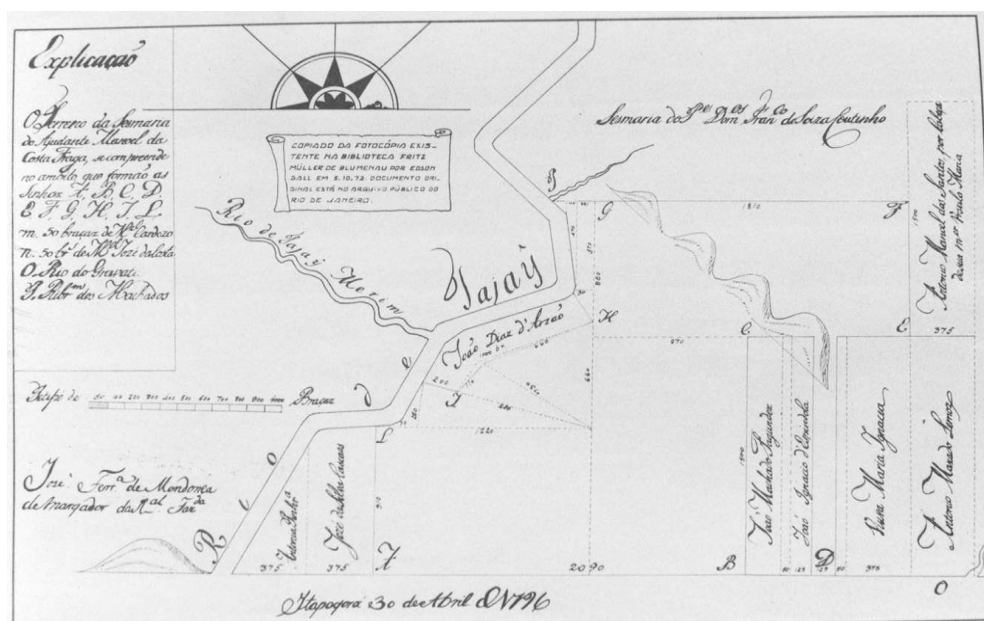
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 13 de agosto de 2018, pag 03 - geral.

2 – Foto de brinquedo oferecido por Isaque de Borba Corrêa para exposição na Univali no ano de 2017..

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

CONTRAPONTO: A FUNDAÇÃO DE ITAJAÍ



Li com especial atenção o ‘entrevistão’ concedido pelo professor Edison d’Ávila ao nosso prestigioso Diarinho na sua edição de 18 do corrente mês e dou-me à ousadia de discordar de algumas afirmações do nosso eminente historiador, notadamente sobre a questão da fundação de Itajaí. Uma questão pra lá de polêmica que já consumiu muito papel e tinta por parte da alta intelectualidade itajaiense do século passado [Silveira Júnior, Abdon Fóes, José Ferreira da Silva, Marcos Konder, Lucas Alexandre Boiteux, Nemésio Heusi, Gustavo Konder, Líbero Oswaldo de Miranda, Arnaldo Brandão, Gil Theodoro Miranda] e que pelo jeito deve consumir muito papel e tinta dos nossos historiadores e memorialistas no presente, como é o caso de Edison d’Ávila, Cláudio Bersi de Souza, Saulo Adami, Ivan Serpa, Isaque de Borba Corrêa, Telmo José Tomio, Rosa de Lourdes Vieira e Silva, Didymea Lazzaris de Oliveira, Marlene Dalva Rothbart

De minha parte, não considero factível fazer parte desse grupo de historiadores e memorialistas, da qual Edison d’Ávila se inclui voluntariamente, ‘...que não julga ser válido, significativo, definir-se exatamente quem é o fundador (...)’ de Itajaí, por considerar que existem muitas lacunas na sua História que ainda devem ser preenchidas antes de uma decisão final. Ao contrário, considero muito válido definirmos a data de fundação e seu fundador, mesmo que isso seja mudado num futuro próximo motivado pela descoberta de novos documentos. Lembremos que Roma tem orgulho de atestar sua

fundação por Rômulo, reconhecendo oficialmente a lenda de que teria sido abandonado na selva junto com seu irmão Remo e sobrevivido por ser amamentado por uma loba.

Não precisamos usar de tanta imaginação para indicarmos um fundador para nossa querida Itajaí, porque já temos bem definido e documentado o seu ato fundacional. Trata-se do requerimento assinado por duas dúzias de moradores ao Bispo do Rio de Janeiro solicitando, a 05 de janeiro de 1824, entre outras coisas, ‘a declaração de independência e a separação territorial deste distrito (...)’. Foi este, no meu entender, o primeiro ato de alta relevância empreendido pela comunidade itajaiense, porque nele já estão contidos dois fundamentos para sua fundação: o espírito comunitário e a necessidade de autonomia administrativa.

Aceita esta minha tese, Itajaí não teria um fundador, mas um grupo de fundadores que poderemos muito bem nomear de ‘pioneiros’. Obviamente que, ao atribuir a fundação de Itajaí a um grupo de pioneiros signatários da petição ao Bispo, não estamos deixando de considerar a participação destacada de duas lideranças: Agostinho Alves Ramos e padre Pedro Antônio de Agote. Mas aqui não cabem os louros em uma cabeça isolada, porque o ato fundacional é a assinatura do documento em si. Um documento que consubstancia o espírito comunitário, atesta que a partir daquela data temos uma comunidade unida por propósitos comuns e não apenas pessoas isoladas. O requerimento de 05 de janeiro de 1824 é a prova documental de que neste momento quem estava isolado passou a compor uma comunidade e pensou, mesmo que de forma gradual, dá-lhe autonomia administrativa.

Os fundadores de Itajaí são os pioneiros: Francisco Lourenço da Costa, Antônio Correa de Negreiros, Antônio Dias de Arzão, Jacinto Caetano da Silva, Benedito José Vaz, Manoel da Cunha Maciel, José Francisco de Oliveira, José Macedo da Veiga, Frutuoso Soares, José Lopes de Mattos, José Antônio de Lima, José P. Lourenço, José Ignácio Borges, Agostinho Alves Ramos, Manoel Ignácio Borges, Antônio José Borges, Manoel Soares da Silva, Manoel Soares da Costa, José Ignácio dos Santos, Tomas Pereira da Roza. Por questões que não cabem aqui detalhar, seria prudente ampliar esta lista de pioneiros, incluindo por mérito: Pedro Antônio de Agote, José Coelho da Rocha e Maria Coelho da Rocha – responsáveis pelo erguimento da primeira capela junto com Agostinho Alves Ramos.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 20 de agosto de 2018, pag 06 – variedades.

2 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

3 – Foto de mapa das primeiras sesmarias concedidas na foz do Rio Itajaí.

TOMANDO BANHO PELADO NO RIO ITAJAÍ



Uma prática muito comum da gurizada no antigamente era tomar banho nu nos rios da região. A nudez não era uma questão de conforto, falta de roupa ou ‘senvergonhice’ das crianças, mas imposta pela conjuntura da época. Na verdade as crianças tomavam banho escondidas dos pais e, por isso mesmo, não podiam chegar em casa molhadas porque denunciariam o seu pequeno e perigoso delito. Então, era comum a criança tirar a roupa, dependurá-la em galho de árvore para usá-la sequinha após o banho.

O jornal O Pharol, datado de 12 de janeiro de 1912, registra um banho de rio em total nudez pedindo que as autoridades tomem providência: *“Estamos informados que diariamente a tarde junta-se no espigão das obras do porto, aqui na cidade, um magote de Rapazes a tomarem banhos em completa nudez, cohibindo o tranzito das familias por aquelle local. Levamos ao conhecimento do sr. Delegado pedindo que S.S. dê um passeio até lá para ver o que ali se passa. Duro com elles Sr. Comissario.”*

Nasci e me criei no Bairro São João, próximo ao Moinho Malburg da Rua Blumenau. Nas férias de verão era comum a gurizada do bairro entrar sorrateiramente

pela lateral do moinho para ter acesso ao Rio Itajaí e utilizar uns pranchões velhos, que no antigamente transportavam mercadoria na hidrovía entre Itajaí e Blumenau, como trampolins. Como era um local ermo, de difícil acesso, não tínhamos o menor pudor em tirar a roupa para o banho de rio. Depois era só ficar proseando por alguns minutos ao sol para secar o corpo, colocar a roupa e chegar em casa sem que os pais pudessem perceber a travessura.

Os maiores da turma não se conformavam com aquele pulinho na água usando os pranchões como trampolim e assim que podiam iam atrás de emoções mais fortes. Na década de 1960 começaram a aparecer barcos de pesca da frota industrial e os mais arrojados usavam o convés desses barcos como trampolim. Também se mergulhava dos trapiches, pontes e pontilhões. Nas incursões ao Rio Pequeno, sempre que encontrávamos uma batera ‘dando sopa’ ela era utilizada para se mergulhar no meio do rio e voltar a nado até a margem.

Eu só parei de tomar banho escondido nos rios da região quando quase fui arrastado pela correnteza do Rio de Itajaí, após uma semana de chuva forte. Senti a morte muito de perto. Depois daquela experiência negativa percebi que nossos pais tinham razão em proibir esse tipo de banho. Mesmo assim continuava frequentando o local com a turma das ruas Max e Terrestre. Ficava como olheiro. Mas depois também parei de vez com essas visitas clandestinas aos fundos do Moinho Malburg porque entre um monte de aguapés eu vi uma cobra. Correnteza forte, clandestinidade, risco de apanhar uma sova e cobra, foi demais para a minha coragem juvenil. Melhor seria ir até Cabeçudas ‘pegar jacaré’.

Outro dia vi um ‘magote de rapazes’ tomando banho no Rio Itajaí-Açu, na pracinha da Fábrica de Cimento, nos Salseiros, e fiquei imaginando quais as histórias que eles contariam em casa depois.

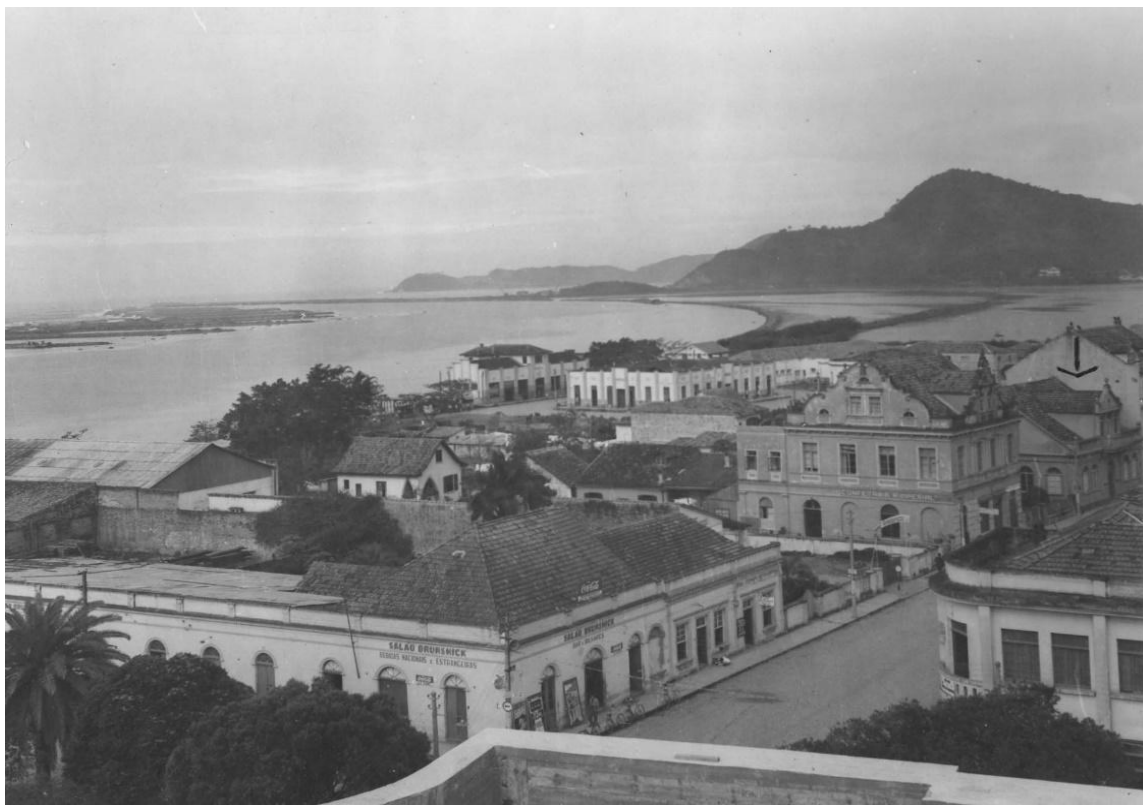
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 28 de agosto de 2018, pag 06 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando as barcaças da Companhia Malburg

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

A LUTA DO CONSUMIDOR ITAJAIENSE



Como já vimos anteriormente as relações de consumo em Itajaí sempre foram conflitantes, sendo que no setor de alimentos perecíveis a falta de fiscalização e legislação adequadas estimulava o comércio de carnes produzidas e estocadas fora de quaisquer condições mínimas de higiene. Esse foi o principal motivo que levou o superintendente Samuel Heusi a construir, em 1908, o Matadouro Municipal, exigindo que todos os animais fossem abatidos exclusivamente neste estabelecimento público. Em 1924 os comerciantes de carne de Itajaí promoveram greve [lockout] escondendo estoque e não abatendo mais nenhum animal. Em represália, o superintendente Marcos Konder aumentou impostos sobre abate e comercialização de carne e os aluguéis das salas do Mercado Público. Nas não resolveu em definitivo o problema.

Em 1936 temos mais uma crise de abastecimento de carne. Por um longo período a população itajaiense teve de conviver com o desabastecimento até que o prefeito Paulo Bauer resolveu tabelar o produto considerando os preços praticados em outros importantes municípios de Santa Catarina. A queda de braços entre comerciantes, órgãos públicos e consumidores foi ficando cada vez mais dramática, passando a envolver os

sindicatos de diversas categorias de trabalhadores, principalmente os portuários. Em 1942 o prefeito novamente tabelou o preço da carne, sem, contudo, resolver em definitivo o problema que passa a tomar proporções cada vez mais sérias, levando as forças conflitantes a iminentes confrontos físicos, espelhando uma realidade nacional.

Em 1958 a crise do abastecimento chegou ao auge da radicalização com diversos sindicatos de trabalhadores promovendo reuniões e eventos de protestos para pressionar as autoridades a fiscalizarem os preços praticados no mercado. No final do ano uma manifestação na Prefeitura, patrocinada por diversos sindicatos, desencadeou o episódio que ficou conhecido na história de Itajaí como ‘A revolta da carne’, deixando cinco trabalhadores feridos e um morto, além de quatro policiais apedrejados. O povo reunido defronte à Prefeitura, no dia 19 de novembro de 1958, não conseguiu entrar na reunião que estava ocorrendo entre o prefeito Lito Seára e uma Comissão de Trabalhadores resolvendo partir para o quebra-quebra.

Depois, partiram rumo à Casa Vitória – no final da Rua Brusque – para invadir, saquear e depredar o estabelecimento comercial que estava sendo acusado de esconder gêneros alimentícios para forçar a alta dos preços. O prefeito Lito Seára, a pedido do empresário Alvim Sandri – que tinha informações antecipadas das intenções das lideranças sindicais – havia solicitado no dia anterior reforço de um batalhão policial de Florianópolis e este recebeu os manifestantes à bala. Depois da morte de Bruno Manoel da Silva os trabalhadores foram se dispersando até extinguir naturalmente toda a manifestação popular. Contudo a questão da carne continuou por muitos anos sem que as autoridades, comerciantes e consumidores chegassem a um acordo razoável. Uma questão que persistiu no largo período entre 1908 e 1958 a demonstrar que no Brasil as lutas sociais tem sempre, inevitavelmente, um longo caminho a percorrer.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 03 de setembro de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o Centro de Itajaí.

DUSKY LANCHES: UM TRAILER AO ENTARDECER



Tem lugares que marcam nossas vidas, habitam em definitivo nossa memória e desconhecem por completo a imperiosa ação coercitiva do tempo. Um desses lugares que está sempre vivo em minha memória é o Dusky Lanches. A empresa começou com um pequeno trailer colocado nos fundos do terreno com frentes para a Avenida Sete de Setembro, ruas Camboriú e Laguna, Bairro Fazenda, no longínquo ano de 1978. Encerrou suas atividades comerciais no ano de 2017, deixando uma boa parcela da comunidade itajaiense com muitas saudades.

O Dusky Lanches surgiu da iniciativa de quatro amigos que moravam juntos em uma ‘república’ da Rua Treze de Maio: Valdir João Guardini, Carlos Alberto Guardini, João Pedro Becker, Cândido Lopes. Como eles eram envolvidos diretamente com os estudantes da Fepevi [atual Univali], os primeiros fregueses cativos eram universitários e alguns deles chegaram a ‘fazer bico’ na empresa, como é o caso de Maurício Skudlarck - depois deputado estadual.

O nome da empresa partiu de uma sugestão oferecida pelo amigo, depois delegado de Polícia de Rio do Sul, Luiz Carlos Gonçalves. Ele lembrou ao grupo de novos empresários que nos Estados Unidos tinha um sítio com o nome de ‘Concert Dusk’ que oferecia música de bandas e comida fast-food em drive-in, justamente após o entardecer [dusk]. A ideia foi aceita de pronto e a marca fantasia da empresa foi registrada como ‘Dusky’, um nome fácil de ser memorizado, diferente e agradável que correu como rastilho de pólvora entre a juventude que participava das festas noturnas itajaienses e tinha o local como ponto de encontro ou de final da noite.

O trailer veio de São Miguel do Oeste, terra de origem dos Gardini. Foi adaptado em Itajaí com a ajuda de Marcos Bonsenhor. Como naquele tempo os jovens empresários não tinham capital inicial forte, o Marcos usou como referência no negócio uma nova moeda: ‘Paguem como podem’. O mesmo aconteceu tempo depois com a aquisição do terreno da Sete de Setembro onde o trailer foi instalado. O empresário Gil Nascimento vendeu o terreno para Valdir na mesma condição: ‘Paguem como podem’. No início Gil Nascimento sequer estava interessado em alugar o terreno, mas foi convencido porque os jovens argumentaram que iam cuidar bem dele, já que naquele momento estava servindo apenas como depósito de lixo.

Contando com a ajuda dos amigos na propaganda boca a boca, pagando como podiam, o Dusky passou a ser referência no comércio em Itajaí.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 10 de setembro de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo particular de Valdir Gardini retratando o primeiro trailer da empresa Dusky

UNIVERSIDADE E BOEMIA



Universidade sempre combinou com boemia. Quando entrei pela segunda vez na Fepevi, por volta de 1980, de início pensei que nossa geração estava fazendo algo completamente rebelde ao frequentar os bares da Rua Uruguai fugindo dos discursos catequistas de professores vinculados ao regime militar. Logo percebi que frequentar o ‘Tulipa’ era algo usual de todos os acadêmicos, independentemente de filosofias ou ideologias políticas: da esquerda de Chico Lessa aos artistas que gravitavam ao redor da estrela Bento Nascimento e não queriam nada com a política partidária ou estudantil.

Agora, lendo o depoimento do professor Florisvaldo Diniz, publicado nos ‘Cadernos das Faculdades’ editados pela Univali em 1992, percebo que efetivamente gazejar aulas para frequentar bares já estava no DNA de alguns alunos da instituição desde o seu início. Diz literalmente um dos precursores da Univali sobre as aulas que eram ministradas no casarão Cesário Pereira defronte à Igreja Matriz, por volta de 1967:

“As salas de aula não ofereciam condições pedagógicas, considerando-se que o prédio fora construído para residência e seus compartimentos não possuíam dimensões para comportar o número de alunos matriculados em cada série. A turma da 3ª série, em

número de aproximadamente 50 alunos, era colocada em duas salas separadas por uma porta de, aproximadamente, 70 centímetros. Os alunos da sala oposta em que se encontrava o professor, não o viam, e vice-versa. Os interessados a aprender ficavam na mesma sala em que se localizava o professor; os demais, após a chamada, em grande parte, pulavam a janela e iam para os bares mais próximos (...).”

Os diretores José Medeiros Vieira e Florisvaldo Diniz avaliavam que iriam resolver o problema dos saltadores de janelas boêmios se mexessem na estrutura física do casarão, ampliando as salas de aula retirando algumas portas e divisórias internas. Contrariando laudos técnicos de diversos engenheiros, em 1968, Diniz unificou duas salas e deu ao quarto período uma sala ampla onde todos pudessem ver o professor e o professor pudesse ver a todos. Em princípio estava resolvido o problema dos saltadores de janelas.

Contudo, se José Medeiros e Florisvaldo Diniz pudessem ver o número de bares atualmente em atividade na Avenida Vereador Abraão João Francisco e Rua Uruguai que possuem como público-alvo os acadêmicos da Univali, com certeza diriam uníssonos: ‘Onde foi que erramos?!’.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 17 de setembro de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o Casarão Cesário Pereira sede da SIES defronte à Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

UNIVERSIDADE EM GUERRA



A comunidade itajaiense testemunhou muitos embates ferozes entre forças políticas locais. Durante muito tempo membros das oligarquias Müller e Konder se digladiaram para conquistar o voto do itajaiense. Mas fora do campo político-partidário bem poucas vezes ocorreram disputas públicas que viessem a se destacar a ponto de ganhar manchetes de jornais. Isso ocorreu na disputa travada entre José Medeiros Vieira e a Prefeitura de Itajaí pelo comando das ‘faculdades’ (Embrião da atual Univali). O professor Renato Wöhlke sintetizou muito bem a situação beligerante que envolvia toda a comunidade itajaiense na década de 1960: *‘Eram passeatas, acusações, ataques e desagravos, e até agressões físicas.’*

O diretor das ‘Faculdades’, Florisvado Diniz, relata que: *“José Medeiros Vieira, continua agredindo moralmente, tudo e todos. Ninguém se livra de sua baba peçonhenta. Uma pequena mostra. Para ele, o Prefeito Municipal de Itajaí é analfabeto. Os Juízes de Direito e da Justiça do Trabalho são suspeitos. Os senhores Vereadores são subversivos*

e corruptos. Alguns Padres são comunistas. O Presidente da Arena em Itajaí, um engolidor de sapos. Os alunos são comunistas e perturbadores da ordem social.”

Lideranças estudantis chegaram a publicar manifesto questionando a postura ditatorial e até considerando prejudicada a sanidade mental de José Medeiros Vieira: *‘Seria muito mais interessante se, ao invés de andar escrevendo artigos demagógicos e ridículos que comprovam a sua insanidade mental, devolvesse os nossos documentos que roubou, escandalosa e vergonhosamente do prédio onde funcionavam as Faculdades’.*

Poucas vozes de expressão na comunidade itajaiense saíram em defesa de José Medeiros. Uma dessas vozes foi a do jornalista Silveira Júnior: *“Acabo de ler, com repugnância e náusea, o artigo escrito contra você. (...) São minhocas que, desacostumadas à luz do sol, só revolvem no seu ambiente natural”.* No extenso documento em defesa de Medeiros, Silveira Júnior apela para a argumentação comum à época de acusar os adversários de comunistas e inimigos da Revolução de 64: *“Eles já estão saindo dos seus valhacoutos para agredir aqueles que sempre contrariaram. E você é figura de proa entre os que mais combateram e combatem o comunismo. Não é de estranhar que os ‘brizolistas’, os ‘esquerdistas’(...) queiram liquidá-lo.”*

Acontece que entre as ‘minhocas’ e os ‘comunistas’ que lutavam para que as ‘Faculdades’ fossem municipalizadas estava gente de expressão social como: Florisvaldo Diniz, Lauro Mussi, Lito Seára, Moacyr Werner, padre Zeno Schweitzer, Dr. Roberto Klein e Társia Morisco.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 24 de setembro de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando José Medeiros e alunos das Faculdades

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

UNIVERSIDADE EM GUERRA: A KOMBI DO MEDEIROS



Durante anos o professor José Medeiros Vieira travou luta tendo como objetivo fazer com que as ‘Faculdades’ (embrião da hoje Univali) ficassem sob administração da SIES – Sociedade Itajaiense de Ensino Superior – e não sob comando da Prefeitura de Itajaí como queriam a comunidade acadêmica e a maioria das autoridades constituídas. Era uma luta sem tréguas que no final iria definir se a primeira instituição de ensino superior de Itajaí ficaria em mãos de particulares ou na esfera pública. Depois de muitas batalhas judiciais e de corpo-a-corpo, onde não faltaram bate-bocas, traições, rancores e dedos na cara até mesmo entre aliados e amigos de longa data, o prefeito Carlos de Paulo Seára (Lito) resolveu, já no ano de 1968, criar uma Comissão Especial para substituir os donos da SIES no comando das “faculdades”. Essa Comissão estava composta por nomes ilustres da cidade: Lauro Mussi, Moacyr Werner, Florisvaldo Diniz, Moacyr de Társia Morisco, Padre Zeno Schweitzer e Roberto Miguel Kleis. Uma comissão de notáveis que não arrefeceu o ânimo de José Medeiros de continuar à frente da entidade custasse o que

custasse. Foi assim que, logo depois, a Procuradoria da Prefeitura requereu na justiça “apreensão dos arquivos, registros e documentos” da entidade.

As autoridades envolvidas na disputa com José Medeiros entenderam que com essa medida radical estava encerrada a disputa pela posse das “Faculdades”. Mas a questão não se encerrou definitivamente, porque a Prefeitura não conseguiu colocar as mãos em muitos documentos importantes da entidade. Segundo Florisvaldo Diniz: “*Certo foi que, nessa mesma noite, por intermédio de uma KOMBI (...) todos os livros, provas e fichas das anotações da vida escolar dos alunos de ambas as Faculdades, biblioteca e outros materiais foram totalmente retirados do prédio da SIES e cerradas as portas com travessas de madeira e pregos para que ninguém pudesse adentrar na mesma. Para onde fora o material e seu respectivo esconderijo, até hoje ninguém informou ou soube informar. Supunham algumas pessoas, mas não afirmaram, que tudo fora levado para um depósito de amigo no Município de Tijuca, mas também esse amigo nunca fora identificado.*”

Relata ainda Florisvaldo Diniz que “*O trabalho de recomposição dos documentos dos alunos e das FACULDADES, à vista dos poucos ainda encontrados no prédio da SIES (...) foi de Hércules, de mágicos e de videntes.*” As mentes mais férteis, é claro, podem imaginar que “mágicas” foram essas. Teriam, por exemplo, os novos administradores das “faculdades” inventado notas para fechar os históricos escolares dos acadêmicos?

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 30 de setembro de 2018.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando reunião da UESI

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

SUPERSTIÇÃO E PODER



É comum acompanharmos nos jornais disputas por cargos em todos os níveis dos poderes públicos e das instituições não-governamentais. Mesmo quando estão em disputa cargos não remunerados podem ocorrer processos eleitorais truculentos ou pouco republicanos. Mas, em duas instituições itajaienses, em determinado momento, todos os associados titubearam em assumir o cargo de presidente/diretor por questão de superstição. Isso ocorreu com os dirigentes do Centro Itajahyense de Xadrez em 1927 e também com a Faculdade de Direito em 1968.

O Centro Itajahyense de Xadrez foi fundado em 1924 contando com um número acentuado de associados com grande destaque social na comunidade local. Acontece que em 1927 a instituição teve de fechar suas portas porque nenhum associado quis assumir

a presidência. Morreram sucessivamente enquanto ocupavam o cargo de presidente do Centro os enxadristas Jacob Pinto e Sinval Seára. No final de 1926 o destacado enxadrista Demétrio João Schead fora eleito presidente, mas renunciou logo em seguida porque os amigos começaram a lhe sugerir que o cargo estava carregado com alguma energia negativa. Demétrio nem chegou a assumir e o Clube Itajahyense de Xadrez, sem presidente, sequer interino, acabou fechando suas portas logo em seguida. Meu vô Doca brincava com essa história que envolvia os jogadores de xadrez de Itajaí dizendo aos amigos em tom de conselho: “Faça o que bem entender, mas não jogue xadrez para não ‘intisicar’ o azar”.

O mesmo ocorreu com a Faculdade de Direito, na década de 1960. Diante de uma crise política sem precedentes o empresário Florisvaldo Diniz renunciou ao cargo de diretor. Sebastião Vieira Lins assumiu e pouco tempo depois faleceu vítima de enfarto. Foi substituído pelo professor Francisco Rangel, que também morreu em breve período de tempo. O professor Hélio Barreto dos Santos assumiu o cargo de diretor na condição de interino enquanto o prefeito Lito Seára procurava em vão um advogado destemido, que não levasse muito em consideração as superstições populares, para ocupar o cargo.

No final Lito Seára teve de se conformar em nomear o diretor da Faculdade de Filosofia - Mário Juarez de Oliveira – também como diretor da Faculdade de Direito, deixando-o na direção das duas faculdades até o final do seu mandato de prefeito. Mário aceitou o cargo, mas, segundo meu Vô Doca, ele despachava o máximo possível no seu escritório montado na Faculdade de Filosofia que era pra ‘não dar sorte ao azar’.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 08 de outubro de 2018, pag 10 – variedades.

2 – Foto do acervo do jornal Diário da Cidade / Magru Floriano retratando Florisvaldo Diniz.

3 - Texto alterado a 02 de agosto de 2020.

LENDAS URBANAS: A MULHER DE BRANCO



Quem costuma ouvir as pessoas de mais idade que guardam a memória de nossa comunidade está habituado com estórias/histórias envolvendo entes sobrenaturais. Esse inventário das ‘lendas’ de Itajaí busca justamente preservar nossa cultura popular [folclore] em uma forma de manifestação que está se esvaindo com o passar das gerações. Atualmente fica mais difícil aparecer novos ‘causos’ e ‘lendas’ porque tudo, absolutamente tudo é fotografado e filmado, não restando muito espaço para a imaginação e a contação de estórias.

Mas, diversos funcionários da Fábrica de Papel Itajaí, ainda no final da década de 1990, garantem que foram testemunhas de um caso de assombração. Eles afirmam terem visto, com certa regularidade, sempre no lusco-fusco dos finais de tarde, uma mulher vestida de branco andando às margens do Rio Itajaí-Mirim, bem próximo ao local onde um funcionário tinha como incumbência fechar o registro do tanque coletor de água. Vigias também testemunham terem visto a ‘mulher de branco’ vagando pela madrugada

a dentro e, por isso não arriscavam andar pelo local, preferindo ficar na parte interna ou na frente das instalações fabris, locais mais bem iluminados.

Adélia Galm relata que colheu de muitos funcionários depoimentos sobre barulhos estranhos ocorridos no escritório da empresa, instalado no segundo andar do prédio da Barra do Rio. Segundo ela, as janelas e portas batiam sem qualquer motivo aparente e, quando alguém ia averiguar o que estava ocorrendo, simplesmente nada era percebido já que janelas e portas estavam devidamente fechadas sem sofrerem a ação de vento encanado ou qualquer outro fator de interferência da normalidade. Ainda em 1997, sobrevivia entre funcionários, até os mais graduados, a lenda de que alguma força misteriosa habitava o prédio da Fábrica de Papel Itajaí.

Meu Vô Doca, já com mais de 90 anos de idade, me relatava estórias que ouvia de seus passageiros quando fazia ‘corrida’ com o seu carro-de-praça. Segundo Vô Doca, uma jovem aparentada de Mathias Dias de Arzão, provavelmente sua filha, havia ficado como guardiã de uma boa quantia de ouro que o ‘faiscador’ tinha retirado do afamado ‘Monte Tayó’ e enterrado em sua propriedade às margens do Rio Itajaí-Mirim. Acontece que alguns aventureiros, aproveitando a ausência de Mathias durante uma de suas incursões pelo interior do Vale do Itajaí, sabedores do tesouro acumulado, foram até o local tentar se apossar dele e acabaram maltratando até a morte uma jovem que ali residia. A jovem guardiã do ouro dos Arzão morreu nas mãos dos facínoras mas não revelou o local onde estava enterrado o tesouro.

Segundo ainda relatou Vô Doca, contava o povo, que a jovem antes de morrer falou que não ia decepcionar Mathias e que mesmo morta guardaria o tesouro até sua volta. Por este motivo seu espírito vagueia livre às margens do Rio Itajaí-Mirim até os dias atuais. Estaria cumprindo a missão de guardar o tesouro de Mathias Dias de Arzão o proprietário de uma sesmaria que se estendia entre a Barra do Rio e a Coloninha.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 15 de outubro de 2018, pag 05 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando a fachada da Fábrica de Papel Itajaí.

3 - Colaboraram com suas memórias: Adélia Galm, Timbuca Júnior e Hélio Garcia dos Santos.

LENDAS URBANAS: O CAPA PRETA



Dizem por aí que ‘o povo aumenta mas não inventa’. Mas será que é assim mesmo? Será que o povo só dá um tom mais forte à estória que está contando, sem incluir no enredo algo inventado ou imaginado? O folclore itajaiense é cheio dessas estórias que ganharam acréscimos populares: a noiva de branco na Barra do Rio, o morro que se movimentava para esconder dos aventureiros sua mina de ouro, o morto que não morreu, o capa preta, o bezerro com cara de jacaré ... Todas essas estórias estão guardadas na memória de nossas famílias e passam de pai para filho há muitas gerações.

Na Família Garcia, por exemplo, perdura há décadas a lenda do famigerado Capa Preta. Conta a tradição familiar que o empresário Ary Garcia, proprietário de um hotel na esquina das ruas da Matriz [hoje Hercílio Luz] com da Vitória [hoje Felipe Schmitt], na juventude dava-se também ao trabalho de exercer a atividade de inspetor de quarteirão. Foi nesse momento que apareceu por aqui um homem que atacava sorrateiramente, sempre se aproveitando da penumbra da noite, as mulheres que transitavam entre o Largo da Igreja [atual Praça Vidal Ramos] e a Rua Municipal [atual Lauro Müller] depois da missa noturna realizada na Igrejinha Immaculada Conceição.

O povo, assustado, logo apelidou o tarado de ‘O capa preta’ e passou a lhe oferecer uma tenaz caçada. Mas ninguém conseguia encontrar sequer um suspeito para por diante do delegado, já que o meliante agia sempre acobertado pela penumbra da noite tendo o fator surpresa sempre em seu benefício. Diante desse fracasso e dos repetidos e cada vez mais constantes ataques, Ary Garcia e um amigo resolveram ir para o sacrifício total: passar noites de tocaia à espera do ataque do Capa Preta.

Numa noite de lua cheia os dois amigos, bem armados com espingarda e facão, ficaram de tocaia esperando o término da missa na igreja da Immaculada Conceição. Ficaram atrás de um muro de terreno baldio próximo da esquina das ruas Municipal [atual Lauro Müller] e 15 de junho [Atual Olímpio Miranda Júnior]. O povo saiu da missa e se espalhou rapidamente pela cidade, sem que um suspeito aparecesse às vistas dos amigos camuflados. A lua já ia alta quando escutaram um grito de mulher e puseram-se a correr pela Rua Municipal atrás de um homem vestido de preto. Em um determinado momento, quando considerou que estava perto o suficiente do alvo, Ary Garcia fez posição de tiro e simplesmente apertou o gatilho de sua garrucha. Mas o homem não foi encontrado mais naquela noite, desaparecendo na escuridão. Ary e o amigo pensaram que a tocaia havia fracassado.

Mas, passada uma semana, eis que aparece no restaurante do hotel um freguês bem conhecido de alcunha ‘Olho de Cobra’ mancando de uma perna e com severas dificuldades para se sentar. Tudo indicava que recebera algum ferimento nas nádegas. Ary não teve dúvida de que seu hóspede era o famigerado ‘Capa preta’, mas nada podia fazer por lhe faltarem provas. Semanas depois o ‘Olho de Cobra’ entrou em discussão com um conhecido no ‘Café’ instalado no Edifício Olímpio [hoje esquina das ruas Hercílio Luz com Lauro Müller] matando o coitado a facadas e evadindo-se rapidamente da cidade. A verdade é que depois da saída às pressas do facínora ‘Olho de Cobra’ as donzelas católicas da cidade nunca mais foram incomodadas pelo ‘Capa Preta’, o que colocou nossas autoridades policiais diante da convicção de que se tratava da mesma pessoa.

Alguns amigos de Ary Garcia, que costumam ‘perder o amigo mas não perder a piada’ garantem que o nome do companheiro de tocaia de Ary nunca foi revelado porque este, ao contrário do que se conta, havia se vestido de mulher para atrair o ‘Capa Preta’ para a armadilha. Mas isso já é lenda urbana ...

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 23 de outubro de 2018, pag 06 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando a rua Lauor Muller

3 - Colaboração de Ary Garcia Miranda, Hélio Garcia dos Santos.

LENDAS URBANAS: MILAGRE NO CEMITÉRIO



Antes do Cemitério Municipal de Itajaí ficar localizado em definitivo no Bairro da Fazenda, como nos dias atuais, ele já esteve instalado em diversos outros locais: o primeiro ficava no ‘Outro Lado’ na localidade de Pontal; com a construção da Igreja da Immaculada Conceição o cemitério principal passou para o terreno dos fundos dessa igreja [hoje Jardim Bruno Malburg – Praça Vidal Ramos – entre as ruas Hercílio Luz, Manoel Vieira Garção e Eurico Krobel]; depois passou para o final da Rua da Matriz [Rua Hercílio Luz].

O cemitério principal da comunidade foi mudando de lugar por três motivos principais: desenvolvimento urbano acelerado; necessidade de ampliação constante; grandes enchentes. Em 1855 quando iniciou o movimento dos moradores da Freguesia do Itajahy para elevá-la à condição de vila [município] os vereadores de Porto Belo atestaram em ofício ao presidente da Província de Santa Catarina que aqui não se tinha sequer água potável para beber e ‘onde os mortos são sepultados no lodo e pântano, por

falta de terreno próprio para cemitério, tendo já ocorrido andarem animais com pedaços de corpos humanos de rasto pela povoação!’ Os vereadores de Porto Belo, obviamente, estavam falando de episódios ocorridos após grandes enchentes como a de 1851, que atingiu em cheio o pequeno cemitério da Igrejinha Immaculada.

Parece que foi justamente em um desses momentos de catástrofe que ocorreu um episódio que ficou gravado no imaginário popular itajaiense por longa data. Conta a lenda que após uma grande enchente [talvez a enchente de 1880], quando a cidade tentava voltar à sua normalidade, uma das primeiras providências, por questão de saúde pública, fora dar uma boa arrumada no cemitério. Acontece que, para espanto de muitos, encontraram entre as sepulturas abertas e destruídas pela força da água do Rio Itajaí uma com característica especial: um caixão deteriorado contendo um defunto com seu corpo totalmente intacto. O grupo de trabalhadores não quis saber de explicações e saiu correndo pela cidade espalhando a notícia do milagre no ‘campo santo’ onde um defunto se recusava a morrer.

A romaria ao local não tardou a ocorrer, com o padre perdendo horas e mais horas tentando explicar para os mais humildes que se tratava do corpo de um empresário que morreu na Alemanha quando ali foi buscar tratamento médico para sua doença. Como o tratamento não surtiu o efeito desejado, veio o abastado empresário a falecer ainda na Alemanha, tendo seu corpo embalsamado para ser enterrado aqui no jazigo da família. Mas a notícia do milagre tinha corrido como rastilho de pólvora e o povão não tinha estudo suficiente para saber de coisas complicadas como esse negócio de ‘embalsamar corpo’.

Segundo os ‘cultuadores’ de histórias populares, como foi o caso do meu Vô Doca, a história do milagre do alemão perdurou por década até que todo o cemitério de trás da Igrejinha da Immaculada foi transferido para o final da Rua da Matriz e início da Rua Brusque.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 29 de outubro de 2018, pag 08 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o jardim bruno Malburg na rua Hercilio Luz.

3 - Colaboração da memória de Paulo Malburg e Hélio Garcia dos Santos.

LENDAS URBANAS: POTES DE OURO EM CABEÇUDAS



Na Segunda Grande Guerra os descendentes de alemães foram retirados do litoral catarinense para evitar que dessem apoio logístico às operações dos submarinos nazistas no Atlântico Sul. Como sabemos, esses submarinos torpedeavam os navios mercantes [com carga e passageiros] promovendo danos irrisparáveis à economia brasileira e causando grande aflição às famílias catarinenses. Ainda por conta da guerra contra a Alemanha muitos cidadãos itajaienses tiveram de montar guarda em nossas praias para não deixar os submarinos serem abastecidos e, as cidades ficavam às escuras para não oferecer aos inimigos pontos de referências noturnas para desembarque.

Cada vez que um navio era torpedeado no nosso litoral os olhos da população também se voltavam aos alemães residentes no Vale do Itajaí e as hostilidades eram crescentes. Os comerciantes alemães que guardavam em suas residências uma boa quantia de moeda circulante, o ‘réis’, diante do cenário de incertezas oferecido pelo conflito mundial utilizavam de diversos recursos para esconder o seu dinheiro. Contavam para isso com a ajuda de amigos comerciantes de outras nacionalidades, principalmente portuguesa e brasileira.

Olímpio Miranda Júnior era um desses comerciantes. Era muito amigo dos descendentes alemães, incluindo aqueles que possuíam casas no Balneário Cabeçadas. Em um tempo tão difícil, de total hostilidade para com os alemães, diz a memória da família Miranda que Olímpio mandava seu filho Guido Otávio Miranda passear por Cabeçadas, fazer de contas que estava ‘matando tempo’ e apenas observando a paisagem, para recolher o dinheiro dos comerciantes alemães para depósito seguro. A senha para localizar as casas ‘endinheiradas’ era aquela tradicional – um pano branco na janela. Guido recolhia rapidamente o dinheiro e trazia para o Centro da cidade fazendo do comércio da Família Miranda um verdadeiro banco. Vô Doca garantia que o dinheiro dos alemães era primeiro levado para o Hotel Cabeçadas e era dali que ia para as mãos de um ‘banqueiro’ amigo.

Mas, conta a lenda, que muitos alemães também preferiam ter um plano alternativo para caso o ‘Banco do Miranda’ ser descoberto pelas autoridades getulistas. Conforme rezava a tradição, era muito seguro enterrar dinheiro, principalmente no formato moeda. Assim, muita fortuna foi enterrada lá para os lados de Cabeçadas. Acontece que o governo Getúlio Vargas em determinado momento resolveu transferir algumas famílias germânicas para fora do litoral, lá para o interior próximo a Rio do Sul, e, em 1942, fez uma grande reforma no padrão monetário, substituindo o ‘réis’ pelo ‘cruzeiro’. Desta forma muitos ‘exilados’ quando retornaram ao litoral desenterraram centenas de moedas que não valiam mais nada.

Por outro lado, sobrevive ainda em algumas famílias itajaienses a lenda de que muitos potes de moedas de ouro e prata continuam enterrados nos morros de Cabeçadas e que os arco-íris indicam suas localizações.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 05 de novembro de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Colaboração de Ary Miranda Garcia.

3 - Texto alterado a 04 de agosto de 2020.

4 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando Cabeçadas

LENDAS URBANAS: O MONTE QUE MUDA DE LUGAR



Das lendas itajaienses a mais antiga e mais incrível é aquela que fala sobre o Monte Tayó. Fala-se dele desde os primórdios da colonização do Vale do Itajaí com a chegada dos Arzão, tradicional família de bandeirantes que colonizou São Francisco do Sul e todo o nosso litoral. Quando Vasconcelos de Drummond veio para Itajaí com a missão de montar uma colônia às margens do Rio Itajaí-Mirim, isso em 1820, também perdeu um bom tempo tentando encontrá-lo, já que sua fama corria o mundo. O Monte Tayó seria um monte encantado?

Encontramos diversos relatos sobre o Monte Tayó na literatura histórica brasileira e mundial. O primeiro mapa que faz referência ao monte é de autoria de Juan de la Cruz Cano Y Olmedilla, datado de 1776. Depois encontramos um mapa de Louis Stanislas d’Arcy Delarochette, datado de 1807, e um terceiro, datado de 1826, de autoria de Adrien Hubert Brue. Todos sinalizam para a localização do Monte Tayó na região entre Itajaí e Brusque, próximo às margens do Rio Itajaí-Mirim. Para nós, não há dúvida de que se trata do Morro do Brilhante. Mas há quem acredite tratar-se do Morro do Baú, lá para os lados da Ilhota.

A própria localização do Monte Tayó já faz parte da polêmica, uma vez que diversos excursionistas que buscaram sua localização acabaram reconhecendo que o

monte realmente era encantado e tinha a capacidade de mudar de local assim que era avistado por um explorador, mantendo-se intocável conforme prometera ao bandeirante Arzão. Um que procurou pelo Monte Tayó foi o General José Vieira da Rosa que relatou a seguinte experiência: “... *famigerada serra, onde dizem existir [...] ricas jazidas de ouro. Este celebre morro tem fama de encantado, tem órgãos locomotores, como qualquer animal, pois pode mover-se, deslocar-se à vontade e assim esconder-se às vistas profanas. Alguma fada encantou ali um príncipe ou uma princesa que cumprirá seu fadário até que o louro metal seja arrancado das entranhas da terra. Dizem os meus crédulos compatriotas que o decantado morro tem se escondido sempre que tem sido procurado, e que jamais alguém logrou subi-lo sem arriscar a perder a vida*”.

J. G. dos Santos Silva escreve, por volta de 1887, que ‘[...] *o que sei dessa crença vulgar no Tayó [...] as primeiras notícias que adquiri foi pela tradição [...] o Tayó aparece e tem sido visto a 8 ou 10 léguas de distância e talvez menos, mas por mais que andem para ele, nunca lá chegam, e continua-lhes parecer sempre distante [...]*’

Segundo a cultura popular, o Monte Tayó não podia mais ser encontrado porque ficou encantado após a morte do faiscador Arzão, seu descobridor e único desbravador. No leito de morte, Arzão havia pedido ao monte não revelar seu tesouro àqueles que não lhe tinham acreditado, e até o ridicularizado, quando deu a notícia sobre a descoberta da grande mina de ouro. Assim, sempre que um explorador se aproxima os entes que guardam o tesouro do Monte Tayó usam de vários feitiços para iludir visualmente os visitantes, impedindo sua descoberta definitiva.

Seria o Monte Tayó encantado? Disso jamais saberemos, mas uma convicção a história guarda: depois do primeiro Arzão mais ninguém pôs os olhos no grande tesouro guardado nas entranhas do Monte Tayó.

Obs:

1 – texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 12 e 19 de novembro de 2018, pag 07 – variedades.

2 - Foto de Magru Floriano retratando Itajaí tendo ao fundo o Morro do Baú

3 - Texto alterado a 04 de agosto de 2020.

A SANTA CEIA E O MULA SEM CABEÇA



Ao longo dos tempos a população itajaiense conviveu com alguns grupos mais fechados que se constituíam como a elite da elite. Eles se distinguiam entre todos como se estivessem em um castelo no cume de um outeiro. Mas o povo não perdoava e, por vingança ou chiste, acabava batizando o grupo sempre em tom de brincadeira. Assim surgiram grupos com nomes como: A República de Cabeçadas, A Santa Ceia, A Santíssima Trindade e Os Cavaleiros do Apocalipse. Mas a cidade também nos apresentou ao passar dos anos com algumas figuras que brilharam sozinhas como um ‘Dom Quixote de la Mancha’ ou a ‘Mula sem cabeça’.

O mais famoso desses grupos foi ‘A República de Cabeçadas’ liderada pelo governador Irineu Bornhausen e os industriais do Vale do Itajaí acionistas do Inco – Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina. Depois de algum tempo o nome passou do campo das facécias para o de status máximo da elite catarinense. Até hoje alguns ainda olham em direção à Cabeçadas e vaticinam: ‘Eis nossa República! A República de

Cabeçadas!’ Era como se ‘A Pequena Pátria’ de Marcos Konder tivesse sofrido sua ‘Revolução Liberal’ e decretado a República a partir da pequena Cabeçadas.

Outro grupo que marcou história em Itajaí foi intitulado de ‘A Santa Ceia’. Liderado pelo influente político e editor do Jornal do Povo – Abdon Fóes – o grupo tinha uma mesa cativa nos eventos da Sociedade Guarani. Ela ficava à esquerda de quem adentrava ao salão, de forma que ninguém pudesse fazer de conta que não estava vendo suas figuras proeminentes. Constituía a ‘Santa Ceia’: Juca Schmitt e esposa Jaci; Cesar Pereira e esposa Yvonne; José Bonifácio Malburg e Celinha; Arnaldo Heusi e esposa, Abdon Fóes e Lilli. Esporadicamente aparecia por ali o casal Irineu Bornhausen e Marieta.

O terceiro grupo é aquele constituído pelos históricos de nossa política: Nelson Heusi, Paulo Bauer e Lito Seára. Em determinada época os três não perdiam um evento social de Itajaí. Sempre trajando terno completo – o Nelson com seu cravo na lapela – chegavam e, para alegria da claqué, alguém murmurava em tom jocoso: ‘Podemos começar a cerimônia que a Santíssima Trindade acaba de chegar’.

Por último lembro dos ‘Cavaleiros do Apocalipse’. Um grupo integrado pelos rebeldes Elias Adaime, José Eliomar da Silva [Timbuca] e Dalmo Vieira. Eles eram reconhecidos na cidade por suas penas afiadas sempre apontadas para os olhos dos opositores políticos. Das páginas do pequeno jornal **O Correio** ao grandioso **A Nação** e o **Diário**, saíam sempre críticas mordazes aos adversários políticos. Elias Adaime maltratou o prefeito Frederico Olíndio de Souza; Timbuca não perdeu nem as freiras administradoras do Hospital Marieta; Dalmo Vieira deixou marcas profundas na imagem política do prefeito Arnaldo Schmitt Júnior.

Na imprensa ainda tinha o JOMASO - proprietário do jornal O Popular. Ele era nomeado por alguns de ‘Dom Quixote de la Mancha’. Mas era um solitário que não tinha o prazer de compartilhar sequer da companhia atabalhoada de um Sancho Pança. Agora, temos em Itajaí um figuração semialfabetizado que escreve sobre tudo, inclusive livros sobre a História de Itajaí. Já tem gente falando tratar-se da ‘Mula sem cabeça’. Mas isso é presente, e faz-se necessário que o presente vire passado para que possa ser assunto de nossos artigos. Deixemos, portanto, a mula vagar pelos pastos da cidade sem ser incomodada.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 27 de novembro 2018, pag 07 – variedades.

2 – O texto contou com a memória de Paulo Malburg, Timbuca Júnior e Hélio Garcia dos Santos

LENDAS URBANAS: A BAIXADA DO JACARÉ



Eu nasci em 1956 em uma localidade que ficava entre a Baixada do Jacaré, Coloninha e Barra do Rio. Mas era comum dizer que morava na Rua Blumenau, porque a Rua Max era uma transversal dessa importante via pública que servia de referência para todos que moravam na zona norte da cidade. Naquele tempo era difícil encontrar uma rua e localidade com nome oficial posto pela Câmara de Vereadores e o povo acabava inventando algum nome para utilizar como referência. A Rua José Pereira Liberato, por exemplo, por muito tempo era conhecida como Rua do Jacaré, Rua do Rio Pequeno, Caminho dos Alemães ...

Quando o padre Agostinho Stahelin chegou à Itajaí para catequizar na região atualmente conhecida como São João e São Vicente, em 1968, essas localidades ainda eram conhecidas como Baixada do Jacaré e Vassourão respectivamente. A região mais ao norte era conhecida historicamente como Barra do Rio, ao sul correndo a Rua Blumenau era a Coloninha, e a oeste o Rio Pequeno ... O padre achou alguns desses nomes

populares muito depreciativos, conforme seu testemunho em entrevista concedida ao Jornal do Povo de 16 de agosto de 1980: “*Queria o nome das ruas e não existiam. Quando eu atendia no expediente o pessoal vinha e dizia: moro no Beco da Bananeira, do Sapo, do Cantagalo, do Chumbeiro, do Cepilho, do Abacate (...) quando fui registrar o terreno [da igreja] o local não era denominado Bairro São João e sim Bairro do Jacaré (...)*”

Mas porque a área central do atual Bairro São João recebeu o nome de Baixada do Jacaré e a Rua José Pereira Liberato aparece em mapas antigos da Prefeitura com a designação de Rua do Jacaré? Quando pequeno eu ouvi dizer que esse nome fazia referência a um morador muito popular que tinha o apelido de Jacaré. Também ouvi dizer, ainda na década de 1960, quando estudava no Henrique da Silva Fontes e frequentava as missas do padre Agostinho, que o nome fazia referência à existência de jacarés nas áreas de banhado que foram sendo aterradas aos poucos. Meu Vô Doca apimentava essa segunda versão garantindo que realmente era comum encontrar jacarés nos banhados às margens do Itajaí Pequeno e que um em especial chamou a atenção de todo mundo: um jacaré que nasceu com o corpo de bezerro.

Muitos anos depois, lendo os jornais antigos guardados pela Fundação Genésio Miranda Lins, encontrei uma estória muito parecida com aquela que ouvira do Vô Doca, só que acontecendo em outro local da antiga Itajaí. Segundo o jornal: “*Há dias, no sítio de Antonio Martins, na Pedra de Amollar, uma vacca deu á luz um bezerro que era um phenomeno teratologico dos mais curiosos. O corpo tinha a conformação natural, mas a parte superior d’esto, como da cabeça, em vez de pellos, era coberta de escamas eguaes ás de jacaré. Apenas as pernas eram sem defeito.*”

Jamais ficaremos sabendo se é história ou estória o que ouvimos sobre o nascimento de um jacaré-bezerro ou bezerro-jacaré, mas fica a convicção de que alguma coisa ocorreu de estranho no Itajaí de antigamente porque, como há muito já sabemos, o povo distorce mas não mente, aumenta mas não inventa.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 04 de dezembro de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo do Diário da Cidade / Magru Floriano retratando a Praça da Alegria no Bairro São João.

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020.

LENDAS URBANAS: O OURO DA POLACA



Itajaí iniciou sua trajetória de desenvolvimento à beira do Rio Itajaí numa localidade conhecida como Estaleiro – hoje conhecida como Praça Vidal Ramos. Quando Agostinho Alves Ramos chegou por aqui, por volta de 1822, comprou um terreno no local e ali também montou seu próprio estaleiro para praticar a arte tradicional da carpintaria de ribeira que muita fama emprestou para a nossa comunidade no antigamente. Foi essa fama que trouxe para o Estaleiro uma grande embarcação que ficou conhecida de todos como **Polaca** e nos legou a lenda da arca de ouro enterrada na Praça Vidal Ramos.

O ancião Antônio da Costa Flores ao relatar suas memórias sobre Itajaí a partir de 1840, publicadas por Pedro Ferreira e Silva no jornal Novidades de 1907, faz referência a uma grande embarcação estrangeira que aqui permaneceu por longo período visando promover reparos em sua estrutura. Diz Antônio da Costa Flores: *“Pouco depois de eu estar aqui, chegou para ser consertada uma ‘Polaca’ (...) foi puxada para o lugar em que está hoje o jardim fronteiro à matriz; dizia-se que era de Gênova e vinha não sei se de Montevideú ou Buenos Aires; pertencia a um tal ‘Balão’ que trouxe nela muitos homens*

(...) e o material necessário para construção de navio, exceto madeira. Para agasalhar essa gente foi construído um vasto rancho no lugar (...). Os consertos da 'Polaca' foram muito consideráveis; duraram bastante tempo; muitas pessoas aqui tiveram de auxiliá-los, procurando madeiras pelos nossos matos, trazendo e fazendo outros serviços. Os pagamentos eram feitos em dinheiro de ouro. Itajaí nunca tinha visto tanta animação no trabalho e circular tanto dinheiro'.

Muitos anos depois, Vô Doca também me garantiu ter ouvido alguns passageiros do seu carro-de-molas insistirem com a ideia de que o proprietário da **Polaca**, um tal Barão, com medo de ser assaltado, havia enterrado um baú abarrotado de moedas de ouro em pleno Largo da Igreja – hoje Praça Vidal Ramos. Agora, recentemente, quando o Aducci resolveu por abaixo o prédio da antiga Cia Asseburg, no lado direito da praça, eu fiquei de olho em tudo. Lembrei do Vô Doca e da convicção que me passava sobre as moedas de ouro enterradas no local. Perdi horas vendo as máquinas trabalhando e ouro que é bom nada. Se bem que as máquinas não ‘cavocaram’ fundo o terreno e até me passou pela veneta de pegar uma pá para fazer uns buracos por ali de madrugada, tentando a sorte grande.

Se o tal Balão [ou Barão] enterrou ou não enterrou um baú cheio de moedas de ouro na Praça Vidal Ramos só gerações futuras poderão confirmar ou desmentir. Será no tempo em que os proprietários resolverem construir por ali um edifício e ‘cavocarem’ mais fundo todo o terreno. Até lá fica valendo a lenda do ouro da Polaca enterrado na Praça Vidal Ramos. Afinal, como diz o dito popular: ‘Se ninguém consegue desmentir, mentira não é’.

Obs:

1 – texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 11 de dezembro de 2018, pag 07 – variedades.

2 – Foto da série postal de Immanuel Currin – coleção Magru Floriano.

VAI QUE É UM PENTE PIPI



Uma das lendas urbanas de Itajaí que persiste na memória coletiva é a história tragicômica do portuário Pipi. A façanha está tão viva no folclore local que merece inúmeras versões. Através de depoimentos conseguimos recuperar quatro dessas maneiras diferentes de contar essa história que se tornou uma das mais populares de nossa comunidade. Pipi nasceu em Itajaí a 18 de abril de 1940 recebendo o nome de Valmir Luís Ramos. Foi jogador de futebol profissional em Joinville, Timbó e Itajaí. Também trabalhou no Sindicato dos Consertadores do Porto de Itajaí. Esse personagem folclórico mereceu até uma reportagem especial da consagrada revista Sopa de Siri, de onde retiramos a versão oficial contada pelo próprio protagonista.

Diz Valmir Luis Ramos em entrevista a Álvaro Castro que o episódio ocorreu no ano de 1958 *‘Lá, pelas três da manhã, eu e o Fermiano tava tomando ‘umas’ num bar que ficava perto de onde hoje é o Açougue do Pedrão [Avenida Sete de Setembro], quando Fermiano me mostrou a barriga cortada de navalha, dizendo que foi o Chico – o filho do Luiz Durão. Eu já tava muito bêbado, mas corri pra cima do Chico. Tropecei no trilho do trem e recebi uma navalhada na testa e outra na parte de cima da perna direita.’*

Mas, a versão oficial contada pelo próprio Valmir ‘Pipi’ não tem graça nenhuma. É apenas mais uma briga de bar entre bêbados. Por isso que o pessoal circula outras versões, onde aparece a tradicional sentença *‘Vai que é pente, Pipi!’*. O próprio Álvaro Castro faz referência à versão popular de que a briga teria ocorrido no Mercado Público: *‘A história que se repete no folclore itajaiense é que o homem que brigava com Pipi, de vez em quando levava a mão no bolso traseiro como que ameaçando sacar uma navalha. Os amigos que assistiam a briga encorajavam Pipi gritando ‘Vai que é pente, Pipi!’.* Pipi empolgara-se e partira para cima do homem que puxou uma navalha e com ela desferiu-lhe golpes na testa e na perna.’

Outra versão quem nos conta é Leonel Souza. Segundo ele a briga teria ocorrido no ‘Bar do Joca Torquato’ – entre as ruas Heitor Liberato e Alfredo Trompowski – quando Pipi ainda era jogador do Fiúza Lima. *“Pipi estava incomodando os demais fregueses e o Joca resolveu colocá-lo pra rua do seu estabelecimento. Pipi, completamente bêbado, ameaçava entrar novamente no bar e o Joca colocava a mão no bolso de trás da calça, dando a entender que iria puxar um canivete ou navalha. A turma que ‘perdia o amigo, mas não perdia a farra’, orientava: ‘Vai que é pente, Pipi!’ Como o Pipi gostava de ser popular, não querendo decepcionar seus amigos, encheu-se de coragem e encarou o Joca. Mas assim que colocou o pé dentro do bar levou diversas estocadas e o sangue melô na hora.”*

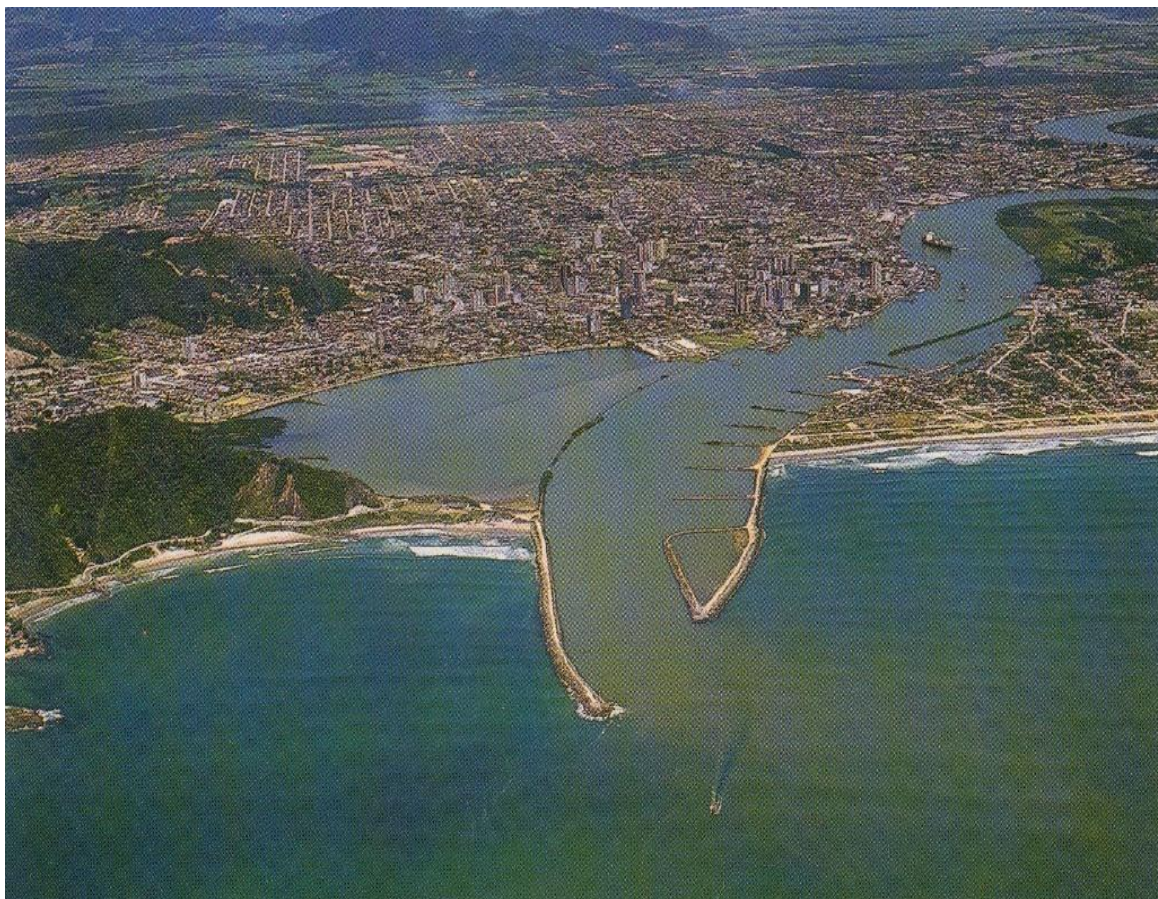
O certo é que depois desse episódio a frase passou a ser referência para indicar que uma pessoa está entrando numa enroscada. Quando, em Itajaí, alguém escutar a sentença *‘Vai que é pente, Pipi!’* sai de fininho que é fria.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 17 de dezembro de 2018, pag 08 – variedades.

2 – Foto de Álvaro Castro – Revista Sopa de Siri – retratando Valmir Luis Ramos – PIPÍ.

A RUA DOS VELHACOS



Até bem pouco tempo atrás Itajaí era uma cidade que possuía poucas ruas com nomes oficiais. Era normal as ruas serem conhecidas por nomes colocados por populares a partir de alguma referência aceita por todos, como o nome do seu morador mais importante ou características físicas do lugar. Mas volta e meia um nome depreciativo também pegava. Ainda não faz muito tempo a Prefeitura de Itajaí tentou colocar o nome de Governador Irineu Bornhausen à avenida que cortou o Bairro São João, mas o ‘Véio Dalmo’ do Diarinho e o povão a rebatizaram de **Caninana**. Essa luta histórica entre nomes oficiais e populares sempre deu muita confusão. A maior delas aconteceu com uma rua de Navegantes conhecida popularmente como Rua dos Velhacos.

No ano de 1958 a Prefeitura de Itajaí mantinha um órgão autônomo denominado de Diretoria da Fazenda. O diretor da Fazenda era Osvaldo da Silva Campos e o fiscal lançador dos impostos era Otávio Espíndola. Acontece que essa diretoria ao lançar o

Imposto Predial Urbano – o nosso atual IPTU – do Bairro de Navegantes, colocou nos carnês o nome popular das ruas uma vez que muitas sequer tinham nomes oficiais instituídos pela Câmara de Vereadores. Foi assim que os navegantinos que moravam em determina rua do Pontal receberam seus carnês com o endereço indicando ‘Rua dos Velhacos’. A gritaria foi geral e acabou nos jornais para deleite da oposição.

O jornal **Itajaí** publicou matéria nos seguintes termos: “*A Prefeitura Municipal de Itajaí, ao extrair os talões de Imposto Predial de tôda uma rua em Navegantes pôs simplesmente estas indicações como endereços dos contribuintes: ‘Rua dos Velhacos – Navegantes’. Não foi um caso isolado. Tivemos nesta redação mais de dez talões com o mesmo enderêço. Passadas as eleições, podemos afirmar agora, sem demagogia: Não se trata de ‘rua dos velhacos’. Trata-se de tôda uma zona de pescadores pobres que, certamente, encontram grande dificuldade em resgatar os impostos dos seus modestos casebres. Que não se justifica, em hipotese nenhuma, e que a Prefeitura, oficialmente, em avisos de lançamentos preenchidos e assinados, use uma denominação inexistente para ofender àqueles que não possam estar em dia com os seus impostos.*”

Na edição seguinte a Prefeitura de Itajaí publicou uma extensa ‘Nota de Esclarecimento’ tirando a culpa de cima do prefeito e colocando-a nos funcionários da Fazenda. Acontece que o texto de esclarecimento manteve a ofensa aos moradores já que declarou diretamente que “*Infelizmente, o lamentavel lapso decorreu na oportunidade da coléta de dados para o citado tributo, quando para controle interno desta Repartição valeu-se o fiscal lançador das informações recebidas, e esta denominação para uso interno serve apenas para sua identificação, e por assim ser a mesma conhecida pela população daquele bairro, cuja origem não cabe nesta oportunidade, apreciar.*”

Então ficou assim, mesmo depois da ‘Nota de Esclarecimento’ da Prefeitura de Itajaí, a Rua dos Velhacos era realmente a Rua dos Velhacos.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 27 de dezembro de 2018, pag 06 – variedades.

2 – Foto do acervo do jornal Diário da Cidade / Magru Floriano retratando a foz do Rio Itajaí.

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

REPÚBLICA GOSTA DE IMPOSTO



Os cidadãos brasileiros há muito estão cansados de pagar impostos sem que tenham o devido retorno por parte da administração pública. A corrupção, que é histórica no País, drena para os bolsos particulares dos agentes públicos boa parcela do dinheiro que os contribuintes pagam para ter qualidade em setores essenciais como educação, saúde e segurança. A verdade é que a República sempre gostou de cobrar impostos e os agentes públicos sempre gostaram de desviar uma boa parcela dos valores arrecadados para seus próprios bolsos. Nisso resulta uma equação perversa: o Estado sempre necessita cobrar mais impostos e o cidadão sente que essa medida não resolve problema algum.

A Câmara de Vereadores de Itajaí aderiu oficialmente ao regime republicano na sessão ordinária de 26 de dezembro de 1889. A 07 de janeiro de 1890 o governador Lauro

Severiano Müller dissolveu a Câmara e criou o Conselho de Intendência Municipal, nomeando sete novos conselheiros. Acontece que na primeira sessão após a solenidade de posse os senhores conselheiros tomaram a decisão de criar o imposto de dois por cento sobre produtos exportados e um por cento sobre os importados pelo Porto de Itajaí. Os usuários do Porto, liderados por comerciantes de Blumenau, promoveram pressão sobre o governador que, logo em seguida, desfez a decisão do Conselho tornando sem efeito o primeiro imposto republicano de Itajaí. Os conselheiros ficaram indignados com o governador e atritados com todos os comerciantes do Vale do Itajaí. Diante do ambiente conflitante o presidente do Conselho – Emanuel Pereira Liberato – pediu demissão a 21 de junho de 1890, e desencadeou para valer a primeira grande crise política do regime republicano em Itajaí que iria desaguar na adesão de republicanos históricos à Revolução Federalista.

Se os conselheiros de Itajaí não lograram êxito em cobrar imposto municipal sobre as atividades portuárias isso não significou que os empresários do Vale do Itajaí tenham levado vantagem fiscal. Acontece que o governador anulou o imposto itajaiense porque ele próprio aprimorou, e muito, a máquina de arrecadação do Estado de Santa Catarina criando impostos sobre atividades de exportação/importação e até aumentando as taxas de praticagem e outros serviços essenciais oferecidos pelo Porto. Lauro Müller criou postos de fiscalização nas divisas com os demais estados e aprimorou o poder do Estado em arrecadar cada vez mais.

Então está dito que aumentar imposto está no DNA da República e a corrupção está no DNA dos políticos brasileiros. Imposto e Corrupção são irmãos republicanos siameses. Todo político que durante uma campanha eleitoral promete acabar com a corrupção e cobrar menos imposto é simplesmente um grande mentiroso que atenta contra a natureza da própria República. Daí que o lema Positivista ‘Amor, Ordem e Progresso’ que passou para a nossa bandeira com a supressão do Amor, ficando apenas ‘Ordem e Progresso’ deveria ter a redação final ‘Ordem, Progresso e Amor ao Imposto’.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 07 de janeiro de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando Lauro Severiano Müller.

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

LENDAS URBANAS: PRAGA DE PADRE PEGA?



Antigamente quando alguém queria falar mal de um padre começava com a sentença popular *‘Todo homem santo escolhe um pecado capital para não cumprir’*. Essa era a senha para começar a falar mal de um padre que supostamente teria cometido um dos sete pecados capitais: gula, luxúria, avareza, ira, soberba, preguiça, inveja. O pecado capital mais praticado pelos padres do antigamente era a Ira. Vira e mexe temos notícias de jornal mostrando que um determinado padre exagerou na violência verbal para cima de um membro do seu rebanho. Já falamos anteriormente do padre José Locks que provocou a ‘Batalha do Quilombo’ entre fiéis protestantes e católicos na Rua Blumenau. Meu Vô Doca vivia contando histórias do monsenhor Vendelino Hobold e sua cruzada santa em nome dos valores da família cristã.

Muitas vezes, no auge da fúria, o homem santo largava uma praga pra cima do desafeto. Essas pragas proferidas por padre geralmente viravam lendas urbanas, persistindo na comunidade por gerações, sempre contando com versões atualizadas pelos contadores de casos. Uma das ‘pragas’ mais comentadas em nossa região foi aquela proferida pelo polêmico padre João Rodrigues de Almeida à florescente Vila de Camboriú, quando ainda pertencia à Comarca de Itajaí. Diz a lenda que o padre João Rodrigues não queria de jeito nenhum que a sede administrativa fosse transferida da ‘Barra’ para o ‘Garcia’ – onde hoje fica o Centro do Município de Camboriú. Ele sustentou essa situação até o advento da República. Mas com a Proclamação da República a balança pesou para o lado adversário e a sede foi transferida. No dia que o padre soube que os livros administrativos foram levados da Barra imediatamente montou em seu cavalo e foi da Barra até a nova sede lançando maldição e mau agouro mundo afora.

Segundo nos conta o memorialista Isaque de Borba Corrêa, quando o padre João Rodrigues chegou diante da casa de Manoel Anastácio Pereira, ainda de cima do seu cavalo, proferiu duras palavras ao opositor político garantindo que ele infringiu a lei dos homens e a lei de Deus. Em seguida lançou a maldição que ficou para a história de Camboriú: *“Eu te amaldiçoô a ti e a esse lugar miserável”*. Segundo testemunhos que foram passando de geração em geração, João Rodrigues amaldiçoou três gerações dos Pereira e a própria cidade de Camboriú por cem anos.

Até hoje, muitos moradores acreditam que a praga do padre Rodrigues realmente pegou e esta seria a explicação dos motivos que levaram Camboriú a definhar durante décadas, enquanto o seu humilde Distrito da Praia se tornava o grande Balneário Camboriú – a Dubai brasileira. Como já se passaram os cem anos da punição aplicada pelo padre Rodrigues agora vemos Camboriú crescendo a todo vapor. Fica aí então o questionamento: praga de padre pega ou não pega?

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 14 de janeiro de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o padre João Rodrigues de Almeida.

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

LENDAS URBANAS: VER SUBMARINO EM CABEÇUDAS



Entre as muitas histórias que circulam nas rodas de conversas das famílias tradicionais de Itajaí encontramos com relativa frequência narrativas sobre a vigília nas praias do nosso litoral para detectar a presença de submarinos alemães durante a Segunda Grande Guerra. Essas histórias eram sempre contadas em tom de ironia porque ninguém acreditava que um submarino alemão realmente pudesse usar as praias para se abastecer ou que viesse a oferecer qualquer perigo bélico para uma cidade do porte de Itajaí. Junto com o descrédito da maioria da população de que um submarino alemão pudesse chegar à Itajaí, tinha a triste constatação de que mesmo em momentos de dificuldades tem sempre aquele que se aproveita para tirar vantagem da situação. Sendo assim, muito espertalhão usou o pretexto da convocação para vigiar as praias para, na verdade, cair na esbórnia.

Quando, no dia 14 de julho de 2011 uma equipe de pesquisadores vinculados ao Curso de Oceanografia da Univali, Instituto Kat Schurmann e Coastal Planning & Engineering, anunciou que encontrou os destroços do submarino U-513 a 130 metros de

profundidade no mar próximo à Ilha do Arvoredo, muito da ironia presente nos relatos sobre submarinos em nossas praias perdeu o sentido porque, inacreditavelmente, os pesquisadores conseguiram provar que havia um fundo de veracidade em tudo que as autoridades diziam acerca do tema. Os submarinos realmente frequentavam o nosso litoral e poderiam utilizar de simpatizantes nazistas para se abastecerem por aqui.

O U-513 não foi o único submarino que frequentou nossas praias, mas foi o mais temido e chegou a ganhar o apelido de ‘Lobo Solitário’ ou ‘Lobo Cinzento’. Tinha quase 77 metros de comprimento e carregava 22 torpedos. A missão militar era afundar navios dos países aliados que trafegavam no Atlântico Sul. Ele chegou a afundar ou danificar cerca de 16 navios aliados, inclusive navios mercantes brasileiros que faziam rotas internacionais, como o Tutóia a 03 de julho de 1943. O Lobo Solitário foi posto fora de combate no dia 19 de julho de 1943 após receber uma carga de bombas lançada pelo hidroavião norteamericano PBM 5 Mariner, que estava operando a partir do Aeroporto de Florianópolis.

Vô Doca me contou diversas histórias envolvendo espertinhos que aproveitavam a confusão reinante naqueles tempos de guerra para levar vantagem. Segundo seu relato, um tal Veiguinha chegou a ser conhecido na roda dos amigos pelo apelido de ‘campeão’ de tanto que dizia à sua esposa que fora convocado para promover vigília nas praias. Na verdade, Veiguinha usava de falsas convocações para cair na esbórnia. Voltava para casa incólume, diante do álibi patriótico. A esposa de Veiguinha o recebia na porta, ao raiar do dia, com um beijo e café posto à mesa. Para a vizinhança não escondia seu orgulho pelo trabalho patriótico e destemido do marido. Ninguém tinha coragem de dizer a verdade para a coitada. Por conta de aproveitadores como Veiguinha que a lenda dos submarinos alemães nas praias do nosso litoral acabou sendo associada à mentira conjugal. A partir de 1943 toda vez que alguém queria ironizar a saída noturna de algum marido infiel sentenciava: ‘Lá vai mais um ver submarino em Cabeçudas’

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 21 de janeiro de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto retirada na Internet – reportagem Diário Catarinense - submarino que localizou o submarino

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

GOLEIRO, NUNCA MAIS!



No time campeão do Torneio Início da LID, em 21 de maio de 1959, em pé: Zito, Curru, Maurício, Papai, Loca, Ivo Maes e o técnico Geraldo Alves; agachados: Élio Ramos, Deba, Mima, Quico e Paulinho

Eu era fanático pelo time de futebol do Clube Náutico Almirante Barroso. Meu ídolo era Élio Ramos [Elinho]. Na década de 1960 eu saía da Rua Max, no Bairro São João e ficava na entrada do estádio do Barroso pela Rua Silva esperando uma carona para entrar de graça. Naquele tempo as crianças grudavam no bagageiro de uma bicicleta fazendo se passar pelo filho do ciclista que pagou ingresso. Sempre dava certo e eu não perdia um jogo do Barroso. Era um timão, mesmo quando perdia para o Marcílio, o que quase sempre acontecia.

Um final de semana desses de muita chuva fui assistir o jogo do Barroso contra um time de Brusque. Eis que de repente o Elinho dá uma de grosso e desfere uma bicanca na bola arrematando-a em direção à arquibancada onde eu estava. Por instinto me levantei antes dos outros torcedores, estendi os braços e ofereci o máximo de resistência que pude para parar a trajetória da bola. A bola era de couro bruto, estava molhada e parecia que pesava uma tonelada. Fiquei todo vaidoso porque tinha agarrado a bola chutada pelo ídolo barrosista. Também fiquei todo sujo e bem, torci os dois pulsos e fiquei dias com dores

horríveis, sendo tratado pelo médico da família, o farmacêutico Emin, ali da Rua Blumenau.

Passaram os anos e um dia encontrei o Elinho na secretaria do Clube de Campo Itamirim. Ele estendeu a mão para me cumprimentar e automaticamente lembrei daqueles dias em que sofri com dores pelas torções nos dois pulsos e alguns dedos devido a bicanca que ele deu na bola no jogo contra os brusquenses. Ele estranhou minha relutância em lhe estender a mão para o cumprimento e, por intermináveis segundos, ficou um clima meio esquisito entre nós: ele sem entender o que estava acontecendo e eu imaginando sentir novamente aquelas dores horríveis pelos dois pulsos torcidos. Parecia mesmo que estava sentindo dores piores que as verdadeiras e até me passou pela cabeça em dizer-lhe de forma direta ‘Grosso! Precisava dar uma bicanca?’ Coisas da mente humana... vai entender.

Até hoje guardo aquela bolada na memória. Na medida que o tempo vai passando a imagem parece que vai ficando mais nítida. Consigo ver mais detalhes da bola gomada, suja de lama com restos de grama grudados, pesada ... imensamente pesada. Lembro da torcida barrosista em delírio por Elinho ter frustrado o contra-ataque adversário e a bola sendo ‘rifada’ entre diversos torcedores que demoravam para devolvê-la ao campo.

Foi nesse dia que decidi uma coisa na minha vida: goleiro nunca mais!

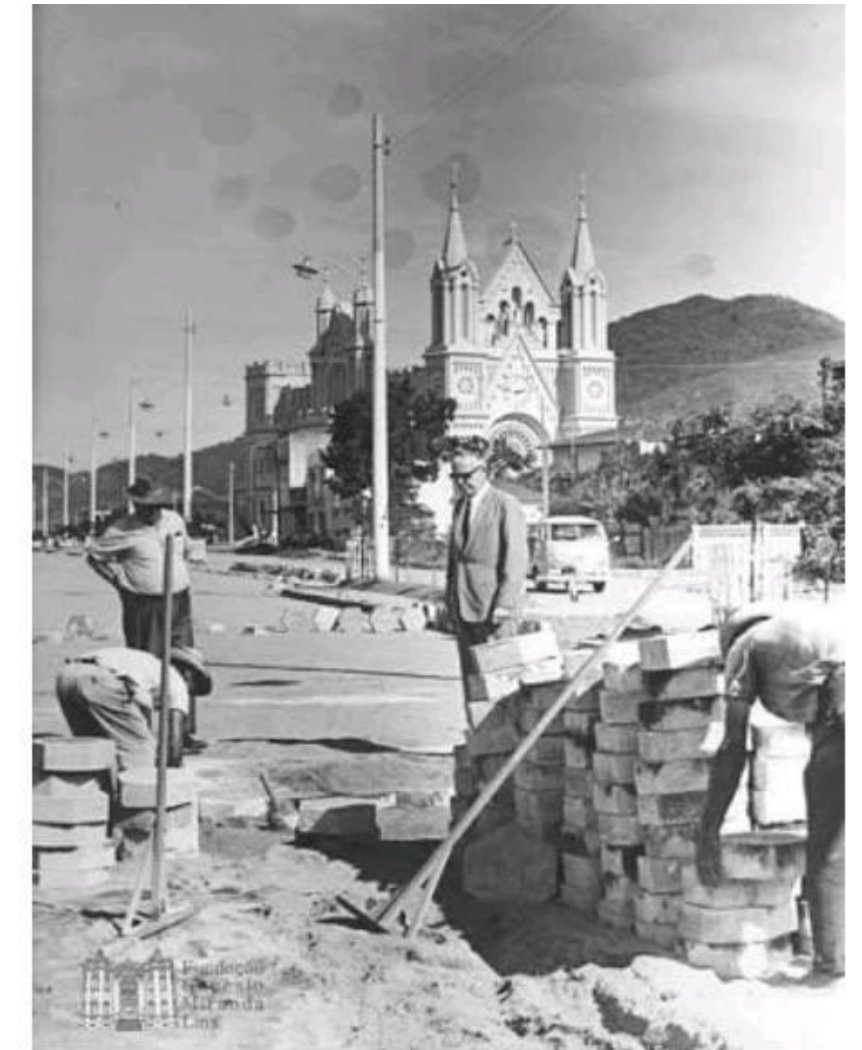
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 28 de janeiro de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto retirada da Internet a equipe do Clube Náutico Almirante Barroso de 1959.

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

E NÓIS? E NÓIS, SEU LITO?



Carlos de Paula Seára foi prefeito de Itajaí por dois mandatos nas décadas de 1950 e 1960. Era conhecido como ‘durão’ porque não dava mole para os funcionários públicos e muito menos para os contribuintes. Com ele era tudo na ponta do lápis, tim-tim por tim-tim, como se dizia no antigamente. Acordava bem cedinho e com o galo cantando já estava na rua vistoriando as obras municipais. Os peões recebiam ordens diretas do ‘Alemão’ e a cidade experimentou uma onda de saneamento sem precedentes em sua História. Foi nos mandatos de Carlos Seára que o itajaiense pegou definitivamente o gosto por ver a cidade florida e limpa, com suas ruas pavimentadas. Muita gente que vinha à

Itajaí estranhava a limpeza da cidade porque esperava uma cidade suja por ser portuária. Nada disso, com o Carlos Seára a cidade era como o jardim da sua casa.

Por não poder acusar o prefeito de desvio do dinheiro público ou qualquer outro mal-feito na administração da cidade, os adversários partiam para a ironia de sua pessoa. Daí uma propensão de atribuir apelido ao prefeito. O primeiro apelido que pegou foi ‘Carlito’ que rapidamente se tornou ‘Lito’. Junto com Lito circulava o apelido, menos confortável, porque mexia com seu caráter de durão, que era ‘Alemão’. Longe dos círculos dos amigos e puxa-sacos, porém, Carlos Seára tinha um apelido mais constrangedor: ‘Galo Cego’. O apelido fazia referência ao fato dele portar um olho de vidro. Como sempre acontece na política, a oposição não perdoa, se o político não tem defeitos como homem público, servem os defeitos pessoais mesmo. O que não pode é ficar sem falar mal dele, senão não tem eleição no ano seguinte.

Mas, Lito Seára tinha uma verdadeira obsessão por deixar a cidade limpa. Fazia o que podia para calçar as ruas de Itajaí, colocar canteiros com rosas, limpar tudo. Um dos trabalhos mais interessantes que fez, apesar de quase não aparecer às vistas do povão, foi aterrar o máximo possível os terrenos que apresentavam alagamento e ofereciam riscos à saúde pública. Como sabemos Itajaí foi construída em cima de um banhado e muitos terrenos eram insalubres. Lito foi tampando tudo que é poça d’água que encontrava pela frente retirando da geografia da parte urbana da cidade os terrenos alagadiços e fétidos. Quando não tinha macadame servia cepilho mesmo. O que não podia é ficar poça d’água parada ‘emporcalhando’ a cidade portuária mais limpa do Brasil.

Segundo nos conta o memorialista Isaque de Borba Corrêa, a oposição novamente não se conformou com essa ação sanitária do prefeito e ficou tirando uma casquinha dizendo que por onde o Seu Lito passava ouvia os sapos coaxando em tom de reclamação: ‘E nós Seu Lito? E nós Seu Lito?!’

Obs:

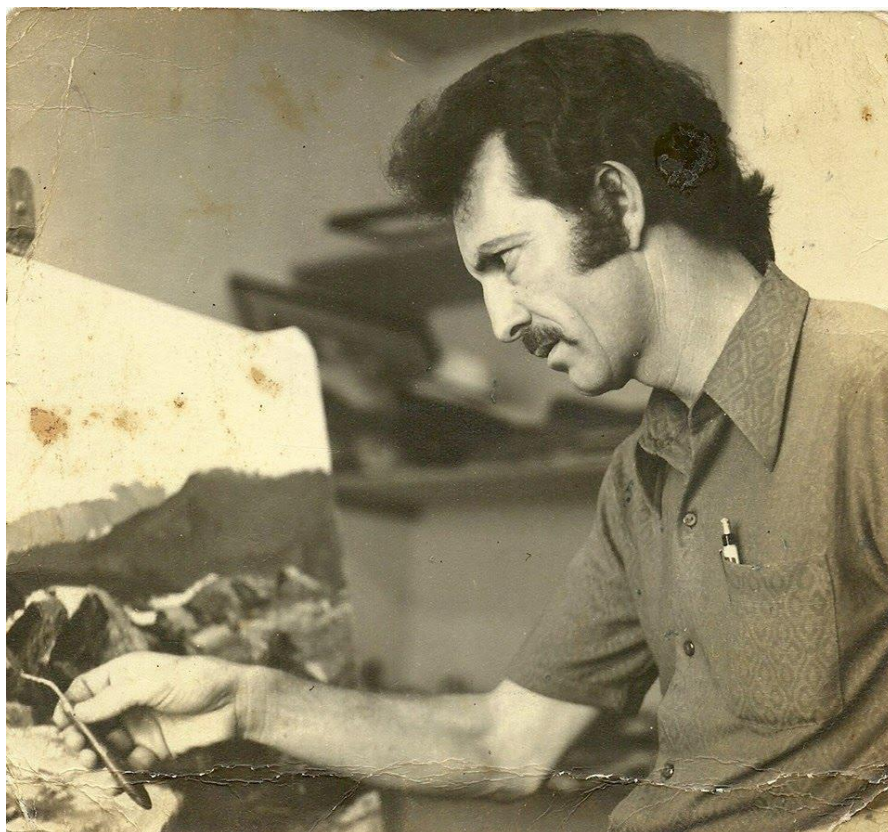
1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 05 de fevereiro de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Colaboração de Isaque de Borba Corrêa e Jurandir Knabben

3 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o prefeito Lito Seára vistoriando obras

4 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

UMA OBRA-PRIMA REJEITADA



Na década de 1970 eu e o Calinho Niehues, vizinhos na Rua João Bauer, resolvemos frequentar as aulas do artista plástico Dinyz Domingos, que possuía atelier em uma sala no segundo piso do Salão Paroquial da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. Um dia chuvoso, desses que tem tudo para a gente cabular aula, o Calinho ficou em casa e eu resolvi ir ao compromisso marcado com o mestre. Como estava sozinho, a conversa fluiu por outros caminhos, mais solta, mais dispersa, sem compromissos técnicos ou didáticos. Dinyz tocou violino para a chuva e conversamos sobre nada e tudo por um bom tempo.

No correr da conversa eu perguntei pra ele dos motivos que o levavam a fazer tantos quadros com paisagem contendo *flamboyants* floridos. A sua resposta foi surpreendente. Mudo, tirou uma tela incompleta que estava posta no cavalete ao seu lado, colocou uma nova tela e começou a pintar de improviso. Primeiro fez um Cristo, usando seu próprio rosto como referência. Uma obra-prima feita em menos de quinze minutos,

com movimentos rápidos de espátula, sem o uso do pincel. Fiquei maravilhado. Ato contínuo, raspou tudo rapidamente e fez uma arte abstrata extraordinária e, depois, sem pestanejar, desfez tudo novamente com a espátula maior.

Atento à minha reação, ao certificar-se de que eu realmente tinha tomado consciência de sua capacidade artística ilimitada, sentenciou em tom monocórdio: *“Ninguém nesse Brasil gigante ou na Europa quer saber dessa arte. Não vende! Eu tenho encomendas na Europa de paisagem com flamboyants floridos apenas.”* Senti um certo ar de melancolia em sua fala.

Recentemente, quando a Univali promoveu no seu Espaço Multiuso uma exposição contendo obras de seis artistas que uma curadoria considerou os precursores da arte visual em Itajaí, lá estava eu diante de um quadro de Dinyz. Parado diante de sua obra me veio à mente a luminosidade da tela abstrata e a coroa do Cristo sangrando, as telas recusadas há quase cinquenta anos atrás. Até hoje, quando vejo uma obra de Dinyz fico me perguntando: Como pode rejeitar obras tão extraordinárias? Tento de todas as formas compreender seu coração de artista, mas no meu íntimo fica aquela sensação de desperdício. Talvez Dinyz tenha realizado diante de mim uma das suas raras manifestações de protesto em relação ao mercado de artes.

Sem poder entender toda a complexidade de seu coração de artista me limito a guardar suas lições com carinho e admiração.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 11 de fevereiro de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto retratando Dinyz Domingos publicada no Facebook por seu filho Vê Domingos.

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

EM NOME DO PROGRESSO



Quem anda por Santa Catarina constata facilmente que Itajaí é uma das cidades menos arborizada do Estado. Aqui, sempre que um prefeito resolve alargar as ruas para dar mais espaço para os carros, ou dar um novo visual às praças públicas, antigas árvores vão ao chão impiedosamente. Nossos jornais do antigamente estão cheios de denúncias de derrubada de árvores em nome do progresso. Na década de 1950 o prefeito Irineu Bornhausen derrubou muitas árvores na Praça Vidal Ramos e cinquenta anos depois Jandir Bellini fez o mesmo. Arrancaram todas as árvores da Rua Andrade Müller, na Vila Operária [hoje Rua José Eugênio Müller] e agora o prefeito Volnei Morastoni anunciou que projeta derrubar árvores do canteiro central da Avenida Marcos Konder. Sempre foi assim e, pelo jeito, vai continuar sendo assim.

Na sua edição de 15 de novembro de 1958 o jornal ‘Itajaí’ denunciou o fato de que era usual os navios que aportavam no trapiche da empresa ‘Souza’, defronte à Praça Vidal Ramos, amarrarem seus cabos de aço nas árvores da própria praça porque o porto particular não tinha ‘cabeços’ para manter as embarcações salvas da força da correnteza do rio. A reportagem foi motivada pelo fato do navio inglês ‘Sheridan’ ter arrancado uma amendoeira e danificado outras duas ou três. Sentencia o jornal com razão: *‘É um abuso que está a merecer severa repressão de quem de direito. Se o caso tivesse ocorrido na Inglaterra com um navio brasileiro, certamente o atrevimento não ficaria impune.’*

Na edição seguinte o capitão de corveta Lauro Guaranys Guimarães, delegado da Capitania dos Portos em Itajaí, apressou em responder ao jornal defendendo as empresas envolvidas alegando que a atracação do navio ‘Sheridan’ ocorreu em situação extraordinária. Sentencia a autoridade portuária: *‘O mencionado trapiche é velho, está em péssimas condições e só é usado em último caso. Não se opera nele: é apenas um ponto de espera. Devido as chuvas e ventos reinantes na época, a amarração do navio forçou muito uma das árvores utilizadas – sempre se utilizou árvores para a amarração de navios no dito local – arrancando-a parcialmente. (...) Sr. Diretor: caso dependesse da sua opinião, como seria resolvido o impasse? V. S. deixaria o ‘Sheridan’ zarpar para outro porto ou o faria entrar sabendo que a cidade perderia três ou quatro árvores?’*

Em seguida o capitão apresenta um demonstrativo das vultosas despesas que o armador do navio e sua tripulação promoveram na cidade, justificando com o ganho econômico o prejuízo ecológico. E assim, a cidade vai crescendo sem árvores, mas à sombra confortante do ganho econômico.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 18 de fevereiro de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando a Praça Vidal Ramos.

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

ITAJAÍ PERDE UM GRANDE INTELLECTUAL



Itajaí se despediu recentemente de um filho que pode ser considerado, no estrito sentido da palavra, um intelectual. Homem de cultura extraordinária, Laércio Cunha e Silva foi advogado, editor, escritor, memorialista, assessor de políticos de destaque, dirigente de instituições culturais e promotor de eventos. Laercinho saiu de cena no dia 19 de fevereiro de 2019, às vésperas de completar 99 anos de vida, mantendo total lucidez e uma memória que servia de referência para todos os historiadores de Itajaí. É bem verdade que partiu magoado com sua cidade, considerando que nunca fora devidamente

reconhecido, lembrando do verso do inconfidente mineiro Cláudio Manoel da Costa: *‘Chora na própria terra peregrino’*.

Laércio Cunha e Silva nasceu em Itajaí, filho do casal João Francisco da Silva e Lucília de Souza Cunha Silva. Passou a infância em Blumenau onde estudou no Grupo Escolar Luis Delfino e Colégio Santo Antônio. Com o retorno da família à Itajaí estudou no Grupo Escolar Victor Meirelles. Ainda jovem ajudou a fundar e foi o primeiro presidente do Centro Cultural de Itajaí – entidade responsável pela realização de inúmeros eventos culturais e da criação da Biblioteca Vasconcelos Drummond. Radicando-se no Rio de Janeiro, concluiu os estudos básicos no Colégio Rui Barbosa, cursando bacharelado em Direito na Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas. Foi funcionário por uma década do Banco INCO – em Itajaí e Rio de Janeiro.

Empresário, foi presidente da Gráfica e Editôra Hoje S.A – Niterói-, e diretor do Jornal Hoje – Rio de Janeiro. Muito próximo de ilustres catarinenses que residiam no Rio de Janeiro e conviviam no Centro Cultural Catarinense, editou na capital diversos jornais, livros e revistas, destacando-se ‘O Cooperador’ – ‘Uma revista de catarinenses para Santa Catarina’. Essa sua convivência com ilustres catarinenses vinculados ao Centro Cultural é que lhe possibilitou legar a Itajaí o seu melhor e mais consistente ‘Anuário’ – a edição de 1959 - que teve o objetivo de comemorar a passagem do centenário de criação do Município de Itajaí.

Foi também assessor de gabinete de José Eugênio Müller, no Rio de Janeiro, e, sócio de banca de advocacia e assessor de gabinete do deputado Delfim Pádua Peixoto Filho – Itajaí e Florianópolis. Aposentado, com idade já bastante avançada, buscou o conforto de sua casa, com ampla biblioteca, à Rua João Bauer. Ali, Laercinho recebia, nos fins de fevereiro, um seletivo grupo de amigos para comemorar a passagem de seu aniversário. Nesse ano de 2019, contudo, os amigos se reuniram nesse fevereiro agonizante para lhe prestar uma última homenagem.

Resquiescat in pace !

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 25 de fevereiro de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto autoria de Magru Floriano retratando Laércio Cunha e Silva.

UM PRÍNCIPE EM ITAJAÍ



Lá pela década de 1950 Itajaí ainda era considerada uma pacata cidade interiorana, com suas ‘moçoilas casadouras’ sonhando com a chegada do seu príncipe encantado. Eis que repentinamente, não se sabe de onde, chega à cidade um jovem simpático, elegante, falante ... dizendo-se príncipe húngaro, aviador e herói das Forças Aliadas que atuaram na Segunda Grande Guerra. Logo obteve a simpatia da elite local, arrebatando os corações das mocinhas românticas e os bolsos de seus pais. Depois de aplicar diversos golpes, deixou a cidade sorrateiramente. Seu paradeiro só foi descoberto quase uma década depois pelo jornal O Popular quando já respondia pelo pomposo cargo de ministro das finanças de um país da América Central e veio ao Brasil casar com uma moça rica da Bahia.

Segundo o jornal O Popular de 15 de abril de 1958, o nome do príncipe picareta era Ladislau “*Aquêle que levou a efeito, aqui em Itajaí, nesta terra hospitaleira e boa,*

uma das mais notáveis 'filipetas' de que se tem notícia ... Que se associou a muita gente endinheirada de nossa Cidade, prometendo-lhe lucros fabulosos. Gente que, com honorabilíssimas exceções, se recusa a dar a mão a um conterrâneo idôneo, honesto e trabalhador, para início de uma carreira honrada, mas que se desdobra em generosidade, ajudando a um vigarista internacional.”

Vô Doca garante que chegou a transportar o tal príncipe em seu carro de mola. Ele era alto, magro e só andava com ternos claros. As vezes andava de luvas brancas, chapéu e bengala reta. Segundo contava, parece que Ladislau andou vendendo ações de empresas metalúrgicas alemãs e belgas para os empresários locais. Mas só depois que ele deixou a cidade é que se descobriu que eram papéis falsos, apesar de muito bem impressos. O golpe ficou meio que no anonimato porque a maioria das vítimas preferiu ficar em silêncio para não passar vergonha. Afinal, cair em um golpe de príncipe, em pleno Século XX, era mais incrível que um conto de fadas.

Os proprietários do jornal O Popular, Vendelino Hobold e Abílio Ramos, cansados de pedir ajuda aos empresários para manter a imprensa local, aproveitaram o aparecimento de Ladislau nas páginas dos jornais do Rio de Janeiro para tirar aquela casquinha com os empresários de Itajaí que caíram no golpe do Príncipe: “*Descansem, pois, seus 'sócios', que seu precioso dinheiro está em boas mãos ... E por que não se dará a uma rua local o nome de RUA PRÍNCIPE LADISLAU?!*”

Pelo jeito a sugestão não foi acatada pelos muitos ‘sócios’ do herói húngaro, porque até onde sei, nunca vi uma rua em Itajaí com o nome de Rua Príncipe Ladislau.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 06 de março de 2019, pag 09 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

FOI PARA DEBAIXO DA ESCADA



O primeiro prefeito de Itajaí eleito pelo MDB estava para tomar posse no dia 01 de fevereiro de 1983. Era o ex-deputado Arnaldo Schmitt Júnior, que de aliado da ARENA tornou-se um dos principais adversários do moribundo sistema ditatorial instituído no Brasil em 1964. Apesar de já ter passado um bom tempo do tumulto ocasionado pela eleição muitos servidores ainda demonstravam grande inconformismo com o resultado final, já que o candidato mais votado do pleito foi da ARENA – João Américo Watzco. Acontece que os dois partidos, MDB e ARENA, concorreram com dois candidatos cada, mandando a legislação eleitoral que ocorresse a soma dos votos da legenda para declarar-se o vencedor. Somando os votos de João Américo e Cídio Sandri pela ARENA e, Arnaldo Schmitt e Paulo Ternes pelo MDB, a oposição tinha mais votos.

Assim, Arnaldo sendo o segundo mais votado, acabou sendo proclamado prefeito. A ARENA ganhou mas não levou.

Muitos arenistas ficaram inconformados e não deixaram o governo ter vida fácil ao longo dos seis anos de sua primeira administração no Município de Itajaí. Segundo voz corrente entre o povo, no período de transição entre a eleição e a cerimônia de posse ocorreram inúmeros atos de sabotagem ao futuro governo que incluiu, inclusive, colocar areia misturada ao óleo das máquinas e caminhões da Prefeitura e sumir com os molhes das chaves de gavetas, armários e portas. Como nada estava digitalizado e o mundo administrativo ainda era baseado no papel, procurar um simples documento, no primeiro ano de governo, era uma odisseia.

O caso que se tornou emblemático para a administração Schmitt ocorreu justamente minutos antes de Arnaldo e Cirio Arnoldo Vicente receberem o cargo oficialmente das mãos do seu titular – prefeito Nilton Kucker. Quando Arnaldo adentrou o auditório da Prefeitura, ao lado de Cirio e Nilton, uma servidora mais exaltada exclamou em voz alta: ‘É um prefeitinho de merda, nem tomou posse e já chega atrasado ao seu primeiro compromisso oficial’. Para não estragar a cerimônia festiva Arnaldo e os demais ‘emedebistas’ fizeram de conta que não ouviram e deixaram a ousadia da servidora passar como uma breve indelicadeza.

No dia seguinte essa servidora que trabalhava no Gabinete do Prefeito foi chamada à Secretaria de Administração e removida do Gabinete para o hall de entrada da Prefeitura, ganhando escrivaninha e cadeira quase embaixo da escada, sendo responsável por recepcionar os contribuintes que precisavam de informação. Alguns correligionários do novo governo ao detectar a presença da apaixonada ‘arenista’ no local não perdiam a oportunidade de ‘entisicá-la’. Quando viam a vistosa funcionária perguntavam em tom de provocação: ‘O TEU prefeito já chegou?’, “O NOSSO prefeito está?”

Nem precisa dizer para vocês o que se ouvia em resposta né?!

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 12 de março de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Colaboração de Adilson Amaral.

3 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

4 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

AS GAMBIARRAS DO ARNALDO



No sistema democrático brasileiro nem sempre o adversário teve a grandeza de aceitar cordialmente o resultado da eleição, daí advir inúmeras estórias de represálias políticas protagonizadas pelos dois lados: perdedores e vencedores. Era comum no Itajaí de antigamente, por exemplo, transferir funcionários públicos federais para lugares distantes como Alagoas ou Pará; enquanto funcionários públicos estaduais eram transferidos do litoral para o Oeste Catarinense. Após as eleições e a constatação de infidelidades partidárias as demissões eram sumárias, assim como favores e concessões públicas, quando possível, eram rapidamente desfeitos. Prática que, mantidas as devidas proporções, é preservada até os dias atuais.

Conta o povo que uma dessas retaliações ocorreu justamente com os moradores de diversas ruas de Cordeiros e São Vicente que seriam calçadas em troca de votos. Na eleição de 1982, o pessoal da região prometera votar no candidato do prefeito Amilcar

Gazaniga - João Américo Watzco - mas quando as urnas foram abertas os eleitores de Cordeiros e São Vicente deram mais votos aos candidatos do MDB – Arnaldo Schmitt Júnior e Paulo Henrique Ternes. No dia seguinte à eleição as máquinas da Prefeitura começaram a recolher paralelepípedo por paralelepípedo informando que o material seria usado para calçar ruas em outras localidades onde o eleitor foi fiel à ARENA.

Acontece que a represália não ocorria somente em nível municipal. Como o MDB ganhou a Prefeitura de Itajaí e a ARENA ganhou o governo do Estado com Esperidião Amim Helou Filho, tendo em suas mãos os comandos da Celesc e Casan, o saco de maldades foi aberto em tempo integral. Por esse caminho da vingança que o prefeito Arnaldo Schmitt, apesar de ter feito uma verdadeira revolução na Rua Hercílio Luz, teve dificuldades para inaugurá-la porque a Celesc boicotou a obra de todas as maneiras possíveis. O boicote foi tão mesquinho que Arnaldo acabou fazendo uma gambiarra no poste que fornecia energia elétrica para a Casa da Cultura para poder inaugurar sua obra.

O mesmo acontecia no âmbito da Casan, a concessionária pública que fornecia água de péssima qualidade aos itajaienses cobrando preço de água mineral. A Prefeitura resolveu colocar uns chuveiros ao longo do calçadão de Cabeçudas para os banhistas e não teve jeito da Casan fazer a ligação dos novos equipamentos. Os chuveiros estavam no local e não corria uma gota d'água para servir aos banhistas que tinham de voltar 'salgados' para casa. Foi aí que Arnaldo novamente apelou para a gambiarra e emendou uma mangueira na rede de água da casa de um correligionário.

Obs:

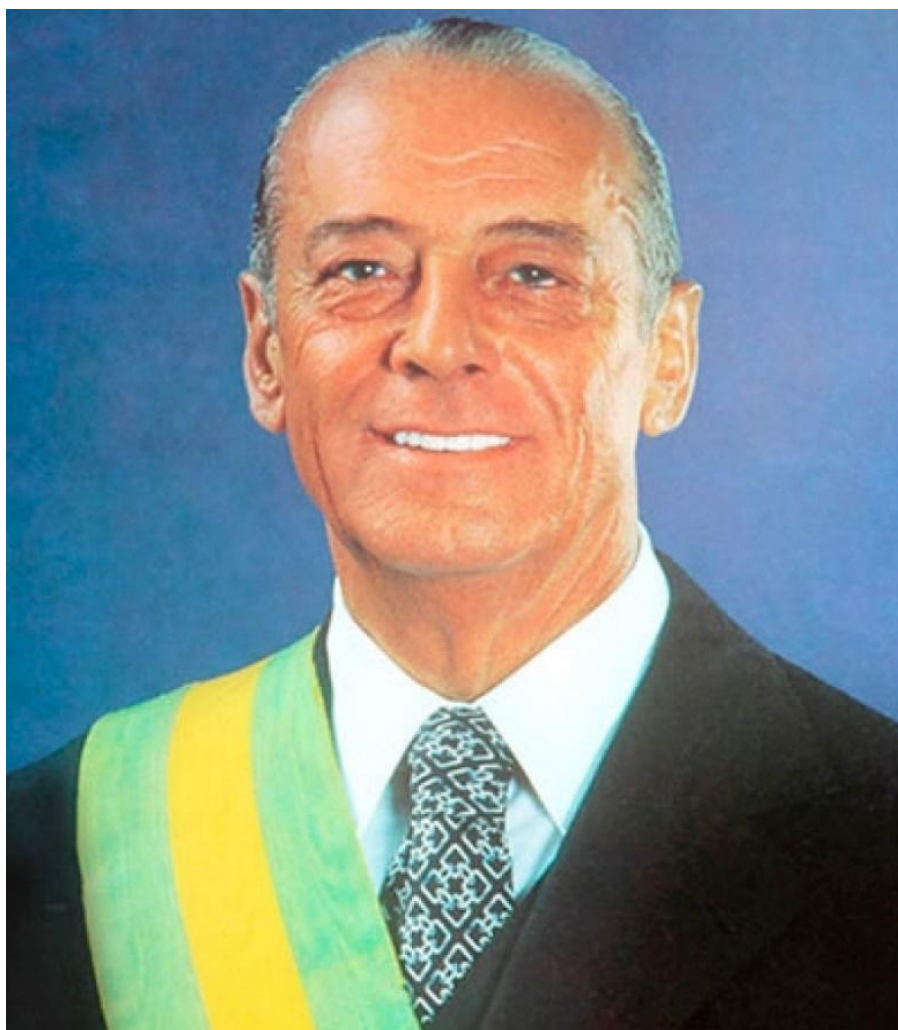
1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 18 de março de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Colaboração de Adilson Amaral, Hélio Garcia dos Santos, Timbuca Júnior.

3 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

4 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

UMA FOTO NA PAREDE



Antigamente um símbolo clássico do poder era o retrato ‘instalado’ na parede das repartições públicas. Chegava-se a fazer festas cívicas grandiosas para se ‘inaugurar’ o retrato de uma autoridade. Por isso mesmo esses retratos, muitas vezes, eram alvos de protesto por parte de algum cidadão inconformado com a autoridade homenageada por força da lei. Em Itajaí, por exemplo, tornou-se clássico o caso do retrato do governador Hercílio Luz colocado de cabeça para baixo na redação do jornal Novidades. Na Escola Alemã o retrato do Kaiser alemão, durante a Segunda Guerra, foi arrancado da parede e queimado em praça pública. Mas o caso mais interessante aconteceu na Prefeitura de Itajaí na década de 1980.

Arnaldo Schmitt Júnior [MDB] venceu a eleição de 1982 e assumiu a Prefeitura de Itajaí em Fevereiro de 1983 sofrendo toda a sorte de sabotagem por parte dos funcionários públicos

municipais correligionários do antigo governo, bem como dos governos do Estado e União – todos vinculados à ARENA. Não tinha chave para abrir armário, o caminhão ao ser ligado tinha o motor ‘fundido’ porque colocaram areia misturada ao óleo, o repasse da cota de participação de impostos estaduais e federais que Itajaí tinha direito não era efetuado... uma infinidade de pequenas malvadezas que tentavam, no dia a dia da administração, quebrar a determinação do novo governo.

Um dia, irritado com a notícia de que mais uma vez o Governo Federal estava atrasando a remessa de verba ao Município, colocando em risco o pagamento do funcionalismo público, Arnaldo olhando a foto do presidente João Baptista de Figueiredo que estava dependurada na parede de seu gabinete mandou a secretária retirá-la dali. Acontece que o faz-tudo levou a foto do presidente para o banheiro do próprio gabinete do prefeito e por ali ficou um bom tempo. Arnaldo sabia que outras autoridades usariam o local, mas não se importou com as consequências, dada sua irritação para com o Governo Federal.

Estávamos ainda na vigência do ‘regime militar’ e a autoridade militar em Itajaí estava ao encargo da Capitania dos Portos. Como se era de esperar, porque a ditadura tinha muitos ‘agentes secretos’ [dedos-duros mesmo], a notícia chegou rapidamente aos ouvidos do comando da Capitania que ficava ao lado da Prefeitura. O comandante ficou irritado com a informação e resolveu ir pessoalmente ao gabinete do prefeito averiguar a ofensa ao presidente Figueiredo. Mas, tentando evitar o pior, as duas secretárias [Capitania e Prefeitura] trocaram mensagens por telefone e a fotografia foi rapidamente levada para a cozinha que atendia ao prefeito.

Quando o comandante chegou ao gabinete, mesmo com a ausência do prefeito ele deu ordem para abrir a porta e entrou de supetão olhando diretamente para o local onde deveria estar o quadro. Não encontrando a foto presidencial foi até o banheiro, onde também não a encontrou. A secretária o informou que a referida foto estava na cozinha, conduzindo o comandante até o local. Mais conformado com a situação, o comandante deu ordens para a secretária devolver o quadro para o local de direito.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 25 de março de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Colaboração de Adilson Amaral, Hélio Garcia dos Santos e Timbuca Júnior.

3 – Foto do acervo do jornal Diário da Cidade.

4 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

DINHEIRO ESCONDIDO EM CASA



No antigamente era muito comum as pessoas guardarem o dinheiro em casa, sempre debaixo do colchão ou até dentro dele. Principalmente em tempo de recessão alta ou momento de ameaça séria à ordem institucional, era comum guardar um dinheirinho em casa para qualquer eventualidade. Também tinha aquele mais abastado, geralmente comerciante, que queria ver seu dinheiro longe da voracidade das autoridades criadoras e cobradoras de impostos. Essa cultura é mantida até os dias de hoje, sendo que vez e outra nos deparamos com relatos engraçados sobre gente que escondeu dinheiro em casa.

O meu Vô Doca contava a história de um amigo que foi a Blumenau fazer um exame médico e se ‘aprecaveu’ levando um maço de dinheiro graúdo no bolso interno do paletó, não contando nada para os familiares. Acontece que na viagem, ainda dentro do vapor ‘Progresso’ que fazia o trajeto Itajaí-Blumenau pela hidrovía do Itajaí-Açu, teve um enfarto fulminante, falecendo antes mesmo de chegar ao hospital. O morto foi velado com o seu melhor terno, justamente aquele da viagem a Blumenau. O caixão já estava para ser fechado quando um aparentado seu observou que o terno estava apresentando

uma elevação irregular tomando a iniciativa de alinhá-lo. Nesse momento percebeu que algo pesado estava dificultando a tarefa e colocou a mão dentro do bolso onde encontrou a pequena fortuna.

Tem a história daquela esposa que vivia reclamando com o marido de que o motor da sua máquina de lavar dava uns breques repentinos, como se estivesse querendo pifar. A máquina era tão complicada que a mulher preferia lavar a roupa à mão a ter de ficar dando tapas o tempo todo para ela ‘desengripar’. A mulher ficava mais irritada porque sabia que o marido tinha muito dinheiro mas era um ‘mão de vaca’. Acontece que o Tio Patinhas perdeu por completo a memória e a mulher teve de assumir o comando dos negócios da família. Uma das suas primeiras providências foi chamar um técnico para arrumar a máquina de lavar. Quando o técnico tirou a máquina do lugar encontrou diversos saquinhos plásticos comprometendo o funcionamento do seu motor. Dentro dos saquinhos encontrou uma boa quantidade de cédulas de dólar. A partir daí a esposa começou a desmontar a casa inteira atrás de mais saquinhos de dinheiro esquecidos pelo marido.

Tem também a história de uma senhora que vivia pedindo para o marido botar a mão no bolso e comprar um novo sofá para a sua sala de televisão. Isso durou anos e a simples presença do sofá causava desconforto e irritação na esposa. Mas o danado do marido, só por birra, não comprava um sofá novo. Acontece que o teimoso morreu de repente e a primeira coisa que a viúva fez com o dinheiro da indenização foi comprar um sofá novo para a sala. Quando o sofá velho, finalmente estava sendo expulso de casa eis que um dos carregadores tropeça e o sofá bate com força no chão espalhando notas graúdas de dinheiro pra tudo que é lado. O sofá foi desmontado e a viúva, com as mãos cheias de dinheiro, passou a entender porque o marido gostava tanto daquele sofá velho: vivia sentado no dinheiro!

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 01 de abril de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Colaboração de Hélio Garcia dos Santos, Timbuca Júnior e Neusa Maria dos Santos.

3 – Foto de Magru Floriano

4 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

TESTE DE HONESTIDADE



Houve um tempo em que a disputa política em Santa Catarina dava-se entre a UDN e o PSD. Pelo lado da UDN tínhamos o comando por parte de nomes expressivos da política itajaiense vinculados à Oligarquia Konder [Marcos, Victor e Adolfo Konder, Irineu Bornhausen ...], enquanto pelo lado do PSD tínhamos o comando por parte dos membros da Oligarquia Ramos de Lages. Naquele tempo era normal um grupo ‘aprontar’ armadilhas para cima do outro grupo, tentando auferir vantagens político-eleitorais. Foi numa dessas, quando Marcos Konder era diretor-gerente da Usina de Açúcar Adelaide S.A, que a turma do PSD tentou aplicar um golpe pra cima da turma da UDN.

Após a Revolução de Trinta a inflação ficou muito alta e determinados produtos acabaram tendo os preços controlados e o estoque regulado pelo Governo Vargas, considerando a questão alimentar como de segurança nacional. Era o caso do açúcar produzido em Itajaí pela Usina Adelaide dos Konder. Um dia, sem avisar, chegou um comerciante de Lages, estacionou o seu caminhão defronte à Usina e foi direto ao

escritório de Marcos Konder querendo comprar uma ‘carga’ de açúcar. Nesse instante, segundo o escritor Nereu Corrêa, ocorreu o seguinte diálogo entre Marcos Konder e o empresário:

“Marcos - O senhor tem a quota fornecida pela Prefeitura?

Comerciante - Não Coronel, não tenho.

Marcos - Então não lhe posso vender o açúcar...

Comerciante - Mas Coronel, qual é o preço para 150 sacas?

Marcos - Cento e oitenta mil réis.

Comerciante - Pois eu pago cento e noventa, se o senhor me vender o açúcar independente de quota!

Marcos - Não, senhor, o preço é cento e oitenta, com a quota.

Comerciante - Eu lhe pago a duzentos, Coronel !

Marcos - Não posso.

Comerciante - Mas Coronel ...

Marcos - Não, sem a quota não sai um quilo de açúcar daqui!”

Nereu Corrêa reproduziu esse diálogo no livro ‘Perfis e retratos em vários tons’ alegando tratar-se de uma prova incontestada da honestidade empresarial de Marcos Konder. Contudo, meu Vô Doca, garantia que essa história tinha outra trama e ela estava relacionada ao fato de Marcos Konder ter sido alertado por ‘amigos’ de que os Ramos estavam aprontando uma arapuca para prendê-lo por atentado contra a economia popular. O certo é que o comerciante voltou para Lages com o caminhão vazio e Marcos Konder ganhou destaque na crônica do conceituado escritor Nereu Corrêa por sua honestidade. Eis aí o feitiço virando contra o feiticeiro.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 08 de abril de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Colaboração de Cândido Antônio Garcia.

3 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

4 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

NÃO, É NÃO!



Foi intensificada, durante o carnaval, a campanha ‘Não é não’ em combate ao assédio sexual. Essa campanha deveria ser estendida também para o telemarketing praticado no Brasil de forma incontrolável e generalizada. Justamente no período do carnaval recebi dezenas de ligações telefônicas de um jornal paulista querendo me convencer a renovar a assinatura, numa atitude de assédio e inconveniência a toda prova, já que nem o horário do almoço era respeitado.

‘Que eu me lembre’ o primeiro assédio telefônico que sofri foi no final da década de 1990 quando deixei de assinar um jornal de Santa Catarina. Todos os dias, por mais de mês, alguém lembrava de mim e, ‘Santa Paciência’ para explicar os motivos que me levaram a não renovar a assinatura. Depois tornou-se comum receber ligações de empresas das quais já era cliente me oferecendo ampliação de planos e vantagens para migrar de um plano para outro. Uma ação tão abusiva que me fez pensar seriamente em

desfazer das linhas fixas dos telefones que possuía em Itajaí e Bombinhas. O que efetivamente acabou ocorrendo quando me aposentei, porque os telefones fixos só incomodavam, já que seus números caíram em mãos dos setores de telemarketing de grupos financeiros que insistiam em me oferecer um tal de ‘empréstimo consignado’.

O caso mais intrigante que constatei foi aquele envolvendo o telemarketing de uma cooperativa de crédito. Eu possuía uma poupança na cooperativa e por este motivo o sistema tinha o número do meu telefone. No final do ano de 2018 comecei a receber insistentes ligações do telemarketing da empresa me oferecendo dinheiro a juros mais baratos do que aqueles praticados no mercado. Eu argumentava para a operadora que eu tinha uma poupança na cooperativa com valor maior do que o valor que estavam me oferecendo, sendo que a minha remuneração pela poupança era muito menor que os juros por eles oferecidos. Logo, obviamente, se tivesse precisando de dinheiro, optaria por utilizar a minha poupança. Mas, parece que a lógica não interessa a essa gente e, por muito tempo, continuei a receber oferta de empréstimo ‘a juros abaixo do mercado’. Ora, bolas, carambola, claro que teriam de ser juros interessantes, porque, vamos ser óbvios, o dinheiro que eles estavam me emprestando era o meu próprio dinheiro.

O telefone fixo virou um verdadeiro elefante branco em nossas casas com o advento do telefone móvel [o popular celular]. Mas até aí, tudo bem, as famílias tradicionais ainda mantinham o ‘fixo’ por uma certa dose de apego. Também pra que se desfazer do coitado do elefante que ficava ali no seu cantinho sem incomodar ninguém. Acontece que o elefante foi ficando velho e gagá, resolvendo mudar totalmente seu comportamento. Da mudez total passou a tagarelar ofertas e mais ofertas de tudo que é produto, de planos de telefonia a dinheiro consignado. Moral da história: foi desligado. O telefone fixo é a primeira tecnologia que tornou-se obsoleta por chatice crônica.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 15 de abril de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto copiada da Internet de campanha nacional do Governo Federal.

SÓ O FLAMENGO SALVA O MARCÍLIO DIAS



Está todo mundo comemorando o centenário de fundação do Clube Náutico Marcílio Dias. A comemoração ganha projeção nacional por conta do Marinheiro ser o clube de futebol mais antigo em atividade no Estado de Santa Catarina. O que bem pouca gente sabe, ou se lembra, é que em 1976 o clube estava para fechar suas portas em definitivo porque não tinha arrecadação suficiente sequer para fazer frente às despesas de manutenção do Estádio Doutor Hercílio Luz. Mas, o time acabou salvo da bancarrota pelo Clube de Regatas Flamengo.

Os dirigentes do Clube Náutico Marcílio Dias, cansados de tirar dinheiro do próprio bolso para pagar as contas básicas da agremiação, convocaram uma reunião definitiva e derradeira para o auditório da Associação Comercial. A proposta que estava sobre a mesa era simples: ‘fechar o clube’. Até hoje tem gente garantindo que Felix Fóes e alguns dirigentes do Marinheiro usaram essa ameaça apenas para tentar trazer à responsabilidade o quadro de associados e demais dirigentes que só falavam mas não

mexiam no bolso para ajudar concretamente. Estratégia ou realidade, a verdade é que o empresário Neri Paulo de Souza, conhecido popularmente por Nepaza, bateu na mesa e não aceitou que o clube fosse fechado, passando a liderar a reação rubro-negra.

Para colocar dinheiro em caixa a nova diretoria tratou de contratar um jogo amistoso com o Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro. O time de Zico ficou alojado no Grande Hotel, ganhou do Marcílio pelo placar de três a um e, o mais importante, levou tanta gente ao ‘Gigante das Avenidas’ que o cofre do Marinheiro ficou forrado por um bom tempo. Mas, como sempre acontece, logo depois voltou o tempo das vacas magras e Neri, como bom vascaíno, resolveu trazer o Clube de Regatas Vasco da Gama para um amistoso contra o Marcílio Dias em Itajaí. O Roberto Dynamite e seu grupo atenderam muito mal a imprensa e os torcedores que foram pra frente do Hotel Cabeçadas. Pior, o dia foi chuvoso e o público minguado, dando um prejuízo enorme ao combalido Marcílio Dias.

A partir desse dia, sempre que algum amigo resolvia brincar com o fanático torcedor do Vasco da Gama – Neri Paulo de Souza – lembrava que o Flamengo é um time tão bom, mas tão bom, que foi o único time que salvou um vascaíno da bancarrota.

Obs:

- 1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 22 de abril de 2019, pag 07 – variedades.
- 2 – Colaboração de Edson da Silveira - Ed silver e Timbuca Júnior.
- 2 – Foto retirada da Internet / Facebook - Grupo Itajaí de Antigamente.
- 3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

UMA CIDADE SEM IDENTIDADE



Em pleno Natal de 2018 a população itajaiense recebeu a notícia de que a tradicional padaria da família Patiño havia cerrado suas portas em definitivo. Aquele estabelecimento comercial era uma referência no cotidiano dos moradores do Centro de Itajaí há mais de oitenta anos e sucumbiu à lógica perversa do mercado imobiliário - que tem a obsessão de devorar as coisas antigas para impor à cidade ares de modernidade. Uma modernidade sem alma, sem identidade, que sobe aos céus como pé de chuchu.

A Patiño juntava-se à Casa Irmãos Coelho no rol dos estabelecimentos comerciais que davam identidade às ruas da cidade. No lugar delas surgem prédios homogêneos, seriados, com o piso térreo abrigando filiais de grandes redes: Ricardo, Magazine Luiza, Lojas Bahia, Ponto Frio, Colombo, Pernambucanas ... Não que a presença dessas redes comerciais seja novidade em nossa cidade, mas o que destacamos aqui é o número delas se sobrepondo ao comércio familiar local que tem nome e sobrenome. No antigamente, Prosdócimo, Jaraguá, Hermes Macedo, Pernambucanas conviviam em simbiose com Casa Narciso e Giorama. Mas agora essa relação tornou-se predatória de tal sorte que as

‘espécies invasoras’ dominam o mercado e provocam a extinção do comércio familiar local.

As famílias Coelho e Patiño conferiam personalidade ao nosso centro comercial. Com elas nosso comércio tinha ares de família, de tradição. Esses estabelecimentos comerciais nos proporcionavam formas diversificadas de sociabilidades que iam muito além da simples venda de uma mercadoria. Com essas novas redes o comércio de Itajaí passa a ser um comércio de ninguém, como, aliás, já ocorreu anteriormente com nossa indústria e supermercados. No antigamente você ia ao Banco Inco e conversava com o seu diretor. Hoje, falar com um funcionário já é difícil por conta dos caixas eletrônicos e aplicativos no celular. No Supermercado Vitória você falava com um Sandri e, no Comper, com um Pereira. Na venda da esquina você falava com o ‘Seu Marcelino’ ou com o ‘Seu Bento’. Mas quem é o dono da Makro, do Atacadão, da Panvel ...

A Giorama dos Sada Graf deu lugar à Magazine Luíza e o Gilmar, Felipe, Beto ... saíram da Rua Hercílio Luz para dar lugar à mais um comerciante desconhecido que sequer conhece Itajaí. Assim, rapidamente, nossa cidade vai ficando uma cidade sem alma, sem identidade, sem fisionomia. Uma cidade igual a todas as demais cidades de Santa Catarina. Quem anda pela Rua Hercílio passa a ter a mesma experiência visual daquele transeunte que está no Calçadão da Felipe Schmitt de Florianópolis. As redes comerciais roubam nossas tradições e nossa identidade. Somos mais uma cidade e já não temos alma comunitária.

As redes nos cercaram como cardume. Somos iguarias a serem servidas nos bons restaurantes da globalização.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 29 de abril de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano.

3 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

UMA CIDADE SEM BANCAS DE REVISTAS



Dia desse fui até a Univali participar da *vernissage* do amigo João Wenceslau e recebi uma triste notícia ainda pelo caminho. Ao chegar à esquina da Avenida Joca Brandão com Rua Uruguai deparei-me com as portas da ‘Banca Iça-Mirim’ cerradas com um pequeno cartaz contendo a seguinte mensagem: ‘Aluga-se’. A verdade é que o mundo está mudando muito rapidamente e a cidade acaba refletindo essa realidade de forma crua e direta. A fisionomia, e, até a alma, da cidade mudam. As antigas formas vão dando lugar a novas formas, sempre mais retas e voltadas para cima ... preferencialmente impessoais. Mais radical ainda é a transferência que está ocorrendo do ‘mundo das coisas reais’ para o ‘mundo das coisas virtuais’. A banca de revista foi vitimada por esse tipo de mudança, com jornais e revistas saindo do papel direto para um mundo das nuvens digitais.

A primeira imagem que tenho de uma banca de revistas está relacionada à ‘Banca Bona’ ali na Rua Hercílio Luz. Eu vinha do Bairro São João a pé, pelas ruas Blumenau-Tijucas e percorria um trecho da Rua Hercílio Luz para entrar na Rua Dagoberto Nogueira

até o Colégio Salesiano. Ali, na Rua Hercílio Luz eu tinha o compromisso diário de ler as manchetes dos jornais e revistas. Por longo tempo a minha preferência recaía nas capas do jornal Correio – do Elias Adaime – sempre malhando o sarrafo no Governo Fred; e, o impagável Pasquim.

Mas, uma a uma as bancas foram sumindo das ruas de Itajaí, até que sobraram uma ou duas, entre estas a Banca Iça-Mirim – na Joca Brandão com Uruguai – de propriedade do ‘pai do Adison e da Edila’ o marinheiro aposentado Joaquim Antônio Pereira da Silva. Sinceramente, fiquei chocado ao constatar que a banca Iça-Mirim havia fechado. Afinal, por longo tempo era ali que comprava meu exemplar da Folha de São Paulo, antes de entrar no campus da Univali para lecionar e, também era ali que, desde 1987, escutava as inúmeras estórias/histórias do seu Joaquim, dono de vastíssima memória elaborada nas muitas viagens pelo mundo.

Eu mesmo me sinto responsável pelo fechamento da Banca do Seu Joaquim, porque desde 2018 sou assinante de edições digitais do Diarinho, Folha e Estadão – esses dois últimos de São Paulo. Mas antes disso já havia sido assinante online do Jornal de Santa Catarina. Quer dizer, ao me aposentar, deixei de frequentar diariamente o entroncamento da Uruguai com Joca Brandão, de conversar com Seu Joaquim, de comprar jornais e revistas na Iça-Mirim. Mas mesmo não comprando mais jornais físicos ali, pretendia que a Banca permanecesse para todo o sempre, como se bastasse a vontade do proprietário para mantê-la aberta. Eu, como leitor, migrei do papel para o digital e, esse meu gesto, ajudou a fechar a banca do ‘Seu Joaquim’.

Resta-nos agora convencer o Patrick Zaguini, da Banca Eureka, a permanecer firme como o último bastião dessa guerra entre os mundos físico e digital.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 06 de maio de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano

3 – Colaboração e Sydney Schead dos Santos e Timbuca Júnior.

4 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

UMA CIDADE SEM LIVRARIAS? PARTE I



Dia desse li no Diarinho um artigo do professor Edison d'Ávila com o sugestivo título 'Adeus às livrarias?' questionando o fim das livrarias na cidade de Itajaí, já que sobrou na atualidade apenas a filial da 'Livrarias Catarinense' no Itajaí Shopping. Nem a Univali, a maior universidade não-pública de Santa Catarina conseguiu manter uma livraria dentro do seu principal campus, por onde, registre-se, passam milhares de estudantes diuturnamente. Não obstante Monteiro Lobato ter sentenciado há muito que '*Um país se faz com homens e livros*' a verdade é que o Brasil é um país de não-leitores. Se vender livro no Brasil já se constituía numa verdadeira gincana, imaginem agora, com as novas tecnologias levando o livro físico para as nuvens do mundo digital.

No Itajaí de antigamente os Currilin [Eugen e Immanuel] foram os pioneiros em dotar a cidade, em 1907, de uma livraria. Era uma filial da Papelaria e Livraria Eugen Currilin – com matriz em Blumenau. Depois a empresa passou para as mãos do polêmico Juventino Linhares e, assim, conseguiu sobreviver até 1930. Naquele tempo os Currilin já

sofriam a forte concorrência dos vendedores porta-a-porta e das casas editoras do Rio de Janeiro, que vendiam por catálogo e enviavam os exemplares pelos navios de cabotagem que faziam regularmente o trajeto Rio de Janeiro – Itajaí. Em seguida o professor Francisco Rangel teve a iniciativa de montar a ‘Livraria Rangel’ que sobreviveu entre os anos de 1930-1960.

No tempo da Ditadura os governantes incentivaram as casas editoras a publicarem versões populares de enciclopédias e livros de cultura geral, principal aqueles contando a tal ‘História Oficial’ do Brasil. Meu pai tinha maior orgulho por ter comprado na década de 60 a enciclopédia ‘História do Brasil’ dos ‘Irmãos Maristas’ cantando loas ao regime implantado em 1964. Eram edições subsidiadas pelo governo federal, possibilitando preços muito baixos justamente para viabilizar a aquisição por famílias de classe média. Essas edições ‘ideologicamente comprometidas’ foram espalhadas pelo Brasil através de uma rede de vendedores porta-a-porta bem remunerada.

Nessa mesma década surgem as primeiras faculdades em Itajaí e junto com elas a ‘Livraria Universitária’ do Higinio Oltramari que durou apenas de 1966 a 1968. Em seguida surge a ‘Livraria Santos’ do Waldemiro Cesário dos Santos. A livraria ficava na Galeria Edifício Rio do Ouro e foi nossa referência em diversas edições da FECOLI – Feira Colegial do Livro – promovidas pelo GESI – Grêmio Estudantil do Colégio Salesiano Itajaí. A Livraria Santos sobreviveu até o final da década de 1980, dando lugar no mercado à Livraria do Edir Alves – que fechou suas portas recentemente, após ter obtido grande sucesso a ponto de ter duas filiais dentro do Campus da Univali, com a matriz instalada no Centro Comercial Marcílio Dias. Seu negócio principal era a venda de livros jurídicos. Negócio que foi minguando na mesma velocidade que os acadêmicos de Direito migravam dos livros físicos para edições digitais. No lugar dos pesados ‘vademecum’, começaram a trazer na mochila apenas um notebook. Junto com a Livraria do Edir sucumbiu a rede que lhe pretendia fazer concorrência: Livrarias Época – com lojas na Rua Uruguai e na Pedro Ferreira.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 13 de maio de 2019, pag 09 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando feira de livro na Galeria Rio do Ouro

3 – Colaboração de Sydney Schead dos Santos e Timbuca Júnior.

UMA CIDADE SEM LIVRARIAS? PARTE II



De Eugen Currilin a Edir Alves a história das livrarias de Itajaí conta-se a partir do mercado de livros físicos. Como vimos no artigo anterior, essas livrarias sofriam duas concorrências reais do mercado editorial: 1) o vendedor porta-a-porta, muitas vezes subsidiado pelo governo federal, interessado em vender edições populares contendo a ‘História Oficial’; 2) as casas editoras do Rio de Janeiro que vendiam por catálogo e entregavam via malote dos navios de cabotagem e depois pelos Correios. Edir Alves foi o primeiro livreiro que sofreu diretamente a concorrência das edições digitais. Seu negócio era centrado na venda de livros jurídicos – já que os alunos tinham de ter em mãos, no mínimo, a íntegra da legislação brasileira. Gradativamente os alunos foram substituindo os pesados ‘vade-mecum’ por um simples notebook, cuja memória comportava toda a jurisprudência e legislação existentes. Edir teve de concorrer com um ‘gênio eletrônico’ de pequeno porte e não sobreviveu.

Mas esse mercado também comportou por bom tempo os populares ‘sebos’ ou livrarias de livros usados. Aqui em Itajaí tivemos dois grandes sebos. O primeiro foi o sebo ‘Casa Aberta’ que o então estudante do Curso de História da Univali – José Roberto

Severino – abriu em sua própria casa, na Avenida Joca Brandão. Depois a loja passou para a Casa Konder – na Rua Lauro Müller, virando também livraria e editora. Fechou em 2018. O segundo grande sebo foi idealizado pelo poeta Nilson Weber tendo sede em uma loja no Posto Universitário, na Avenida Contorno Sul. O sebo de Nilson Weber sobreviveu entre 2000 e 2009 e era o que podíamos considerar um sebo perfeito, devido ao volume do seu acervo. Quase no final de sua curta existência o sebo foi transferido para a Rua Samuel Heusi e ali Nilson chegou a realizar inúmeras tertúlias regadas a bom vinho. Era a nossa ‘Casa do Poeta’.

Agora, com praticamente todas as livrarias e sebos fechados, vem a notícia de que o escritor Adilson Amaral acaba de criar na internet uma livraria digital – lançada ao público oficialmente a 20 de fevereiro de 2019. Trata-se da ‘Livraria Digital Leia Brazil’ acessada no endereço eletrônico www.leiabrazil.com.br. A primeira livraria digital de Itajaí inicia com um catálogo de fôlego, contando com as presenças de autores como: Silveira Júnior, Álvaro Castro, Claudio Bersi de Souza, Magru Floriano, Lindinalva Deóla, Edison d’Ávila. Os preços praticados não deixam dúvida de que a livraria online veio para ficar.

Então estamos diante de uma nova realidade. As livrarias com estoques físicos estão dando lugar às livrarias com estoques digitais depositados nas nuvens. O volumoso ‘vade-mecum’ que fez vicejar a Livraria do Edir saiu de debaixo dos braços dos estudantes para se abrigar confortavelmente dentro de um pequeno notebook. O resto é História.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 20 de maio de 2019, pag 08 – variedades.

2 – Colaboração de Sydney Schead dos Santos, Edison d’Ávila, Hélio Garcia dos Santos.

3 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o largo da Igreja Imaculada Conceição.

4 - Texto alterado a 05 de agosto de 2020

O SÍMBOLO DO PODER



Um dos símbolos do poder é a cadeira. Isso vale desde o tempo da monarquia, com a histórica simbologia do trono. No Brasil ficou muito famosa aquela história da eleição municipal de São Paulo, quando Fernando Henrique Cardoso sentou dias antes na cadeira de prefeito e acabou perdendo a eleição, apesar das pesquisas lhe indicarem franco favoritismo, para o candidato de oposição Jânio Quadros. Mas aqui em Itajaí a cadeira de prefeito também já foi alvo de muita cobiça. Uma vez, como repórter do Jornal de Santa Catarina, presenciei uma cena dessas onde o poderoso empresário Cídio Sandri sentou na cadeira do prefeito de Itajaí durante o processo eleitoral garantindo que seria o próximo prefeito – mas, acabou em quarto lugar com a cadeira sendo ocupada pelo oponente Arnaldo Schmitt Júnior.

A história mais contada nas rodas de conversas da nossa Cocada também envolve o prefeito Arnaldo Schmitt Júnior. Diz o povo que durante a enchente de 1983 o prefeito Arnaldo chegou ao seu gabinete para mais uma reunião do ‘Comitê de Emergência’ quando se deparou com um comandante militar vindo de Blumenau bem alojado em sua cadeira de prefeito. Arnaldo ficou irritado e, como sabemos, quando ficava contrariado o ‘alemão’ era alemão de verdade. Sem vacilar Arnaldo teria dito ao militar:

“- Oficial, o símbolo do seu poder é o seu quepe. O símbolo do meu poder é a minha cadeira. Portanto, coloque o seu quepe e retire-se da minha cadeira para que ambos possamos exercer a função que nos é devida.”

O clima ficou tenso no Gabinete e ninguém ousou respirar até saber da reação do comandante militar. Os dois se entreolharam fixamente por intermináveis segundos e o comandante iniciou um movimento lento em direção ao seu quepe militar, levantando-se da cadeira também com movimentos econômicos. Estávamos em pleno ‘regime militar’ e todos esperavam que o militar tivesse uma reação mais autoritária, condizente com a época, até porque Arnaldo era do MDB – partido que oferecia resistência política ao regime.

Para o bem de Itajaí e do próprio Arnaldo, o militar não levou a questão à frente e o clima foi gradualmente voltando ao seu normal no gabinete, com as autoridades podendo voltar a respirar com certa tranquilidade.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 27 de maio de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Colaboração de Adilson Amaral e Timbuca.

3 – Foto de arquivo Diário do Litoral.

A RONDA DA MADRUGADA



Nos tempos de chumbo da ‘Ditadura Militar’, que em Itajaí era uma ditadura civil da ARENA - Aliança Renovadora Nacional, na década de 1970, ainda não existiam câmeras vigiando diuturnamente as ruas e muito menos os celulares nas mãos de cada cidadão. Encoberta pela monotonia da noite muita gente aprontava suas peripécias na certeza de que no outro dia não iria aparecer nas manchetes dos jornais. A bem da verdade todos aprontavam na madrugada: bêbados e prostitutas, polícia e ladrão, e, principalmente, os jovens da classe abastada que tendo pouco para se entreter na modorrenta cidade do interior, acabavam achando muito divertido por fogo nos latões de lixo ou colocá-los no meio da rua para atrapalhar o trânsito. Era o tempo que a polícia fazia sua ronda da madrugada em um fusca – popularmente denominado de ‘baratinha’.

Certa feita, um grupo de pescadores de Santos, cujo barco estava descarregando em uma empresa de Itajaí, resolveu curtir a noitada no Centro. Depois de frequentar diversos locais a turma foi beber e matar a fome no Restaurante Marilu – que ficava na Manoel Vieira Garção. Os pescadores beberam e comeram à vontade e depois resolveram sair sem pagar, tentando aplicar um velho golpe de estudante. Um a um, disfarçavam que estavam indo ao banheiro e de lá pegavam o caminho da rua. Já estavam na maior da alegria, comemorando o feito de ter aplicado o surrado golpe do banheiro nos proprietários do Marilú quando foram alcançados em plena Rua Camboriú por uma ‘baratinha’ da Polícia Militar.

O grupo foi encostado contra o muro de uma residência, todos os seus integrantes com os braços para cima, devidamente revistados. O proprietário do Restaurante Marilú informou à polícia sobre um prejuízo de trezentos cruzeiros. O valor foi rapidamente recolhido nos bolsos dos golpistas e utilizado para cobrir as despesas. A vítima estava saindo do local, considerando que o episódio estava encerrado com o devido ressarcimento, já que sequer pretendia registrar Boletim de Ocorrência na Delegacia de Polícia, quando assistiu a um episódio inusitado.

Um dos policiais mandou todos os integrantes do grupo tirarem as calças e ficarem só de cuecas. Não satisfeito, deu ordens para que se dessem as mãos e cantassem a tradicional cantiga infantil ‘ciranda-cirandinha’. Quem viu garante que foi um espetáculo digno de uma peça cômica de teatro: cinco pescadores barbados, de mãos dadas, só de cuecas, em plena Rua Camboriú, rodando e cantando históricas cantigas infantis.

Como podemos constatar não eram só câmeras, celulares e internet que faltavam naquele tempo onde a ditadura era cruel até quando pretendia nos fazer rir.

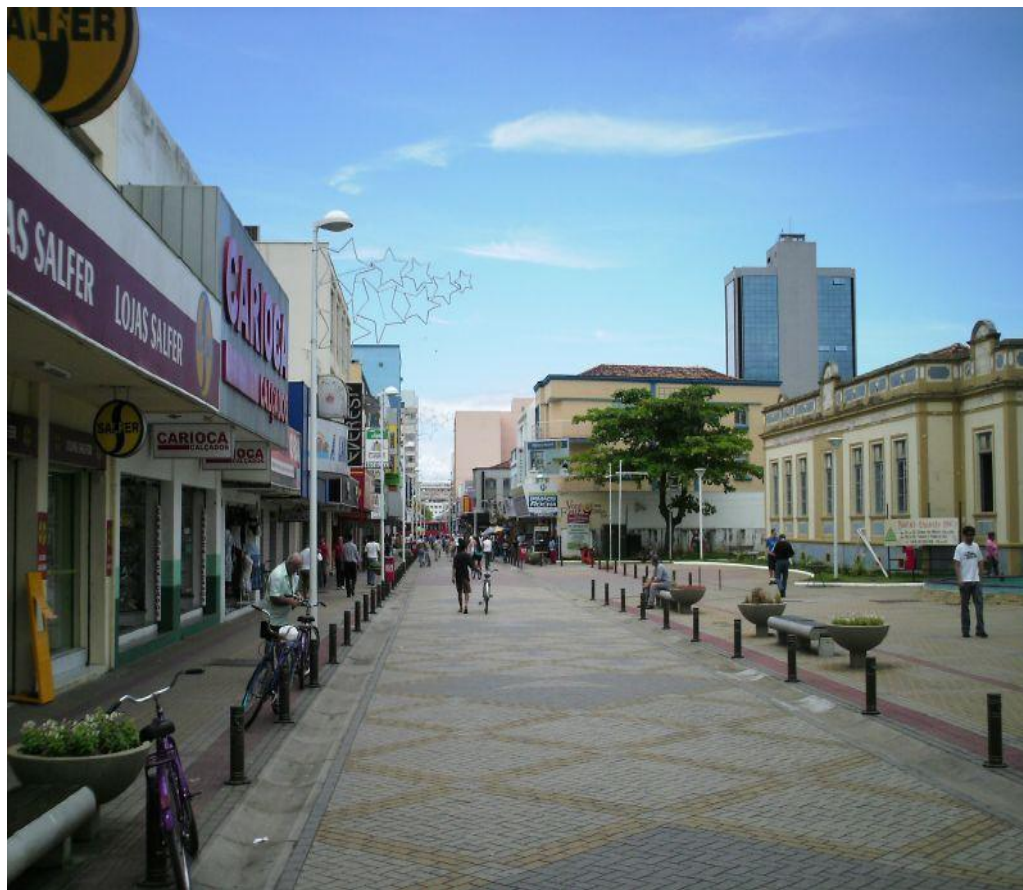
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 03 de junho de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Colaboração de Nilson Weber, Timbuca Júnior e Hélio Garcia dos Santos.

3 – Foto divulgação da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina.

A GREVE DO CADEADO E OUTRAS GREVES



A greve é sempre um momento de muita tensão entre patrão e empregado. Antigamente a greve era considerada um simples caso de polícia. Uma das primeiras greves que temos notícias em Itajaí ocorreu em 1905 por conta de trabalhadores na obra de um cais particular na Praça Vidal Ramos que reivindicavam mais tempo para almoçar. Foram todos demitidos sumariamente. Em 1911 os portuários sustentaram uma greve geral por onze dias apesar da repressão severa oferecida pelo patronato. Até o juiz da Comarca – Américo Nunes - foi denunciado por abuso de autoridade.

O escritor Adilson Amaral relata em um livro que escreveu sobre os dois governos Schmitt [ainda não publicado] que no início do seu mandato o prefeito tinha certa dificuldade em se relacionar com os funcionários públicos grevistas. De certa forma até que essa postura era compreensível, já que Arnaldo pegou a Prefeitura completamente quebrada e uma boa parcela do funcionalismo estava querendo usar a greve para objetivos

políticos - era composta por apadrinhados do governo da ARENA que pretendiam boicotar o governo do oponente MDB.

Certa feita, Arnaldo vendo que havia esgotado o seu arrazoado para conter o ímpeto grevista dos professores municipais teria sentenciado: ‘- *Olhem, eu sou professor de matemática e, por isso proponho o seguinte: vou elaborar e aplicar uma prova para todos vocês. Se vocês acertarem 80% das questões, eu dou o aumento que vocês estão pedindo mas, se não atingirem esse índice, o reajuste vai ser de zero por cento.*’ Segundo ainda o relato de Adilson Amaral ‘*Os professores preferiram aceitar o índice que Arnaldo estava propondo, sem a realização da dita prova.*’

Uma das greves mais faladas de Itajaí foi aquela conhecida como ‘a greve dos cadeados’, liderada pela CUT – Central Única dos Trabalhadores - no final dos anos 80, envolvendo principalmente os funcionários da Hermes Macedo S/A. Os comerciantes não queriam dar aumento salarial aos comerciários e o movimento vinha se arrastando por dias, tendo cada vez mais ‘fura-greve’ ajudando os patrões a abrir seus estabelecimentos comerciais. Vendo que o movimento estava se esvaziando uma turma mais radicalizada comprou um bom estoque de ‘Durepox’ e passou de madrugada pela Rua Hercílio Luz inutilizando todos os cadeados das portas das lojas. Foi o único dia que o movimento grevista teve cem por cento de adesão.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 10 de junho de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Colaboração de Timbuca Júnior, João José Martins, Adilson Amaral.

3 – Foto de Magru Floriano retratando a Rua Hercilio Luz durante a pandemia do coronavírus - 2020

ITAJAÍ: 200 ANOS DE HISTÓRIA – PARTE I



Recentemente, participei de uma mesa de conversa, no Museu Histórico de Itajaí, sobre a questão dos duzentos anos do projeto colonizador que Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond tentou estabelecer às margens do Rio Itajaí-Mirim, em 1820. O debate tinha como escopo, justamente, ver da oportunidade de se comemorar o bicentenário da colonização em 2020. Ao contrário do que supunha, parece que está se formando um consenso entre os historiadores de que Itajaí deve comemorar o feito de Drummond, dando a ele a condição história de ser o pioneiro da ação colonizadora no Vale do Itajaí.

Outra tese que também parece estar consolidada – tanto no governo municipal quanto no meio dos intelectuais envolvidos diretamente com a história de Itajaí – diz respeito ao significado do ato de Drummond. Hoje, há uma tendência de se reconhecer que seu ato colonizador, independentemente de ter sido consolidado ou não, reveste-se de importância por representar a vontade do governo central em colonizar o Vale do Itajaí. Desde 1818 já vinha ocorrendo um forte movimento de colonização a partir de Porto Belo com o estabelecimento da Colônia Nova Ericeira. Empreendimento que foi se expandindo para terras vizinhas de Tijucas, Camboriú e Itajaí. A colônia encetada por Drummond no

Tabuleiro às margens do Itajaí-Mirim, parece, dar continuidade a esta política de governo de ocupar o litoral catarinense. Daí sua relevância, independente de ter ‘dado certo’ ou não.

Não nos resta a menor dúvida de que Drummond foi portador da vontade política do reino em colonizar o Vale do Itajaí. Esse é o fato que tem relevância histórica e é a ele que devemos nos reportar quando tratarmos das comemorações do bicentenário da colonização. Assim sendo, no nosso entendimento, o Município de Itajaí deve promover, em 2020, comemoração dupla: 160 anos de emancipação política – em referência à instalação do Município de Itajaí em 1860; 200 anos de colonização – em referência ao ato colonizar de Drummond, em 1820.

Para que essa dupla manifestação festiva seja recoberta de pleno êxito o primeiro passo deve ser a constituição, junto ao Conselho Municipal de Cultura, de uma Câmara Setorial de História de Itajaí. O órgão de assessoria direta ao superintendente Normélio Pedro Weber deve ser constituído exclusivamente por historiadores e memorialistas, para não ‘bater cabeça’ com o próprio Conselho Municipal de Cultura. À Câmara caberia tratar do conteúdo histórico envolvido nos eventos, enquanto o Conselho se voltaria para a concepção e realização dos eventos alusivos ao bicentenário.

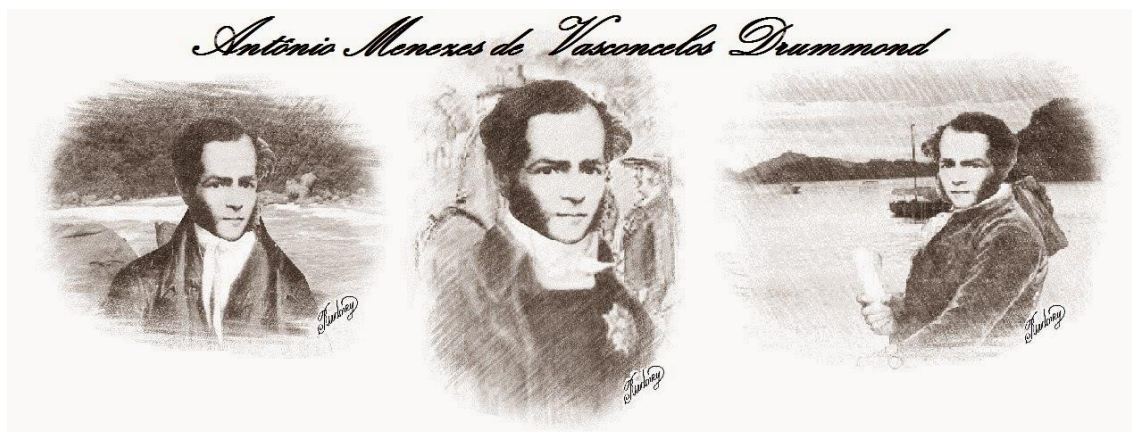
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 17 de junho de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Fotos colhidas na Internet retratando Vasconcelos de Drummond jovem e idoso

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

ITAJAÍ: 200 ANOS DE HISTÓRIA – PARTE II



Em diversas plataformas da internet - como é o caso do grupo 'Itajaí de Antigamente' no Facebook - tive oportunidade de defender a ideia de que Itajaí, a partir de 2020, deve promover comemoração dupla na Semana do Município. Deve comemorar os 160 anos de emancipação política – em referência à instalação do Município no ano de 1860 e, também, os 200 anos de colonização – em referência ao pioneirismo de Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond na colonização do Vale do Itajaí, quando da implantação de uma colônia às margens do Rio Itajaí-Mirim, em 1820.

Entre os eventos possíveis de realização, durante a Semana do Município, visando comemorar a passagem do bicentenário da vinda de Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond à Itajaí elenco:

1 – Mesa redonda temática: Vasconcelos de Drummond e a colonização do Vale do Itajaí.

2 – Edição especial do 'Anuário de Itajaí' abordando temática exclusiva sobre o bicentenário. A Fundação Genésio Miranda Lins deve convidar, ainda em 2019, escritores, historiadores e memorialistas a elaborarem textos sobre o tema da colonização.

3 – Concurso de redação na Rede Municipal de Educação sobre o tema: Drummond e a colonização do Vale do Itajaí.

4 – Concurso e festival de ‘contação de história’ sobre o tema. Promoção voltada aos profissionais de teatro envolvidos com projetos de contação de histórias nas escolas.

5 – Cursos de formação permanente para professores de História, Geografia e Língua Portuguesa, abordando o tema da colonização do Vale do Itajaí.

6 – Exposição temática nos museus de Itajaí [Museu Histórico – Palácio Marcos Konder – e, principalmente, Museu Etno-Arqueológico de Itajaí - Itaipava.

7 – Sessão oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – em Itajaí.

8 – Selo oficial do bicentenário confeccionado pela ECT.

9 – Sessão solene da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – em Itajaí.

10 – Constituir a Câmara Setorial de História de Itajaí junto ao Conselho Municipal de Cultura.

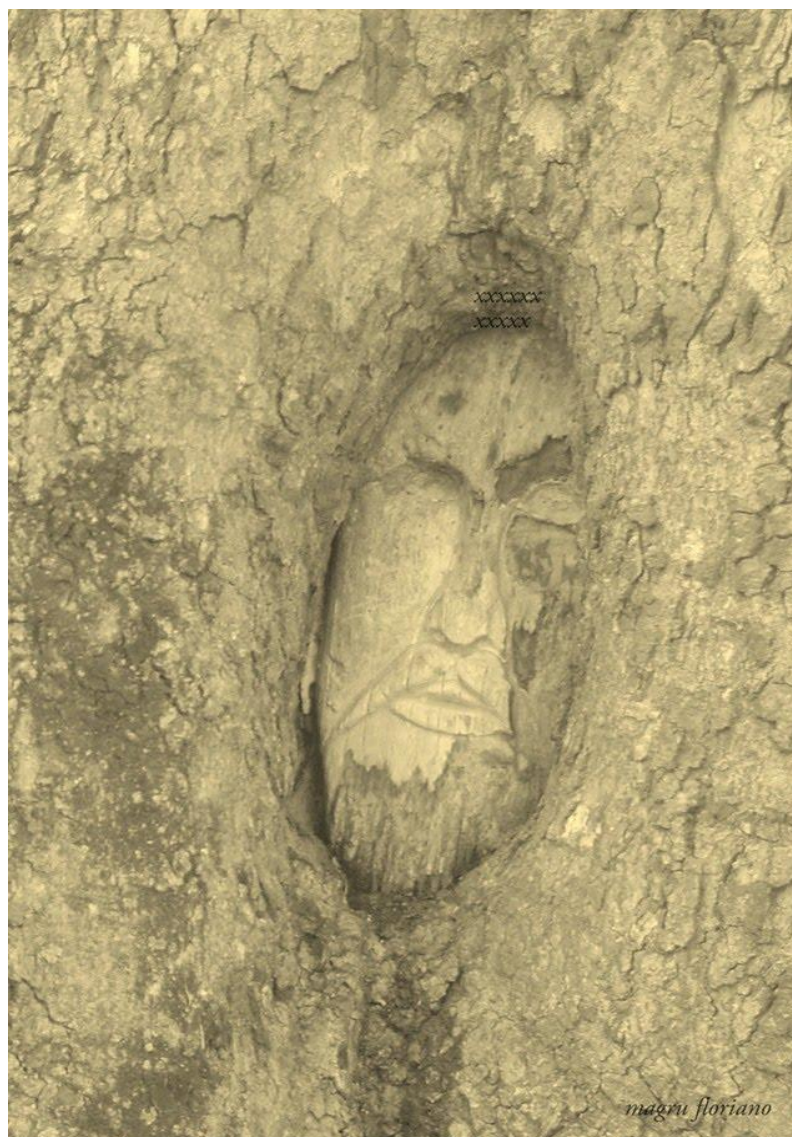
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 24 de junho de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Fotos colhidas na Internet - historiaaulas.blogspot.com acessado a 13ago2020

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

CRISTO OU TIRADENTES?



‘De vez em quando’ alguém resolve postar nas redes sociais foto de um pequeno entalhe existente em uma árvore na Praça Vidal Ramos e, sempre, causa muita polêmica. Até o empresário Cídio Sandri chegou a publicar foto da pequena obra de arte como se fosse uma curiosidade secreta de Itajaí. A última vez que vi o tema sendo abordado na internet foi no grupo do Facebook ‘Itajaí de Antigamente’, agora em 2019, e, como sempre, causando muita polêmica. Na medida que a árvore vai crescendo, vai

transformando o rosto esculpido, aumentando a polêmica por conta da imaginação fértil de alguns curiosos.

O que temos de certo sobre o tema é que a peça foi esculpida pelo eletricitista José Bento Soares [Zequinha] no final da década de 1960 - provavelmente entre 1967 e 1969. Ele costumava fazer baldeação nos ônibus coletivos de Itajaí em ponto da Praça Vidal Ramos que ficava na Rua Eurico Krobel – defronte ao Casarão Malburg, atualmente Receita Federal. No tempo de espera, utilizando um pequeno canivete e ferramentas de trabalho, resolveu esculpir a face de Tiradentes que encontrou em uma nota de cinco mil cruzeiros. Lembro dele esculpindo a árvore. Tinha meus quinze anos de idade e frequentava o local porque pegava o ônibus para Cabeçadas onde minha família mantinha uma pequena casa de praia.

Segundo relatos de seus filhos - Cirlene e Jocelito Soares - ele também chegou a iniciar o entalhe da face de Santos Dumont que encontrou na nota de dez mil cruzeiros, mas não o finalizou porque mudou de trabalho e não utilizou mais aquele ponto de ônibus na Praça Vidal Ramos.

Esse pequeno fato e a longa polêmica que suscita nos serve de referência para refletir sobre algumas questões que envolvem a memória da cidade. Primeiro que as pessoas dão valor para algumas coisas sem medirem sua verdadeira importância sócio-econômica. Segundo, estabelecem suas próprias versões dos fatos, o que possibilita que o rosto de Tiradentes passe a ser o rosto de Cristo. Terceiro, essas versões são reproduzidas por outros à exaustão, a ponto de não se saber mais o que é verdade e o que é pura imaginação. Sendo assim, o pequeno entalhe que o eletricitista José Bento Soares elaborou despreziosamente em uma árvore da Praça Vidal Ramos passou a ser uma misteriosa face de Cristo dando azo à imaginação popular por décadas.

Quantos fatos que mantemos como verdade histórica não passam pelo mesmo processo? Por isso que muitos pensadores consideram a história como parte integrante da literatura ou, no mínimo, como uma ‘disputa de narrativas’ que bem pouco tem a ver com a verdade.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 08 de julho de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando a obra de José Bento na Praça Vidal Ramos

3 – Publicado no site Itajaí Digital no ano de 2019

PESCANDO NO CENTRO DE ITAJAÍ



Outro dia via na internet um pequeno macaco pegando carona nas costas de um pássaro em pleno vôo e as imagens de dois pescadores que estavam em apuros porque os peixes pulavam espontaneamente para dentro do barco em grande quantidade. Vendo essas imagens lembrei que num passado não muito distante, principalmente durante uma pescaria ou caçada, ocorriam fatos surpreendentes que não podiam ser relatados sem o protagonista correr o risco de ser alvo da ironia geral. Nos dias atuais tudo ficou mais

fácil por conta das novas tecnologias que processam fotos e imagens em alta resolução, jogando-as na rede em tempo real. Mas no tempo antigo a estória dependia exclusivamente do testemunho do pescador ou caçador que teve a oportunidade de presenciar o fato inusitado. Muitas vezes a pessoa deixava de contar uma boa estória para não ficar com a pecha de mentiroso junto aos amigos.

Certa feita eu estava pescando atrás da Ilha de Porto Belo com o meu cunhado Luis Lázzaris Fernandes e voltamos, depois de quatro horas ininterruptas de pescaria, com o samburá vazio. Quando ‘imbicamos’ o barco para dar entrada na barra do pequeno rio que dá acesso à rampa pública senti uma lambada nas costas, tendo a sensação de que um objeto pontiagudo havia me atingido com força. Imediatamente coloquei a mão no local atingido e olhei para trás. Nisso fui surpreendido com uma imagem inusitada: uma tainha de grande porte se debatendo no fundo do barco. Ato contínuo, mais três pularam para dentro do nosso barco. A pescaria estava tão promissora que resolvemos desligar o motor do barco e ficar à deriva no canal, arriscando a sorte por mais meia hora. Resumo da estória: voltamos para casa com o samburá forrado.

Na enchente de 2008 ocorreram pescarias em praticamente todas as ruas do centro urbano da cidade de Itajaí. Eu, particularmente, fui testemunha de pescarias nas ruas Brusque, Uruguai, Treze de Maio e João Bauer. Mas ouvi relatos de pessoas que pescaram em plena Rua Hercílio Luz. Isso foi possível porque os pequenos açudes e lagoas de engorda de peixes existentes na bacia do Itajaí-Mirim romperam com a força da água e despejaram grande quantidade de tilápia, bagre africano e carpa pelas ruas da cidade. Mas, vou ser sincero com vocês, só estou contando essa estória porque, na ocasião, tive oportunidade de tirar uma foto do pessoal pescando. Por isso mesmo, peço encarecidamente aos editores do nosso prestigioso Diarinho – Fran e Sandro - não publicarem esse relato sem a referida foto, porque não quero passar por mentiroso. Isso não!

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 15 de julho de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando pescador na rua Treze de Maio.

A LUZ DA NOSSA IGREJA MATRIZ



Recentemente tive a oportunidade de promover, por um mês, um roteiro cultural pela cidade de São Paulo, oportunidade em que conheci inúmeras igrejas. Entrava nas igrejas paulistas antigas do mesmo jeito que entrava em um museu instalado em prédio histórico, olhando todos os detalhes das obras de arte – da arquitetura aos entalhes, das

pinturas aos pisos. Ali, visitei a majestosa Catedral da Sé, a igreja do Mosteiro de São Bento e pequenas igrejas, algumas seculares, que proliferam no entorno do Centro Histórico da capital paulista. Nas visitas sempre utilizava como referência estética as nossas duas igrejas: Immaculada Conceição e Santíssimo Sacramento.

Assim que retornei a Itajaí entrei na Igreja do Santíssimo Sacramento para fazer uma comparação definitiva entre o que vi em São Paulo e o que temos por aqui. Nesse exercício visual, acabei destacando dois pontos primordiais favoráveis à nossa matriz enquanto patrimônio cultural: a qualidade dos afrescos temáticos dos artistas Emílio Sessa e Aldo Locatelli e, a luminosidade do seu interior, proporcionada principalmente pelos seus grandes vitrais, elaborados pelo artista alemão Martin Obermeyer - construídos pela empresa Vidraçaria Pencker de Porto Alegre. Sendo este último item, seu maior atributo estético. Entrei em dezenas de igrejas paulistas e agora, mais do que nunca, fico impressionado com a luminosidade do interior de nossa Igreja Matriz.

Outro dia, fui além, tendo em mãos o livro ‘A matriz de todos nós’ – que contém na sua parte final o ‘Guia para uma visita à matriz’ – resolvi fazer uma visita guiada tendo o livro como referência. Como me demorei no seu interior muito mais tempo do que o esperado pude me surpreender com algo extremamente belo: na medida que o dia ia avançando a luminosidade do interior da igreja também ia modificando o ambiente. Por conta dessa observação, resolvi retornar várias vezes ao local, ainda no mesmo dia, em horas ‘fechadas’ à tarde e à noite. Uma dessas visitas fiz em companhia do artista plástico Walmir Binhoti. Ali, ele relatou – emocionado – que quando tinha seus oito anos de idade ficou tão impressionado ao visitar pela primeira vez nossa Igreja Matriz que resolveu, diante das obras de Locatelli e Sessa, ser artista também. Hoje, Walmir é especialista em arte sacra e tem trabalhos expostos em diversos países.

Para quem gosta de arte sacra fica a orientação de fazer um roteiro guiado pelo livro ‘A matriz de todos nós’. Ela é uma galeria de arte sacra original de altíssimo valor artístico. Você vai encontrar a escultura de Erwin Curt Teichmann, os vitrais de Martin Obermeyer, os afrescos e pinturas de Emílio Sessa e Aldo Locatelli, a arquitetura de Simão Gramlich e ... muita luz.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 22 de julho de 2019, pag 08 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE I



Sempre que falamos em história a primeira noção que surge em nossa cabeça é aquela de que o relato vai fazer referência à vida de alguém importante, como Tiradentes ou Agostinho Alves Ramos. Dificilmente uma pessoa vivendo seu cotidiano de forma apressada e atarefada dá-se conta de que também está fazendo história através de suas escolhas e atos. Participamos ativamente da história, por exemplo, quando decidimos trocar nossa televisão ‘preto & branco’ por uma colorida e, depois, nossa tv de válvulas por uma digital. Mais adiante, ainda somos participantes do processo de mudança comprando uma televisão com controle remoto e, tempos depois, uma tv que aceita comando do celular. No final, estamos baixando um aplicativo para assistir nossos programas favoritos na própria tela do celular, mas já estamos de olho em trocá-lo por um novo aparelho que projeta a imagem em qualquer superfície próxima, um misto de celular e Datashow.

Por achar que somente pessoas importantes realizam feitos importantes e, que apenas esses feitos são dignos de permanecerem na História é que não registramos nossos

próprios feitos, deixando para os outros o registro de nossa própria história. Você saberia dizer, por exemplo, quando ouviu rádio portátil pela primeira vez?; Quando viu uma televisão colorida pela primeira vez?; Quando falou ao telefone com fio e ao telefone sem fio?; Quando trocou a máquina de escrever pelo computador de mesa, o computador de mesa pelo notebook, o notebook pelo celular? Você lembra da primeira vez que teve de lutar contra um vírus que infestou o seu computador?; Quando usou pela primeira vez a internet e recebeu um endereço eletrônico?

Eu lembro, por exemplo, da primeira vez que ouvi falar em televisão colorida. Eu estava próximo a um mural afixado na parede do Colégio Salesiano e participei de um grupo que ria muito por conta de uma pequena notícia de jornal anunciando que ‘em breve’ teríamos televisão colorida em todas as casas do Brasil. Todos, sem exceção, não podiam conceber uma maneira de transmitir as cores para uma imagem em movimento. Diante da ignorância nos restou rir e rir muito. Décadas depois, quando a televisão colorida chegou a todos os lares de Itajaí eu aprendi a respeitar, inclusive, a ficção científica. Nessas seis décadas de existência vi tanta transformação tecnológica ocorrendo que já não me permito mais a ingenuidade de duvidar da capacidade humana em inovar tecnologicamente.

Agora me vejo como ator histórico quando compro aparelhos ou deixo o telefone fixo de lado para usar o celular. Você lembra do dia que falou pela primeira vez ao celular?

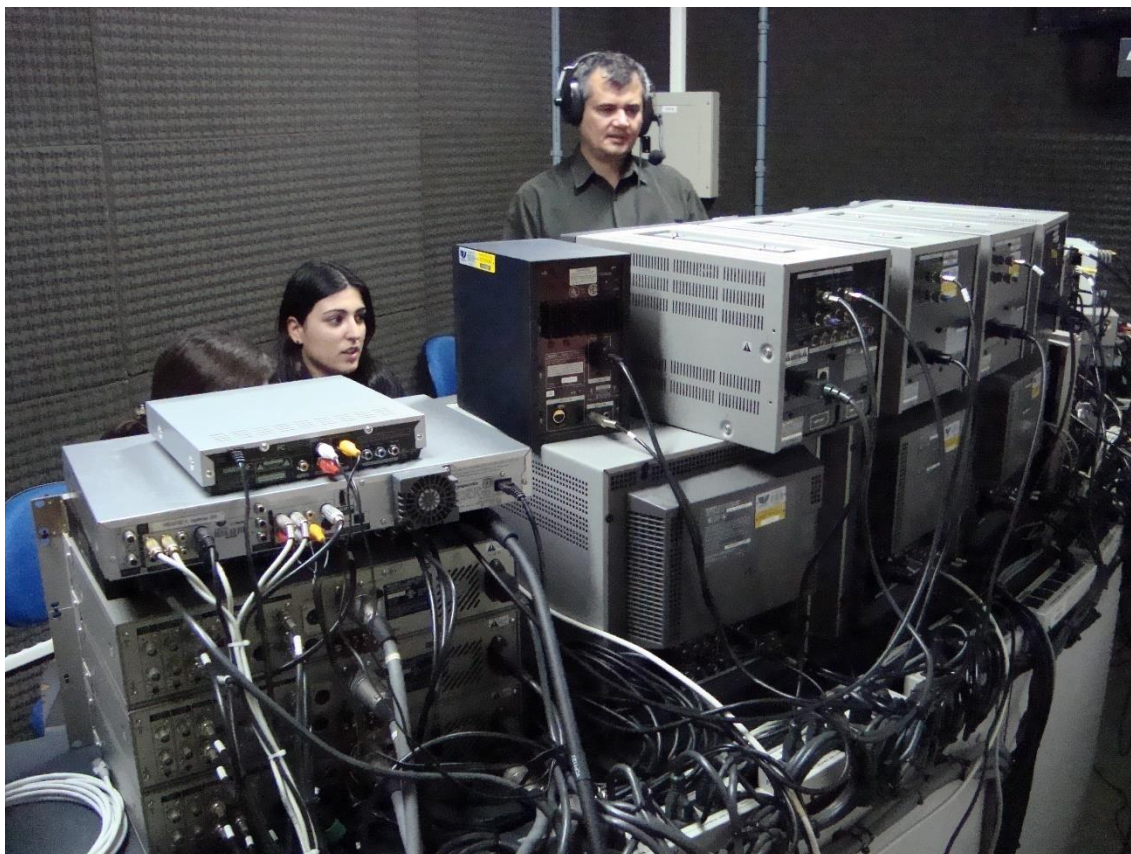
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 29 de julho de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE II



Sempre que falamos em novas tecnologias temos uma tendência natural de pensar positivamente. Para o homem hodierno tecnologia é sinônimo de facilidade e comodidade. Assimilamos tão rapidamente as mudanças que nos facilitam o cotidiano que esquecemos das trocas que promovemos. Algumas dessas trocas – como é o caso da carroça pelo automóvel – foram vivenciadas pela geração da década de 1950, quando o Brasil experimentou processo de alto desenvolvimento industrial. Contudo, essa revolução tecnológica não trouxe apenas coisas boas para a nossa vida. Junto com o plástico herdamos o problema do lixo; junto com o automóvel recebemos a poluição urbana; junto com o computador tivemos de conviver com os hackers, os vírus e, mais recentemente, com os sequestros de ‘memória’.

Eu participei do numeroso grupo de pioneiros da internet em Itajaí. Do Orkut ao Facebook a caminhada foi rápida e as mudanças constantes. Ainda no tempo do ‘Orkut’

[2004] cheguei a constar na lista dos dez mais acessados em nível nacional com uma coluna diária sobre política. Agora, com o Facebook, mantenho o grupo ‘Itajai de Antigamente’ com quase trinta mil associados interessados em conversar sobre a ‘História de Itajai’. Mas essa intimidade com o computador e a rede social eletrônica não me deixou imune aos seus retrocessos éticos. Na eleição presidencial de 2018 desfiz cerca de 2.500 ‘amizades’ no Facebook por considerar inconveniente [agressiva e ofensiva] a participação dessas pessoas no debate político. Nesse momento compreendi todo o significado do desabafo de Humberto Eco quando disse que a internet deu voz a uma ‘legião de imbecis’ que transformou a rede social em ‘faroeste’.

Pior ocorreu no dia 13 de maio de 2019. Nesse dia percebi que muitos arquivos do meu computador estavam bloqueados por um mecanismo que não permitia o meu acesso aos dados neles contidos. Logo em seguida recebi uma mensagem em inglês pedindo 980 dólares para que o conteúdo fosse liberado. Tem mais, o valor em dólar deveria ser convertido em ‘Bitcoin’ – uma moeda virtual – e, se o depósito fosse feito em 72 horas eu poderia me beneficiar de um desconto de cinquenta por cento. O valor deveria ser depositado numa conta a ser acessada no site intitulado ‘Mosteiro’. Obviamente que não paguei o resgate, preferindo instalar uma HD nova no meu computador e penar por dois meses para recuperar parte do conteúdo mantido em CDs e pendrive.

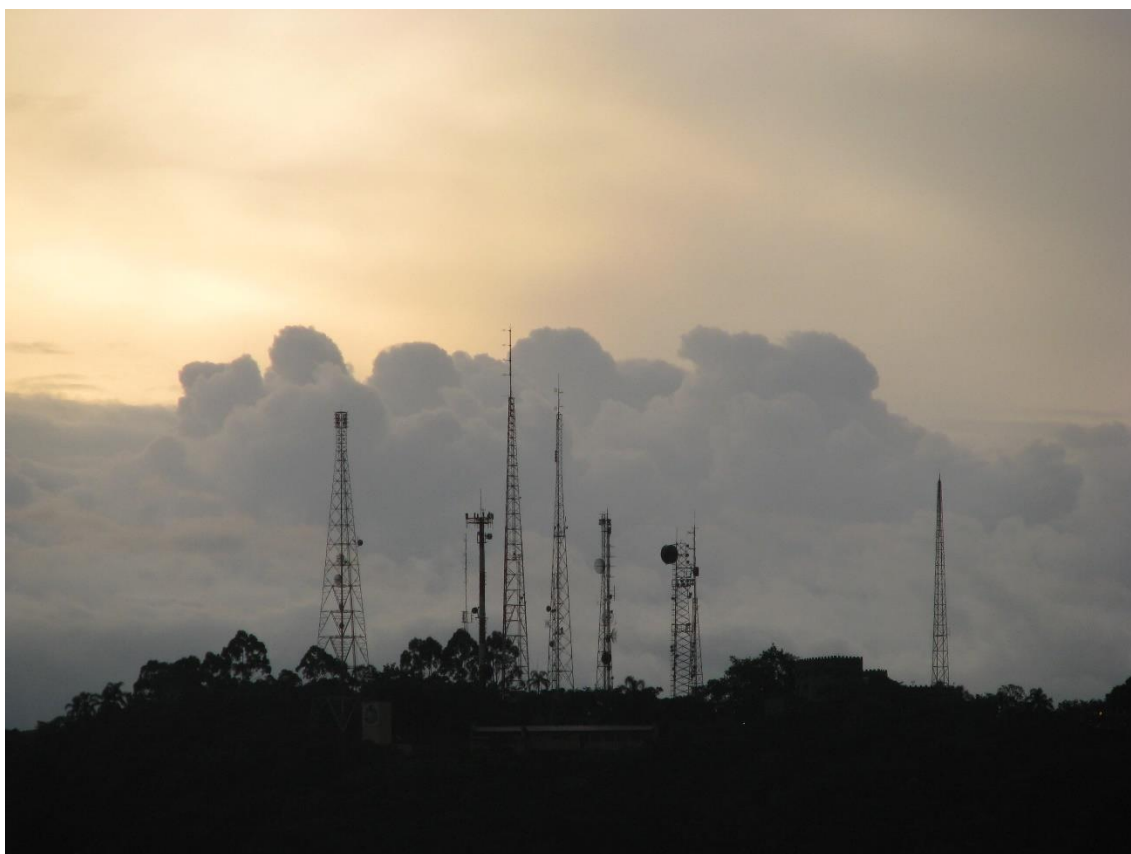
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 05 de agosto de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando os bastidores da TV Univali.

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE III



Rosie chegou na minha casa no dia 15 de fevereiro de 2018 recebendo, dois meses depois, 05 de abril de 2018, a companhia de Wall-E. No início olhei para esses dois ‘monstrinhos eletrônicos’ como se fossem invasores, mas gradualmente fui me acostumando com eles passeando entre os meus pés enquanto escrevia minhas crônicas e livros. Wall-E e Rosie são dois robôs aspiradores inteligentes que ficam retirando o pó da casa de forma automática, sem precisar da nossa contribuição. Wall-E recebeu o nome em referência a um robô que ficou durante toda sua vida [mais de 700 anos] limpando as sujeiras do planeta terra [filme de 2008]; Rosie era o nome da robô empregada doméstica dos Jetsons – uma série de desenho animado que fez muito sucesso na década de 1960.

Wall-E e Rosie abriram as portas de minha casa para a automação, para a robótica, para o futuro que já está se constituindo em presente. Um futuro que era vislumbrado por mim, professor de Filosofia e Sociologia da antiga Fepevi, como algo possível a longo

prazo. Lembro muito bem quando comecei a falar para os meus alunos que ‘no futuro’ tudo seria acessado a partir do aparelho celular. Era ainda o tempo do ‘tijolão’ da Motorola e meus alunos me ouviam fazendo cara de ceticismo total. Eu mesmo não pensava em ver pessoalmente o dia do celular ser ao mesmo tempo relógio, telefone, televisão, computador, internet, fax, controle de televisão, datashow ... Pensava que isso seria possível apenas na geração dos meus netos.

Em novembro de 2018 comecei a jogar xadrez contra o computador através do celular e tablet. O programa ‘Lichess’ me permite jogar contra o computador e também contra um adversário, do mesmo nível que o meu, que está na França ou em Hong Kong. Se preferir, posso apenas acompanhar partidas que estão sendo realizadas pelos demais integrantes do sistema ou ficar resolvendo desafios que o programa me oferece diariamente. A máquina agora, anda sozinha entre os meus pés limpando a casa, joga xadrez comigo, me avisa a hora de acordar e também agenda todos os meus compromissos do dia.

A verdade é simples: o futuro chegou e nós somos seus protagonistas ao trocar a carroça pelo carro, a máquina de escrever pelo computador, a televisão e o despertador pelo celular, o fax pelo e-mail, a máquina fotográfica de filme pela digital, o livro de papel pelo Kindle. A nossa geração é testemunha da História e sua principal protagonista.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 12 de agosto de 2019 pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando o Morro da Cruz

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE IV



Dia desse recebi das mãos do amigo Joaquim Lacerda um pequeno prospecto anunciando o ‘Portal Multimídia’. Eu já estava registrando as mudanças muito rápidas que vinham ocorrendo no mundo da comunicação social desde o advento do Orkut em 2004. Aderi rapidamente, por exemplo, à assinatura digital do Diarinho, Folha, Estadão, Santa e Veja. Mas, sinceramente, o pequeno prospecto que recebi de Joaquim Lacerda teve o poder de surpreender porque me apresentou um mundo complexo da comunicação

social da qual ainda não havia me dado conta em toda a sua complexidade. Só aí comecei a perceber como o processo de multimídia está adiantado em Itajaí.

Ao chegar em casa abri novamente o site do Diarinho e pude constatar essa nova condição imposta pelas tecnologias. Ali encontrei podcast, WhatsApps, You Tube, blogs e até a TV Diarinho. Quer dizer, o Diarinho não é mais apenas o jornal impresso que circula na banca, mas uma plataforma multimídia que está no ar vinte e quatro horas por dia, de segunda a segunda ininterruptamente. Incrível tomar consciência de que eu já frequentava a página multimídia do Diarinho sem ter a exata noção de todo seu alcance tecnológico. Mais interessante ainda é observar que essa junção de mídias também está sendo realizada por empreendedores isolados na internet. Numa rápida pesquisa encontrei com relativa facilidade dezenas de rádios e canais de televisão que operam via internet, assim como sites, páginas, blogs, grupos ...

Se minha memória não está me traindo, o primeiro contemporâneo a ter a visão empresarial da multimídia em Itajaí foi o empresário Carlos Anversa Bittencourt. Há muito tempo ele vinha investindo nas plataformas eletrônicas casadas com as plataformas impressas. Revistas e jornais impressos foram aliados à televisão e internet. Carlos é um pioneiro nesse processo de juntar o impresso ao digital e o digital à televisão.

O problema é que podemos morrer afogados nesse mar de informações colocado à nossa disposição diuturnamente. Diante de tanta informação podemos nos afogar em um mar de *Fakes News*, inutilidades e imbecilidades travestidas de opinião. A Internet deu ao idiota o direito de falar de igual para igual com o sociólogo e o economista. Num país onde todos já eram técnicos de futebol a internet tem a capacidade de transformar todos em sociólogos, filósofos, economistas, advogados ... sem sequer precisar concluir o segundo grau. Claro que a resposta a este problema social gravíssimo – excesso de informação inútil e/ou falsa – já está posta diante de nós. Para fugir da ‘Legião de imbecis’ que habita a multimídia [Humberto Eco] basta criar-se o hábito de consultar fontes com credibilidade comprovada. Por conta disso, apesar de todas as informações que recebo via internet, não abro mão das minhas assinaturas digitais dos jornais e revistas.

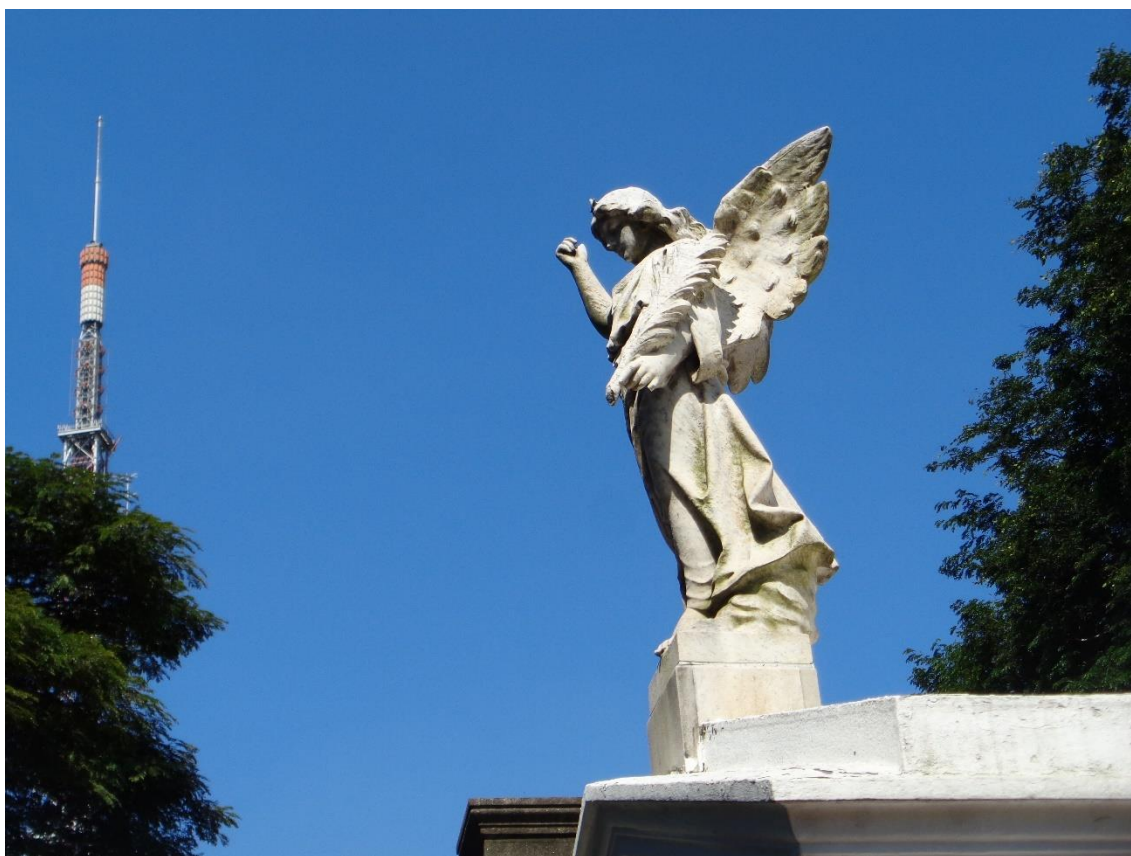
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 19 de agosto de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando rua em São Paulo.

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE V



Definitivamente as novas tecnologias digitais mudaram por completo o mundo da literatura e dos leitores. O primeiro passo foi a viabilização da edição eletrônica de jornais que tradicionalmente comprávamos nas bancas. Não foi um processo rápido, muito menos fácil, mas o leitor de jornal acabou migrando do impresso para o digital com relativa candura, sem traumas maiores a relatar. Depois - esse sim um processo litigioso - ocorre o processo de digitalização do livro. O Kindle começa a frequentar as mãos de nossos poucos leitores gradativamente, mas de forma conflituosa, sem glamour e sem unanimidade de opiniões. As editoras, obviamente estão tentando se adaptar a esse novo cenário, assim como os próprios autores.

Quando publiquei meu primeiro livro [1999] era normal a edição contar com a impressão de um a dois mil livros. Isso era feito não obstante o mercado comportar, em média, quinhentos livros. Salvos casos excepcionais, o restante da tiragem ficava

atravancando, por anos, um cômodo da casa do autor. Milhares de livros ‘encalhados’ sem possibilidade de chegar às mãos dos leitores. Por isso mesmo, assim que foi possível, comecei a publicar alguns livros apenas na plataforma digital. Em 2018 disponibilizei gratuitamente o livro ‘Itajaí – uma cidade em busca do seu fundador – textos compilados’ [www.magru.com.br] e, em 2019, acabo de publicar no mesmo endereço o livro ‘A fundação de Itajaí – historiografia anotada e comentada’.

Os poetas Nilson Weber e Hang Ferrero também estão partindo para caminhos alternativos para divulgação de suas obras. Não obstante manterem algumas edições impressas, começam a reforçar ações nos meios digitais. Nilson envia novos poemas aos amigos via Facebook, Instagram, WhatsApp. Hang Ferrero faz vídeos, clips, podcast e envia pela rede de amigos que mantém no mundo virtual. Aqui e ali pipocam ‘lives’ – transmissões ao vivo pela internet – de autores locais. Fica evidente que a literatura também está migrando do papel para as plataformas digitais.

Por volta de 2003, quando presidente da Academia Itajaiense de Letras, criei a Livraria Virtual visando oferecer os livros publicados [no papel] ao restrito mercado local. Já em 2018, o escritor Adilson Amaral, proprietário da Editora Alternativa, deu um passo adiante, lançando a página www.leiabrazil.com.br. Ali, oferece, a preços muito acessíveis, as edições digitalizadas de centenas de livros de autores da Região da Grande Itajaí. Em recente evento patrocinado pela Editora Ipê Amarelo na Casa da Cultura a palestrante vinda de São Paulo – Vera Saad - garantiu aos presentes que o livro físico não está com seus dias contados e que o mercado do livro no Brasil e no mundo está sinalizando para a convivência pacífica entre livro físico e livro digital. Será?

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 27 de agosto de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando cemitério de São Paulo.

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE VI



Na condição de aluno do curso de mestrado da Furb tive oportunidade de participar de uma das primeiras experiências educacionais à distância em nível internacional aqui no Vale do Itajaí, utilizando a internet. Tratava-se de um seminário promovido pela Universidade Virtual Latinoamericana - mantida pela Lund University [Suécia] – em convênio com a própria Furb. O seminário foi realizado no ano de 1998 versando sobre o tema ‘New Technologies and pedagogical Challeges’. Em seguida, o Curso de Jornalismo da Univali promoveu uma aula técnica com o sugestivo título ‘As perspectivas da comunicação na nova era digital’. Estava estabelecida, em definitivo, a Era Digital entre os nossos comunicadores e educadores.

Enquanto professor da Fepevi/Univali fui testemunha dessa revolução tecnológica dentro da sala de aula. Comecei dando aula utilizando quadro e giz - esporadicamente utilizava o projetor de slides e o retroprojetor. Na medida que o setor de ‘xerox’ se firmava na universidade o projetor de slides ia sendo abandonado em detrimento do retroprojetor

– que utilizava películas transparentes xerografadas e desenhadas enquanto o *slide* utilizava um sofisticado e caro sistema de fotografias. Além do mais o projetor de slides tinha uma lâmpada caríssima que insistia em estragar durante seu transporte e as lâminas ‘encavalavam’ e travavam dentro do mecanismo automático. Nesse mesmo período, as cópias do material didático que eram feitas em mimeógrafos [álcool, tinta, elétrico ...] foram substituídas por cópias xerografadas. Passamos um tempo que poderíamos intitular de ‘A era do xerox’ ou ‘A era da reprodução instantânea’.

No ano de 1992 fiz um curso oferecido pelo Instituto Vicentino de Filosofia intitulado ‘VIII Curso de filmagem em videocassete a serviço da igreja’ porque já estava utilizando com certa regularidade o vídeo-cassete e o cinema nas aulas de Sociologia e Filosofia. Em 2000 ofereci diversas oficinas com o título ‘O vídeo em sala de aula’ no processo de formação continuada dos professores da Univali. Em 2001 mergulhei intensamente no projeto ‘Ver cinema. Ler cinema’ com livro, palestras, oficinas, grupo de estudo, formação continuada de professores ... mostrando um método que desenvolvi para a utilização do cinema como recurso didático. A partir de 2000 comecei a intensificar o processo de disponibilizar todo o material didático que produzia no computador aos meus alunos. Inicialmente através de disquetes, depois CDS, DVDs, Pen-drives e por fim, através de e-mail e outros mecanismos oferecidos pela Internet.

Essa é a história do meu relacionamento com a tecnologia em sala de aula. Você lembra da sua história?

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 02 de setembro de 2019, pag 08 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando a localidade de Itaipava – Itajaí.

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE VII



A dialética da vida nos mostra que tudo flui, tudo se transforma, tudo está em contínuo movimento. Mas nunca na história da humanidade essas mudanças ocorreram de forma tão rápida. Apenas a passagem de uma geração foi necessária para pularmos do mundo mecânico ao digital, da máquina de escrever ao computador, do real ao virtual. Experimentamos um momento de crise justamente por termos consciência de que estamos vivendo em pleno desabrochar de uma revolução sem sabermos exatamente para aonde estamos indo. Uma coisa é certa: a vida está saindo do real em direção ao virtual. Outra coisa é certa: nós não sabemos exatamente o que isso significa para nós mesmos. Aturdidos, corremos o risco de morrer afogados em um mar de informações inúteis.

Intrigado com tanta mensagem que venho recebendo no meu celular e computador através de plataformas como WhatsApp, You Tube, Instagram, Messenger, Facebook, E-mail, Twitter ... resolvi controlar por um dia essa dinâmica de comunicação na qual estou envolvido diretamente. Zerei todas as notificações existentes no meu computador, tablet

e celular a zero hora de um domingo de junho, voltando a mexer nesses mecanismos eletrônicos somente minutos antes do relógio indicar a zero hora do dia seguinte. Portanto, controlei o fluxo de mensagens eletrônicas dirigidas a minha pessoa por um dia exato. Não fiquei surpreso com o resultado, mas, confesso, fiquei perplexo. Recebi mais de duas mil mensagens.

Somente em um grupo liderado por político itajaiense que frequenta a Cocada recebi quase setecentas mensagens. Ali se falava de tudo, mas principalmente da vida dos outros. Dos três principais grupos que frequento no WhatsApps recebi 1.700 mensagens, sendo que na maioria absoluta dos casos as informações transmitidas não tinham qualquer valor jornalístico ou de interesse público. A maioria dessas informações pode ser muito bem catalogada como ‘fofoca’ e ‘futilidade’. Do conteúdo pornográfico, então, nem vale a pena falar aqui. Se eu fosse gastar meio minuto para ler e replicar cada mensagem recebida naquele domingo, teria gasto, no mínimo, meio dia digitando nas telas do computador e celular. A partir daí, então, compreendi porque encontramos tanta gente digitando enquanto anda pela rua, toma café ou ‘conversa’ com um amigo.

Estamos diante de uma pandemia inédita na história da Humanidade: excesso de informação. Essa doença tem a capacidade de devorar o tempo útil da pessoa, tornando-a ineficiente e improdutiva. A boa notícia é que a cura é relativamente simples: basta desligar o celular. Você consegue?

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 09 de setembro de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando festa de funcionários da Univali.

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE VIII



Você já foi surpreendido pela troca rápida de uma tecnologia que considerava ainda ter um bom tempo de vida útil? Eu fui surpreendido diversas vezes e, confesso, guardo essas experiências como momentos delicados da minha vida – em níveis profissional e particular. Quando estava montando os primeiros laboratórios técnicos do Curso de Comunicação Social – Jornalismo – da Univali fui pego em pleno processo de transição entre a máquina de escrever e o computador. Na vida particular, lembro da transição entre a câmera fotográfica com filme para a digital.

Assim que fui nomeado pelo reitor Edison Villela para montar o Curso de Jornalismo da Univali [1991] visitei diversas universidades entre o Rio Grande do Sul e Espírito Santo, em busca de informações sobre o que fazer em termos de laboratórios técnicos. As universidades que visitei – a maioria pública – tinham laboratórios fotográficos baseados no sistema de filmes e suas redações contavam com máquinas de

escrever mecânicas – sequer tinham máquinas elétricas, muito menos computadores. Seus currículos, por exemplo, contemplavam conteúdos técnicos de diagramação baseada no sistema de ‘régua paica’ e assim por diante.

Considerando as diversas opiniões colhidas - inclusive em universidades federais - resolvemos montar duas redações com máquinas de escrever mecânicas – complementadas com duas máquinas elétricas – na certeza de que o computador ainda iria demorar um bom tempo para chegar às redações dos jornais já que, até ali, somente as matrizes dos grandes jornais contavam com computadores. Acontece que seis meses após comprarmos as Olivetti um vendaval tecnológico varreu de todas as redações do Brasil as máquinas de escrever. Seis meses foi o tempo de uso de dezenas de máquinas que compramos na certeza de que seriam utilizadas, no mínimo, por uma década. Sabíamos que o computador era uma tendência crescente e todo mundo previa a mudança, contudo, ninguém previu a velocidade da mudança.

Certa feita eu e o meu cunhado Luiz Lázaris ficamos em dúvida se comprávamos máquinas fotográficas digitais ou com filme. Luiz acabou comprando uma máquina convencional por ter convicção de que ‘*o digital nunca vai ter a qualidade de imagem do filme*’ e, eu adquiri a minha primeira câmera digital. Sempre que estávamos em festa de família ficávamos comparando os dois sistemas, visando detectar custos/benefícios e diferenças técnicas das fotos. Dois anos depois, Luiz deixou de lado sua câmera de filmes e aderiu à tecnologia digital. Resistiu em sua trincheira tecnológica até onde pode, mas sucumbiu à realidade do mundo. Já em 2019 deixei de lado as câmeras digitais e aderi ao celular para fotografar. Qual será a próxima mudança? Eu sei! Vou fotografar com os meus próprios olhos.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 18 de setembro de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando o Morro da Cruz e o Castelo Montemar

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE IX



Nesse final de ano [2019] resolvi deixar de lado mais um bloqueio que mantinha em relação às novas tecnologias e utilizei o aplicativo que o banco me ofereceu no celular. Pela primeira vez utilizei o ‘banco digital’ para ter acesso aos saldos de minhas contas. Não foi uma decisão fácil porque resisti até onde pude para não ficar dependente dessas máquinas. O próximo passo será pagar os boletos também pelo celular no sistema de leitura digital de códigos de barras. No presente momento não pretendo fazer isso, mas sei que o futuro está logo ali na frente me espreitando com seu olhar onipresente, onipotente e onisciente. As agências bancárias vão fechar.

Eu nasci no dia 13 de agosto de 1956 e até o dia 18 de outubro de 1977 eu sempre paguei minhas compras com dinheiro. Nesse dia eu assumi o posto de escriturário do Banco Real e junto com a carteira de trabalho assinada ganhei uma conta bancária e um talonário. Um mês depois, com o primeiro salário na conta, sai com minha mãe – Julita Garcia dos Santos – para fazer compras. Era necessário comprar roupas para fazer frente às exigências da empresa e acabamos comprando nas Casas Pernambucanas. Na hora de

pagar eu fiquei tão nervoso por estar assinando meu primeiro cheque que errei duas vezes, tendo de fazer três cheques. Mas a partir daí cheque e dinheiro passaram a fazer parte da minha vida sem maiores dilemas.

Depois apareceram os cartões magnéticos que os bancos insistiam em mandar pelos correios. Quase na mesma época apareceram os caixas eletrônicos. Uma dupla que recusei desde o início e por muito tempo. Pegava senha, ficava esperando horas, mas insistia em fazer tudo o que tinha de fazer no banco olhando nos olhos de um ser humano até que um dia um caixa me disse que determinada ‘operação’ só podia ser feita no caixa eletrônico. Briguei, resmunguei, pedi para falar com o ‘meu’ gerente ... mas tive de usar o cartão magnético e o caixa eletrônico. No início utilizava a dupla – cartão e caixa – somente para tirar saldos. Muito depois comecei a pagar boletos com códigos de barra e, por último, retirar dinheiro. Foi uma rendição negociada, gradativa e muito parcimoniosa. Mas, acabei me entregando por completo.

Acontece que agora aparece esse tal de banco digital dizendo que eu posso fazer tudo o que preciso fazer em um banco sem ir à uma agência bancária. Novamente resisti até onde pude, mas acabei capitulando e usando o tal banco digital para ver meus saldos. Sei que o bloqueio psicológico caiu e que logo ali na frente estarei pagando minhas contas com o leitor de códigos de barras do celular.

Adeus agência bancária, adeus cartão magnético, adeus dinheiro

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 17 de fevereiro de 2020, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando o Morro de Zimbros – divisa de Bombinhas e Porto Belo.

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE X



Dia desses acompanhei diversos debates sobre movimentos que vem ocorrendo no mundo inteiro contra o uso de sistemas de reconhecimento facial e outras tecnologias que identificam as pessoas onde elas estiverem. Não precisa dizer que é uma batalha perdida do tipo Dom Quixote de La Mancha e os moinhos. Essas tecnologias vem para ficar, para o bem e para o mal. O setor público necessita desses sistemas para manter a segurança de pessoas que vivem em centros urbanos aos milhões. Na carona dessa necessidade do Estado vem o oportunismo político e as muitas vantagens dos comerciantes em identificar rapidamente um cliente em potencial. Tudo isso junto nos garante que chegamos em definitivo à sociedade do ‘Grande Irmão’ que George Orwel havia projeto para o ano de 1984.

Recentemente ‘virilizou’ na internet imagens de uma senhora roubando flores do canteiro central da Avenida Contorno Sul. Na mesma semana, imagens de câmeras de segurança de edifícios mostravam arrombamentos, assaltos a mão armada, brigas e até suicídios. Ninguém tem mais dúvidas de que estamos caminhando para uma sociedade de

controle total. Nossas faces e mãos já estão sendo escaneadas, digitalizadas, transformadas em logaritmos e nossos passos seguidos diuturnamente. Isso acontece em locais externos [públicos e privados] mas também dentro do nosso celular, computador e televisão. Os bancos de dados guardam milhares de detalhes sobre nós, como nossa cor preferida, jeitos, trejeitos, postura corporal e até as palavras que mais utilizamos e por isso fazem mais sentido ao nosso cérebro.

O sistema de controle total caminhou lentamente até aqui com as carteiras de identidade, deu um passo gigantesco com as câmeras de monitoramento das ruas e salas comerciais para se consolidar em definitivo através de sistemas de biometria públicos e privados. A minha primeira experiência com identificação biométrica ocorreu no recadastramento eleitoral de 2017 visando à eleição de 2018. Mais recentemente, no final de 2019, fiz a biometria para ter acesso ao caixa eletrônico do banco. Ainda não tive a oportunidade de ser identificado pelos meus olhos, mas sei, é uma questão de tempo.

Não se trata apenas do Estado estar monitorando seus passos de cidadão como previu George Orwell no livro 1984. É algo muito maior, desproporcionalmente maior, porque trata-se de tecnologias agregadas que ficam sob controle de todos: do Estado – através dos sistemas de segurança pública e burocracia; da iniciativa privada – através de bancos de dados com perfis dos consumidores; do cidadão comum – que tudo vê e tudo filma para disponibilizar nas redes sociais. Dessa forma, ‘1984’ ficou no passado, que venha então ‘Blade Runner’ e seus robôs humanizados.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 27 de fevereiro de 2020, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando a Casa da Cultura de Itajaí.

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

APRENDENDO A VIVER COM MAIS TECNOLOGIA – PARTE XI



Novas tecnologias estão surgindo diariamente, mas elas demoram para entrar no nosso dia-a-dia. É evidente que o tempo entre a invenção, testes e mercado vem caindo drasticamente nos últimos anos. No antigamente ficávamos sabendo de invenções através das ‘almanaques de farmácia’ e recortes de jornais e revistas que eram afixados nos murais das escolas. Entre o anúncio da descoberta e sua chegada em Itajaí poderia demorar décadas. Hoje, ficamos sabendo da novidade e já corremos para as lojas esperando ser proprietários do novo-novíssimo lançamento. Eu, por exemplo, já decidi: meu próximo carro será elétrico.

Chegamos em 2020 sem saber exatamente para onde está nos levando essa Terceira Revolução Tecnológica. Sequer temos certeza absoluta de que a energia matriz da revolução será a energia elétrica. Tudo indica que sim, porque a eletricidade pode ser produzida de inúmeras maneiras, sendo a maioria delas renováveis e de baixo impacto ambiental. Vento, ondas do mar, correnteza de rios ... tudo, absolutamente tudo que está

em movimento pode nos fornecer grande quantidade de energia elétrica. A questão agora é a corrida para ver quem consegue armazená-la adequadamente para ser utilizada de forma autônoma a ponto de ser confiável para movimentar a frota de carros.

Robôs industriais e domésticos, carros elétricos, internet 5G, satélites, computadores e processos de miniaturizações das máquinas, armazenamento de dados nas nuvens e transmissão de energia elétrica sem o uso de fios ... parece que a Terceira Revolução está apenas começando, fazendo a gente se sentir pioneira por ter utilizado a televisão preto & branco, o rádio de antena externa, o telefone fixo, fax, telex, carro à combustão, livro e a cadernetinha da venda da esquina de casa. De todos os nossos pioneirismos parece que vai sobrar a bicicleta de pedal. Um dinossauro tecnológico que tende a sobreviver a todas as revoluções.

Quando vejo uma pessoa andando pelas ruas de Itajaí com bicicleta elétrica, artistas fotográficos e publicitários utilizando drones para gravações de imagens externas, os guindastes do Porto de Itajaí e aparelhos sofisticados no setor da saúde fico pensando que tudo isso não passa da ponta de um grande iceberg chamado Terceira Revolução Industrial. Acontece que o itajaiense que está usando celular enquanto caminha pela Rua Hercílio ainda não consegue se ver como esse agente de mudança radical. Provavelmente nunca se verá como tal porque a tecnologia vai sendo incorporada pouco-a-pouco no seu cotidiano, sem traumas ou grandes dramas pessoais e corporativos.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 21 de maio de 2018, pag 11 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando sofá abandonado na rua Thomás Fontes – Centro.

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

CORRE QUE A NEGA TIDINHA TÁ VINDO TE PEGAR



Desde os tempos mais remotos Itajaí contou com pessoas especiais que transitavam livremente pelas ruas da cidade merecendo de todos os seus cidadãos a complacência caridosa. Algumas delas eram figuras carismáticas que chegaram a ganhar *status* de personagens destacadas da cidade, como Nego Dico, Buti, Maria do Cais e a noiva que morreu de amor ‘A louca Judith’. Mas a personagem que mais habitou as mentes assustadas das crianças foi a Nega Tidinha. Sempre que nossos pais queriam nos convencer a sair da rua ouvíamos a tradicional sentença: ‘*Corre que a Nega Tidinha tá vindo te pegar*’.

Dia desses um membro do grupo ‘Itajaí de Antigamente’ [Facebook] propôs o desafio de enumerar essas pessoas que circulavam pelas ruas de Itajaí. Surpreendentemente a lista ficou maior do que era esperado. Veja alguns nomes lembrados: Agarradinho, Batmirim, Buti, Catarina, Chica Carnaval, Comar, Cometa Halley, Diogo, Doido do Radinho, Dona Carmem, Dujuão, Farofa, Fritz, Gelatina, Glória, Jandira, Japonês da Latinha, João da Ester, Júlio César – ceguinho palmeirense, Jurema, Pipi, Madalena, Maria Bonita, Maria da Quinquinha, Maria do Cais, Maria Facão, Maria Geladeira, Marlizinha, Moisés, Mojênio, Mudinho do Ovo, My Friend, Nega, Nego Cascas, Nego Dico, Nelsinho, Nino, Olegário, Pango, Papa Porca, Pica Fumo, Pirelli,

Quevo, Químicas, Quincas, Sadol, Sarita, Sassa, Sorriso, Sunga, Tidde, Tolinho do Arame. Tomé, Zé do Jornal ...

Conta a lenda que a Nega Tidinha transitava entre o Bairro São João e a Rua Hercílio Luz, ficando muitas vezes sentada defronte à Drogaria Catarinense. Há quem garanta que ela era filha bastarda de um dentista conceituado da cidade que a desprezou por completo quando fora estuprada por um desconhecido. Teria ficado grávida e, ao perder o filho, enlouqueceu. A partir daí ficava à espreita nas ruas da cidade atacando as mulheres que passavam com bebês para roubá-los. À polícia dizia sempre *‘Ele é o meu bebê! Ele é o meu bebê!’* A autoridade policial acabava soltando a Nega Tidinha a pedido das próprias vítimas que, passado o momento de terror de ver seus filhos roubados, acabavam se compadecendo da pobre mulher.

Papa Porca teria acabado seus dias na Colônia Santana na Grande Florianópolis, Madalena teria caído na bebida e na rua após a morte de sua filha predileta, Tomé comia insetos vivos, Maria do Cais jogava pedra e era um poço de impropérios, Nego Dico era o abre-alas da torcida marcionista, Químicas era o eterno calouro que nunca estudou na Univali, Mudinho do Ovo não era mudo, Maria da Quinquinha e Jurema compunham uma dupla excêntrica ... e assim segue a vida modorrenta da pequena cidade de Itajaí um pouco mais alegre por conta de muitos personagens carismáticos e excêntricos que habitam suas ruas.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 23 de setembro de 2019, pag 11 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando performance do artista ‘Agarradinho’ no Mercado Público de Itajaí.

3 - Texto alterado a 11 de agosto de 2020.

LÁ VEM O TREM! LÁ VEM O TREM!



Se fosse dada a você a tarefa de escolher um som que representasse sua infância, esse som seria? Bem, no meu caso específico esse som seria o apito do trem vindo lá dos lados da Rua Indaial, fazendo a curva para entrar na Felipe Reiser, desacelerando para passar pelo elevado da Rua Blumenau – atrás do Moinho Peônia – para entrar no Porto de Itajaí carregado de madeira.

Eu nasci e me criei na Rua Max – uma transversal da Rua Blumenau próxima ao Grêmio XXI de Julho – e tinha o hábito, quase diário, de brincar nos trilhos da ferrovia. Naquele tempo a ferrovia mantinha um ramal que iniciava próximo ao Parque Dom Bosco, passava pelas ruas Indaial e Felipe Reiser e finalizava viagem à beira do cais do porto. Nós colocávamos o ouvido rente aos trilhos para ouvir o trem chegando. Quando sentíamos sua presença experimentávamos um regozijo total, com os mais eufóricos pulando e anunciando: *‘Lá vem o trem! Lá vem o trem’*. Aí era só preparar as diversas brincadeiras. Uns colocavam pregos para serem amassados e que, depois, serviriam para

fazer dardos; outros ficavam próximos ao elevador da Rua Blumenau, esperando que o trem desacelerasse para pegar carona no último vagão ... era ali que o trem apitava mais vezes e com mais intensidade. Um som que guardo na memória com alegria.

Nos finais de semana a brincadeira era outra. Nós saíamos em grupo, reunindo gente das ruas Max e Terrestre, para passar o dia no Parque Dom Bosco. O nosso percurso preferido era pelas ruas Felipe Reiser e Indaial, fazendo todo o caminho brincando de se equilibrar nos trilhos do trem. Fazíamos competições de diversas coisas, sempre usando o leito da ferrovia. Os maiores sempre apresentavam novos desafios aos mais novos, principalmente aqueles envolvendo equilíbrio sobre os trilhos. Uma vez, lembro com dor, o desafio proposto era pular com um pé só, sobre diversas pedrinhas, sem sair de cima do trilho ou derrubar as pedras. Cai e me ralei todo ... mas a vida seguiu pelos trilhos do trem sem maiores traumas.

Agora que Itajaí não conta mais com as barcaças da Companhia Malburg transportando mercadorias pela hidrovia do Rio Itajaí entre Itajaí e Blumenau, nem com o trem da Estrada de Ferro Santa Catarina trazendo madeira até o nosso porto, resta a todos nós, diariamente, ficar presos em engarrafamentos múltiplos que proliferam pela cidade inteira como uma epidemia. Pelo menos na questão de transporte de carga Itajaí sofreu grandes retrocessos. Disso eu tenho certeza e a História está aí para me dar razão.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 08 de outubro de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando o trem descarregando no Porto de Itajaí.

3 - Texto alterado a 12 de agosto de 2020.

NEM PRECISAVA DE AEROPORTO



Até bem pouco tempo atrás aeroporto era uma coisa supérflua, sem muita utilidade porque os aviões desciam em qualquer lugar, até na areia da praia ou no rio – no caso dos hidroaviões. Como sabemos, o modal de transporte aéreo custou muito para se desenvolver no Brasil. E, por incrível que possa parecer, iniciou para valer por volta de 1927, contando com o espírito empreendedor de um itajaiense: o ministro da viação e obras públicas Victor Konder.

Os primeiros aviões que chegaram a Itajaí trazendo passageiros utilizaram o Rio Itajaí como pista de pouso. Os hidroaviões amerrissavam no trecho defronte à Rua Samuel Heusi seguindo uma raia imaginária até defronte da Praça Vidal Ramos. Assim que paravam suas carreiras eram abordados por pessoas em canoas, responsáveis por trazerem passageiros, tripulantes e cargas para a terra firme.

Depois, foi improvisada uma pista na Rua Uruguai, onde tinha uma raia de corrida de cavalos, provavelmente onde hoje temos a Rua Jorge Mattos. Por fim, tivemos a construção do Aeroporto Salgado Filho, depois rebatizado de Aeroporto Ministro Victor

Konder – no final da Rua Blumenau. Os jornais de antigamente anunciam diversos feitos aeronáuticos conhecidos antigamente como *raides* ou *rallys*, onde os pilotos utilizavam a faixa de areia das praias da região para aterrissarem por causa de panes no equipamento. Por conta desses improvisos de viagem temos notícias de pousos nas praias de navegantes – antigamente conhecida como Praia de Itajahy – Balneário Camboriú e Cabeçadas. Muitos álbuns de família possuem fotos de pequenos aviões pousando nas areias da Praia Central de Balneário Camboriú ainda no tempo que o presidente João Goulart veraneava por ali.

No meu tempo de criança a chegada de um avião era sempre um acontecimento digno de ser presenciado por um grande número de curiosos. Nós saíamos em grupo, a pé, pela Rua Blumenau, para ver esses aviões decolarem ou aterrissarem na pista de paralelepípedo do nosso precário aeroporto. Mas, acontecimentos grandiosos mesmo eram as apresentações da Esquadrilha da Fumaça. A cidade parava. Os curiosos vinham de todos os lugares. A multidão ficava horas no sol a pino só para ver as acrobacias aéreas dos aviões da Força Aérea Brasileira. Era algo emocionante. Inacreditável. Tinha também as apresentações acrobáticas dos paraquedistas ...

Nossos pais, ao saberem que íamos passar um tempo próximo ao aeroporto esperando as descidas dos aviões sempre nos alertavam para o perigo, lembrando do acidente que ocorreu a 19 de agosto de 1958, quando um avião DC-3 deu com as asas no chão e foi parar bem próximo das águas do Rio Itajaí. Um desses aviões sinistrados acabou sendo comprado pelo empresário Cídio Sandri, que o colocou no pátio de estacionamento do Supermercado Fazendão.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 15 e 22 de outubro de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins retratando hidroavião nas águas do Rio Itajaí.

3 - Texto alterado a 12 de agosto de 2020.

ANDANDO POR DUAS CIDADES



Quem tem uma certa idade quando caminha por lugares que conheceu na infância/juventude tem a impressão de estar andando por duas cidades ao mesmo tempo. Uma é a cidade real; outra, a cidade da memória. Uma cidade que existe apenas em forma de recordações. Não deixa de ser um privilégio essa capacidade de ver com duplicidade, simultaneamente, as coisas do mundo a sua volta. Passado e presente estão sempre dialogando, justapondo imagens, recuperando sons, comparando comportamentos ... permitindo que o real, o aqui e o agora, receba uma película de saudade, tornando o mundo mais rico, mais agradável, mais íntimo.

Quando passo pela Rua Blumenau eu vejo os tratores na Praça do Cachorro, o moinho da Companhia Malburg, as chatas argentinas negras e os vistosos navios ingleses atracados no Porto. Ao passar pela Contorno Sul eu vejo o trem cuspidor fumaça para todos os lados com pressa de chegar à estação final da Esplanada e, vejo também, a pequena igrejinha do Matadouro em cima de um outeiro. Por toda a cidade eu vejo pilhas

de madeira e ruas enlameadas mostrando ao mundo o preço que nosso povo pagou pelo pioneirismo da urbanização.

Quando olho para o novo prédio do Colégio Salesiano vejo a antiga sede do Colégio Itajaí, a torre da igreja inacabada e ouço nitidamente o mantra produzido pela bola de basquete batendo na quadra de cimento. Na Praça Vidal Ramos estou sempre na expectativa da chegada do ônibus que me levará novamente à Cabeçudas. Em Cabeçudas, mesmo na calçada, estou sempre pegando jacaré e lutando contra o mar em ressaca para não levar um caldo. Olho para o lado do farol e lembro das excursões que fazia à Caverna do Morcêgo junto com Calinho Niehues e, sinto minhas mãos segurando pedaços brilhantes de estalactite e estalagmite.

Pisando no asfalto lembro da lama; dirigindo o automóvel, lembro do carro de mola do Vô Doca; no Porto cheio de containers vejo as pilhas de madeira; assistindo os jogos da seleção brasileira lembro da Copa do Mundo de 1970; andando na Rua Hercílio Luz imagino uma linha branca de cal e os desfiles de Sete de Setembro; às margens do Rio Itajaí recordo das enchentes de 1983 e 1984 ... tudo junto e misturado, mas sem confusão mental, sem perturbação. Os dois mundos coabitam minha mente de forma uníssona, harmoniosa. Presente e passado formando um par de amigos que insiste em me ofertar a agradável sensação de felicidade por ter vivido intensamente em minha pequena comunidade.

Quando você vê um navio entrando na barra do Rio Itajaí lembra do quê?

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 28 de maio de 2019, pag 05 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano retratando a caixa d'água da rua João Bauer tendo no primeiro plano a casa construída por seu pai – Sebastião Floriano dos Santos.

AS TRAVESSURAS DE SEMPRE



Quando estamos em grupo, nos divertindo entre amigos, é comum, em determinado momento, começar espontaneamente uma sessão de contação de estórias engraçadas. Quem não tem uma boa estória para contar? Eu tenho as minhas e os jornais antigos de Itajaí também contam muitas dessas estórias. Das minhas estórias tenho de retirar algumas com teor cropológico, o restante é só diversão. Atualmente as escolas brasileiras incorporaram a tradição estadunidense do ‘dia das bruxas’ [halloween] onde as crianças sentenciam ‘*Doces ou travessuras*’. Mas, travessura não é atividade exclusiva das crianças como já mostrava o entrudo que ocorria no nosso carnaval.

Obviamente que nem sempre uma brincadeira alcança o objetivo esperado e, como foi o caso do entrudo no Brasil antigo, uma brincadeira podia muito bem acabar muito mal. Aqui mesmo em Itajaí temos uma história contada pelos jornais de época onde uma brincadeira acabou em morte. Isso ocorreu quando certo dia Samuel Heusi chegou em

casa com sangue nas mãos afirmando taxativamente para sua mulher Anna Heusi: *‘Dê-me o meu revólver que quero matar o cachorro do Henrique’*. Dona Anna estava em estado avançado de gravidez, ficando muito apreensiva por entender que seu marido estava querendo matar o vizinho. Em seguida foi tendo *‘ataque sobre ataque até dar a alma ao creador’*. O jornal A Idéa, na edição do dia 04 de março de 1886, garante que tudo não passou de um mal-entendido já que Samuel Heusi pretendia matar o cachorro e não o vizinho.

Um dia, estava debruçado sobre os jornais antigos da hemeroteca da Fundação Genésio Miranda Lins quando, abruptamente, senti o chão de madeira tremer, ouvindo um forte estouro simulando uma explosão ou algo parecido com isso. Concentrado que estava na pesquisa, fiquei emocionalmente abalado *‘saindo completamente de órbita’*. Só dei por mim quando estava sendo atendido por socorristas do sistema de saúde. Um jovem estagiário, querendo pregar susto na funcionária Maria de Fátima Maçaneiro foi o responsável pela brincadeira que por pouco não teve consequências danosas para mim e para a própria historiadora.

No meu tempo de criança, ali na Rua Max, nós fazíamos cobras com panos velhos, amarrávamos em um barbante fino e ficávamos esperando as pessoas desavisadas passarem. Ficávamos escondidos atrás das cercas, encobertos pela penumbra da noite e, dada a oportunidade, puxávamos o barbante para a cobra se mover próximo aos pés dos transeuntes. Era diversão certa para a molecada ... mas só para a moleca.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 05 de novembro de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano – enchente de 2008 – Rua Treze de Maio – Centro.

O MUNDO POLITICAMENTE CORRETO



Veja ou outra ouço alguém afirmar que o mundo de hoje é um mundo chato. Argumenta-se que não se pode dizer mais nada sem atentar contra valores de minorias politicamente constituídas. Estaria valendo aquele fenômeno que o educador Demerval Saviani intitula de ‘A curvatura da vara’ e que o dito popular sentencia como ‘ou oito ou oitenta’. Antes todos riam de todos e agora ninguém pode rir de ninguém. Mas aqui entre nós, é evidente que tivemos avanços em termos de humanidade pelo simples fato de que já não é mais possível ‘rir da cara dos outros’ e fazer dos seus defeitos objetos de brincadeiras. Claro que existem excessos, mas ...

No meu tempo de criança o ‘politicamente correto’ não existia e isso permitia que se discriminasse tudo e todos de forma irresponsável e até cruel. Qualquer característica fora do padrão apresentada por uma pessoa era imediatamente destacada, servindo de motivo de deboche e riso geral, emplacando o apelido correspondente: palito, tucano, tampinha, vesgo, mãozinha ... Eu mesmo sofri drasticamente por conta de minha magreza.

Os apelidos que recebia, na maioria das vezes me ofendiam e magoavam, deixando-me irritadiço e brigão. Não era fácil conviver com apelidos como: pau-de-vira-tripa, canudo de refrigerante, magricela, seco, palito ... Hoje, qualificariam essa atitude grupal como *bullying* e a escola me ajudaria a neutralizar a ação indevida do grupo. Sofri tanto com isso que cheguei a escrever um opúsculo, ainda não publicado, intitulado ‘Bullying – confesso que sofri’.

Contudo, quando um moralista de plantão começa a discursar contra as letras funks e algumas artes e licenciocidades apresentadas pela juventude de hoje imediatamente me vem à cabeça as letras de algumas músicas que faziam parte do repertório de antigamente. Ainda quando criança cantava inocentemente a cantiga ‘Atirei o pau no gato-to-to / mas o gato-to-to / não morreu-reu-reu ...’. E isso não valia só para a cantiga de roda não! Na prática era comum as crianças brincarem de torturar animais. Quantas vezes, nas festas juninas, colocávamos bombinhas e rojões amarrados nos rabos dos gatos e cachorros. A ferra-de-boi era tradição e chicotear com força desproporcional os cavalos de carga e montaria era normal.

Na juventude cantava a música que fez muito sucesso na voz de Orlando Silva: ‘Abre a janela formosa mulher / e venha dizer adeus a quem te adora / apesar de te amar como sempre amei / na hora da orgia eu vou embora ...’. Era o mundo machista e patriarcal, onde o homem tinha direito de ir viver na esbórnica, enquanto a mulher ficava dentro de casa, quietinha no seu canto. Sendo assim, o mundo até pode ter ficado mais chato, mas ficou melhor para se viver por ser mais justo.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 12 de novembro de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano – rua Hercílio Luz.

MENOS POLITICAGEM E MAIS ARTE



Muito cedo me apaixonei pela política partidária. A luta contra a ditadura me envolveu de tal sorte que me tornei um militante radical. Respirava e me alimentava da política. Tudo era um ato político e tudo só valia a pena se tivesse um objetivo político bem definido. Foi assim desde os catorze anos de idade - quando comecei a frequentar os bancos do Colégio Salesiano de Itajaí e os grêmios estudantis idealizados pelo Padre Heriberto Schmidt. Continuou assim quando militei na imprensa estudantil e quando trabalhei como repórter nos jornais A Nação, A Notícia e Santa. Esse espírito radical sobreviveu até mesmo a duas décadas de cátedra universitária ... a militância era tudo. Aqueles que não respiravam diuturnamente política simplesmente eram intitulados de ‘analfabetos políticos’ ou desqualificados como ‘intelectuais orgânicos da burguesia’.

Essa paixão incondicional pela política - que me levou às margens da clandestinidade, me fez perder bons empregos, ser expulso de instituições de ensino e, principalmente, perder o respeito de muita gente de bem – sobreviveu em mim, como parasita, dos 14 aos 44 anos de idade. Contudo, a decadência ética de MDB e PT, a partir do ano de 2000, me fez corrigir gradualmente essa trajetória doentia. Parcimoniosamente

fui mudando o foco de interesse e desnutrindo a paixão pela política partidária passando a realimentar duas antigas paixões: artes plásticas e história de Itajaí.

Hoje, bem mais distante do fanatismo político-ideológico e muito mais próximo das obras de Tarsila do Amaral, Lasar Segall, acredito que sou muito mais feliz e também mais útil para a minha comunidade. A arte de Itajaí me fornece momentos maravilhosos – seja ouvindo o coral Vozes do Vale, seja apreciando uma aquarela de Deolla – enquanto as pesquisas que desenvolvo sobre História de Itajaí me fornecem entretenimento e forte inserção comunitária. Estudando sobre Drummond, José Henrique Flores e Agostinho Alves Ramos, buscando novas fontes de pesquisa sobre a colonização do Vale do Itajaí, dialogando com outros memorialistas e pesquisadores sobre a Itajaí Colonial ... parece-me que a vida é mais razoável e o fardo a carregar menos pesado. Já não julgo as pessoas, sequer as discrimino pelo que pensam politicamente. Meu mundo não é mais feito de ‘nós e eles’ ‘burgueses e trabalhadores’ ‘esquerda e direita’ ‘certo e errado’.

Agora, vivo intensamente apaixonado pelas cores vivas dos flamboyants de Dinys Domingos, o clima místico da obra de Walmir Binhoti, o sempre surpreendente traçado de Victor Lark ... as palavras cadenciadas de Nilson Weber, o carisma poético de Hang Ferrero, as vozes melífluas do Cantando Por Aí ... Uno essa paixão pela arte à missão de ajudar nossa gente a preservar sua história. Para que mais? Aos politiqueros as batatas ...

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 19 de novembro de 2019, pag 07 – variedades.

2 – Foto de Magru Floriano da rua José Marçal Dutra – bairro Fazenda – retratando obra de Victor Larks.

O INCÊNDIO DO PETROBRAS NORTE



Se você fosse desafiado a contar uma história bem interessante que teve oportunidade de ser testemunha ou até personagem, que história contaria? De tudo o que você já viveu, o que consideraria uma história digna de ser contada a seus amigos?

Pois, então! Na minha avaliação, a história mais extraordinária que tive a oportunidade de testemunhar foi o incêndio do Petrobras Norte, no terminal de gás de Cordeiros. Eu tinha oito anos de idade, morava na Rua Max – uma rua de terra batida do Bairro São João, próxima ao Porto e o salão do Grêmio XXI de Julho. No final da tarde de dois de fevereiro de 1965, estava brincando com meus amigos no meio da rua – uma tradição na nossa época de criança – quando repentinamente os adultos começaram a mudar os seus comportamentos de forma muito estranha. Tinha gente correndo e tinha gente chorando; tinha gente rezando no meio da rua e tinha gente gritando que Itajaí estava ardendo em chamas ...

Guardo na minha memória todos aqueles momentos de pânico e incerteza. Foi a primeira vez que senti realmente medo. Medo daquilo que não via ou sentia, mas que estava retratado nas expressões severas dos adultos. O episódio passa na minha cabeça como um filme: do instante que percebi o clarão no céu de Cordeiros, ao cortejo fúnebre de meu tio – Odílio Garcia – que para mim era simplesmente o tio distante dono do terreno onde plantava mandioca com Vô Doca e perseguia as galinhas do velho Lito Seára.

São momentos inesquecíveis. Todo mundo correndo pela Rua Blumenau deixando para trás uma cidade que poderia estar condenada ao fogo. Os adultos falavam nos depósitos de combustíveis, das madeireiras e até do grande depósito de fumo que a Souza Cruz mantinha ali mesmo em Cordeiros. A noite chegava e o fogo, fingindo ser um sol eterno, teimava em manter a cidade às claras. Eu e meus irmãos fomos levados para a casa do Vô Doca, na Vila Operária e, no dia seguinte, estávamos diante de um drama familiar: Tio Odílio era tripulante do Petrobras Norte e estava à beira da morte no Hospital Marieta. A história terminava para toda a população itajaiense enquanto o drama da Família Garcia estava apenas começando. Lembro: foi o primeiro velório da minha vida.

Tio Odílio deu sua vida por Itajaí e deixou seu nome na História. Ciente da importância desse seu ato de total desprendimento busco, há bastante tempo, um lugar onde possa colocar em exposição permanente objetos de sua propriedade [documentos, caneta, fotos ...] para compartilhar com toda a comunidade. Infelizmente em Itajaí as instituições que guardam a memória de nossa comunidade ainda ocupam seus espaços prioritariamente com a história da elite político-econômica deixando à margem a história de seu povo. Mas o dia vai chegar em que a História de Itajaí não será apenas a história dos Konder, Banco Inco e a República de Cabeçadas.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 26 de novembro de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto de Umbelino Cidral - Foto Belline – retratando o incêndio do navio Petrobras Norte

CIGANAS, VIDENTES E MADAMES



Andando pelo calçadão da Rua Hercílio Luz sempre acabo recebendo uma meia dúzia de panfletos publicitários, os famosos mosquitinhos, que acabo invariavelmente jogando na primeira lixeira que encontro pela frente. Mas, dia desse, recebi panfleto de uma astróloga e vidente que me garantia ter ‘*o caminho certo e seguro para a sua [minha] felicidade*’. Automaticamente, não sei por que cargas d’água, lembrei do tempo em que era comum encontrar algumas ciganas andando pelas ruas do Bairro São João ‘lendo’ as palmas de nossas mãos enquanto os ciganos se encarregavam de vender tachos de cobre e outros utensílios domésticos. Eu, ainda pequeno, corria pra dentro de casa para me esconder debaixo da cama, porque diziam que os ciganos ‘roubavam criancinhas pra fazer sabão’.

Depois de repassar toda a minha memória sobre essa questão de videntes, astrólogas e ciganas, comecei a ler com mais detalhes o panfleto que tinha em mãos. Sem sequer dizer seu nome a iluminada afirmava ter ‘... *mais de trinta anos de experiência e seriedade ajudando a resolver todos os tipos de problemas tais como: amor, negócios, casamento em crise, indústria e lavoura que não prosperam, impotência sexual em ambos os sexos, vícios na família*’ porque era ‘*Especialista em consultas pelas cartas de Tarot, Búzios Africanos e pela Palma da Mão*’. Enfim, uma ‘especialista generalista’.

Ainda com o ‘mosquitinho’ beliscando a palma da minha mão fiquei pensando em como as pessoas, em pleno século XXI, ainda acreditam em certas crendices sem sustentação científica. Tanta ciência colocada à nossa disposição pela medicina, biologia, psicologia, psiquiatria ... e a pessoa paga para ver o que supostamente o Destino escreveu nas linhas da palma de suas mãos. Bem, tem gente que ainda cai no ‘conto do bilhete premiado’ e acredita que ganhou um prêmio milionário em um sorteio da qual nem sabia que estava concorrendo [golpe por telefone].

Ainda pelo caminho lembrei daquela minha amiga jornalista que desempregada do jornal em que trabalhávamos simplesmente montou em sua casa uma ‘tenda mística de madame ...’ passando a ler cartas de Tarot e Búzios aos blumenauenses desavisados. O sucesso foi tão grande que chegou a ter anúncio na RBS TV e algumas rádios da região. Depois, esgotado o mercado local, acabou vindo morar em Itajaí; depois, Balneário Camboriú; depois, ... Dia desse vi afixado em um poste da Rua João Bauer um pequeno anúncio de um vidente que lia cartas ‘gratuitamente’. Quase telefonei para o número indicado por ficar curioso sobre o quanto esse ‘gratuitamente’ era realmente gratuito, mas resolvi ficar quieto no meu cantinho de ordeiro cidadão agnóstico.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 03 de dezembro de 2019, pag 05 – editoria Voz do Povo.

2 – Foto de Magru Floriano.

ENSAIAOS QUE VIRAM REALIDADE



Muitas vezes não percebemos que muito do que fazemos na fase adulta teve seu correspondente nas nossas brincadeiras de infância e juventude. Fizemos ensaios antes da estreia de verdade. Mas eles ficam esquecidos, apagados da nossa história de vida, jogados fora como borrões, rascunhos ...

Em uma entrevista que concedeu ao nosso Diarinho o comunicador Graciliano Rodrigues revela que costumava narrar jogos da Sociedade Esportiva Estrela Azul, na sua pequena ‘Antônio Carlos’ – interior de Biguaçu à época – para brincar com os amigos. Eu mesmo fiz meu primeiro jornal em mimiógrafo a álcool, ainda quando frequentava os bancos do Colégio Salesiano, com o sugestivo título ‘Atire a primeira pedra’. Também, com Beto Abílio, Luiz Franzoi e outros amigos confeccionava pequenos livretos desenhados e manuscritos. Eu e Graciliano, sem sabermos, brincando de narrar e escrever, estávamos ensaiando para a vida profissional.

Segundo nos conta Paulo Afonso Vaz – filho do grande farmacêutico Pedro Ivo – o consagrado radialista Célio Alves Marinho quando jovem narrava as partidas de futebol de botão de um campeonato que ocorria entre amigos na residência do seu Egídio Narcisio. Célio era funcionário da ‘Casa Narciso’ e frequentava a residência dos patrões Egídio e Esther. Ali eram desenvolvidos campeonatos de futebol de botão de uma ‘liga’ composta por alunos do Colégio Salesiano, contando com a presença do filho de Egídio – Humberto – e os amigos Homero Malburg, Salomão Figlass, Saulo Nascimento e o próprio Paulo Afonso Vaz. Célio narrava tão bem os jogos da liga que acabou se destacando na cidade e, logo depois, assumindo os microfones da poderosa Difusora, fazendo história no rádio catarinense.

Não foram poucas as vezes que já ouvimos a sentença de que ‘a vida é feita de ensaios e erros’. Muitas pessoas já demonstram certas habilidades precocemente e, ainda na infância ou juventude, fazem ensaios tímidos para testar a si próprias. Mas cabe à vida, na sua dialética perversa, se encarregar de confirmar ou não tais tendências. Quanto talento é dispersado porque a pessoa não tem equilíbrio emocional ou toma decisões erradas na vida. Quantas histórias de vidas são retomadas depois de décadas ou com a aposentadoria

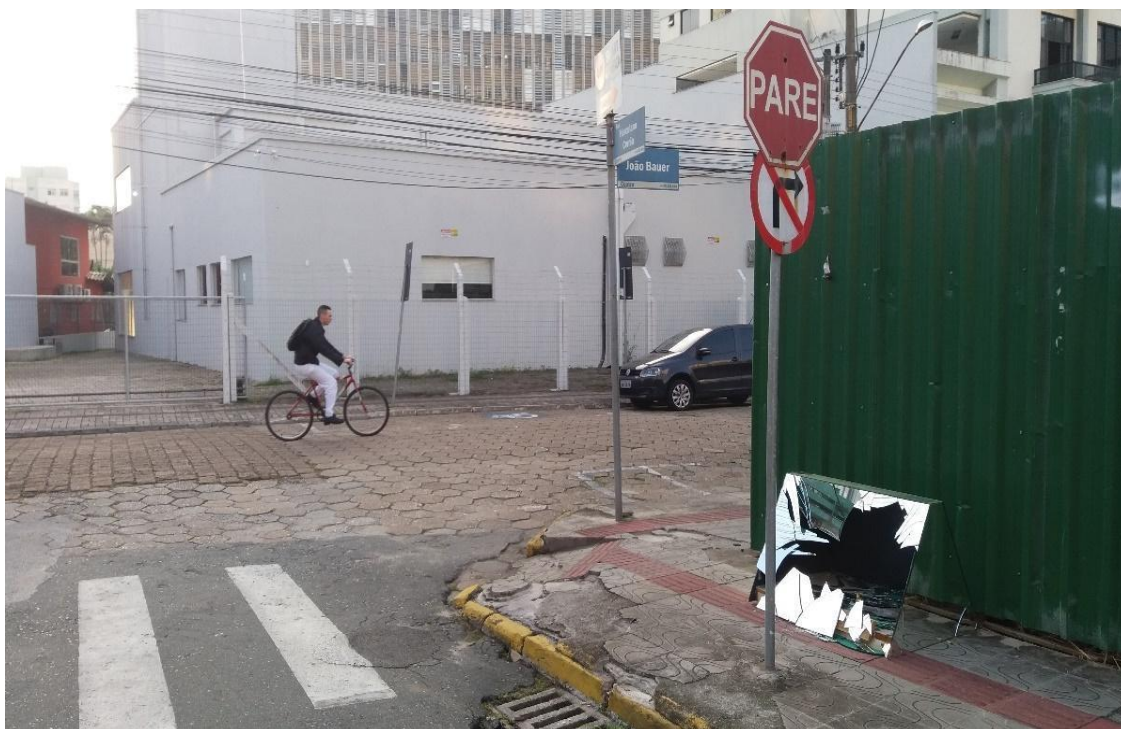
De tudo o que vi até hoje na vida sobre esse tema apenas uma verdade prevalece: nunca é tarde para se tirar de um ensaio um belo espetáculo e de um rascunho uma grandiosa obra de arte.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 17 de dezembro de 2019, pag 06 – variedades.

2 – Foto do acervo do Diário do Litoral.

UM ESPELHO QUE É O ESPELHO DE NOSSA SOCIEDADE



Passando pela Rua João Bauer, em pleno centro urbano da cidade de Itajaí, deparo-me com um móvel espelhado descartado no passeio público. Um atentado à segurança dos pedestres, notadamente das crianças e idosos. Quem reside na área central da cidade, suponho, tem condições financeiras privilegiadas e, por consequência, possibilidades educacionais diferenciadas na família, no ambiente social e na escola. Mas, nada disso foi suficiente para o proprietário do espelho pensar sobre o seu descarte, dando-lhe um destino mais compatível com o interesse público.

Pior é saber que o proprietário rico, de família escolarizada, não consegue se ver naquele espelho quebrado que abandonou na calçada da via pública. Quando olha para ele, provavelmente, vê refletida a imagem de um político – a quem atribuí a culpa de tudo que está errado em nossa cidade.

Por coincidência, ainda esta semana, li reportagem na imprensa local anunciando que a Prefeitura do Município de Itajaí decretou estado de emergência por causa da dengue e, para combater os focos de proliferação do mosquito transmissor da doença

recolheu oitocentas toneladas de entulho espalhado pela cidade. Isso mesmo, o povo deseducado livrou-se de objetos indesejados jogando-os em locais públicos ou terrenos particulares baldios. O resto, segundo a mentalidade de nossa gente, é problema desses péssimos administradores públicos.

Essa é a cultura de nossa gente - do centro e da periferia, rica e pobre, letrada e analfabeta – a culpa é sempre do administrador público e o espelho sempre lhe apresenta a face de um culpado que não é o próprio agente do ato infrator. O outro, o município, o estado, a união ... são os culpados e o rosto refletido no espelho quebrado será sempre o rosto do prefeito, governador, presidente, vereador, deputado ... nunca o rosto do ignorante que jogou o utensílio no passeio público.

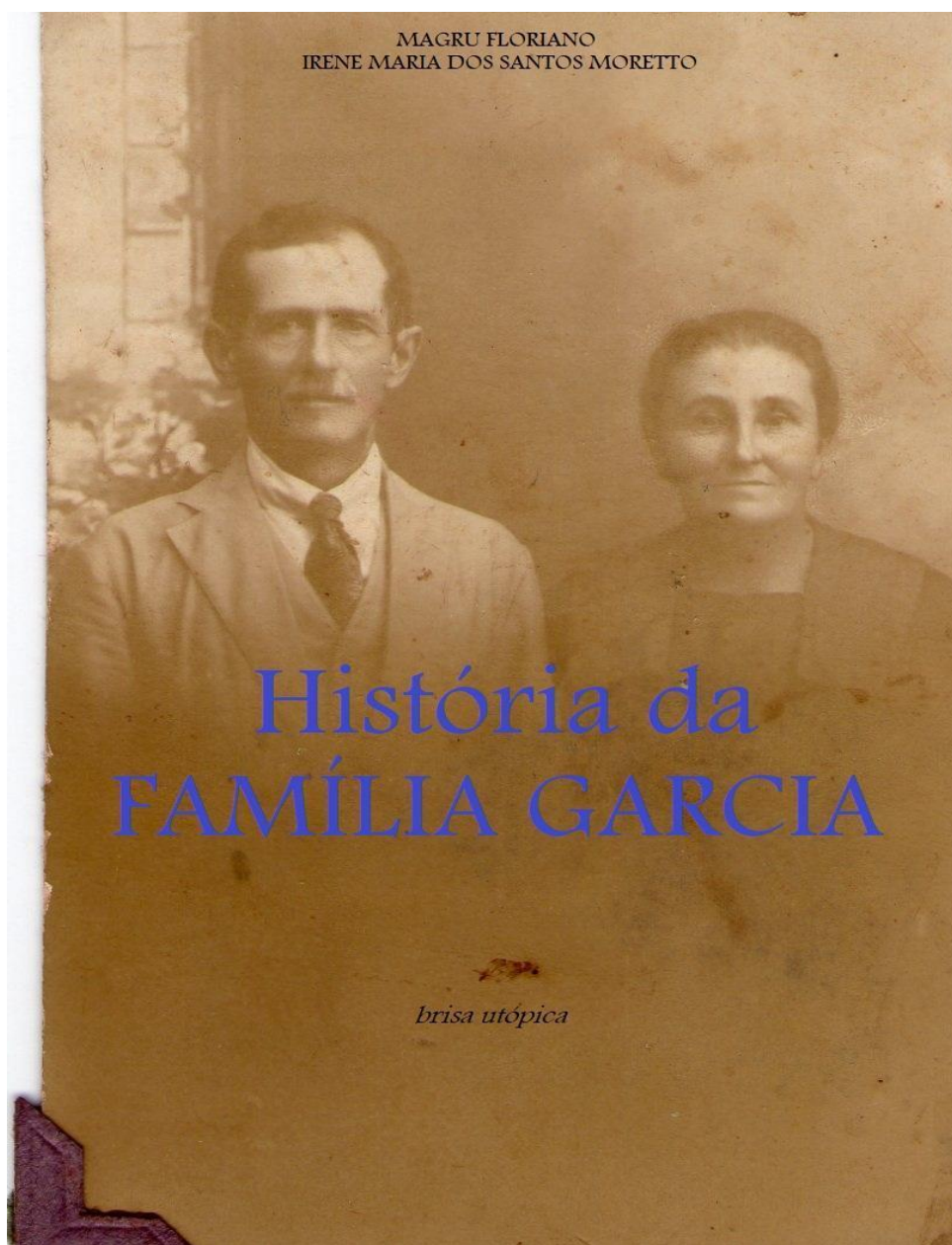
Agora mesmo, leio no nosso Diarinho que o condomínio de um prédio, localizado no centro de Balneário Camboriú, foi multado pela Prefeitura porque estava jogando esgoto doméstico direto no ribeirão que deságua na praia utilizando duto clandestino que desviava do sistema de tratamento de resíduos montado pelo poder público para melhorar a condição de balneabilidade da Praia Central. Pedir bom senso para o ser humano é ingenuidade. Algumas pessoas não tem a capacidade de se colocar no lugar do outro e, por incrível que pareça, mesmo diante do espelho não consegue se ver como ator social, aquele que está fazendo o mal do qual ele próprio está padecendo. O problema é sempre e invariavelmente o outro.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 14 de dezembro de 2019.

2 – Foto de Magru Floriano.

UMA FAMÍLIA NA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA – PARTE I



A maioria das pessoas sabe muito pouco sobre a origem de sua família e ao ler textos sobre a história de Santa Catarina não dá conta de que seus antepassados foram protagonistas dessa mesma história que está relatada nos livros. Para os estudantes de História os personagens são sempre pessoas distantes delas. Pessoas sem vínculo direto com sua própria história.

Mas a realidade é bem diferente e chegamos bem rápido a esta conclusão quando dedicamos um pouquinho do nosso tempo para estudarmos a história de nossa família. Retrocedendo no tempo para identificarmos nossos ancestrais podemos nos surpreender ao perceber que eles foram protagonistas da história que estudamos.

No ano de 2018 tive oportunidade, em parceria com o genealogista Telmo José Tomio e minha irmã mais velha – Irene Maria dos Santos Moretto – recuperar toda a nossa árvore genealógica até 1700, por parte de pai [Família Floriano dos Santos] e de mãe [Família Garcia]. A primeira conclusão que cheguei ao analisar minha árvore de família foi de que tenho origem portuguesa e faço parte da última geração dessas famílias com origem no Arquipélago do Açores. Alguns poucos integrantes da família tem origem no território continental português. Sou, portanto, português legítimo, herdeiro da cultura luso-açoriana.

Mais interessante foi constatar que meus antepassados integraram as famosas levadas de migrantes que entre 1748-1752 deixaram o Arquipélago do Açores para tentar uma vida melhor no litoral de Santa Catarina. São, portanto, protagonistas do feito histórico que ajudou a constituir Santa Catarina. Minha família promoveu migração ilha à ilha [Açores – Santa Catarina] e depois sucessivas pequenas migrações pelo litoral catarinense: São Miguel da Terra Firme, Biguaçu, Tijucas, Porto Belo, Penha, Itajaí ... Diante das árvores das famílias Garcia e Floriano dos Santos percebi que a história de Santa Catarina não é a história dos outros, ou de gente estranha, mas a minha própria história.

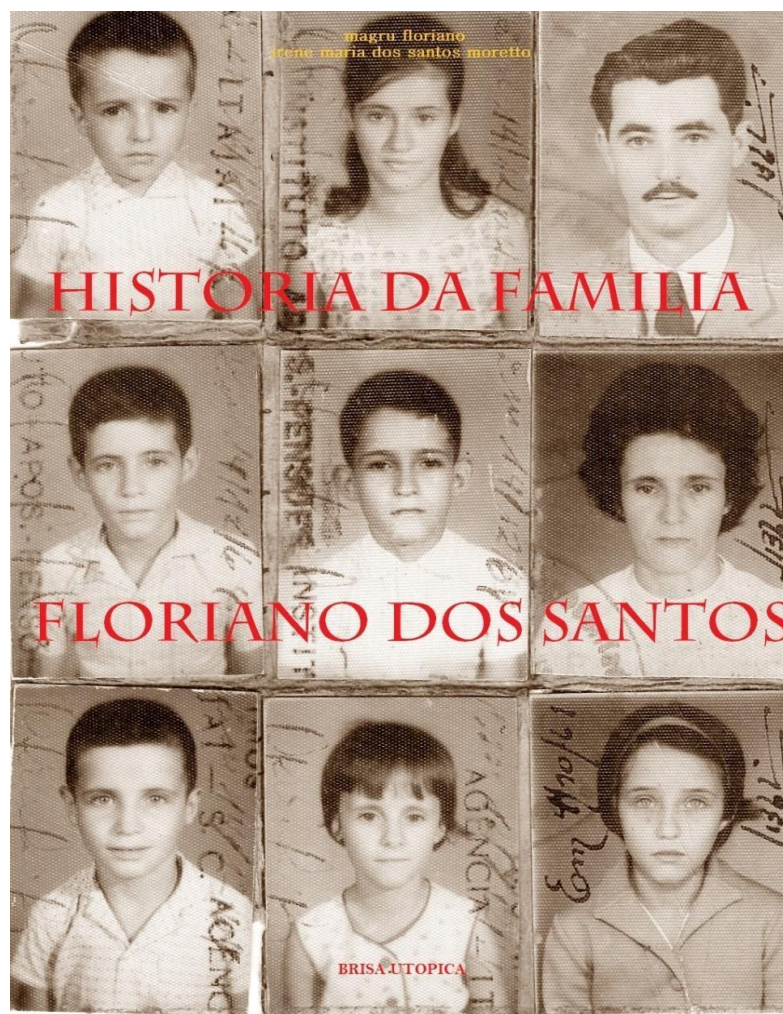
Felizmente, nos dias atuais, vemos na internet um número crescente de pessoas, inclusive muitos jovens, pesquisando sobre história de família e buscando sites de genealogia para consultar e montar suas árvores. Não é por acaso também que o grupo ‘Itajaí de Antigamente’, que mantenho no Facebook, já está chegando ao expressivo número de trinta mil associados. As pessoas começam a perceber que são protagonistas da História que estudam nos livros didáticos.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 26 de dezembro de 2019. .

2 – Foto da capa do livro de Magru Floriano e sua irmã Irene Maria dos Santos.

UMA FAMÍLIA NA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA – PARTE II



Sou membro de duas famílias: Garcia [por parte mãe] e Floriano dos Santos [por parte de pai]. As duas famílias contribuíram com diversos de seus membros para povoar o litoral catarinense entre 1748-1752 – episódio que conhecemos na História de Santa Catarina como ‘migração açoriana’.

Antepassados dos Garcia saíram das ilhas açorianas do Pico e Terceira e ocuparam terras na Freguesia de São Miguel da Terra Firme, depois, Biguaçu, Tijucas, Porto Belo e Itajaí. Já os antepassados dos ‘Santos’ saíram das ilhas açorianas de São Jorge, Fayal e Terceira para ocuparem terras na Ilha de Santa Catarina – localidades de Santo Antônio de Lisboa, lagoa da Conceição – bem como terras continentais em São Miguel, São José

...

Mas, o mais interessante foi descobrir que meu tetravô, originário de São Miguel de Trás-os-Montes, no litoral português continental, serviu no Sul do Brasil como soldado e deu baixa para receber terras no projeto liderado por Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond às margens do Rio Itajaí-Mirim em 1820.

Enquanto pelo lado dos ‘Garcia’ tenho meus ancestrais sendo protagonistas da grande migração açoriana que constituiu uma nova identidade econômico-cultural para o litoral catarinense; pelo lado dos ‘Santos’ tenho meus ancestrais participando dessa colonização açoriana no litoral catarinense e, mais um ancestral participando do projeto pioneiro da colonização do Vale do Itajaí com Vasconcelos de Drummond.

Falo tudo isso sobre minha origem familiar para constatar que a história de Santa Catarina é na verdade a nossa própria história. A verdadeira história não é aquela constituída de feitos e datas, por grandes personagens, heróis e bandeiras rasgadas por balísticas de canhões. A verdadeira história é constituída de atores de carne e osso, de gente que souou, trabalhou e teve a ousadia do pioneirismo de adentrar neste continente completamente inóspito.

Dia desse divulguei no facebook [Itajai de antigamente] uma foto de Geremias Caldeira que dá nome à uma praia ao pé do Bico do Papagaio – Praia do Geremias. Sempre imaginei que a figura de Geremias era lendária, fruto da imaginação popular. Mas para minha completa surpresa rapidamente surgiram depoimentos de parentes próximos de Geremias, residentes em Itajaí, membros de famílias diversas como: Caldeira, Machado, Espíndola ... Em síntese: nós fazemos história, nós somos a história viva de nossa comunidade.

Obs:

- 1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 21 de maio de 2018, pag 11 – variedades.
- 2 – Capa do livro de autoria de Magru Floriano e Irene Maria dos Santos – no prelo.

UMA MENSAGEM DE DEUS OU FAKE NEWS?



Dia desse, estava circulando pela BR-101, no trecho entre Itajaí e Porto Belo, indo para minha casa de praia em Mariscal – Bombinhas – quando percebi que um papel branco, em formato de folha sulfite A4, grudou no retrovisor do meu carro. Em um primeiro momento pensei deixar o papel desgrudar do retrovisor por conta da força do ar deslocado pelo próprio carro em movimento, mas, ele, inesperadamente, começou a fazer um barulho forte de bandeirola, tirando por completo a minha concentração ao volante do carro. O que, convenhamos, é muito perigoso na movimentadíssima BR-101, onde se transita em velocidade mais avantajada.

Em seguida também percebi que o papel tinha algo escrito e, em tom de brincadeira, falei para mim mesmo: *‘Magru, pegue a mensagem que Deus está te enviando’*. Abri a janela do carro e peguei o papel. Fechei a janela do carro e passei rapidamente os olhos sobre o papel sujo e amassado, mostrando marcas de pneus de carros. Fiquei impactado com o título. Simplesmente estava escrito em destaque:

CERTIDÃO DE ÓBITO. Tratava-se de uma certidão de cartório do Município Ouro – Santa Catarina – da senhora N.L.L.A.

Como eu estava circulando na pista da esquerda – destinada para os carros em velocidade mais alta – a primeira providência que tomei foi passar para a pista da direita e diminuir a velocidade do carro. Pensei também em parar a viagem assim que tivesse oportunidade para tanto, preservando minha segurança. Mas, fui tocando o veículo mais devagar e pensando algumas coisas. No final estava dirigindo com um olho no trânsito e outro na certidão de óbito, me perguntando: *‘Seria uma mensagem sobre o meu próprio óbito ou de alguém próximo a mim?’*.

Chegando em Mariscal não larguei o celular, esperando que a qualquer momento ele fosse portador da mensagem real de óbito de alguém das minhas relações. Mas as horas foram passando, acabei dormindo e a ‘mensagem real’ acabou não chegando. Não morri e ninguém próximo a mim foi a óbito também.

No dia seguinte fiquei imaginando o que passaria por minha cabeça se a história tivesse outro desfecho, pela chegada da mensagem do falecimento de alguém ou por eu próprio ter sofrido um acidente. Minha vida, com certeza, estaria irremediavelmente mudada. Mas ficando do jeito que ficou, tudo saindo dentro da normalidade, pude continuar tocando a minha vidinha simples de agnóstico sem maiores crises éticas ou espiritual. A mensagem era ‘fake news’.

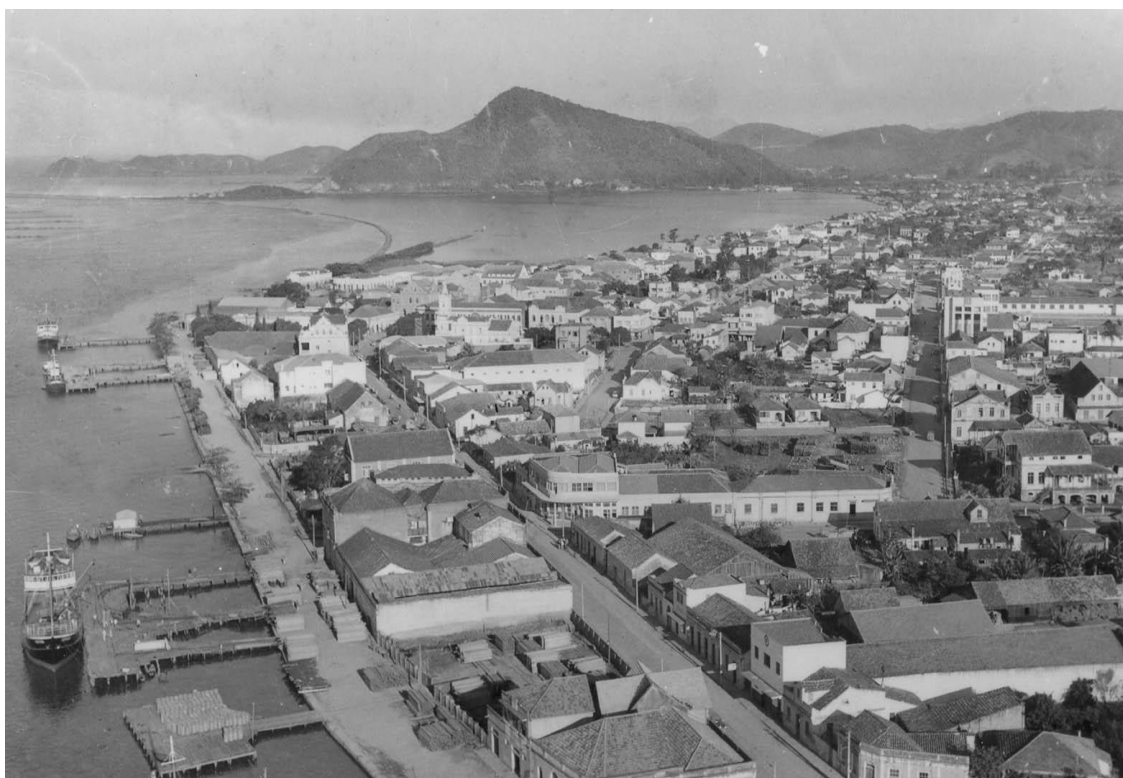
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 07 de janeiro de 2020, pag 06 – variedades.

2 - Texto publicado no site Itajaí Digital - 2019.

3 – Foto de Magru Floriano – Cristo Luz – Balneário Camboriú.

NOMES DE RUAS ANTIGAS DE ITAJAÍ – PARTE I



Quem anda pelas ruas mais antigas de nossa cidade nem imagina que muitas delas já tiveram diversos nomes ou foram fatiadas para poder homenagear mais de uma pessoa. A Rua Lauro Müller, por exemplo, já foi chamada de Rua da Praia, Municipal, Conde d'Eu e por último Rua Lauro Müller; enquanto que o caminho que sai do porto em direção a Cabeçudas foi recebendo nomes por trechos: Felipe Schmidt, Rua Camboriú, Georg Tzaschel, Ernesto Schneider, Thier Fleming, Francisco Evaristo Canziani. Ainda por conta desse 'fatiamento' de um único caminho às vezes fica difícil dizer exatamente onde termina uma rua e começa a outra. Parece ser o caso da Rua Brusque que repentinamente vira Rua José Gall ou da Rua Silva que passa a se chamar Heitor Liberato.

A verdade é que os vereadores vão gradativamente trocando os nomes de acordo com suas conveniências políticas. No império a Rua da Praia recebeu o nome de Conde d'Eu. Na república a Rua Conde d'Eu passou a se chamar Lauro Müller. O mesmo aconteceu com a Rua de Trás que no Império se chamou Rua Dom Pedro e na República passou para Rua XV de Novembro. Itajaí já teve, por exemplo, três locais que receberam o nome de Praça da República. Acompanhando a tendência nacional ocorreram muitas

homenagens aos heróis e feitos da Guerra do Paraguai [Almirante Barroso, Rua da Vitória, Marcílio Dias ...] e, também homenagem de destaque a políticos que logo em seguida caíram em total esquecimento, como é o caso de João Pessoa que recebeu nome de rua e praça em Itajaí e depois teve essas homenagens retiradas.

Os nomes populares também foram sendo substituídos. A Rua da Terreste virou Pedro Antônio Fayal; a Rua dos Estivadores virou Pereira Neto; a Rua do Abacateiro virou Rua João Melquíades Fernandes e a Rua do Atalho virou Rua Alfredo Eicke. A Rua dos Atiradores virou Rua Uruguai enquanto a Avenida República Argentina passou a se chamar Avenida Prefeito Paulo Bauer, mas no início já fora chamada de Avenida São Francisco e Avenida Bonifácio Schmitt.

O Matadouro, quem diria, já foi chamado de Farroupilha, enquanto o Saco da Fazenda recebeu o honroso nome de Baía Affonso Wippel. A Avenida São Bento passou a se chamar avenida Vasconcelos de Drummond e depois Avenida Coronel Marcos Konder. Drummond foi transferido para a estrada de acesso ao Morro da Cruz, localidade que já teve o nome de Morro do Rodi. Mas não foi só Drummond que mudou de lugar na cidade. A Rua Joinville virou Almirante Tamandaré, a Rua 13 de Maio virou Joinville, enquanto a própria Rua 13 de Maio foi para uma travessa entre a João Bauer e Uruguai.

Contudo, o povo mantém alguns nomes históricos. É o caso da Rua Benjamim Franklin Pereira que continua sendo chamada por muitos como Rua da Coloninha; e, também, da Rua José Pereira Liberato que em certo trecho continua sendo chamada de Rua do Rio Pequeno.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 13 de janeiro de 2020, pag 06 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins

3 - Texto alterado a 13 de agosto de 2020

NOMES DE RUAS ANTIGAS DE ITAJAÍ – PARTE II



Muitas ruas de Itajaí poderiam ter nome único para facilitar a vida de taxistas e usuários em geral. É o caso da via que sai da Samuel Heusi em direção a Cabeçudas. Ela inicia como Rua Felipe Schmidt e vai recebendo diversos nomes ao longo do trecho: Camboriú, Georg Tzaschel, Ernesto Schneider, Francisco Canziani, Juvêncio Tavares d’Amaral, finalizando no Morro do Farol como Rua Samuel Heusi Júnior. Ainda no Centro da cidade temos uma via que inicia na João Bauer com o nome de Rubens de Almeida, no cruzamento com a Marcos Konder passa a se chamar Gil Stein Ferreira e no cruzamento com a Felipe Schmidt recebe o nome de Olímpio Miranda Júnior.

Itajaí tem diversas ruas com trajetos bastante curtos, como é o caso da Rua Cônego Dr. Raulino Reitz, nos fundos do Herbário, com pouco mais de quarenta metros de extensão. Por outro lado, temos ainda diversas ruas que poderíamos manter a denominação de ‘rua geral’. No perímetro urbano temos a José Pereira Liberato que sai

da Barra do Rio em direção ao Itamirim, margeando o Rio Itajaí-Mirim. Mas ela não é a maior rua de Itajaí. No lado Norte temos a Rua Bruno Vicente da Cruz, na Volta Grande, com mais de sete quilômetros de extensão; enquanto no lado Oeste temos a Rua Virgílio Cadore, com mais de dez quilômetros, iniciando na Rodovia Antonio Heil, passando pelas comunidades de Arraial dos Cunha, Laranjeiras e Campeche.

De uns tempos para cá ficou muito difícil a Prefeitura aceitar mudar o nome de uma rua porque as implicações burocráticas e comerciais são gigantescas. O máximo que ocorre é um loteamento ser inaugurado com as ruas numeradas e, depois, servindo de moeda político-eleitoral para vereadores e Prefeitura, vão gradativamente recebendo seus devidos epônimos. Nessa confusão ocorre de Itajaí ter duas ruas denominadas de São Paulo e duas ruas homenageando a mesma pessoa: Travessa Kobarg e Bubi Kobarg.

Nos últimos tempos as escolas tem estimulado seus alunos a perguntarem aos mais velhos: *‘Quem foi ‘fulano de tal’ que empresta seu nome à rua em que moro?’* Quem foi José Pereira Liberato, Virgílio Cadore, Antonio Heil, Raulino Reitz, Olímpio Miranda Júnior, Ernesto Schneider, Georg Tzaschel, Samuel Heusi, Bruno Vicente da Cruz, Vascondelos de Drummond, Lauro Müller ? Um trabalho bem interessante, porque convenhamos, se não fosse para preservar a memória do homenageado então que a Rua José Pereira Liberato continuasse a se chamar Rua do Jacaré ou Caminho dos Alemães.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 20 de janeiro de 2020, pag 06 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins

3 - Texto alterado a 13 de agosto de 2020

NOMES DE RUAS ANTIGAS DE ITAJAÍ – PARTE III



Com a ajuda de muitos amigos das redes sociais [Facebook] conseguimos recuperar diversos nomes populares e/ou antigos de ruas de Itajaí. Seguem alguns desses nomes:

RUA DO ABACATEIRO – Rua João Melquíades Fernandes. **Rua do Atalho** – Rua Alfredo Eicke. **RUA DOS ATIRADORES** – Rua Uruguai. **BECO DA BANANEIRA** – Rua Escoteiro Júlio César de Medeiros. **BECO DO CEPILHO** – Travessa Jacó Moleri. **RUA COLONINHA** – Rua da Plácida – Rua Benjamim Franklin Pereira. **RUA DO COMMÉRCIO** – Rua Pedro Ferreira. **RUA DA ESTIVA** – Rua dos Estivadores – Rua Pereira Neto. **FARINHA SECA** – Rua Santo Agostinho. **RUA DAS FIGUEIRINHAS** – Rua Andrade Müller - Rua José Eugênio Müller. **RUA FLUVIAL** – Rua Blumenau. **RUA DO GUARANY** – Rua José Bonifácio Malburg. **RUA HAMÔNIA** – Rua Luiz Bonifácio Pinto. **BECO DO IÉCA** – Rua Manoel Zeferino Teixeira. **RUA DOS**

IMIGRANTES – Rua Enedina d’Ávila Ferreira. **BECO DO INFERNINHO** – Rua Frei Apolônio – Rua Joaquim Lopes Correa. **TRAVESSA DOS ITALIANOS** – Rua Agostinho Fernandes Vieira. **RUA DO JACARÉ** - Caminho dos Alemães - Rua do Rio Pequeno - Rua José Pereira Liberato. **RUA JOÃO PESSOA** – Avenida João Pessoa - Rua das Flores - Rua Sete de Setembro - Avenida Sete de Setembro + Rua Cônego Tomás Fontes. **RUA DO LEITE** – Rua Otto Hoier. **RUA DA LELÉIA** – Rua Capitão Germano de Andrade. **RUA MARÍTIMA** – Rua Alexandre Fleming. **BECO DA MARRECA** – Travessa André Barbi. **RUA DA MATRIZ** – Rua Hercílio Luz. **RUA DA NAVITA** – Rua Hélio Douart de Menezes. **RUA DA PRAIA** – Rua Municipal - Rua Conde d’Eu - Rua Lauro Müller. **RUA DO QUILOMBO** – Rua Francisco Czarneski. **PRAÇA DA REPÚBLICA** – Praça João Pessoa - Praça Governador Irineu Bornhausen. **RUA SANTA BEATRIZ** – Rua Jorge Tzaschel + Alameda Ernesto Schneider. **AVENIDA SANTA CATARINA** – Praça Vidal Ramos até Rua Joinville. **RUA SÃO BENTO** – Avenida São Bento – Da Joca Brandão até a Rua Hercílio Luz. **AVENIDA ANTÔNIO DE MENESES VASCONCELOS DE DRUMMOND** – Avenida Coronel Marcos Konder. **AVENIDA SÃO FRANCISCO** - Av. Bonifácio Schmitt – Avenida República Argentina - Avenida Prefeito Paulo Bauer. **RUA DAS SETE CASAS** – Rua Umbelino Damásio de Brito. **RUA DA TECITA** – Rua Juvenal Garcia. **RUA DE TRÁS** – Dom Pedro Segundo – Rua XV de Novembro + Manoel Vieira Garção. **RUA DA VALA** – Avenida Jacob Ardigó. **TRAVESSA 24 DE MAIO** – Rua Dagoberto Nogueira. **RUA DA VITÓRIA** – Rua Felipe Schmidt + Camboriú. **XV DE JULHO** – Rua Rubens de Almeida + Gil Stein Ferreira + Rua Olímpio Miranda Júnior.

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição 29 de janeiro de 2020, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins

3 - Texto alterado a 13 de agosto de 2020

AS RODOVIÁRIAS DE ITAJAÍ



Na medida que nossas estradas e rodovias começaram a ficar congestionadas, porque as pessoas foram adquirindo seus próprios meios de transporte, a rodoviária deixou de se constituir como um ponto de referência da cidade. No antigamente a rodoviária era o epicentro comercial da cidade e por isso mesmo devia estar localizada em local estratégico para os comerciantes. Itajaí era um pouco diferente porque, por longo período, recebia seus visitantes pelo porto, através do transporte de passageiros por navios de cabotagem. A primeira rodoviária com prédio próprio surgiu quase nos meados do século XX e hoje praticamente a cidade esquece que tem um terminal rodoviário de passageiros.

Inicialmente os passageiros do sistema de transporte rodoviário eram embarcados e desembarcados defronte à Igreja Imaculada Conceição, constituindo-se em uma rodoviária informal. Gradativamente o ponto foi se deslocando para dentro da Rua Lauro

Müller. Novas empresas de transporte rodoviário de pessoas e cargas foram se propondo a fazer o percurso entre Blumenau-Florianópolis, passando por Itajaí, possibilitando que alguns comerciantes se interessassem em vender passagens. Fotos antigas mostram ônibus rudimentares estacionados defronte da Igreja Velha, defronte ao comércio do início da Rua Lauro Müller e, depois, defronte ao Hotel Lippmann – na confluência das ruas Lauro Müller com Olímpio Miranda Júnior.

Muito próximo da metade do século passado a Prefeitura de Itajaí construiu o primeiro terminal rodoviário de passageiros na Praça Busso Asseburg. A rodoviária funcionou no local até a década de 1970 quando o prefeito Frederico Olíndio de Souza inaugurou a nova rodoviária municipal à Rua Alberto Werner. Atualmente o prédio da rodoviária antiga abriga o Centro de Abastecimento Prefeito Paulo Bauer e o Mercado de Peixe, enquanto a rodoviária nova foi demolida e deu lugar ao novo prédio da Prefeitura de Itajaí. A rodoviária nova é uma anomalia a ser estudada, talvez tenha sido o prédio público de grande porte com menor tempo de existência na história de Itajaí.

No final do ano de 2001 foi inaugurado o primeiro terminal rodoviário particular de Itajaí. Trata-se do TERRI – Terminal Rodoviário Internacional de Itajaí, na Avenida Adolpho Konder, entre o São Vicente e Cidade Nova. Com o TERRI fincado na periferia da cidade ficou decretado em definitivo o fim da era das rodoviárias como centro de intercâmbio comercial e cultural. Para visualizar essa mudança basta identificar os hotéis que surgiram nas proximidades de cada desses prédios que abrigaram nossas rodoviárias. Não é por coincidência que no entorno do TERRI não temos um hotel, enquanto no entorno da primeira rodoviária, temos dezenas deles.

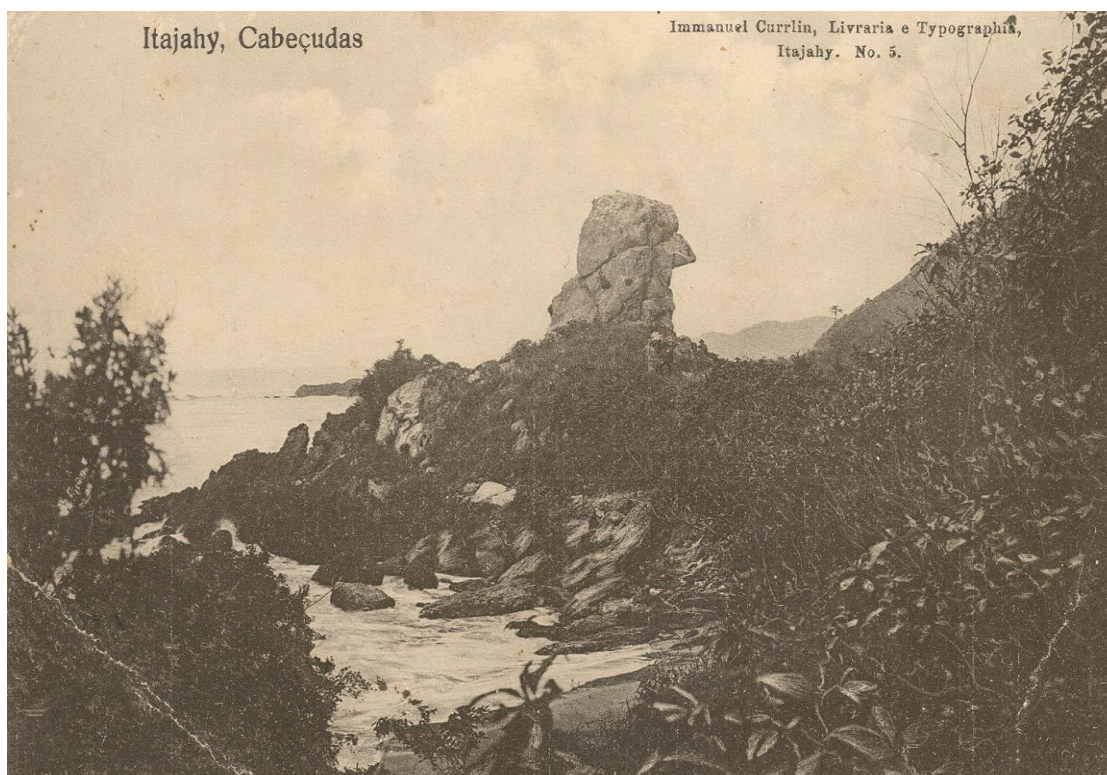
Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 02 de março de 2020, pag 07 – variedades.

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins

3 - Texto alterado a 13 de agosto de 2020

A ARTE FOTOGRÁFICA EM ITAJAÍ – PARTE I



Os primeiros fotógrafos a registrarem imagens no Município de Itajaí foram aqueles que tinham a profissão itinerante, circulando por todo o Sul do Brasil. Os jornais de época apresentam alguns anúncios dessas atividades que persistiram por décadas até que fotógrafos profissionais instalassem estúdios em definitivo na cidade. Dessa atividade itinerante ficou muito pouca informação porque as fotos que temos nos acervos públicos e privados não contém qualquer referência escrita sobre seus autores. Temos também os fotógrafos de Blumenau que vinham à Itajaí exercer atividade profissional ou de passatempo. Os Currilins [Eugén e Emmanuel], por exemplo, promoveram séries de cartões postais sobre as cidades do Vale do Itajaí a partir de 1904 e, depois, se estabeleceram comercialmente também em Itajaí.

Os primeiros profissionais da fotografia a se fixarem em Itajaí foram José Hindelmeyer, Eugén e Emmanuel Currlin, José Marçal Dutra, Herna e Geraldo von Hacke, Roland Schneider. José Hindelmeyer manteve o 'Foto Artístico' instalado junto ao Hotel Lippmann – na confluência das ruas Olímpio Miranda Júnior e Lauro Müller.

Os Currilins mantiveram casa comercial na Rua Hercílio Luz ao lado da Igreja Immaculada Conceição. Quando Roland Schneider chegou em Itajaí, por volta de 1938, encontrou em atividade o casal Racke – com estúdio na Rua Hercílio Luz e, José Marçal Dutra - com o ‘Foto Juca’ instalado na Rua Pedro Ferreira.

Roland adquiriu o pequeno estúdio que o casal Racke mantinha na Rua Hercílio Luz montando o ‘Foto Schneider’ que funcionou no local por cerca de 42 anos (1938-1980). Ele chegou a exercer a tradicional atividade de ‘lambe-lambe’ na Praça Vidal Ramos usando a máquina dos Racke – com chapas de vidro e flash de magnésio. Ao se aposentar passou o estúdio para seu genro Victor José Brocca – conhecido popularmente por Vitor Schneider.

Os Currilin – Eugen Currilin e seu filho Emmanuel Currilin - foram reconhecidos especialmente pelas séries de cartões postais retratando as cidades de Itajaí, Brusque e Blumenau. José Marçal Dutra – conhecido popularmente por Juca Fotógrafo – ficou na história por suas fotos aéreas da cidade de Itajaí na década de 1950. Os Currilin e os Hacke deram grande contribuição para que muitos itajaienses aderissem ao hobby da fotografia, já que eles vendiam em suas casas comerciais material fotográfico importado da Alemanha e, pouco a pouco, iam criando um clube seleta de fotógrafos amadores .

Obs:

1 – Texto publicado no jornal Diário do Litoral - edição de 10 de março de 2020, pag 09 – Giro de Serviços.

2 – Foto de cartão postal da série elaborada por Immanuel Currilin

3 - Texto alterado a 13 de agosto de 2020

A ARTE FOTOGRÁFICA EM ITAJAÍ – PARTE II



A arte fotográfica em Itajaí seguiu por diversos caminhos. Inicialmente recebemos os artistas itinerantes que ficavam hospedados alguns dias nos hotéis da cidade fazendo postais das famílias mais abastadas. Depois temos os fotógrafos regionais - principalmente vindos de Blumenau - que resolveram instalar comércio por aqui, destacando os Currlin [Eugén e Emmanuel] e os Hacke [Herna e Geraldo]. Junto com essas casas comerciais surgiram os adeptos da fotografia amadora, entre os quais destacamos Ari Mascarenhas Passos e Orlando Braga. Com o desenvolvimento da imprensa surgiram os fotógrafos profissionais especializados em assessorias – com destaque para Ronaldo da Silva Júnior e Victor Broca.

Na história mais recente da arte fotográfica de Itajaí dois estúdios merecem destaque: Foto Beline e Studio Mara. O Foto Beline era de propriedade de Umbelino Cidral, profissional responsável pelas fotos históricas de dois grandes acontecimentos no ano de 1965: o incêndio do navio Petrobras Norte e o naufrágio do navio Revesbydyke na barra do Rio Itajaí. O Foto Mara era de propriedade de Vicente Brigoni sendo pioneiro na fotografia colorida e, também na impressão em offset. Vicente chegou em Itajaí no

ano de 1959, encontrando instalados na cidade os estúdios do Juca Fotográfico e Roland Schneider. Abriu seu comércio na Rua Hercílio Luz – defronte ao Guarani – com o nome Studio Mara Color – popularmente conhecido por Foto Mara. Mais para a frente, mantendo a tendência de aderir rapidamente a novas tecnologias, Vicente montou a Gráfica Mara Color Offset.

Entre os estúdios fotográficos que fizeram história na cidade - ainda no tempo das fotos em filmes temos também: **Foto Arte** - Rua Brusque 84 / Rua João Gaya, n. 43; **Foto Cidral** – Rua Tijucas, 26; **Foto Dany** – Avenida Sete de Setembro; **Foto Orion** – anexo ao Hiper Mercado Vitória; **Foto Sayonara** e Sayonara Foto & Video – Rua Pedro Rangel 20 / Rua Indaial 727; **Foto Sérgio** - rua Hercílio Luz 145, **Gentil Cine Foto** – rua Odílio Garcia 689 – Cordeiros; **Foto Deisidério** – Rua José Bonifácio Malburg ...

Entre os nomes dos fotógrafos profissionais de Itajaí também encontramos regularmente os nomes de: Nilton Cordova, Victor Hugo, Wagner Cardoso, Edson Belline, Azor Oliveira, Marcos Valério Porto, Leonardo Bittencourt, Beto e Deisidério, Odalino Cidral, Celso Cidral, Jonnes Deivid, Marcelo Sokal, ... Atualmente, entre os nomes mais destacados na arte fotográfica encontramos Alfábile Santana, James Orsi e Ivo Hiebert.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto de Orlando Braga – Braguinha.

A ARTE FOTOGRÁFICA EM ITAJAÍ – PARTE III



Proprietários de drones tomaram a iniciativa de promover o Primeiro Encontro Drone Club Santa Catarina, no final de 2019, no campo da Associação Desportiva Natalense Futebol Clube, em Espinheiros. A tentativa evidencia a rapidez com a qual essa tecnologia foi incorporada ao mundo da produção de imagem. O primeiro drone chegou a Santa Catarina em 2013 ao preço de setenta mil reais sendo que atualmente o equipamento custa menos de dez mil reais e está se tornando popular entre fotógrafos profissionais e amadores. Também pudera, a nova tecnologia dispensa os caríssimos e arriscados voos [helicóptero, teco-teco, asa delta ...], dá mais opções de ângulos e praticamente anula todos os obstáculos oferecidos pelo clima. Em síntese: uma maravilha tecnológica que veio para ficar.

Eu tive a oportunidade de ver pela primeira vez um drone ainda no ano de 2013 quando estava conversando com o memorialista Isaque de Borba Corrêa na ‘Prainha do Corrêa’ no pontal norte de Balneário Camboriú. Enquanto trocávamos informações sobre

a história regional apareceu na praia uma equipe de produção publicitária com suas tralhas características. Dois manequins profissionais entraram na água utilizando uma prancha de ‘stand up’, sendo fotografados da praia por um fotógrafo convencional. Contudo, outro profissional começou a movimentar um aparelho barulhento que, para surpresa geral, começou a voar. Daí para a frente o ensaio fotográfico foi realizado com um drone.

Naquele momento fiquei pensando no trabalho que tive para elaborar um folheto sobre a cadeia logística do Porto de Itajaí bem pouco tempo atrás. Na oportunidade eu chefiava o departamento de comunicação da Superintendência do Porto de Itajaí e foi necessário alugar um helicóptero para o fotógrafo Ronaldo Silva Júnior fazer voos arriscados sobre a cidade visando captar imagens de todas as empresas que operavam com o Porto de Itajaí. Também pensei nas fotos aéreas dos tradicionais fotógrafos, como José Marçal Dutra, que tinham de se arriscar em voos de teco-teco com as portinholas abertas.

Já em 2018 um amigo veio de São Paulo trazendo em mãos seu pequeno drone. Comprou o aparelho em Londres por cerca de três mil dólares. Fomos para a Praia de Mariscal brincar com o drone como duas crianças que brincam de soltar pipa. No final de 2019 deixei de lado todas as minhas máquinas fotográficas e aderi em definitivo à câmera acoplada ao celular. Agora, fico me perguntando: quando comprarei um drone?

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto de Magru Floriano retratando ensaio fotográfico de campanha publicitária na Prainha – Balneário Camboriú

SIMPATIAS E CRENDICES POPULARES



Tem coisas que se a gente contar ninguém acredita. Praticamente todo mundo já presenciou alguém de sua família fazendo escondido alguma ‘simpatia’ para resolver pequeno problema de saúde ou doméstico. Algumas dessas práticas são realizadas longe dos olhos das outras pessoas para não se passar ridículo, afinal, sempre é muito engraçado ver pessoas dando três pulinhos pela casa para agradar a um tal de ‘São Longuinho’ - especialista em encontrar objetos perdidos. No antigamente era bastante corriqueira a realização de simpatias e benzeduras. Para comprovar a popularidade dessas práticas basta lembrar que um grupo no Facebook elencou rapidamente cerca de cem benzedeiros e curandeiros antigos e atuais em Itajaí.

O delegado Edson Fornerolli conta em seu livro biográfico ‘Como nasce um corrupto’ que na infância, em Rio do Sul, ao se acidentar nos trilhos do trem sua avó imediatamente o fez urinar em uma caneca e tomar sua urina quente. Até hoje a família atribuí a essa providência imediata da matriarca da família o fato de Edson não ter sequelas daquele terrível acidente. Lendo as histórias de vida de Fornerolli lembrei que

Vô Doca sempre me mandava mijar sobre os próprios pés quando os machucava enquanto o ajudava a cuidar da horta que mantinha no terreno do tio Odílio Garcia no São Judas.

Outro dia ouvi uma história interessante envolvendo o poder terapêutico da urina humana. Uma pessoa da minha família vivia receitando para as outras pessoas ‘mijar nos próprios pés’ para obter a cura de micoses, fungos ou facilitar a cicatrização. Dado esse conselho a uma parente bastante cética quanto aos resultados dessas crendices, mas diante de um problema que não se resolvia, ela aceitou fazer a simpatia de uma forma diferenciada: no pé esquerdo usou o remédio caseiro – todos os dias pela manhã urinava em cima dele; no pé esquerdo usava a pomada Cetocort. Depois de uma semana era visível o mico que estava pagando.

A verdade é que até os dias de hoje as simpatias continuam sendo praticadas. Muitas mulheres grávidas, por exemplo, continuam colocando uma tesoura aberta debaixo do colchão para diminuir as câimbras nas pernas; enquanto pessoas que têm medo de relâmpago fazem uma cruz de sal grosso sobre a mesa e pedem para Santa Bárbara levar a tempestade para bem longe de sua casa. Tem quem só sai da cama colocando primeiro o pé direito no chão e, quem use roupas de determinadas cores em datas específicas do ano, como é o caso do branco na passagem do ano e amarelo na sua data natalícia.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto de Magru Floriano – São Francisco do Sul.

AS BENZEDEIRAS DE ITAJAÍ - PARTE I



Em novembro de 2019 li o livro de Marta Magda Antunes Machado e Virginia Maria Yunes intitulado *‘Dona fulana morreu e levou consigo tudo o que aprendeu? Contos e fotografias de benzedoiras e benzedores na Ilha de Santa Catarina’*. O livro me motivou a publicar no grupo do Facebook *‘Itajaí de Antigamente’* um pedido para que os associados indicassem nomes de benzedoiras que atuaram/atuam na comunidade de Itajaí. Para minha surpresa, rapidamente as indicações foram se avolumando a ponto de passarem de uma centena de nomes.

A primeira avaliação que fiz sobre essa facilidade do grupo em indicar nomes de benzedoiras foi simples e direta: a tradição estava viva em nossa comunidade. Com toda a evolução científica experimentada pela humanidade nos últimos anos, com toda a estrutura colocada à disposição da comunidade pela Prefeitura nos Postos de Saúde, o extraordinário Sistema Único de Saúde ... muita gente ainda procura a cura de seus males no ambiente de fé altruísta e desinteressada das benzedoiras. Um território predominantemente ocupado por mulheres, mas que também soube abrigar alguns

representantes masculinos que, inclusive, ganharam destaque em nossa comunidade, como é o caso do Cavico, Moisés e Zé do Aipim.

A lista de males a serem curados pelas benzedadeiras é extensa e alguns nomes chegam a causar estranheza nos dias atuais, como é o caso da arca caída, cobreiro, zipra / zipela / zipelão, cobro, espinhela caída, carne quebrada, carne rasgada, quebranto, olho gordo, bucho virado ... Algumas atividades também soam engraçadas, como os trabalhos para retirar o sol de dentro da cabeça do enfermo, ou o responso para encontrar um objeto perdido. Vale lembrar a letra da oração a São Longuinho para achar objeto perdido: ‘São Longuinho, São Longuinho ... se eu achar [tal coisa] que estou procurando eu vou dar três pulinhos’ e, de repente, lá se encontrava a pessoa dando três pulinhos pela casa, como canguru, com o objeto em mãos, para deleite dos demais membros da família.

Eu sei muito bem como eram esses ambientes místicos criados em suas próprias casas pelas benzedadeiras porque, quando criança, experimentei a dolorosa situação de contrair por duas vezes a tal da ‘pontada’ – com meu pulmão ficando próximo de uma pneumonia fatal. Com a saúde fragilizada lá ia eu para a casa das benzedadeiras que, com suas mãos untadas com substâncias quentes, apertavam meu tórax com os dois dedos polegares em um movimento sincronizado com rezas curtas e repetitivas. Na continuação, levava para casa receitas de unguentos e chás feitos de ervas nativas. sem falar das tradicionais garrafadas.

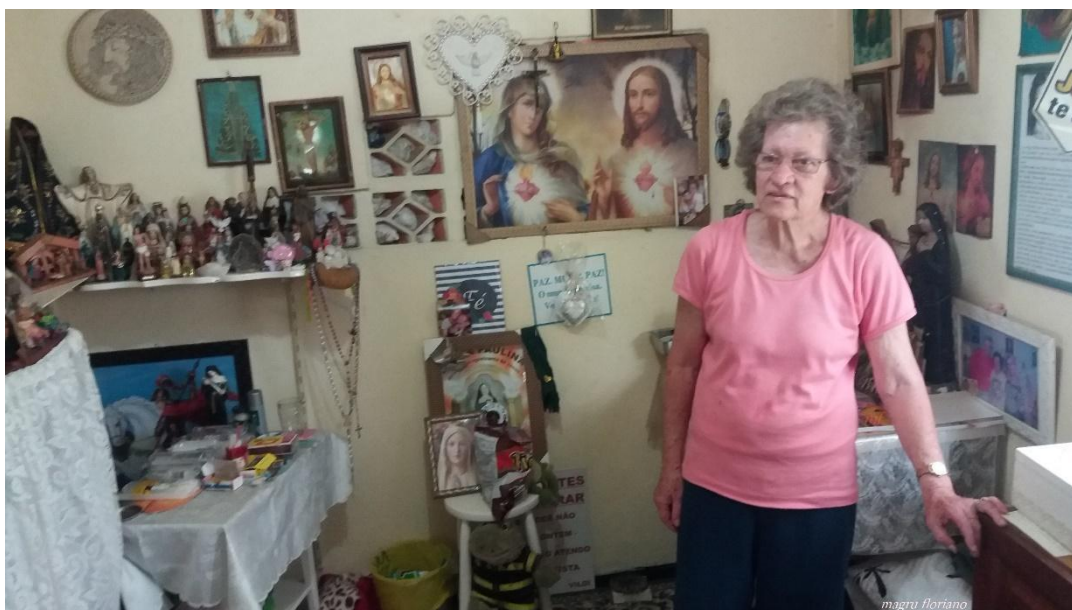
Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto retratando a benzedeira Dona Mocinha e a Família Mafra.

3 - Texto alterado a 13 de agosto de 2020

AS BENZEDEIRAS DE ITAJAÍ - PARTE II



A maioria das benzedadeiras recebem da comunidade o tratamento de ‘Dona’, sinal de respeito por apresentarem idade mais avançada. Também a maioria absoluta delas não cobra pelo atendimento aos enfermos e necessitados, fazendo da atividade de benzimento uma missão, como se estivessem atendendo a um chamamento divino. Formam um exército de voluntárias a serviço do bem, sem outro propósito senão o de ajudar ao próximo mais necessitado. Outra característica das pessoas envolvidas nesse setor é que elas geralmente são autodidatas ou aprendem no ambiente familiar.

Atualmente a benzedeira mais procurada no Itajaí é Dona Vildi Crossklags que atende na garagem de sua casa de madeira às margens da Rodovia Osvaldo Reis, na subida do Morro Cortado. Em uma semana ela atende centenas de pessoas, incluindo turistas vindos de todos os países da América Latina e até da Europa. Uma característica toda própria de Dona Vildi é que ela aconselha a pessoa receber o benzimento em companhia de seu animal de estimação.

Entre as benzedadeiras lembradas pelos frequentadores do grupo ITAJAÍ DE ANTIGAMENTE [Facebook] encontramos: 1 - CENTRO – Isaura / Estelita / Bráulia / Biliquinha / Lavínia / Leonídia / Maria Chica / Maria Simas / Doca / Inezinha / Júlia /

Olga / Martinha. 2 - CORDEIROS – Onélia / Maria / Lala / Therezinha / Zé Borba / Mercedes / Jorge Leiteiro / Maricota. 3 - FAZENDA – Vilde / Tolentina [Tina] / Marcolina / Cavico / Noêmia / Maria Fumaça / Chica Cega / Bala / Onélia / Teresa de Jesus / Maximília / Paula / Inácia / Maria Morgado / Fermina / Nina / Rosa Irene / Adelaide / Regina / Ivonete / Elza / Nena / Tila. 4 - BARRA DO RIO – Ineizinha / Eleonor / Aracy [Dona Cia] / Paulina [Nina]. 5 – MATADOURO – Madalena [Lena] / Estelita / chica / Cacilda. 6 - RIO PEQUENO – Benta / Lalá. 7 - SÃO JOÃO – Sebastiana [Dona Basta] / Mariquinha / Rosa [Rosinha] / Hulda / Linda / Ernesta / Reinordo / Mocinha / Lola / Amélia / Cecília / Nina / Tuta / Margarida / Liberato / Nico Rocha / Virgília / Martinha. 8 - SÃO JUDAS – Zé do Aipim / Onília Bento / Manoela [Negra Manuela] / Clarisse [Catita] / Maria Idinéia / Otília / Maria Evaristo / Páscoa / Emília / Lila / Zizi / Titina / Concha / Lula / Carlota / Vilma / Jaci / Albina / Olga / Ambrosina / Bento. 9 - SÃO VICENTE – Moisés / Anita / Mercedes / Maria / Jorcelina [Dona Jô] / Pedroca / Amélia. 10 - VILA OPERÁRIA – Generosa / Valtina / Clotilde [Corujinha] / Anésia / Ineizinha / Samira / Izaltina / Cota / Ivani / Valdemar [Tatá] / Pedroca / Silvina / Andreza / Cristina / Ruth Lessa / Zóca / Margarida / Ondina / Teteva. 11 - ZONA NORTE – Alice / Onélia / Raquel e Antônio / Marilete / Bernardina / Galega. 12 - ZONA OESTE – Maria Preta / Antônia da Canhanduba / Amélia Coelho / Matilde / Rosinha do Seu Zica / Ema Dover / Maria Clarinda / Nóca / Izária de Borba.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto de Magru Floriano retratando a benzedeira Dona Vilde – bairro Fazenda.

O COMEDOR DE MATO



Cada pessoa mantém uma série de hábitos que lhe confere uma postura toda própria diante das coisas do mundo. Respeitar essas atitudes parece ser a chave para se manter amizades duradouras. Eu, por exemplo, custei para me acostumar com a prática do memorialista Isaque de Borba Corrêa em comer mato. Nas inúmeras incursões que promovíamos em busca de sítios arqueológicos ele sempre me surpreendia colhendo pelo meio do caminho uma folha para comer. Invariavelmente colocava o pedaço de mato na boca enumerando as propriedades medicinais da planta. De minha parte ficava apreensivo torcendo para que aquele pedaço de mato não lhe proporcionasse algum mau estar. A vez que fiquei em estado de alerta total foi durante uma viagem de estudo pelas praias de Ganchos onde ele resolveu comer a flor e o bulbo que retirou de um grande cacto que encontrou no combro da praia.

Dia desse, cuidando do quintal da casa de praia em Mariscal ele comeu uns dez matos diferentes, destacando as propriedades de uma tal ‘maria-gorda’. Era tanto mato

bom para se comer, todos com altas propriedades terapêuticas, que até fiquei meio indeciso em retirá-los dos canteiros. Uma pequena plantinha, mais bonita e exótica, deixei intocada porque sua raiz tinha o cheiro inconfundível de pomada Gelol. Achei que devia mantê-la como atração especial do meu quintal. Por coincidência, dias depois, meu filho Thiago Floriano me presenteou com o livro ‘Plantas alimentícias não convencionais [PANC] no Brasil’ e, rapidamente, pude perceber que minha preocupação com a saúde do amigo era completamente infundada porque ele sabia o que estava fazendo. O livro apresenta 351 espécies de ‘matos’ que podem nos servir com suas raízes, frutos, folhas, sementes e flores.

Desde criança que eu tenho o hábito de comer ‘azedinhas’ e ‘trevinhos’, mas a minha relação com os ‘matos’ acaba por aí porque a experiência que tive com as plantas não foi das melhores. Lembro que ocorreu certa vez do meu grupo de amigos do Grupo Escolar Henrique da Silva Fontes colher as bagas vermelhas do ‘arrebenta-cavalo’ para comer a crosta branca que revestia seu interior. Nossos pais, ao saberem que estávamos comendo aquela planta tóxica trataram logo de nos amedrontar, dizendo que quem comia ‘arrebenta-cavalo’ perdia os dentes, ficava careca etc. Hoje, percebo, que não tivemos maiores complicações ao comer ‘arrebenta-cavalo’ por conta da pequena quantidade de ‘nata’ que retiramos de dentro dos frutos. Sorte de principiante.

A verdade é que vivemos em um país de fartura extrema e acostumamos a nos servir somente do que consideramos mais cômodo adquirir. No mundo urbano verticalizado eliminamos os espaços reservados para as pequenas hortas e os maravilhosos pomares. Infelizmente nem todas as mudanças ocorrem para melhor.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto de Magru Floriano – Campus da Univali de Biguaçu.

OS HOTÉIS DE ITAJAÍ



Itajaí sempre foi considerada uma cidade hospitaleira. Muito dessa boa imagem devemos ao fato da cidade ter se formado no entorno do porto, constituindo-se como “a principal porta do Vale do Itajaí”. Do tempo da colonização aos dias atuais os nomes desses locais de acolhimento do viajante mudaram muito e ajudam a contar a história dessa importante atividade econômica. Barracão, casa de pasto, hospedaria, pousada, albergue, estalagem, pensão, hotel, motel, hostel, resort... são muitos os nomes e apenas uma intenção: ajudar o visitante a se abrigar por um tempo determinado.

O primeiro desses estabelecimentos de acolhimento era intitulado de ‘casa de pasto’ porque além de oferecer acomodação para os hóspedes também tinha de prestar serviço de manutenção dos animais, já que os viajantes chegavam a cavalo ou com carros de tração animal. O jornal Novidades faz referência a uma casa de pasto na Rua Brusque, entre 1897 e 1905, de propriedade de João Baptista Moritz. Mais no Centro temos a casa de pasto de Germano Schumacher – que provavelmente é o embrião do tradicional Hotel

Lippmann que depois atendeu pelo nome de Hotel Commercial [1906/1960]. No Bairro Fazenda encontramos a ‘Casa Verde’ mantida por ‘Seu Angioletti’ [1930].

Entre os hotéis mais tradicionais de Itajaí encontramos o **Hotel Itajahy** inaugurado em 1897 por Alexius Reiser. Este hotel já foi denominado de **Hotel Brazil** e atualmente atende com o nome **Rota do Mar**. É o hotel mais antigo em atividade no Itajaí. Ainda no centro da cidade fez história na hotelaria regional o **Malburg Palace Hotel**, que depois recebeu as denominações de **Moura Palace Hotel**, **Hotel Caiçaras** e, atualmente, responde pelo nome de **Hotel Valerin**. Nomes de outros hotéis: **Cercal**, **Garcia**, **City**, **Grajaú**, **Palace**, **Burghardt**, **Linhares**, **Sandri Palace**, **Itajaí Tur**, **Marjaí**, **Panorama**, **Vitória**, **Castro** e **Âncora de Ouro ...**

Um destaque especial da nossa hotelaria é reservado para os hotéis instalados no Balneário Cabeçudas. Esse destaque refere-se ao fato de Cabeçudas ser considerada uma das primeiras praias de Santa Catarina a ser urbanizada dentro do moderno conceito de ‘balneário’. Ali foram instalados os hotéis **Cordeiro** – depois demolido para receber o majestoso prédio do **Marambaia Cabeçudas Hotel** -, o **Hotel Cabeçudas** - de José Zwoelfer – e, o simples e aconchegante **Hotel Herbst**.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Colaboração de Carlos Guérios.

3 - Foto de quadro de propriedade de Sérgio Lippmann

MUITAS HISTÓRIAS DE TESOUROS ENTERRADOS E ROUBADOS



Meu vô Doca gostava de contar histórias sobre tesouros enterrados ou roubados. Sei que muitas das histórias que ouvi ele contar eram inventadas ou adaptadas. Contava apenas para ver a minha reação. Por outro lado, muitas dessas histórias tinham o seu ‘núcleo’ verdadeiro e, depois, encontrei versões delas em jornais antigos e livros de historiadores regionais. A história mais antiga faz referência ao tesouro que os jesuítas enterraram na Penha antes de saírem pelo Caminho do Peabiru até as Cordilheiras dos Andes e, as mais recentes, dos alemães que enterraram moedas antes de deixarem o litoral por conta da Segunda Grande Guerra.

O historiador Ivan Serpa buscou preservar em sua obra a memória das comunidades rurais da Estrada de Brusque. Nessas comunidades circula até hoje a informação de que Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond veio colonizar a

região do ‘Tabuleiro’ em 1820, e, logo em seguida abandonou o local às pressas deixando enterrada grande quantidade de moedas debaixo de uma figueira no que seria atualmente a Rua Reinoldo Melro no Arraial dos Cunha. Vô Doca dizia que as moedas ‘de um homem rico vindo do Rio de Janeiro’ estavam enterradas em um morro na Estrada de Brusque e por isso a comunidade deu o nome de Brilhante à localidade.

Nas famílias da Estrada Geral das Cabeçadas circula a informação de que Geremias Caldeira enterrou grande quantidade de moedas ou pratarias em um morro próximo ao que chamamos atualmente de ‘Praia do Geremias’. Nesses mesmos morros da encosta que segue para Cabeçadas teriam sido guardados, e esquecidos, canhões e moedas de navios revoltosos que frequentaram o porto de Itajaí durante a Revolução Federalista. Por este motivo que uma pequena prainha existente antes de Cabeçadas teria recebido o nome sugestivo de ‘Prainha do Canhão’.

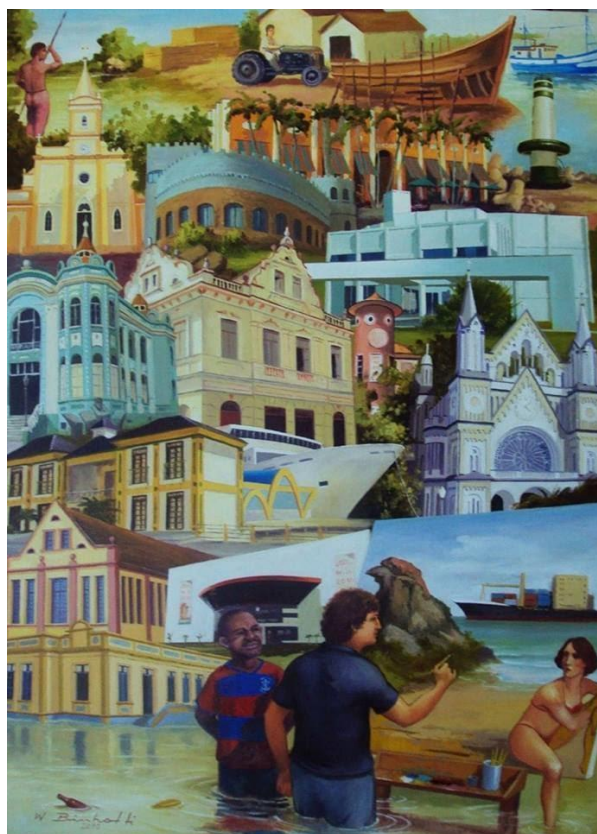
A Revolução Federalista [1893] deixou na região muitas histórias de tesouros enterrados já que as famílias mais abastadas buscavam tirar das vistas das tropas que passavam pela região tudo o que tinham de valor – de moedas a pratarias e joias. Meu vô Doca sempre contava que ‘os Flores perderam muita coisa durante uma guerra’ história confirmada recentemente pelo historiador Renato Pinazzoni no livro ‘Família Flores... os Breves do Sul’. Renato conta que a matriarca da família diante da notícia das tropas federalistas enterrou tudo o que pode. Acontece que ela maltratava muito sua escravaria e alguns escravos acabaram aderindo às tropas federalistas entregando o ‘tesouro dos Flores’ às tropas rebeldes. Mesmo assim, circula pela região de Gaspar e Ilhota a informação de que alguns objetos de valor ainda estariam enterrados na antiga propriedade dos Flores.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto de Magru Floriano – Caminho de Cabeçadas.

ROTEIRO CULTURAL NÃO OFICIAL



No ano passado [2019] fiquei um mês peregrinando pela Grande São Paulo promovendo um roteiro cultural que eu mesmo elaborei. Na volta dessa viagem inusitada resolvi fazer algumas anotações sobre pontos de cultura que temos em Itajaí e que a maioria das pessoas sequer se dá conta de que está em lugar que merece um olhar mais atento por conter arte de boa qualidade. Da arquitetura à fotografia, de consultórios médicos particulares a museus ... a cidade é uma verdadeira galeria de artes. São tantos os locais a serem visitados que vou me propor a fazer uma breve referência sobre pontos que considero imperdíveis.

Primeiramente temos de olhar a arquitetura: Casa Malburg, Casa Burghardt [Galeria Dinyz Domingos], Casa Konder, Palácio Marcos Konder [Museu de Itajaí], Grupo Escolar Victor Meirelles [Casa da Cultura Dide Brandão], Fábrica Renaux [Biblioteca Silveira Júnior], Hotel Marambaia Cabeçudas, Casa Renaux, Igreja Immaculada Conceição [Igrejinha Velha], Igreja Confissão Luterana de Itajaí, Estação

Vereza [Museu Etno-Arqueológico], casas de madeira da Rua José Russi, Castelo Montemar, Mercado Público.

Em diversos ambientes públicos e particulares encontramos obras de artes expostas que muitas vezes passam despercebidas por seus frequentadores, absorvidos nos seus afazeres cotidianos. A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, por exemplo, merece uma visita fora do horário de missa para um olhar mais detalhado da escultura de Moisés elaborada por Ervin Curt Teichmann, os vitrais de Martin Obermeyer, a arquitetura de Simão Gramlich, as pinturas de Emílio Sessa e Aldo Locatelli. A Praça Vidal Ramos mantém a céu aberto o obelisco em homenagem ao maior de todos os itajaienses – Lauro Müller. Uma obra admirável sob todos os aspectos.

Na Biblioteca Silveira Júnior temos obras dos artistas Maria Ghislandi, Agê Pinheiro e Lindinalva Deolla; no átrio do prédio da Prefeitura temos o painel cerâmico de Franco Giglio; na Casa da Cultura Dide Brandão temos os entalhes de José Silvestre e César da Hora, além de um lindo painel cerâmico afixado na parte lateral do teatro de bolso Antônio Augusto Nóbrega Fontes. Aliás, ali mesmo vale um olhar atento às cadeiras que são relíquias guardadas do tempo do Cine Luz; nas capelas do Parque Dom Bosco e Colégio Salesiano temos ‘via-cruz’ do artista Wilmar Binotti; na Univali, bem, a Univali tem um dos maiores acervos de Itajaí. Uma parte dele é mostrada no prédio da Reitoria e também na Biblioteca Comunitária; na Praça do Expedicionário temos o relógio de sol de Félix Carbajal.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto divulgação do artista plástico Walmir Binotti

OS DIREITOS DE TODOS OS SERES VIVOS



Dia desses fui até uma lanchonete no Beco do Labes tomar um café e passar a tarde desenhando ao ar livre. Escolhemos o local porque era no centro e tinha grande número de pássaros livres a nos fazer companhia. Enquanto conversava e desenhava em companhia do amigo Victor Lark fiquei lembrando do tempo que os pássaros em ambiente urbano eram literalmente caçados à extinção. Nossa postura diante dos animais mudou de forma radical. Hoje, estendemos aos animais os mesmos direitos que desenvolvemos originalmente para os seres humanos. Exceção a esta regra aos animais que causam doenças: rato, barata, mosquito ... Até lagartixa e sapos estamos começando a ver com outros olhos, já que eles nos ajudam a combater os animais pestilentos.

Eu sou do tempo que era muito corriqueiro maltratar os animais domésticos e matar os animais selvagens por pura diversão. Nós mesmos confeccionávamos armadilhas e fundas para ir à caça de passarinhos. Invadíamos os ninhos dos animais visando ‘colher’ os ovos para fazer guerrinha entre amigos. Os ninhos de João-de-Barro

serviam de alvo para nossas brincadeiras enquanto cigarras, joaninhas, pirilampos e besouros iam para dentro de potes servir de mascotes por um breve período, breve, porque acabavam morrendo por maus-tratos.

Nossos cachorros ficavam no lado de fora da casa, amarrados a um arame que corria a extensão do quintal. Os mais bem tratados tinham uma casinha diminuta para se abrigar da chuva e do sol escaldante, mas isso não era regra. Muitos cachorros ficavam acorrentados no quintal sem qualquer proteção. Nas festas juninas amarrávamos fogos de artifício nos rabos de cachorros e gatos para ver eles correndo em desespero total. Prender passarinhos em gaiolas feitas com requintes artesanais era uma prática usual entre nossa elite que o povão reproduzia do jeito que dava, de acordo com a posse de cada um.

Mas, apesar da mudança radical de postura diante dos animais livres em espaço urbano algumas pessoas ainda insistem em maltratar os animais. Dia desse li aqui no Diarinho que um idiota usou um urubu como alvo para sua ‘besta’. Pior ocorreu essa semana comigo. Passava perto da árvore da Praça Arno Bauer, atrás do Palácio Marcos Konder, quando dois marmanjos, sentados no banco da praça, me perguntaram se eu não queria comprar um filhote de sabiá. Curioso perguntei pelo passarinho e eles disseram que iriam pegar ali mesmo na árvore. Fiquei tão contrariado com aquele comércio inusitado em pleno centro da cidade que nem voltei a olhar para os dois oportunistas. Em casa fiquei pensando por um bom tempo: será que conseguiram vender o filho de sabiá? E fiquei com a consciência pesada por não denuncia-los às autoridades.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto de Magru Floriano – Saco da Fazenda – Baía Affonso Wippel.

NOSSOS PONTOS DE ENCONTROS



Desde que o mundo é mundo os homens escolhem determinados lugares para promoverem encontros e colocar em dia suas informações. No início da colonização eram pontos de sociabilidade, por exemplo, o cais do porto, as vendas e a igreja. Até bem pouco tempo atrás, devido às grandes distâncias entre uma casa e outra, era comum ser programada a tal da ‘visita de comadre’, com uma família visitando a outra em datas regulares. Quando eu andava no carro de mola do vô Doca era corriqueiro eu ouvir frases como: *‘A comadre nunca mais fez uma visitinha’* ou *‘Traga a comadre e as crianças pra uma visitinha no domingo’*.

Com o processo acelerado da urbanização as ‘visitas de comadre’ foram ficando de lado e o cais do porto foi cercado por questão de segurança. Às famílias restaram as conversas após as missas de domingo, as festas de igreja e alguns salões e suas domingueiras. Para os homens ainda sobreviveu e se fortaleceu as conversas das vendas, que ganharam o reforço dos botecos – vendas especializadas em atender o público masculino com bebida e jogo. No centro da cidade também surgiram os cafés, estabelecimentos mais sofisticados que tinham o mesmo princípio dos bares e com

atendimento quase que exclusivo aos homens. O mais famoso café de Itajaí foi o Café Democrático, ali no início da Rua Hercílio Luz, no Edifício Olímpio.

Todos os grandes centros urbanos formaram seus ‘senadinhos’ ou ‘bocas malditas’ e com Itajaí não foi diferente. O Café Democrático ficava ao lado da Igreja Matriz – Igreja Imaculada Conceição – muito frequentado no domingo. Os homens também utilizavam com regularidade os bancos da Praça Vidal Ramos formando o que se convencionou chamar de ‘Cocada’. Com o fechamento do Democrático a turma passou para o Snooker do Tedéo que ficava na Casa Asseburg, no outro lado da esquina da Lauro Müller, com os bancos da praça ainda servindo como referência para quem gostava de uma conversa ao pé-do-ouvido.

Atualmente quase não se vê pessoas conversando nos bancos da pracinha, mas o grupo de cronistas que ocupa as mesas externas da Lanchonete da Beti é expressivo. O pequeno estabelecimento fica ao lado da Igrejinha Imaculada e disponibiliza três mesas na calçada da Rua Hercílio Luz ao grupo político que frequenta o local de segunda a sexta nas primeiras horas do dia. Nem precisa dizer que o grupo aumenta consideravelmente em ano eleitoral, mas se mantém em bom número durante todo o ano, tendo eleição ou não, estando frio ou chovendo. Bar do Baldo, Bar do Pedrão, Bar Garoto, Banca do Patrick, Lanchonete da Beti ... Itajaí abriga um número incalculável de ‘senadinhos’ que são responsáveis por manter viva a crônica da cidade.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 – Foto do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins

ANDARILHOS E EXCURSIONISTAS



Tem coisas que se a gente contar ninguém acredita. Uma delas se traduz em verdadeiras aventuras pessoais. Quem lê os jornais antigos de Itajaí vai encontrar um número expressivo de aventuras de excursionistas pelo Vale do Itajaí, como vir de bicicleta de Blumenau a Itajaí no tempo das trilhas; fazer ‘raids’ a remo entre Itajaí e Blumenau ou até mesmo entre Itajaí e Florianópolis. Um tal de ‘Japonês da Latinha’, por exemplo, ficou peregrinando pelos vales do Itajaí e Tijucas durante décadas dizendo que ‘andava porque andava’.

O centenário morador de Porto Belo, popularmente conhecido por Bileca, garante em seu livro de memórias que na adolescência vinha regularmente a pé – pelos costões e praias – até o curtume do Schneider em Itajaí. Os pescadores de Bombinhas e Penha tem inúmeras histórias para contar sobre a vinda a Itajaí remando em uma pequena canoa para trazer peixe até o mercado. Seu Naro Pinheiro, um pescador das antigas, garante que saía de Porto Belo para entregar peixe em Blumenau, fazendo todo o percurso em um barco à vela que teimava em ficar no meio do mar, em plena calma, exigindo dos tripulantes braços fortes e muita resistência para remar até o porto.

A imprensa de Itajaí sempre abriu muito espaço para as aventuras do ciclista Jailton Ferreira que em trinta anos de viagens solitárias andou por todo o Brasil pedalando sua bicicleta ‘Bambina’. Jailton resolveu se aventurar pelas estradas, já em idade avançada, para tentar se curar de uma depressão que contraiu após lutar contra um câncer de intestino em 1986. Eu mesmo me surpreendi quando entrevistei um andarilho que pernoitava debaixo de uma árvore no Parque Náutico Odílio Garcia. Ele me afirmou, sem mudar o tom de sua voz, que costumava descer a serra de Curitiba até o litoral e, muitas foram as vezes que preferiu fazer um percurso mais longo saindo de Curitiba em direção a Lages para depois chegar a Itajaí. Tudo isso a pé, empurrando um carrinho-dormitório que me parecia um tanto quanto pesado. Quem tem o hábito de entrevistar andarilhos que habitam as praças de Itajaí encontra com relativa facilidade depoimentos de gente que está vindo a pé do Rio de Janeiro ou do Norte do Brasil. A receita, dizem, é andar ... simples assim.

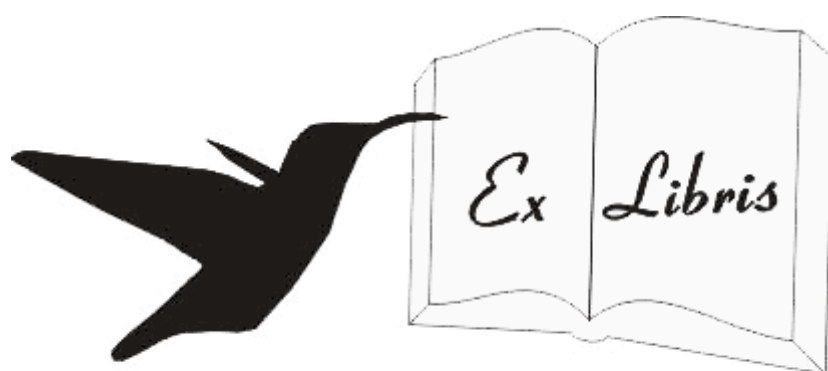
Mas o que dizer da informação colhida no jornal Pharol, de 1905, dando conta que um tal ‘Paulo da Caetana’ saiu de Itajaí a pé em direção a Florianópolis porque tinha curiosidade para ver o que acontecia de novidade na capital do Estado? Acontece que Paulo da Caetana ao chegar em Florianópolis resolveu voltar imediatamente para Itajaí porque não achou nada de interessante por lá e, também, porque queria regressar para casa a tempo de comemorar com a família seus 102 anos de idade.

Obs:

1 – Texto publicado na Internet - Universo do Magru e Itajaí Digital

2 - Foto do acervo do Diário da Cidade retratando o andarilho ‘Japonês’.

3 - Texto alterado a 13 de agosto de 2020



Magru Floriano